



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

JOSLEA SILVA RODRIGUES

**CONHECIMENTO EM AÇÃO NO JIU-JITSU: TOMADA DE DECISÃO DE ATLETAS
FAIXAS PRETAS EM SITUAÇÕES REAIS DE COMPETIÇÃO**

Brasília, DF
Março, 2026

JOSLEA SILVA RODRIGUES

**CONHECIMENTO EM AÇÃO NO JIU-JITSU: TOMADA DE DECISÃO DE
ATLETAS FAIXAS PRETAS EM SITUAÇÕES REAIS DE COMPETIÇÃO**

Tese apresentada ao Programa Pós-graduação
Stricto Sensu em Educação Física da Universidade
de Brasília como parte dos requisitos para
obtenção do título de doutora em Educação Física.

Área de Concentração: Estudos Socioculturais,
Políticos, Pedagógicos e Psicológicos da Educação
Física

Linha de pesquisa: Aspectos Políticos,
Pedagógicos e Psicológicos do Esporte.

Orientador: Prof. Dr. Juan Carlos Pérez Morales

Brasília, DF

Março, 2026

Página reservada à ficha catalográfica.

JOSLEA SILVA RODRIGUES

**CONHECIMENTO EM AÇÃO NO JIU-JITSU: TOMADA DE DECISÃO DE
ATLETAS FAIXAS PRETAS EM SITUAÇÕES REAIS DE COMPETIÇÃO**

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Juan Carlos Pérez Morales – PPGEF/UnB
(Presidente)

Prof. Dr. Victor Lage – PPGEF/UnB
(Examinador interno)

Prof. Dr. Francisco de Paula Antunes Lima – PPGEF/UFMG
(Examinador externo)

Prof. Dr. André Bonadiaz Gadelha – IFB
(Examinador externo)

Profa. Dra. Rochelle Rocha Costa – PPGEF/UnB
(Membro suplente)

Aos meus pais, Rodrigues e Socorro.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, professor Dr. Juan Carlos Pérez Morales, pela condução respeitosa e dedicada, pelas provocações teóricas que estimularam reflexão e amadurecimento, pela confiança no caminho escolhido e pela autonomia no desenvolvimento do percurso investigativo, oferecida ao longo de todo o processo de orientação.

Aos profissionais que contribuíram, de diferentes formas, para a realização desta tese, registro meu sincero agradecimento. A produção deste trabalho foi possível graças a uma rede de apoios institucionais, acadêmicos e pessoais que deram condições ao seu desenvolvimento ao longo dos anos.

Aos participantes da pesquisa, pela disponibilidade e colaboração para a realização deste estudo.

Aos membros do Laboratório de Análise do Desempenho e Ensino do Esporte (LabEsporte), pelas trocas acadêmicas e pelo apoio institucional, em especial ao coordenador, professor Dr. Leonardo Lamas.

À professora Fernanda Amaral, pela revisão cuidadosa e competente da redação final e pela adequação normativa da tese.

Aos colegas e amigos que, de perto ou a distância, ofereceram apoio, escuta e incentivo nos momentos necessários.

À minha família, pelo apoio e pela compreensão nos períodos em que a dedicação ao doutorado exigiu presença reduzida e silêncios prolongados.

Por fim, a todos que, de alguma maneira, fizeram parte deste percurso, registro minha gratidão. Este trabalho é resultado de um esforço coletivo, construído no encontro entre ciência, prática e relações humanas.

RESUMO

A tomada de decisão constitui um elemento central do desempenho em esportes de combate, especialmente em modalidades caracterizadas por confronto direto, continuidade temporal, imprevisibilidade e elevado risco, como o jiu-jitsu competitivo. Apesar de sua relevância, grande parte das investigações ainda aborda a decisão esportiva a partir de modelos cognitivistas, que a concebem como um processo interno, antecedente à ação ou como seleção entre alternativas previamente armazenadas. Em oposição a essa perspectiva, decidir no jiu-jitsu não se reduz a um ato isolado ou prévio à ação, mas configura-se como um processo contínuo de regulação da atividade em situação real de combate. Diante desse cenário, esta investigação teve como objetivo compreender como atletas faixa-preta de jiu-jitsu constroem e mobilizam conhecimento tático em ação durante lutas competitivas oficiais, adotando uma abordagem fenomenológico-ecológica da tomada de decisão. O estudo integrou a Dinâmica Ecológica e a Teoria do Curso da Ação como quadro teórico-metodológico, permitindo analisar a decisão como um processo situado, encarnado e continuamente regulado no próprio curso da ação. Adotou-se uma abordagem qualitativa de inspiração fenomenológico-ecológica, centrada na análise da atividade situada. Participaram do estudo quatro atletas faixa-preta, analisados a partir de duas lutas cada (primeira luta e luta final), realizadas em competição oficial. O material empírico foi constituído por registros audiovisuais integrais das lutas e por entrevistas de autoconfrontação. A análise articulou, de modo integrado, as ações observáveis no fluxo do combate — organizadas em Unidades Táticas — e os elementos da experiência significativa dos atletas, reconstruídos por meio do signo hexádico proposto pela Teoria do Curso da Ação, em articulação com os constrangimentos do organismo, da tarefa e do ambiente competitivo. Os resultados evidenciaram que o conhecimento tático em ação não se manifesta de forma homogênea, mas se organiza a partir de núcleos tático-perceptivos distintos. Em dois atletas, a guarda constituiu o núcleo decisório central, funcionando ora como matriz ampliadora da ação ofensiva, ora como dispositivo regulatório de proteção, gestão do tempo e contenção do risco. Nos outros dois atletas, o jogo por cima organizou a tomada de decisão, estruturando a ação a partir do controle espacial, da pressão progressiva e da conversão eficiente da vantagem posicional em desfecho competitivo. A análise intercasos permitiu identificar dois grandes regimes de organização da decisão no jiu-jitsu competitivo — orientado pela guarda e orientado pelo jogo por cima — compreendidos como matrizes decisórias dinâmicas, e não como estilos técnicos fixos. A análise fenomenológico-ecológica demonstrou que decidir no jiu-jitsu competitivo significa regular continuamente o curso da ação em situação, articulando percepção, experiência vivida, emoção e gestão do risco sob constrangimentos variáveis. A decisão emerge, assim, da relação singular entre atleta e situação competitiva, e não da aplicação de planos prévios ou de padrões prescritivos associados à categoria de peso. Conclui-se que a integração entre a Dinâmica Ecológica e a Teoria do Curso da Ação oferece um quadro teórico-metodológico consistente para compreender a tomada de decisão no jiu-jitsu como conhecimento em ação, superando dicotomias entre cognição e movimento. Do ponto de vista aplicado, os achados oferecem subsídios relevantes para os processos de ensino-aprendizagem-treinamento do jiu-jitsu, indicando a necessidade de práticas pedagógicas que favoreçam a regulação da ação em situação, a leitura do risco e a construção da autonomia decisória.

Palavras-chave: Tomada de decisão. Conhecimento em ação. Jiu-jitsu esportivo. Teoria do Curso da Ação. Dinâmica Ecológica.

ABSTRACT

Decision-making constitutes a central component of performance in combat sports, particularly in modalities characterized by direct confrontation, temporal continuity, unpredictability, and high levels of risk, such as competitive jiu-jitsu. Despite its relevance, a substantial portion of the literature still approaches sport decision-making from cognitivist models, conceiving it as an internal process that either precedes action or consists of selecting among previously stored alternatives. In contrast to this perspective, decision-making in jiu-jitsu cannot be reduced to an isolated act or a process prior to action; rather, it is configured as a continuous process of activity regulation within the real-time dynamics of combat. Against this backdrop, the present investigation aimed to understand how black belt jiu-jitsu athletes construct and mobilize tactical knowledge in action during official competitive matches, adopting a phenomenological-ecological approach to decision-making. The study integrated Ecological Dynamics and the Course-of-Action Theory as its theoretical-methodological framework, enabling decision-making to be analyzed as a situated, embodied, and continuously regulated process unfolding within the very course of action. A qualitative approach grounded in phenomenological-ecological principles was adopted, centered on the analysis of situated activity. Four black belt athletes participated in the study, each analyzed across two matches (an opening match and a final match) performed in official competition. The empirical material consisted of full audiovisual recordings of the matches and self-confrontation interviews. The analysis articulated, in an integrated manner, the observable actions unfolding throughout the combat — organized into Tactical Units — and the meaningful elements of the athletes' lived experience, reconstructed through the hexadic sign proposed by the Course-of-Action Theory, in articulation with organism, task, and competitive environment constraints. The results showed that tactical knowledge in action does not manifest homogeneously, but rather is organized around distinct tactical-perceptual cores. For two athletes, guard play constituted the central decision-making core, functioning either as an expanding matrix for offensive action or as a regulatory device for protection, time management, and risk containment. For the other two athletes, top game play organized decision-making, structuring action through spatial control, progressive pressure, and the efficient conversion of positional advantage into competitive outcomes. Cross-case analysis allowed the identification of two major regimes of decision organization in competitive jiu-jitsu — guard-oriented and top-game-oriented — understood as dynamic decision matrices rather than fixed technical styles. The phenomenological-ecological analysis demonstrated that decision-making in competitive jiu-jitsu consists of the continuous regulation of the course of action in situation, articulating perception, lived experience, emotion, and risk management under variable constraints. Decision-making thus emerges from the singular relationship between the athlete and the competitive situation, rather than from the application of prior plans or prescriptive patterns associated with weight class. It is concluded that the integration of Ecological Dynamics and Course-of-Action Theory provides a consistent theoretical-methodological framework for understanding decision-making in jiu-jitsu as knowledge-in-action, overcoming dichotomies between cognition and movement. From an applied perspective, the findings offer relevant implications for jiu-jitsu teaching, learning, and training processes, indicating the need for pedagogical practices that foster action regulation in situation, risk perception, and the development of decision-making autonomy.

Keywords: Decision-making. Knowledge-in-action. Sport jiu-jitsu. Course of Action Theory. Ecological Dynamics.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Triangulação entre vídeo, autoconfrontação e análise interpretativa.....	65
Figura 2 – Fluxograma metodológico das etapas de análise (TCA - DE).....	75
Figura 3 – Modelo fenomenológico-ecológico da tomada de decisão no jiu-jitsu competitivo	282

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Categorias de peso da categoria adulto faixa-preta com kimono (Gi) – IBJJF	48
Tabela 2 – Distribuição das Unidades Táticas (UTs) por atleta e por luta	67
Tabela 3 – Frequência das Ações técnico-táticas predominantes na Luta 1 do atleta A1	83
Tabela 4 – Frequência das posições de luta predominantes na Luta 1 do atleta A1	83
Tabela 5 – Frequência das ações técnico-táticas predominantes na Luta Final do atleta A1 ..	115
Tabela 6 – Frequência das posições predominantes na Luta Final do atleta A1	115
Tabela 7 – Frequência das ações técnico-táticas predominantes na Luta 1 do atleta A2	134
Tabela 8 – Frequência das posições de luta predominantes na Luta 1 do atleta A2	134
Tabela 9 – Frequência das ações técnico-táticas predominantes na Luta Final do atleta A2 ..	158
Tabela 10 – Frequência das posições de luta predominantes na Luta Final do atleta A2.	159
Tabela 11 – Frequência das ações técnico-táticas predominantes na Luta 1 da atleta A3	183
Tabela 12 – Frequência das posições de luta predominantes na Luta 1 da atleta A3.....	184
Tabela 13 – Frequência das ações técnico-táticas predominantes na Luta Final da atleta A3	201
Tabela 14 – Frequência das posições de luta predominantes na Luta Final da atleta A3	202
Tabela 15 – Frequência das ações técnico-táticas predominantes na Luta 1 da atleta A4	225
Tabela 16 – Frequência das posições de luta predominantes na Luta 1 da atleta A4.....	225
Tabela 17 – Frequência das ações técnico-táticas predominantes na Luta Final da atleta A4	242
Tabela 18 – Frequência das posições de luta predominantes na Luta Final da atleta A4	242

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Paradigmas explicativos da tomada de decisão no esporte	29
Quadro 2 – Relação entre ações técnicas, ações táticas e estratégia no jiu-jitsu	31
Quadro 3 – Estratégia e tática no jiu-jitsu	32
Quadro 4 – Situações táticas do jiu-jitsu organizadas por dimensões analíticas de natureza tática	33
Quadro 5 – Características centrais do programa de pesquisa Curso da Ação.....	39
Quadro 6 – O signo hexádico na Teoria do Curso da Ação e sua utilização analítica	41
Quadro 7 – Desenho da pesquisa: composição de casos e unidades de análise	50
Quadro 8 – Critérios operacionais para delimitação das Unidades Táticas (UTs).....	51
Quadro 9 – Critérios de início e fim das Unidades Táticas (UTs) segundo as dimensões analíticas de natureza tática	53
Quadro 10 – Estrutura analítica do signo hexádico aplicada às Unidades Táticas (UTs)	55
Quadro 11 – Caracterização do corpus da pesquisa	64
Quadro 12 – Categorias técnico-táticas utilizadas na análise das Unidades Táticas.....	66
Quadro 13 – Legenda geral de identificação das Unidades Táticas (UTs)	77
Quadro 14 – A1-01 – Log de Eventos/Unidades Táticas (UTs) da Luta 1 do atleta A1.....	85
Quadro 15 – A1-02 – Ancoragem Temporal (Vídeo ↔ Fala) da Luta 1 do Atleta A1.....	88
Quadro 16 – A1-03 – Signo hexádico (TCA) e Constrangimentos (DE) da Luta 1 do Atleta A1	93
Quadro 17 – A1-04 – Integração TCA–DE da Luta 1 do Atleta A1	106
Quadro 18 – A1-05 – Log de Eventos/Unidades Táticas (UTs) da Luta Final do Atleta A1.....	117
Quadro 19 – A1-06 – Ancoragem Temporal (Vídeo ↔ Fala) da Luta Final do Atleta A1 ...	119
Quadro 20 – A1-07 – Signo hexádico (TCA) e Constrangimentos (DE) da Luta Final do Atleta A1	122
Quadro 21 – A1-08 – Integração TCA–DE da Luta Final do Atleta A1.....	126
Quadro 22 – A1-09 – Modelo Intracaso TCA–DE do Atleta A1	132
Quadro 23 – A2-01 – Log de Eventos/Unidades Táticas (UTs) da Luta 1 do atleta A2	135
Quadro 24 – A2-02 – Ancoragem Temporal (Vídeo ↔ Fala) da Luta 1 do Atleta A2.....	138
Quadro 25 – A2-03– Signo hexádico (TCA) e Constrangimentos (DE) da Luta 1 do Atleta A2	142
Quadro 26 – A2-04 – Integração TCA–DE da Luta 1 do Atleta A2	152
Quadro 27 – A2-05 – Log de Eventos / Unidades Táticas (UTs) da Luta Final do atleta A2	160
Quadro 28 – A2-06 –Ancoragem Temporal (Vídeo ↔ Fala) da Luta Final do Atleta A2	163
Quadro 29 – A2-07 – Signo hexádico (TCA) e Constrangimentos (DE) da Luta Final do Atleta A2	166
Quadro 30 – A2-08 – Integração TCA–DE da Luta Final do Atleta A2.....	172
Quadro 31 – A2-09 – Modelo Intracaso TCA–DE do Atleta A2.....	181
Quadro 32 – A3-01 – Log de Eventos / Unidades Táticas (UTs) da Luta 1 da atleta A3	185
Quadro 33 – A3-02 – Ancoragem Temporal (Vídeo ↔ Fala) da Luta 1 da Atleta A3.....	187
Quadro 34 – A3-03 – Signo hexádico (TCA) e Constrangimentos (DE) da Luta 1 da Atleta A3	190
Quadro 35 – A3-04 – Integração TCA–DE da Luta 1 da Atleta A3	195
Quadro 36 – A3-05 – Log de Eventos / Unidades Táticas (UTs) da Luta Final da atleta A3	203
Quadro 37 – A3-06 – Ancoragem Temporal (Vídeo ↔ Fala) da Luta Final da Atleta A3....	205

Quadro 38 – A3-07 – Signo hexádico (TCA) e Constrangimentos (DE) da Luta Final da Atleta A3	208
Quadro 39 – A3-08 – Integração TCA–DE da Luta Final da Atleta A3.....	214
Quadro 40 – A3-09 – Modelo Intracaso TCA–DE do Atleta A3.....	223
Quadro 41 – A4-01 – Log de Eventos / Unidades Táticas (UTs) da Luta 1 da atleta A4	226
Quadro 42 – A4-02 – Ancoragem Temporal (Vídeo ↔ Fala) da Luta 1 da Atleta A4.....	228
Quadro 43 – A4-03 – Signo hexádico (TCA) e Constrangimentos (DE) da Luta 1 da Atleta A4	230
Quadro 44 – A4-04 – Integração TCA–DE da Luta 1 da Atleta A4	236
Quadro 45 – A4-05 – Log de Eventos / Unidades Táticas (UTs) da Luta Final da atleta A4	244
Quadro 46 – A4-06 – Ancoragem Temporal (Vídeo ↔ Fala) da Luta Final da Atleta A4....	246
Quadro 47 – A4-07 – Signo hexádico (TCA) e Constrangimentos (DE) da Luta Final da Atleta A4	249
Quadro 48 – A4-08 – Integração TCA–DE da Luta Final da Atleta A4.....	259
Quadro 49 – A4-09 – Modelo Intracaso TCA–DE do Atleta A4.....	269
Quadro 50 – Análise Intercasos (A1–A4): Modos de Construção e Mobilização do Conhecimento Tático em Ação no Jiu-Jitsu Competitivo	273
Quadro 51 – Análise Intercasos dos Processos Decisórios (TCA): Construção e Mobilização do Conhecimento Tático em Ação (A1–A4).....	276

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BJJ	Brazilian Jiu-Jítsu
CBJJ	Confederação Brasileira de Jiu-Jitsu
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CNS	Conselho Nacional de Saúde
DE	Dinâmica Ecológica
IBJJF	International Brazilian Jiu-Jitsu Federation
IFB	Instituto Federal de Brasília
Kg	Quilograma
MMA	Mixed Martial Arts
PPGEF	Programa de Pós-Graduação em Educação Física da UnB
PPGEP	Programa de Pós-graduação em Engenharia de Produção da UFMG
TCA	Teoria do Curso da Ação
UnB	Universidade de Brasília
UT	Unidade Tática
UTs	Unidades Táticas
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
1.1 Objetivos.....	18
1.1.1 Objetivo Geral	18
1.1.2 Objetivos Específicos	18
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	20
2.1 Contexto histórico-sociocultural e organizacional do Jiu-Jitsu Esportivo.....	21
2.1.1 Esportivização e institucionalização da modalidade	23
2.1.2 Expansão competitiva e visibilidade internacional	23
2.1.3 O regulamento esportivo como constrangimento da tarefa competitiva	24
2.2 O jiu-jitsu como ecologia háptica.....	26
2.3 Tomada de decisão e cognição situada no esporte.....	27
2.4 Fundamentos da Dinâmica Ecológica (DE) e dos constrangimentos.....	35
2.5 Teoria do Curso da Ação (TCA).....	37
2.6 Integração TCA–DE para análise da tomada de decisão no jiu-jitsu: convergências epistemológicas e metodológicas	41
3 METODOLOGIA.....	44
3.1 Tipo e delineamento da pesquisa.....	44
3.2 Contexto e participantes	46
3.3 Delimitação das Unidades Táticas (UTs).....	50
3.3.1 Critérios Operacionais para delimitação das UTs	51
3.3.2 Delimitação das UTs segundo as dimensões analíticas de natureza tática.....	52
3.3.3 A UT como unidade intermediária entre ação e experiência.....	54
3.3.4 Operacionalização do signo hexádico na análise das Uts.....	55
3.4 Instrumentos e procedimentos de coleta de dados	57
3.4.1 Observação e registro audiovisual	57
3.4.2 Entrevista de autoconfrontação	58
3.4.3 Equipamentos, softwares e documento normativo de apoio	60
3.5 Análise dos dados.....	61
3.5.1 Etapa 1 - Identificação das Unidades Táticas (UTs).....	68
3.5.2 Etapa 2 - Ancoragem temporal vídeo ↔ fala (UT como episódio vivido)	69
3.5.3 Etapa 3 – Codificação: Signo Hexádico e Constrangimentos (DE)	70
3.5.4 Etapa 4 - Integração TCA–DE.....	72
3.6 Organização e sistema de identificação dos quadros analíticos	76
3.7 Considerações éticas	78

4	RESULTADOS E DISCUSSÃO	79
4.1	Organização geral das Unidades Táticas no corpus da pesquisa.....	79
4.2	Resultados intracasos	81
4.2.1	Atleta A1 – Primeira luta (Luta 1).....	82
4.2.2	Síntese Interpretativa da Luta 1 do (A1)	112
4.2.3	Atleta A1 – Luta Final	114
4.2.4	Síntese interpretativa da Luta Final (A1)	128
4.2.5	Síntese Interpretativa Intracaso – Atleta A1.....	130
4.2.6	Atleta A2 – Primeira luta (Luta 1).....	133
4.2.7	Síntese Interpretativa da Luta 1 (A2)	155
4.2.8	Atleta A2 – Luta Final	157
4.2.9	Síntese Interpretativa da Luta Final (A2)	176
4.2.10	Síntese Interpretativa Intracaso (A2).....	179
4.2.11	Atleta A3 – Primeira luta (Luta 1).....	182
4.2.12	Síntese Interpretativa da Luta 1 (A3)	198
4.2.13	Atleta A3– Luta Final	200
4.2.14	Síntese Interpretativa da Luta Final (A3)	218
4.2.15	Síntese Interpretativa Intracaso (A3).....	221
4.2.16	Atleta A4 – Primeira Luta (Luta 1)	224
4.2.17	Síntese Interpretativa da Luta 1 (A4)	239
4.2.18	Atleta A4–Luta Final	241
4.2.19	Síntese Interpretativa da Luta Final (A4)	264
4.2.20	Síntese Interpretativa Intracaso (A4).....	266
4.3	Análise Intercasos: construção e mobilização do conhecimento tático em ação no jiu-jitsu competitivo.....	271
4.4	Síntese fenomenológico-ecológica da tomada de decisão no jiu-jitsu	278
4.4.1	Decidir é regular o curso da ação em situação	279
4.4.2	Núcleos tático-perceptivos e matrizes decisórias	279
4.4.3	A experiência vivida como fonte do conhecimento decisório.....	280
4.4.4	A tomada de decisão como equilíbrio dinâmico entre risco e controle.....	281
4.4.5	Modelo integrador da tomada de decisão no jiu-jitsu.....	281
4.4.6	Implicações teóricas	283
4.5	Implicações práticas do modelo fenomenológico-ecológico para o ensino e o treino do jiu-jitsu.....	284
4.5.1	Ensinar jiu-jitsu como regulação do curso da ação	285
4.5.2	Organizar o treino a partir de núcleos tático-perceptivos.....	287

4.5.3	Desenvolver a gestão do risco como competência central	288
4.5.4	Valorizar a experiência vivida como fonte legítima de aprendizagem	288
4.5.5	Respeitar a singularidade dos atletas e evitar modelos normativos de decisão.....	289
4.5.6	Síntese aplicada: ensinar e treinar para decidir em situação	290
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	291
	REFERÊNCIAS	295
	GLOSSÁRIO	306
	APÊNDICE A – GLOSSÁRIO DIDÁTICO PARA LEITURA NÃO ESPECIALIZADA	311
	APÊNDICES B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	316
	APÊNDICE C - ROTEIRO DE AUTOCONFRONTAÇÃO COM ATLETAS.....	318
	ANEXO I – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA	320

1 INTRODUÇÃO

A tomada de decisão constitui um elemento central da performance esportiva, sobretudo em modalidades marcadas por confronto direto, variação rítmica e elevada densidade informacional (Araújo; Davids, 2009; Davids; Button; Bennett, 2008; Krabben; Orth; Van der Kamp, 2019; Yearby *et al.*, 2024). No âmbito da análise do desempenho, compreender o decidir em contexto competitivo requer registros que preservem a continuidade do comportamento em situação real e permitam converter eventos observáveis em informação funcional para interpretação e intervenção no treino (O'Donoghue, 2014).

No jiu-jitsu, tratado aqui como esporte de combate¹, as ações emergem de ajustes contínuos às pressões impostas pelo adversário, às demandas táticas da situação e às condições materiais do ambiente. Nessa modalidade, o acoplamento entre percepção-ação é intensificado pela predominância de informação háptica — toque, pressão, atrito, tônus e equilíbrio —, o que reorganiza as condições perceptivas do combate, fazendo do corpo, simultaneamente, meio e instrumento da ação, e da regulação sensório-motora um componente decisório crucial (Barris; Davids; Farrow, 2013; Krabben; Orth; Van der Kamp, 2019; Orth *et al.*, 2017; Orth *et al.*, 2018; Yearby *et al.*, 2024). Em disputas de alto nível, vitórias e derrotas podem ser definidas por micro ajustes temporais, variações de ritmo e leitura situada de oportunidades e riscos (Yearby *et al.*, 2024).

Nesta investigação, a tomada de decisão é compreendida como um processo dinâmico, corporificado e situado² de regulação da ação, no qual o atleta ajusta intenções, percepções e movimentos em função das informações que emergem da interação com o adversário e com as condições da luta (Gibson, 1979; Araújo; Davids, 2009; Davids; Button; Bennett, 2008; Suchman, 1987; Varela; Thompson; Rosch, 1991; Theureau, 2014). Tal entendimento se alinha a abordagens contemporâneas que superam modelos lineares de escolha interna entre

¹ Embora o jiu-jitsu seja tradicionalmente compreendido como uma arte marcial, com dimensões históricas, culturais e filosóficas próprias, neste estudo ele é abordado sob a perspectiva esportiva, conforme praticado em competições oficiais regulamentadas pela CBJJ/IBJJF. Assim, utiliza-se o termo “esporte de combate” (Correia; Franchini, 2010) para situar analiticamente o jiu-jitsu dentro do campo das práticas esportivas de confronto direto, nas quais o objetivo é vencer o adversário por meio de controle, imobilizações, transições e finalizações. Para fins de precisão terminológica, o termo “jiu-jitsu” refere-se aqui exclusivamente à modalidade esportiva disputada com Kimono (GI), segundo as regras oficiais da CBJJ/IBJJF. Não são consideradas as versões No-Gi, nem se utiliza a denominação “Brazilian Jiu-Jitsu (BJJ)”, uma vez que o foco analítico recai sobre a forma tradicional de competição com Kimono. Essa delimitação permite enfatizar o contexto competitivo específico investigado, sem desconsiderar a natureza marcial da prática.

² Situado porque depende das condições específicas da situação, corporificado porque emerge das capacidades sensório-motoras e hápticas do atleta, e dinâmico porque se transforma a cada reajuste realizado na interação

alternativas e concebem a decisão como inseparável do agir em contextos dinâmicos (Gibson, 1979; Newell, 1986; Araújo; Davids; Serpa, 2005; Renshaw *et al.*, 2019).

Apesar dos avanços no estudo da tomada de decisão em modalidades como futebol, voleibol, basquete e tênis — nas quais diferentes abordagens têm permitido compreender a relação entre percepção, ação e desempenho em contextos competitivos complexos (Afonso; Mesquita, 2013; Afonso *et al.*, 2010; Aburachid, 2009; Aburachid, *et al.*, 2013; Bourbousson; Sève; McGarry, 2010; McPherson, 1999; Morales, 2014; Matias, 2015; Machado *et al.*, 2022; Travassos *et al.*, 2014) —, o jiu-jitsu permanece pouco investigado no que se refere à análise integrada entre ação observável e experiência vivida do atleta em situações reais de combate (Poizat; Saury; Sève, 2013; Feigean, 2018; Krabben; Orth; Van der Kamp, 2019; Rodrigues; Morales, 2025). Estudos de mapeamento da produção científica indicam que a produção científica sobre o jiu-jitsu é marcada pela predominância de abordagens quantitativas e biodinâmicas, com lacunas relevantes em investigações qualitativas e decisórias em situação real de combate (Vicentini; Marques, 2018; Andrade *et al.*, 2023; Da Costa *et al.*, 2024).

Nesse cenário, os estudos notacionais, predominantes na área, têm contribuído de maneira significativa ao quantificar frequências de ações, posições dominantes e padrões de finalização³ (Andreato *et al.*, 2013, 2017; Simola, 2017; Williams, 2019; Moura, 2021; Spanias *et al.*, 2022; Lamas *et al.*, 2023). Contudo, tais investigações oferecem acesso limitado ao *como* e ao *porquê* das decisões tomadas sob pressão temporal, oposição direta e predominância da informação háptica. Embora existam iniciativas recentes que aproximem o jiu-jitsu do estudo de processos cognitivos, da expertise e da experiência vivida — como investigações baseadas em tarefas experimentais e realidade virtual (Perić *et al.*, 2026) ou análises fenomenológicas da vivência do praticante e dos modos de combater (Basetti; Telles; Barreira, 2016) —, essas contribuições permanecem, em geral, parciais e metodologicamente dissociadas da dinâmica competitiva real. Do mesmo modo, estudos técnico-táticos e de perfil de combate avançam na descrição de padrões de ação e organização do confronto, mas sem acesso ao sentido vivido das decisões nem à sua construção temporal no curso da luta. Assim, ainda não há um corpo consistente de investigações que integrem, em um mesmo desenho metodológico, o registro

³ Os termos técnicos do jiu-jitsu utilizados ao longo da tese encontram-se definidos em dois glossários complementares. O Glossário Técnico-Operacional, apresentado ao final do documento, reúne definições com finalidade analítica, voltadas à codificação e interpretação das Unidades Táticas (UTs). O Glossário Didático, apresentado como apêndice, tem caráter explicativo e destina-se a auxiliar leitores não especialistas na compreensão dos termos empregados, sem finalidade analítica ou metodológica.

contínuo da ação em lutas competitivas oficiais⁴ e a reconstrução da experiência vivida do atleta no próprio curso da ação, mantendo-se uma lacuna relevante na compreensão do conhecimento tático em ação no jiu-jitsu.

Essa lacuna é simultaneamente temática e analítica: é necessário avançar da descrição de eventos para a produção de informação funcional sobre o encadeamento temporal das ações e seus significados táticos, articulando registro do desempenho e interpretação orientada por objetivos analíticos (O'Donoghue, 2014). Para responder a esse desafio, este trabalho integra duas perspectivas teoricamente convergentes em alguns pressupostos e complementares no plano analítico, ainda que assentadas em ênfases epistemológicas distintas: a Teoria do Curso da Ação (TCA) (Theureau, 2002, 2014, 2020), que permite acessar o ponto de vista vivido do atleta por meio de entrevistas de autoconfrontação, e a Dinâmica Ecológica (DE) (Araújo; Davids; Serpa, 2005; Araújo; Davids, 2009), que explica como o comportamento emerge do acoplamento atleta-tarefa-ambiente⁵ com base em noções como constrangimentos (restrições)⁶, *affordances*⁷, auto-organização⁸ e variabilidade funcional⁹. Reconhece-se, contudo, que essa articulação não implica equivalência ontológica entre os referenciais, uma vez que a TCA introduz centralidade analítica na experiência vivida do ator, enquanto a DE privilegia a dinâmica relacional entre organismo, tarefa e ambiente.

A integração TCA–DE constitui o fundamento epistemológico desta pesquisa, não como equivalência entre referenciais, mas como um diálogo teórico-metodológico orientado à compreensão da tomada de decisão em situação: a TCA permite reconstruir o curso da experiência (percepções, intenções, engajamentos e interpretações) que organiza o fluxo de ação; a DE, por sua vez, orienta a leitura das oportunidades e restrições da situação competitiva e do adversário que moldam a organização tática em situação. Em conjunto, essas perspectivas possibilitam compreender a tomada de decisão como um fenômeno simultaneamente ecológico

⁴ Neste estudo, o termo “lutas competitivas oficiais” refere-se a combates realizados em contexto competitivo formal, sob regulamento institucional (CBJJ/IBJJF), com tempo, placar, arbitragem e regras específicas da categoria, diferenciando-se de situações experimentais, simulações de treino ou contextos não competitivos.

⁵ Na tradição ecológica “acoplamento” descreve a relação recíproca pela qual o atleta se conecta funcionalmente ao ambiente, percebendo oportunidades de ação (*affordances*) enquanto suas próprias ações modificam a situação vivida. Esse acoplamento é dinâmico, mutuamente construtivo e condição fundamental para a organização do comportamento (Gibson, 1979; Varela; Thompson; Rosch, 1991; Araújo; Davids, 2009).

⁶ Constrangimentos que moldam a ação, incluindo regras, fadiga, área de luta e força ou pressão exercida pelo adversário.

⁷ Oportunidades de ação que emergem da relação entre o atleta e o ambiente.

⁸ Capacidade do sistema atleta–ambiente de se reorganizar em respostas estáveis e adaptativas conforme as demandas da situação.

⁹ Variações adaptativas no movimento que permitem ajustar a ação às exigências da situação.

e fenomenológico¹⁰, no qual conhecimento e ação se constituem na própria relação entre lutadores e ambiente competitivo.

Este estudo amplia o trabalho piloto desenvolvido por Rodrigues e Morales (2025), que analisou duas lutas (uma vitória e uma derrota) de uma atleta faixa-preta de alto nível. A presente investigação expande o escopo empírico e analítico ao examinar oito lutas competitivas de quatro campeões do Campeonato Brasileiro de Jiu-Jitsu 2025, cada uma acompanhada de entrevista de autoconfrontação. Ao explorar múltiplos casos, a pesquisa busca avançar na compreensão científica do conhecimento tático em ação, descrevendo padrões decisórios, singularidades táticas e modos de regulação situados em diferentes categorias e estilos técnicos.

Dessa forma, a investigação se orienta pela seguinte questão-problema: como atletas faixa-preta de jiu-jitsu constroem e mobilizam conhecimento tático em suas decisões durante lutas competitivas oficiais? Em termos interpretativos, parte-se do pressuposto de que a decisão tática não se reduz a escolhas internas, mas emerge do curso da experiência vivida, modulada por constrangimentos da situação competitiva e por processos de significação que organizam o agir momento a momento.

Compreender como decisões são construídas no decorrer da luta pode contribuir para modelos de ensino e treinamento mais contextualizados e representativos, sensíveis à percepção pelo contato e às demandas situacionais do combate, orientando intervenções coerentes com a natureza interativa do jiu-jitsu. Dada sua ampla difusão e relevância no cenário esportivo nacional, o jiu-jitsu demanda pesquisas que fortaleçam a produção científica, ampliem a compreensão da expertise e auxiliem na qualificação das práticas competitivas e educativas no país.

Esta investigação insere-se na Área de Concentração Estudos Socioculturais, Políticos, Pedagógicos e Psicológicos da Educação Física, do Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade de Brasília (UnB), na Linha de Pesquisa Aspectos Políticos, Pedagógicos e Psicológicos do Esporte. Considerado esse enquadramento, apresentam-se a seguir os objetivos que orientam o presente estudo.

¹⁰ Nesta tese, o termo *fenomenológico* é empregado no sentido adotado pela Teoria do Curso da Ação, inspirada na tradição fenomenológica (Husserl, 1931/2006; Merleau-Ponty, 1945) e operacionalizada por Theureau (2006, 2014, 2020) e Sève *et al.* (2002, 2006, 2007), referindo-se à análise da experiência vivida do atleta em situação real de combate, isto é, àquilo que lhe é significativo no curso da ação. O termo *ecológico* deriva da Psicologia Ecológica de Gibson (1979) e das abordagens dinâmicas do comportamento motor (Newell, 1986; Araújo; Davids; Serpa, 2005), referindo-se às propriedades e aos constrangimentos da situação competitiva que estruturam o campo de possibilidades de ação.

1.1 Objetivos

1.1.1 Objetivo Geral

Compreender como atletas faixa-preta de jiu-jitsu constroem e mobilizam conhecimento tático em ação durante lutas competitivas oficiais.

1.1.2 Objetivos Específicos

a) Identificar as unidades táticas que estruturam o curso da ação, estabelecendo correspondência entre episódios observados nos vídeos e descrições produzidas nas entrevistas de autoconfrontações;

b) Reconstruir o curso da experiência nas situações decisórias, analisando intenções, emoções, percepções hápticas e interpretações a partir dos componentes hexádicos (E–S–R–U–A–I)¹¹;

c) Interpretar como as decisões táticas se organizam em função dos constrangimentos do organismo, da tarefa e do ambiente competitivo, descrevendo padrões de regulação situada e transições entre estados de controle, exploração e ataque/defesa;

d) Elaborar um modelo fenomenológico-ecológico representativo da tomada de decisão no jiu-jitsu, integrando plano observável (vídeo) e plano vivido (autoconfrontação) em uma estrutura analítica coerente, capaz de evidenciar invariantes e singularidades da expertise.

A estrutura do trabalho organiza-se da seguinte forma: esta Introdução apresenta o fenômeno investigado, sua relevância e o enquadramento teórico-epistemológico que orienta o estudo; a Fundamentação Teórica aprofunda os modelos contemporâneos de tomada de decisão no esporte, com ênfase na Teoria do Curso da Ação (TCA) e na Dinâmica Ecológica (DE), estabelecendo a base conceitual para a integração fenomenológico-ecológica adotada; a seção de Metodologia descreve o delineamento qualitativo, os participantes, os instrumentos e os procedimentos analíticos, com especial atenção à ancoragem entre vídeos integrais das lutas e entrevistas de autoconfrontação; a seção 4 – Resultados e Discussão – apresenta conjuntamente os achados empíricos e sua interpretação à luz das perspectivas teóricas adotadas, organizando

¹¹ Os “componentes hexádicos” são os seis elementos estruturantes do signo na Teoria do Curso da Ação (TCA): E–engajamento do atleta na situação; S–situação tal como é percebida; R–referencial (saberes incorporados, memórias acionadas); U–unidade de ação efetivamente realizada; A–apreciação (avaliação imediata da situação e da ação); e I–interpretação (significados atribuídos pelo ator). Esses seis componentes permitem descrever o curso da experiência em sua dinâmica momento a momento, articulando percepção, intenção, ação e sentido na atividade vivida (Theureau, 2002; 2010; 2020).

a análise por unidades táticas, dimensões fenomenológico-ecológicas e sínteses intra e intercasos; e, por fim, as Considerações Finais sintetizam as contribuições do estudo, reconhecem suas limitações e apontam direções para futuras investigações.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Compreender a tomada de decisão no esporte implica ultrapassar concepções que a reduzem a um processamento interno seguido de execução motora. Em modalidades complexas e dinâmicas, como o jiu-jitsu, decidir corresponde a regular a ação em tempo real sob oposição, instabilidade e pressão temporal, articulando percepção, intenção, emoção e coordenação motora no próprio fluxo do combate. Nesta seção, delimita-se inicialmente o jiu-jitsu esportivo como prática sociocultural, organizacional e interativa, para então construir o quadro teórico que sustenta a análise da decisão por meio da integração de duas perspectivas complementares: a Dinâmica Ecológica (DE) (Gibson, 1979; Newell, 1986; Araújo; Davids; Serpa, 2005; Davids; Button; Bennett, 2008) e a Teoria do Curso da Ação (TCA) (Theureau, 2006, 2014, 2020; Poizat *et al.*, 2009; Poizat; Saury; Sève, 2013).

Adicionalmente, este estudo dialoga com o debate contemporâneo sobre a aproximação entre análise do desempenho e processos de ensino-aprendizagem, entendidos como constructos complementares: articular descrição do desempenho e interpretação da decisão (“o quê/quem/quando/onde”) e aprofundar o “como” e o “por quê” das ações constituem condições para orientar intervenções pedagógicas mais coerentes com a lógica do jogo¹² (Lamas; Morales, 2022). Ainda que o foco desta investigação seja qualitativo-interpretativo, descritores como tempo, frequência e sequenciamento de ações funcionam como suporte à interpretação, pois contribuem para transformar registros brutos em informação analítica sobre o fluxo tático do combate (O’Donoghue, 2014).

O ponto de partida, portanto, é reconhecer que o comportamento tático não se organiza como uma sequência linear do tipo “perceber, analisar, escolher e executar”. O atleta é compreendido como um sistema vivo e adaptativo acoplado ao ambiente e ao adversário, cuja performance emerge da interação entre níveis sensorio-motores, afetivos e simbólicos. Assim, compreender a tomada de decisão requer um olhar relacional em que a relação entre padrões ecológicos de coordenação e estruturas fenomenológicas de sentido não é estabelecida a priori, mas reconstruída por meio da descrição intrínseca do curso da ação, isto é, pelo modo como o atleta vive, percebe e significa o próprio agir em situação.

¹² Neste trabalho, o termo *jogo* é utilizado em sentido ampliado. Embora amplamente empregado na literatura sobre esportes coletivos, seus princípios são plenamente transferíveis aos esportes de combate quando o jogo é compreendido, em escala reduzida, como um sistema de interação de oposição entre dois lutadores. No jiu-jitsu, atletas e treinadores costumam referir-se ao “jogo do lutador” (por exemplo, jogo por baixo, jogo de pressão, jogo de transições), expressão que designa o conjunto dinâmico de ações, estratégias e regulações situadas que emergem da interação contínua com o adversário.

No plano experiencial, a TCA oferece dois operadores centrais para esta investigação: o curso da experiência, entendido como a sucessão temporal de percepções, intenções e preocupações que orientam a ação, e o signo hexádico, modelo composto por seis dimensões interdependentes (E–S–R–U–A–I). Esses conceitos permitem descrever com precisão como o atleta regula sua ação em tempo real, conectando episódios observáveis a significações vividas. É nesse encontro entre dinâmicas ecológicas da ação e significações em situação que DE e TCA oferecem uma base teórico-metodológica consistente para investigar o conhecimento tático em ecologias de alta imprevisibilidade, como o jiu-jitsu.

2.1 Contexto histórico-sociocultural e organizacional do Jiu-Jitsu Esportivo

O jiu-jitsu consolidou-se, ao longo do século XX, como uma prática corporal atravessada por transformações socioculturais que repercutiram diretamente em sua configuração esportiva contemporânea. Estudos indicam que as lutas, enquanto manifestações culturais, constituem-se por meio de processos contínuos de adaptação, ressignificação e aculturação, orientados pelos valores, necessidades e lógicas dos grupos sociais que as produzem e as praticam (Breda *et al.*, 2010; Rufino; Darido, 2010; Schmidt; Ribas, 2020; Schmidt, 2021). Nessa perspectiva, o jiu-jitsu não pode ser compreendido como um sistema técnico fechado ou imutável, mas como um fenômeno dinâmico, historicamente situado e permanentemente reconstruído nas relações entre prática, organização e contexto.

Do ponto de vista histórico, a literatura especializada indica que o termo *jiu-jitsu* não designa uma prática única, linear ou homogênea, mas um conjunto diverso de sistemas de combate cuja constituição e difusão foram atravessadas por múltiplos processos de reorganização histórica e disputas narrativas¹³. Estudos recentes têm enfatizado que as versões consolidadas sobre suas origens tendem a simplificar um percurso marcado por heterogeneidades, reinterpretações e reconfigurações em diferentes contextos socioculturais (Lise; Capraro, 2018). Nesse sentido, embora tais práticas tenham sido sistematizadas no Japão a partir de distintas tradições marciais, foi sobretudo ao longo do processo de modernização

¹³As controvérsias historiográficas acerca das origens do jiu-jitsu não são aprofundadas nesta tese, uma vez que o objetivo do estudo não consiste em estabelecer genealogias históricas da modalidade, mas em compreender a organização da ação e os processos decisórios em contextos contemporâneos de prática esportiva. A referência histórica é, portanto, mobilizada de forma contextual e funcional, na medida em que contribui para a compreensão das condições socioculturais e organizacionais que estruturam a tarefa competitiva analisada.

japonesa — particularmente na transição do *bujutsu* para o *budō*¹⁴ — que o jiu-jitsu passou a incorporar funções educativas, culturais e normativas, além de novas formas de organização e transmissão.

No Brasil, esse processo de reorganização assumiu contornos específicos no início do século XX, em um contexto marcado por fluxos migratórios, intercâmbios culturais e pela espetacularização das lutas. Conforme analisa Cairus (2011), a introdução do jiu-jitsu no país ocorreu em meio a projetos de modernização, nacionalismo e afirmação de elites urbanas, nos quais práticas corporais de origem oriental foram ressignificadas e progressivamente incorporadas ao campo esportivo. A atuação de mestres japoneses, entre os quais se destaca Mitsuyo Maeda, foi central nesse processo, ao possibilitar a circulação de conhecimentos técnicos que foram apropriados, adaptados e reorganizados em solo brasileiro. Nesse cenário, a família Gracie configurou-se como um dos grupos que contribuíram de maneira decisiva para a sistematização, difusão e ampliação da visibilidade do jiu-jitsu no país, especialmente por meio do ensino, da promoção de desafios públicos e da inserção da modalidade nos processos de institucionalização esportiva.

A literatura contemporânea, contudo, tem destacado que a centralidade atribuída à família Gracie em determinadas narrativas históricas resulta, em parte, de processos de construção simbólica e mitificação, recorrentemente veiculados por meios midiáticos, autobiográficos e memorialísticos (Santos Júnior, 2022). Desse modo, compreender a história do jiu-jitsu brasileiro implica reconhecer a pluralidade de agentes, contextos e influências envolvidos em sua constituição, evitando leituras lineares ou personalistas e privilegiando uma abordagem que enfatize os processos socioculturais de apropriação, adaptação e transformação da prática ao longo do tempo.

Estudos recentes têm aprofundado essa leitura ao evidenciar o papel da mídia e da circulação global na consolidação, disputa e ressignificação das narrativas sobre o jiu-jitsu brasileiro. Andrade (2025) analisa a modalidade como um fenômeno esportivo e midiático transnacional, no qual processos de visibilidade, apropriação simbólica e construção identitária participam ativamente da produção de sentidos associados à prática. Nessa perspectiva, a expansão internacional do jiu-jitsu não se limita à difusão técnica ou competitiva, mas implica

¹⁴ Bujutsu refere-se às artes marciais de caráter guerreiro desenvolvidas no Japão pré-moderno, voltadas prioritariamente à eficácia bélica e ao uso em combate real. Com o processo de modernização japonesa, especialmente a partir da Era Meiji, essas práticas foram progressivamente ressignificadas, dando origem ao budô, entendido como “caminho marcial”, no qual as artes marciais passam a assumir funções educativas, morais e, posteriormente, esportivas, com atenuação do caráter letal e reorganização pedagógica e institucional (Martins; Kanashiro, 2010).

reconfigurações éticas, simbólicas e organizacionais que incidem sobre a forma como a modalidade é ensinada, praticada e reconhecida no campo esportivo contemporâneo.

2.1.1 Esportivização e institucionalização da modalidade

A partir da segunda metade do século XX, observa-se um movimento de esportivização que contribuiu para padronizar regras, categorias e sistemas de pontuação. A criação da Federação de Jiu-Jítsu da Guanabara e, posteriormente, da Confederação Brasileira de Jiu-Jítsu (CBJJ) e da *International Brazilian Jiu-Jitsu Federation* (IBJJF) desempenhou papel central nesse processo, ao estabelecer normas, categorias competitivas e critérios regulatórios que passaram a estruturar a prática em âmbito nacional e internacional (Drysedale, 2020, 2023; Paiva, 2009).

Essa formalização impactou significativamente a lógica interna da modalidade ao delimitar ações permitidas, modos de pontuar e formas de julgamento, elementos que condicionam diretamente as decisões táticas durante os combates (Schmidt, 2021). Trata-se, portanto, de uma modalidade esportiva de institucionalização relativamente recente, cuja organização normativa, consolidada a partir da criação de federações como a CBJJ e a IBJJF em 1994, passou a estruturar de maneira decisiva os problemas decisórios próprios do jiu-jitsu competitivo¹⁵.

A esportivização do jiu-jitsu não implica apenas padronização administrativa, mas a reorganização da lógica interna da ação. Ao institucionalizar critérios de pontuação, categorias de peso e tempos regulamentares, a modalidade passa a estruturar problemas decisórios específicos, nos quais vencer não depende exclusivamente da submissão do adversário, mas da gestão estratégica do placar, do tempo e do risco posicional. Esse processo redefine prioridades táticas, favorecendo formas de controle, estabilização e transição que se tornam funcionalmente relevantes no contexto competitivo, influenciando diretamente o modo como os atletas percebem oportunidades e regulam sua ação no curso da luta (Schmidt, 2021; Drysdale, 2020).

2.1.2 Expansão competitiva e visibilidade internacional

Paralelamente, o jiu-jitsu difundiu-se globalmente impulsionado pelas competições de artes marciais mistas (MMA), ampliando sua visibilidade e reforçando sua eficácia como

¹⁵ Neste trabalho, *jiu-jitsu competitivo* refere-se à prática da modalidade em contexto esportivo formal, regulado por normas institucionais, sistema de pontuação e arbitragem, em competições oficiais. O termo distingue esse cenário da prática recreativa ou formativa, enfatizando as exigências decisórias próprias das situações reais de combate analisadas.

sistema de luta no solo. Embora essa vertente tenha seguido desenvolvimento próprio, o crescimento da modalidade esportiva com kimono permaneceu fortemente articulado à consolidação das federações e à realização de grandes eventos nacionais e internacionais, como o Campeonato Brasileiro da CBJJ (Drysdale, 2020, 2023).

Embora a expansão internacional tenha contribuído para a difusão do jiu-jitsu esportivo, esse processo não resultou em homogeneização plena das formas de lutar. Ao contrário, observa-se a coexistência de estilos técnicos e táticos distintos, influenciados por tradições de ensino, contextos culturais e trajetórias individuais de prática. Em termos decisórios, isso implica que a padronização normativa convive com uma diversidade de modos de perceber, significar e resolver os problemas da luta, aspecto central para investigações que buscam compreender o conhecimento tático em ação a partir da singularidade da experiência dos atletas.

2.1.3 O regulamento esportivo como constrangimento da tarefa competitiva

A análise da tomada de decisão em situações reais de combate exige a explicitação das condições estruturais que configuram a ação. No jiu-jitsu esportivo, o principal dispositivo organizador dessas condições é o Livro de Regras – Regulamento Geral de Competições da *International Brazilian Jiu-Jitsu Federation (IBJJF)*, que define possibilidades, exigências e riscos que orientam a conduta do atleta em competição.

Sob a perspectiva da Dinâmica Ecológica, as regras não são compreendidas como elementos externos ao comportamento, mas como constrangimentos da tarefa que modulam o acoplamento percepção-ação, orientam a seleção de habilidades e delimitam o repertório funcionalmente disponível no ambiente competitivo (Newell, 1986; Araújo; Davids; Serpa, 2005; Davids; Button; Bennett, 2008). Nesse sentido, o regulamento não apenas restringe a ação, mas participa ativamente da constituição dos problemas táticos que emergem no curso do combate, ao estruturar aquilo que se apresenta como possível, oportuno ou arriscado em cada situação.

O regulamento organiza dimensões estruturais fundamentais da tarefa competitiva, tais como o tempo de luta, a área de combate e os procedimentos de reinício, as ações permitidas e proibidas, bem como o sistema de pontuação, vantagens e penalidades. Esses elementos configuram o campo de possibilidades no qual o atleta se engaja, influenciando diretamente a priorização de ações, a gestão do risco e a regulação rítmica da luta. O sistema de pontuação – que atribui dois pontos a quedas e raspagens, três pontos à passagem de guarda e quatro pontos à montada e à conquista das costas – exemplifica como determinados resultados da ação são

funcionalmente valorizados, orientando escolhas táticas que nem sempre convergem para a finalização imediata. De modo semelhante, a exigência de um tempo mínimo de estabilização posicional de 3 (três) segundos para validação da pontuação atua como uma restrição normativa que modula transições, defesas e decisões ofensivas ao longo do combate (IBJJF, 2024).

Além disso, o regulamento institui uma temporalidade específica da decisão. Os limites temporais da luta, os critérios de vantagem e as penalidades por passividade instauram pressões temporais assimétricas, nas quais acelerar, manter ou retardar a ação tornam-se decisões táticas centrais. Nessa lógica, o tempo não opera apenas como variável externa e mensurável, mas como elemento vivido e significado pelo atleta, que regula o ritmo da ação em função do placar, do desgaste físico e das respostas do adversário, configurando diferentes modos de engajamento ao longo do combate.

Do ponto de vista da Teoria do Curso da Ação (TCA), o regulamento compõe o plano de fundo estruturante da experiência, integrando a Situação Significativa (S) e influenciando os elementos do signo hexádico mobilizados pelo atleta em situação, tais como o Representamen (R), a Unidade de Ação (U) e o Potencial de Ação (A) (Theureau, 2014). Ademais, a arbitragem atua como mediação institucional da situação competitiva, na medida em que sinais, interrupções, atribuição de vantagens ou penalidades reconfiguram continuamente o curso da ação, tornando-se informações significativas que participam da organização perceptiva e decisória do atleta.

Nesta pesquisa, adotam-se como referência os critérios do Livro de Regras – Regulamento Geral de Competições da *International Brazilian Jiu-Jitsu Federation (IBJJF)*, versão 2024, cujas diretrizes são incorporadas às análises tático-ecológicas das Unidades Táticas (UTs). O regulamento é, assim, tratado não como elemento acessório ou meramente normativo, mas como componente central da tarefa competitiva, estruturando a ecologia da luta e participando da constituição dos problemas táticos, das informações percebidas e das decisões produzidas no curso da ação.

Desse modo, ao organizar regras, tempo, pontuação e procedimentos, o regulamento configura o campo de possibilidades e riscos que orienta a conduta do atleta em competição. Compreender a tomada de decisão nesse cenário exige, contudo, considerar também a natureza interativa do combate e os canais informacionais predominantes no jiu-jitsu, temática desenvolvida na subseção seguinte.

Por essa razão, na presente investigação o regulamento é tratado como constrangimento constitutivo da tarefa e aparece operacionalmente na delimitação e interpretação das Unidades

Táticas (UTs), especialmente nos episódios de pontuação, vantagem, penalidade e reinícios da luta.

2.2 O jiu-jitsu como ecologia háptica

O jiu-jitsu esportivo configura-se como uma ecologia háptica singular, na qual a maior parte da informação relevante para a ação emerge do contato corporal direto entre os atletas. Diferentemente de modalidades em que a percepção visual orienta predominantemente a tomada de decisão, no jiu-jitsu, o toque, a pressão, o atrito, o equilíbrio e as variações de tônus constituem os principais canais informacionais que organizam o comportamento tático em tempo real (Andreato *et al.*, 2013; Avelar-Rosa *et al.*, 2015; Yearby *et al.*, 2024).

Nessa ecologia, a ação não se estrutura a partir da leitura antecipada de cenários estáveis, mas da sensibilidade contínua às microvariações que ocorrem no acoplamento entre os corpos. Ajustes mínimos na base, mudanças sutis na distribuição de peso, relaxamentos ou tensões nas pegadas e deslocamentos quase imperceptíveis do quadril podem redefinir instantaneamente o campo de possibilidades táticas. As decisões emergem, assim, como respostas situadas a indícios hápticos que se atualizam no próprio fluxo da interação.

Sob essa perspectiva, o adversário não é apenas um oponente a ser neutralizado, mas parte constitutiva do ambiente informacional. O comportamento de um atleta reorganiza continuamente as condições de ação do outro, produzindo uma dinâmica intercorporal marcada por dependência mútua, instabilidade funcional e necessidade permanente de ajuste. O jiu-jitsu pode, portanto, ser compreendido como um diálogo corporal, no qual atacar, defender, estabilizar ou transitar são ações inseparáveis da leitura tátil do comportamento do oponente.

A estabilidade posicional, frequentemente descrita em termos técnicos (guarda, controle lateral, montada, conquista das costas), corresponde, do ponto de vista ecológico, a estados provisórios de organização do sistema atleta-adversário. Esses estados não são fixos nem garantidos, mas mantidos enquanto o atleta consegue regular pressão, distância e alinhamento corporal diante das perturbações impostas pelo outro. Pequenas flutuações podem desencadear reorganizações rápidas da ação, exigindo decisões em microtempos, muitas vezes anteriores a qualquer elaboração consciente (Yearby *et al.*, 2024).

Do ponto de vista experiencial, essas regulações são vividas como sensações corporais imediatas — “sentir o peso”, “perceber a base leve”, “notar a perda de apoio” — que orientam a ação sem necessidade de verbalização prévia. É nesse sentido que o jiu-jitsu evidencia uma

inteligência do toque¹⁶: um saber prático incorporado, construído ao longo da trajetória de prática, que permite ao atleta perceber oportunidades de ação diretamente no contato, sem mediação representacional explícita.

A caracterização do jiu-jitsu como ecologia háptica justifica, portanto, a adoção de abordagens teóricas e metodológicas capazes de captar tanto a organização funcional da ação quanto a experiência vivida do atleta. A predominância da informação tátil, a continuidade temporal da luta e a emergência simultânea das decisões no contato tornam insuficientes as análises centradas apenas em descrições visuais ou em sequências técnicas isoladas. Compreender a tomada de decisão nesse contexto exige considerar o corpo em ação como lugar privilegiado de produção de sentido e regulação do comportamento.

Essa especificidade do jiu-jitsu, enquanto modalidade de combate háptica, fundamenta a articulação proposta nesta tese entre a Dinâmica Ecológica e a Teoria do Curso da Ação, permitindo analisar a decisão como um processo simultaneamente ecológico e experiencial, enraizado no contato, no ritmo da interação e na significação vivida da ação.

A caracterização do jiu-jitsu como ecologia háptica evidencia que a decisão emerge no contato e na co-regulação intercorporal, em microtempos, muitas vezes anteriores à verbalização deliberada. Esse enquadramento permite recolocar a tomada de decisão no esporte em bases situadas e relacionais, discutidas a seguir.

2.3 Tomada de decisão e cognição situada no esporte

A tomada de decisão constitui um tema central nas ciências do movimento humano, da cognição e do comportamento, ocupando posição estratégica na compreensão do desempenho esportivo. No campo dos jogos desportivos, uma tradição teórica consolidada compreende a ação tática como um comportamento específico do esporte, regulado por processos de percepção, atenção, antecipação e decisão, sustentados pela mobilização de conhecimentos táticos de natureza declarativa e processual em situação de jogo¹⁷ (Mahlo, 1969; Bayer, 1986; Gréhaigne; Godbout; Bouthier, 1997; Garganta, 2002; McPherson, 1999).

¹⁶ O corpo lê, responde e recria o campo de possibilidades a partir do contato.

¹⁷ No âmbito dos Jogos Desportivos, o conhecimento tático é tradicionalmente distinguido em conhecimento declarativo, relacionado à compreensão explícita de regras, princípios e objetivos do jogo (o “*saber o que fazer*”), e conhecimento processual, associado à capacidade de aplicar esse conhecimento em situação, orientando a execução das ações de forma adaptada e eficaz (o “*saber como fazer*”) (Greco; Benda, 1998; Garganta, 2004; Matias; Greco, 2010, 2013; Morales, 2014; Matias, 2015). Essa distinção tem sido amplamente utilizada para descrever a organização do comportamento tático, sobretudo em modalidades coletivas. Contudo, abordagens contemporâneas de base situada, corporificada e ecológica – como a cognição situada, a Psicologia Ecológica, a Dinâmica Ecológica e a Teoria do Curso da Ação – problematizam uma separação rígida entre

Historicamente, essa compreensão esteve ancorada no paradigma do processamento da informação, segundo o qual o decidir esportivo é concebido como uma sequência linear de etapas — percepção, análise, escolha e execução — operadas por um sistema cognitivo responsável por processar estímulos, avaliar alternativas e selecionar respostas. Mesmo em abordagens que diferenciam modalidades de pensamento rápido e automático e modalidades lentas e reflexivas, como a distinção entre Sistema 1 e Sistema 2 proposta por Kahneman (2003), a decisão permanece concebida como resultado de operações internas de processamento. Embora esse paradigma tenha contribuído de forma relevante para a descrição de componentes do comportamento tático, suas limitações tornam-se evidentes quando confrontadas com a complexidade, a imprevisibilidade e a continuidade temporal das situações esportivas reais.

Em contextos dinâmicos de oposição, o processo decisório não se organiza em etapas discretas, mas emerge no fluxo contínuo da interação, no qual a informação se reorganiza a cada ajuste do adversário, das condições temporais e do próprio estado corporal do atleta (Raab, 2007). Em esportes de combate, essa dinâmica é ainda mais acentuada: a informação relevante não se apresenta de forma estável nem predominantemente visual, mas se atualiza a partir do contato direto, da pressão, do atrito e do equilíbrio instável entre os corpos (Araújo; Davids, 2009; Bourbousson; Sève; McGarry, 2010; Krabben; Orth; Van der Kamp, 2019). Nessas condições, decidir revela-se menos como um cálculo interno prévio e mais como um processo emergente e adaptativo.

A crítica a essa lógica computacional impulsionou um deslocamento epistemológico em direção a abordagens que concebem a cognição como situada, corporificada e relacional. Contribuições oriundas da cognição situada (Suchman, 1987; Clancey, 1997), da cognição distribuída (Hutchins, 1995, 2000) e da Dinâmica Ecológica (Gibson, 1979; Newell, 1986; Araújo; Davids, 2009) convergem ao sustentar que o conhecimento emerge da relação organismo-ambiente e que conhecer é inseparável de agir (Varela; Thompson; Rosch, 1991). Nesse quadro, a noção de *affordance* (Gibson, 1979) descreve as oportunidades de ação percebidas em função das capacidades do atleta e das propriedades do ambiente, enquanto a teoria dos constrangimentos (Newell, 1986) explica como padrões de comportamento se auto-organizam sob múltiplas pressões simultâneas. A decisão passa, assim, a ser compreendida

conhecer e agir, ao enfatizar a emergência da decisão no próprio fluxo da ação, em contextos de elevada complexidade e interação (Gibson, 1979; Varela; Thompson; Rosch, 1991; Araújo; Davids, 2009; Theureau, 2014).

como uma propriedade emergente do sistema atleta-tarefa-ambiente (Araújo; Davids; Serpa, 2005).

Esse deslocamento deu origem a diferentes paradigmas explicativos da tomada de decisão no esporte, os quais se distinguem quanto à concepção de cognição, ao papel do corpo, à relação com o ambiente e às implicações metodológicas para a análise do desempenho. De forma sintética, esses contrastes são apresentados no Quadro 1, que evidencia a passagem de uma lógica de escolha entre alternativas para uma concepção de regulação contínua da ação no fluxo da atividade.

Quadro 1 – Paradigmas explicativos da tomada de decisão no esporte

Dimensão	Paradigma Cognitivista (Tradicional)	Cognição Ecológica / Dinâmica Ecológica
Concepção de cognição	Processamento interno de informações	Cognição como ação situada
Concepção de decisão	Decisão é uma escolha mental entre alternativas pré-definidas, anterior à ação	Decisão é um processo emergente, inseparável da ação, que ocorre no fluxo da interação
Relação percepção-ação	Percepção → processamento → decisão → ação (modelo linear e sequencial)	Percepção e ação são acopladas; decidir é perceber-agir simultaneamente
Papel da mente	Mente como processador de informações e controlador central	Cognição distribuída e corporificada, sem controle central
Natureza do conhecimento	Representações internas, regras, esquemas e planos mentais	Conhecimento em ação, relacional, incorporado e situado
Tempo da decisão	Decisão ocorre antes da execução	Decisão ocorre durante a execução
Objeto da análise	Processos internos (atenção, memória, antecipação, escolha)	Padrões funcionais de ação e regulação sob constrangimentos
Papel do corpo	Executor da decisão	Meio e fonte da decisão
Papel do ambiente	Fonte de estímulos a serem processados	Parte constitutiva da cognição (organismo-ambiente)
Informação relevante	Estímulos selecionados e codificados internamente	<i>Affordances</i> (oportunidades de ação percebidas diretamente)
Expertise	Melhor capacidade de cálculo, previsão e escolha	Maior sensibilidade perceptiva e ajuste funcional ao ambiente
Variabilidade do movimento	Tratada como erro ou ruído	Tratada como variabilidade funcional, condição da adaptação
Aprendizagem	Aquisição e otimização progressiva de representações mentais	Exploração guiada de <i>affordances</i> sob constrangimentos
Métodos de pesquisa	Tarefas laboratoriais, testes isolados, estímulos controlados	Situações representativas, análise do desempenho em contexto real
Treinamento	Repetição técnica, instruções prescritivas	Manipulação de constrangimentos, tarefas representativas
Exemplo no Jiu-Jitsu	“O atleta escolheu puxar para a guarda após analisar opções”	“A ação de puxar para guarda emergiu da leitura háptica do equilíbrio e da pressão do adversário”

Fonte: Elaborado pela autora, com base em Gibson, 1979; Newell, 1986; Davids, Button e Bennett, 2008; Araújo e Davids, 2009; Theureau, 2014.

Cabe destacar que os contrastes apresentados no Quadro 1 têm finalidade analítica e não pretendem reduzir o campo da tomada de decisão no esporte a paradigmas estanques ou mutuamente excludentes. A literatura contemporânea também reúne propostas integrativas que buscam superar as limitações do cognitivismo clássico sem abdicar completamente de seus aportes, articulando processos cognitivos e princípios ecológicos da ação. Modelos como o SMART-ER (Raab, 2015), por exemplo, reconhecem as críticas aos modelos puramente representacionais e incorporam a influência do ambiente, da pressão temporal e do contexto decisório na regulação da ação, ainda que mantenham pressupostos distintos daqueles adotados pelas abordagens fenomenológico-ecológicas que fundamentam esta investigação. A referência a esses modelos reforça que os paradigmas discutidos não operam como blocos rígidos, mas como campos de debate em contínua transformação no estudo da decisão esportiva.

No núcleo das abordagens ecológicas encontra-se a inseparabilidade entre percepção e ação. Davids, Button e Bennett (2008) argumentam que a expertise não se define prioritariamente pela rapidez do processamento cognitivo, mas pela sensibilidade para perceber informações relevantes e agir de modo funcional às transformações do ambiente. Em esportes de combate, essa regulação ocorre predominantemente por meio da percepção háptica – toque, pressão, atrito e equilíbrio –, que permite detectar microvariações capazes de redefinir, em milésimos de segundo, o campo de possibilidades táticas (Barris; Davids; Farrow, 2013; Yearby *et al.*, 2024). O atleta configura-se, assim, como um sistema perceptivo-motor ajustável, no qual cada contato reorganiza a ação subsequente.

Em esportes de combate, nos quais a informação decisiva é majoritariamente háptica e se atualiza no contato direto entre os corpos, a decisão não pode ser compreendida apenas como um “processo cognitivo” interno, mas como regulação tática do agir em situação. Assim, após delimitar os paradigmas explicativos da tomada de decisão no esporte, torna-se necessário explicitar o vocabulário analítico que permitirá descrever e interpretar aquilo que se regula no curso do combate. Nesse sentido, estratégia, tática e técnica são mobilizadas neste estudo como categorias funcionais para organizar a análise da ação no jiu-jitsu competitivo.

No campo da Pedagogia do Esporte e dos Jogos Desportivos, estratégia, tática e técnica são tradicionalmente compreendidas como dimensões indissociáveis da ação esportiva, organizadas de forma funcional e complementar. A estratégia refere-se às orientações globais e prospectivas que estruturam objetivos, princípios de ação e modos gerais de condução do jogo; a tática diz respeito à regulação situada dessas orientações no curso da ação, caracterizando-se pela adaptação contínua do comportamento às configurações emergentes da

oposição; e a técnica corresponde aos meios motores de realização da ação, cuja eficácia depende de sua adequação tática à situação vivida (Greco; Benda, 1998; Garganta, 2002; Galatti *et al.*, 2017).

Transposta para o contexto dos esportes de combate — e, em particular, do jiu-jitsu — essa articulação não se organiza como uma hierarquia rígida entre níveis, mas como um sistema dinâmico de regulações interdependentes. A estratégia orienta o curso global do combate, a tática regula, em tempo real, os problemas que emergem da interação com o adversário, e a técnica materializa essas regulações por meio de ações corporais ajustadas às informações hápticas e às restrições situacionais. Assim, a tomada de decisão não se localiza em um plano abstrato anterior à ação, mas se manifesta como expressão direta da ação tática em situação, sustentada pela percepção, pela experiência acumulada e pela capacidade de ajuste funcional no fluxo do combate.

Nessa perspectiva, a tática ocupa papel central, pois articula estratégia e técnica no enfrentamento de problemas dinâmicos impostos pelo jogo. A tomada de decisão emerge como expressão direta da ação tática, sustentada pela leitura do contexto, pela percepção de informações relevantes e pela necessidade de respostas eficazes sob constrangimentos temporais, espaciais e relacionais. O Quadro 2 sistematiza essa articulação no contexto do jiu-jitsu competitivo, evidenciando como decisões táticas se materializam por meio de ações técnicas orientadas por estratégias mais amplas.

Quadro 2 – Relação entre ações técnicas, ações táticas e estratégia no jiu-jitsu
(Continua)

Ação técnica	Ação tática	Estratégia	Integração estratégia-tática
Raspagens (gancho, meia-guarda)	Organização ofensiva a partir da guarda	Lutar por baixo, inverter posições, pontuar primeiro	Utilização da guarda como matriz tática para transformar desvantagem posicional em vantagem funcional, orientando decisões situadas a partir do controle do adversário.
Passagens de guarda (knee cut, torreando, leg drag)	Pressão posicional e controle do espaço corporal	Dominar posições estratégicas, desgastar o adversário	Integração entre pressão contínua e escolhas de rota de passagem, visando estabilização por cima e progressão estratégica.
Finalizações (triângulo, chave de braço, estrangulamentos)	Exploração de oportunidades emergentes	Encerrar o combate ou ampliar vantagem	A técnica é mobilizada quando a oportunidade tática emerge no fluxo da ação, articulando precisão técnica e leitura situacional.
Quedas e projeções	Imposição inicial de controle e ritmo	Definir cenário inicial do combate	A ação técnica sustenta a estratégia ao permitir iniciar o combate em condições posicionais favoráveis.

Quadro 2 – Relação entre ações técnicas, ações táticas e estratégia no jiu-jitsu
(Conclusão)

Ação técnica	Ação tática	Estratégia	Integração estratégia-tática
Defesas e contragolpes	Gestão do risco e adaptação sob pressão	Preservar integridade posicional e criar oportunidades	A defesa reorganiza o curso da ação, permitindo transição imediata para contra-ataque quando o contexto se torna favorável.
Controle posicional (montada, costas, controle lateral)	Gestão do tempo, pressão e energia	Administrar vantagem e ritmo	Estabilização posicional como base para decisões ofensivas ou conservação estratégica da vantagem.
Transições entre posições	Ajuste tático contínuo no fluxo da luta	Manter imprevisibilidade	A transição sustenta a estratégia ao preservar múltiplas possibilidades de ação em contextos instáveis.
Guarda defensiva	Recuperação funcional e contra-ataque	Neutralizar ofensiva adversária	Uso da guarda como recurso tático para reorganizar o combate e retomar a iniciativa.

Fonte: Elaborado pela autora.

Como indicado no Quadro 3, a decisão no jiu-jitsu não se reduz à execução de gestos técnicos isolados, mas emerge da regulação tática da ação em situação, orientada por objetivos estratégicos e materializada por técnicas ajustadas ao contexto. Essa compreensão permite avançar para unidades analíticas capazes de preservar a continuidade do combate e a coerência funcional das decisões.

Quadro 3 – Estratégia e tática no jiu-jitsu

Dimensão	Estratégia	Tática
Nível de organização	Plano global de combate	Ação situada
Temporalidade	Antecipada e prospectiva	Emergente e momentânea
Função	Orientar a luta como um todo	Resolver problemas em situação
Exemplos no jiu-jitsu	Lutar por cima/baixo, gestão do placar, ritmo	Ajuste de pegadas, transições, ataques
Relação com decisão	Define diretrizes	Materializa a decisão
Natureza	Mais estável	Altamente adaptativa
Base informacional	Análise prévia	Informação háptica e situacional
Autores	Garganta (2002); Greco (2006)	Garganta (2002); Araújo; Davids (2009)

Fonte: Elaborado pela autora.

Inspirada em modelos clássicos de classificação situacional nos jogos desportivos (Bayer, 1986), esta tese adota uma lógica equivalente para organizar as situações do combate em jiu-jitsu, respeitando sua especificidade interativa, diádica (lutador–adversário) e háptica. O Quadro 4 sistematiza essas situações a partir de quatro dimensões analíticas de natureza tática

— ofensiva, defensiva, de manutenção e de transição — compreendidas não como estados fixos do combate, mas como referenciais funcionais construídos para a interpretação dos problemas decisórios que emergem no fluxo da ação. Essas dimensões não descrevem “tipos de luta”, mas operam como categorias analíticas que permitem identificar a função tática predominante das ações em situação, servindo de base para a delimitação das Unidades Táticas apresentadas no capítulo metodológico.

Quadro 4 – Situações táticas do jiu-jitsu organizadas por dimensões analíticas de natureza tática

Dimensão analítica de natureza tática	Situação do combate	Objetivo funcional	Problema decisório central
Manutenção / Transição	Disputa inicial em pé	Regular distância e engajamento inicial	Entrar, recuar ou induzir ação do adversário
Ofensiva	Entrada em queda	Converter desequilíbrio em queda vantajosa	Direção, tempo e continuidade da entrada
Defensiva	Defesa de queda	Neutralizar entrada e proteger equilíbrio	Resistir, girar ou “aceitar com controle”
Transição	Transição queda–solo	Transformar queda em vantagem posicional	Seguir por cima, inverter ou reorganizar guarda
Manutenção	Instalação no solo (enquadramentos)	Estabilizar estruturas iniciais	Impor forma do contato (frames/base/quadril)
Manutenção / Ofensiva	Guarda estabilizada	Controlar distância e gerar ameaças	Atacar, raspar ou conservar segurança
Ofensiva	Passagem de guarda	Progredir superando barreiras	Escolher rota e gerenciar risco
Defensiva / Manutenção	Defesa da passagem	Impedir progressão e manter guarda funcional	Reencaixar pernas ou mudar de guarda
Transição / Ofensiva	Raspagem	Inverter com controle	Momento do desequilíbrio e continuidade
Manutenção / Ofensiva	Estabilização por cima (Controle Lateral/montada/costas)	Consolidar domínio e preparar progressão	Manter pressão sem abrir espaço
Defensiva / Transição	Defesa e escapes	Sair/recompôr e recuperar funcionalidade	Selecionar rota sob pressão
Ofensiva	Ataques de finalização	Converter controle em finalização	Ajuste sutil de encaixe e pressão
Defensiva / Transição	Defesa de finalização	Neutralizar ameaça e sobreviver	Resistir, girar ou conceder transição segura
Transição	Transições interposicionais	Progredir/evitar perda posicional	Seguir–estabilizar–recuar no micro tempo
Manutenção / Estratégico-tática	Gestão do combate (tempo/placar/punições)	Regular risco e ritmo	Acelerar, conservar ou neutralizar

Fonte: Elaborado pela autora.

No presente estudo, a dimensão ofensiva refere-se às situações em que a função tática predominante da ação consiste em produzir desequilíbrios, progressões posicionais ou finalizações, assumindo a iniciativa da ação. A dimensão defensiva compreende episódios nos quais o objetivo central consiste em neutralizar as ações do adversário e preservar a integridade posicional. A dimensão de manutenção diz respeito às situações em que o atleta procura estabilizar uma condição funcional, regulando distância, pressão e ritmo da interação. Por fim, a dimensão de transição refere-se aos momentos em que o combate se reorganiza de forma dinâmica, envolvendo tanto transições posicionais — no sentido de transitar entre configurações corporais e de controle próprias do jiu-jitsu — quanto transições funcionais, nas quais ocorre a passagem entre funções táticas, como da ofensiva para a defensiva ou vice-versa. Esses momentos caracterizam-se por rápidas mudanças de posição, de papel situacional e de relações de controle, exigindo ajustes decisórios em microtempos.

Apesar de avanços recentes na análise técnico-tática e temporal do jiu-jitsu (Andreato *et al.*, 2013; Andreato *et al.*, 2017; Dos Santos *et al.*, 2023; Lamas; Morales, 2022), parte expressiva da literatura permanece centrada na descrição observável das ações, privilegiando frequências, estruturas temporais e padrões de movimento. Embora esses estudos contribuam para a caracterização funcional do desempenho, dedicam menor atenção aos processos decisórios que originam essas ações e aos sentidos atribuídos pelos atletas no curso da luta.

Assim, compreender a tomada de decisão em esportes de combate exige avançar para além da descrição funcional do comportamento, tornando-se necessário acessar como os atletas percebem, interpretam e significam os episódios decisórios no fluxo da ação. É precisamente essa lacuna — situada entre a organização ecológica da ação e o ponto de vista do ator¹⁸ em situação — que justifica a adoção da Teoria do Curso da Ação (TCA), apresentada na seção seguinte, como fundamento teórico-metodológico desta investigação.

À luz desse enquadramento, a presente tese parte do pressuposto de que compreender a tomada de decisão no jiu-jitsu implica analisar como as decisões se organizam no fluxo real do combate, articulando simultaneamente a organização funcional da ação tática e a experiência vivida do atleta. Coerente com essa perspectiva, a investigação privilegia situações reais de competição e adota as Unidades Táticas (UTs) como episódios decisórios significativos no

¹⁸ Nesta tese, os termos “ator” e “atleta” são utilizados de forma complementar. “Ator” é o termo técnico da Teoria do Curso da Ação e designa o sujeito que age e constrói o curso da atividade em situação. “Atleta” é o termo contextual utilizado para se referir aos praticantes investigados no ambiente competitivo. Assim, sempre que o texto menciona o atleta, refere-se ao ator no sentido conceitual da TCA.

curso da luta, integrando a análise do desempenho, fundamentada na Dinâmica Ecológica, à reconstrução da experiência vivida, orientada pela Teoria do Curso da Ação. Essa articulação sustenta as escolhas metodológicas detalhadas na seção seguinte.

2.4 Fundamentos da Dinâmica Ecológica (DE) e dos constrangimentos

A Dinâmica Ecológica resulta da convergência entre a Psicologia Ecológica (Gibson, 1979) e a Teoria dos Sistemas Dinâmicos (Bertalanffy, 1968; Kelso, 1995), propondo uma ontologia relacional da ação, segundo a qual o comportamento emerge do acoplamento contínuo entre atleta, tarefa e ambiente (Araújo; Davids; Serpa, 2005; Davids; Button; Bennett, 2008). Nessa perspectiva, a performance não é explicada por comandos centrais ou programas prévios, mas por processos de auto-organização que se desenvolvem em sistemas abertos, sensíveis às variações situacionais e capazes de produzir padrões funcionais relativamente estáveis e, ao mesmo tempo, adaptáveis (Seifert; Davids, 2023).

Um conceito central dessa abordagem é o de *affordance*, entendido como oportunidade de ação que emerge da relação entre as propriedades do ambiente e as capacidades do organismo (Gibson, 1979). No jiu-jitsu, microaberturas de quadril, folgas de pegada, variações de base ou deslocamentos de peso configuram *affordances* momentâneas que se tornam perceptíveis sobretudo por meio da informação háptica, orientando ajustes contínuos da ação no fluxo da luta (Avelar-Rosa *et al.*, 2015; Yearby *et al.*, 2024).

A organização da ação, nesse enquadramento, é moldada pela interação dinâmica entre diferentes tipos de constrangimentos, conforme sistematizado por Newell (1986):

- (a) constrangimentos do organismo, como morfologia, força, fadiga, estados afetivos e histórico de prática;
- (b) constrangimentos da tarefa, como regras, objetivos, metas situacionais e vestimenta;
- (c) constrangimentos ambientais, que incluem fatores físicos e sociais, tais como características do tatame (superfície de combate), contexto competitivo e influência do público.

Esses constrangimentos não atuam de forma isolada, mas interagem continuamente, dando origem a reorganizações coordenativas, transições de fase e estados de metaestabilidade, nos quais o sistema mantém controle funcional suficiente sem perder flexibilidade para se adaptar a mudanças abruptas da situação (Kelso, 1995; Seifert *et al.*, 2017; Orth *et al.*, 2017; Orth *et al.*).

No contexto do jiu-jitsu, operar em um estado metaestável significa sustentar uma organização corporal eficaz — por exemplo, controle posicional ou base defensiva —, preservando simultaneamente a possibilidade de transição rápida quando novas oportunidades ou ameaças emergem. Nessa perspectiva, a ação configura-se como um equilíbrio dinâmico, capaz de sustentar coerência funcional e, ao mesmo tempo, permanecer sensível a perturbações que podem desencadear bifurcações, transições de fase e reorganizações coordenativas. A estabilidade, portanto, não é entendida como rigidez, mas como condição provisória e adaptativa que permite tanto a manutenção quanto a transformação da ação conforme as demandas do combate.

Outro princípio estruturante da DE é o da variabilidade funcional. Diferentemente de abordagens tradicionais que tratam a variabilidade como erro ou ruído, a DE a concebe como condição essencial da adaptação, pois as flutuações do movimento permitem ao sistema explorar o espaço de soluções e ajustar-se às especificidades da situação (Davids; Button; Bennett, 2008). Essa concepção fundamenta propostas pedagógicas como a Pedagogia Não Linear e o *Constraints-Led Approach* (CLA), nas quais o treinador atua como designer de ambientes de prática, manipulando constrangimentos de modo a canalizar o comportamento sem prescrever formas fixas de execução (Araújo; Davids, 2009; Davids; Button; Bennett, 2008; Rudd *et al.*, 2021; Seifert; Davids, 2023).

Nesse enquadramento, a Pedagogia Não Linear (PNL) pode ser compreendida como uma proposta pedagógica mais abrangente do que o *Constraints-Led Approach* (CLA): enquanto o CLA explicita como o comportamento emerge da interação de constrangimentos, a PNL sistematiza princípios de desenho da prática para orientar como estruturar tarefas, instruções e feedback de modo coerente com a natureza não linear da aprendizagem (Chow *et al.*, 2015; Rudd *et al.*, 2021). Em termos práticos, a PNL enfatiza: (i) a construção de tarefas representativas (*representative learning design*), nas quais o atleta permanece acoplado a fontes de informação semelhantes às da competição; (ii) a manipulação intencional de constrangimentos (organismo–tarefa–ambiente) para canalizar a exploração sem prescrever soluções; e (iii) a valorização da variabilidade funcional como condição de adaptação, individualização do movimento e estabilização de padrões eficazes em situação (Newell, 1986; Davids; Button; Bennett, 2008; Chow *et al.*, 2015). Esse enquadramento é particularmente pertinente em modalidades de combate, nas quais decisões e coordenações emergem sob pressão temporal e oposição, demandando ambientes de treino que preservem o problema decisório do combate, com os devidos ajustes de segurança e controle do risco (Araújo; Davids, 2009; Yearby *et al.*, 2024). Assim, as implicações pedagógicas discutidas na Seção 4.5 não

introduzem um referencial novo, mas operacionalizam, no plano do treino, os mesmos princípios ecológico-dinâmicos que sustentam a leitura fenomenológico-ecológica da decisão.

Três princípios orientam o CLA:

- (i) representatividade da tarefa, preservando relações informação–ação semelhantes às da competição;
- (ii) manipulação intencional de constrangimentos, direcionando a auto-organização sem instruções prescritivas;
- (iii) promoção da variabilidade funcional, favorecendo a descoberta de soluções adaptativas.

Em esportes de combate, evidências indicam que esse tipo de abordagem contribui para a qualidade da regulação da ação e para o ajustamento às demandas situacionais da luta (Yearby *et al.*, 2024).

Estados afetivos também operam como constrangimentos do organismo, modulando a sensibilidade às informações disponíveis e influenciando reorganizações coordenativas (Balagué; Hristovski; Vázquez, 2008; Balagué *et al.*, 2020). Em modalidades de contato contínuo, como o jiu-jitsu, o feedback háptico — pressão, atrito, contato e resistência — constitui o principal canal informacional, sustentando a coordenação intercorporal e a adaptação em tempo real às ações do adversário (Barris; Davids; Farrow, 2013; Yearby *et al.*, 2024).

A Dinâmica Ecológica oferece, assim, uma estrutura teórica para compreender como a ação se organiza, se estabiliza e se transforma sob constrangimentos múltiplos, descrevendo regularidades funcionais da adaptação em contexto real. Entretanto, sua ênfase recai sobre a dinâmica relacional entre organismo, tarefa e ambiente, não permitindo, por si só, acessar de forma direta a dimensão experiencial e significativa da ação vivida pelo atleta. Para avançar na compreensão da tomada de decisão como experiência vivida e significada no curso do combate, mobiliza-se a Teoria do Curso da Ação, que permite reconstruir o ponto de vista do ator em situação.

2.5 Teoria do Curso da Ação (TCA)

A Teoria do Curso da Ação (TCA) emerge no contexto da ergonomia francófona¹⁹ a partir do final da década de 1980, como resposta crítica às abordagens cognitivistas dominantes

¹⁹ A expressão *ergonomia francófona*, também denominada *ergonomia da atividade*, refere-se a uma tradição desenvolvida na França que se distingue de abordagens normativas ou prescritivas do trabalho ao privilegiar a

que concebiam a atividade humana como aplicação de regras, planos ou representações mentais previamente estruturadas (Theureau, 1992, 2002). Desenvolvida principalmente por Jacques Theureau no âmbito do *Conservatoire National des Arts et Métiers* (CNAM)²⁰, a TCA insere-se no movimento mais amplo das abordagens da cognição situada e do paradigma da enação, segundo o qual conhecer não é representar um mundo previamente dado, mas produzir sentido na própria ação, em acoplamento dinâmico com o ambiente (Varela; Thompson; Rosch, 1991, 2003; Theureau, 2014).

Em oposição às metodologias experimentais de laboratório e às tarefas artificialmente estruturadas, a TCA propõe o estudo da atividade em situações naturais, preservando sua continuidade temporal, sua complexidade material, a interação social e a densidade simbólica da ação. O foco desloca-se da busca por leis gerais do comportamento para a descrição rigorosa da organização significativa da atividade tal como ela é vivida pelo ator em situação. Nesse enquadramento, a cognição é compreendida como inseparável do agir, do corpo e das condições concretas da situação, configurando-se como uma atividade incorporada, situada, histórica e culturalmente construída (Theureau, 2002, 2014).

A Teoria do Curso da Ação (TCA) constitui um programa de pesquisa voltado à descrição da atividade humana em situações naturais, cujo objetivo central é compreender como o ator organiza a própria ação sob pressões temporais, incerteza, risco e interação. Essa abordagem busca descrever aquilo que é significativo para o sujeito no momento em que age, a partir do seu ponto de vista, sem reduzir a decisão a explicações abstratas, modelos normativos ou racionalizações retrospectivas (Theureau, 2012, 2014).

Ao longo das últimas décadas, a TCA tem sido amplamente mobilizada em pesquisas qualitativas em diferentes campos do conhecimento, como ergonomia, psicologia do trabalho, educação, formação profissional, atividades de segurança, transporte e saúde, permitindo analisar como indivíduos e coletivos regulam sua atividade em contextos complexos, dinâmicos e socialmente situados (Durand, 2008; Saury; Durand; Theureau, 1997; Poizat; Flandin;

análise da atividade real em situação. Essa perspectiva fundamenta-se na distinção entre tarefa prescrita e atividade efetiva, compreendendo a ação como resultado de uma regulação contínua do sujeito em interação com condições materiais, sociais, organizacionais e simbólicas (Theureau, 2002, 2014). No Brasil, essa tradição foi amplamente apropriada e desenvolvida no campo da ergonomia do trabalho e da análise da atividade.

²⁰ O *Conservatoire National des Arts et Métiers* (CNAM), fundado em 1794, é uma instituição pública francesa dedicada à formação superior, à pesquisa e à inovação tecnológica, com papel central no desenvolvimento da ergonomia da atividade e da análise do trabalho na tradição francófona. A partir da década de 1970, o Laboratório de Ergonomia do CNAM, inicialmente dirigido por Alain Wisner, consolidou-se como um polo internacional de formação e produção científica, tendo formado diversos pesquisadores e agentes públicos brasileiros, o que foi decisivo para a consolidação da Análise Ergonômica do Trabalho e da ergonomia da atividade no Brasil. É nesse contexto institucional e científico que Jacques Theureau desenvolveu o programa de pesquisa do Curso da Ação, articulando ergonomia, semiótica e cognição situada (Theureau, 2002, 2014; Jackson Filho; Lima, 2015).

Theureau, 2023). Nesses domínios, a TCA tem se mostrado particularmente adequada para investigar atividades nas quais a ação se desenvolve em tempo real, sob constrangimentos múltiplos, exigindo ajustes contínuos e tomada de decisão situada.

No campo esportivo, essa perspectiva foi progressivamente incorporada para investigar a tomada de decisão em contextos ecologicamente válidos, preservando o caráter situado, incorporado e histórico das regulações produzidas por atletas em situação de competição. Estudos fundamentados na Teoria do Curso da Ação têm sido desenvolvidos, sobretudo, em modalidades caracterizadas por oposição direta, elevada pressão temporal e necessidade de ajustes contínuos, como o tênis de mesa, a vela e esportes coletivos de invasão, a exemplo do basquetebol. Nessas investigações, a TCA tem sido mobilizada para analisar a organização da atividade de atletas e treinadores, os processos decisórios sob pressão competitiva, a coordenação entre jogadores e a construção de conhecimento prático no próprio curso da ação (Saury; Durand; Theureau, 1997; Bourbousson *et al.*, 2009; Bourbousson; Sève; McGarry, 2010; Poizat; Saury; Sève, 2013).

Em modalidades de combate como o jiu-jitsu, marcadas por oposição direta, continuidade temporal, elevada incerteza e predominância de informação háptica, a TCA mostra-se particularmente pertinente para descrever decisões que não se apresentam como escolhas pontuais, mas como regulações progressivas, ajustadas em microtempos no próprio curso da ação. Nesses contextos, decidir corresponde a manter a viabilidade da ação diante das perturbações impostas pelo adversário, pelo próprio corpo e pelas exigências da situação competitiva, o que reforça a adequação da TCA para a análise do conhecimento tático em ação em esportes de combate.

Para fins de sistematização, as principais características do programa de pesquisa Curso da Ação são apresentadas no Quadro 5.

Quadro 5 – Características centrais do programa de pesquisa Curso da Ação

Dimensão	Teoria do Curso da Ação (TCA)
Origem	Ergonomia francesa (final dos anos 1980)
Instituição de referência	<i>Conservatoire National des Arts et Métiers</i> (CNAM - França)
Principal autor	Jacques Theureau
Paradigma	Cognição situada / Enação
Posição epistemológica	Crítica ao cognitivismo representacional
Objeto de estudo	Atividade humana em situação natural
Unidade de análise	Curso da ação / curso da experiência
Unidade de modelização	Signo hexádico
Natureza da cognição	Incorporada, situada, histórica e cultural
Tipo de dado	Ação observável e experiência vivida
Procedimento central	Autoconfrontação
Contribuição ao esporte	Análise da decisão em contexto real de desempenho

Fonte: Elaborado pela autora, com base em Theureau (2002, 2006, 2014, 2020); Poizat, Saury e Sève (2013).

Na TCA, o curso da ação designa a atividade de um ator em situação concreta, tal como ela se desenrola em continuidade: objetivos locais, preocupações, recursos corporais, interações sociais, regras e contingências materiais que compõem o “mundo” da prática naquele momento (Theureau, 2014). Estudar o curso da ação implica articular dois planos inseparáveis: (a) o plano observável da atividade, documentado por registros audiovisuais; e (b) o plano experiencial, acessado por procedimentos que permitem reconstruir, com o próprio ator, aquilo que era pertinente, notado, buscado, avaliado ou antecipado nos instantes decisivos da ação (Theureau, 2014; Poizat; Saury; Sève, 2013).

Nesse enquadramento, distingue-se o curso da experiência, entendido como a sucessão temporal de significações que o ator consegue evocar e comentar quando revisita episódios de sua própria atividade. O curso da experiência não se confunde com a totalidade do curso da ação: ele corresponde ao que é acessível pela reconstrução guiada, enquanto hábitos, rotinas e regularidades tácitas podem permanecer parcialmente implícitos (Theureau, 2014; Martin; Poizat, 2020). Nesta tese, o foco analítico recai sobre o curso da experiência, sem perder de vista sua ancoragem em uma atividade mais ampla, histórica e situada no contexto competitivo do jiu-jitsu. Essa distinção é fundamental para evitar leituras reducionistas da experiência, uma vez que o curso da experiência não pretende esgotar a totalidade da atividade, mas tornar analiticamente acessível aquilo que foi efetivamente vivido, percebido e significado pelo ator em situação.

Para modelar essa atividade significativa, a TCA adota o signo como unidade fundamental de análise, inspirado na semiótica pragmatista²¹. O signo permite descrever a atividade como um processo contínuo de significação, no qual perceber, agir, antecipar e interpretar constituem dimensões indissociáveis. Essa concepção é formalizada por meio do modelo do signo hexádico, composto por seis componentes interdependentes: Engajamento (E), Situação (S), Representamen (R), Unidade de ação (U), Potencial de ação (A) e Interpretação (I) (Theureau, 2010; Martin; Poizat, 2020).

O Quadro 6 apresenta os componentes do signo hexádico, suas funções analíticas e exemplos no contexto do jiu-jitsu.

²¹ A referência à *semiótica pragmatista* na Teoria do Curso da Ação remete à tradição inaugurada por Peirce, na qual o signo é concebido como um processo relacional e dinâmico, inseparável da ação e da situação. Na TCA, essa perspectiva é mobilizada não como uma teoria geral da linguagem, mas como um instrumento conceitual para modelar a atividade significativa em situação, articulando percepção, ação e interpretação no curso da atividade (Theureau, 2006, 2010, 2014).

Quadro 6 – O signo hexádico na Teoria do Curso da Ação e sua utilização analítica

Componente	Definição na TCA	Questão analítica orientadora	Exemplo no jiu-jitsu
Engajamento (E)	Preocupação dominante que orienta a ação	“O que está em jogo para o atleta neste momento?”	Proteger a base, evitar raspagem
Situação (S)	Recorte do ambiente que se torna pertinente	“O que, na situação, é significativo agora?”	Pressão do adversário, tempo de luta
Representamen (R)	Indício percebido que dispara ajuste	“O que chamou a atenção?”	Afrouxamento da pegada
Unidade de ação (U)	Ação efetivamente realizada	“O que o atleta faz?”	Giro de quadril, ajuste de base
Potencial de ação (A)	Ações possíveis percebidas	“O que pode acontecer a seguir?”	Estabilizar, transitar, atacar
Interpretação (I)	Significação produzida após a ação	“Como o atleta compreende o que ocorreu?”	Avaliação de vantagem posicional

Fonte: Elaborado pela autora, com base em Theureau (2010, 2014) e Martin; Poizat (2020).

Convém enfatizar que o signo hexádico não corresponde a uma decomposição fragmentária da ação nem a uma sequência linear de etapas. Trata-se de um modelo dinâmico que preserva a continuidade temporal e a coerência interna do curso da experiência, permitindo compreender a decisão como processo contínuo de regulação da ação.

À luz desses pressupostos, a TCA oferece um referencial consistente para compreender a tomada de decisão como um processo situado, contínuo e corporificado, no qual ação e significação se constroem no próprio curso da atividade. Na presente investigação, esses princípios fundamentam a articulação entre a análise da ação observável e a reconstrução da experiência vivida do atleta, operacionalizada por meio das Unidades Táticas. A forma como o signo hexádico é mobilizado analiticamente na delimitação e interpretação dessas unidades é detalhada na seção metodológica, onde se explicitam os procedimentos e critérios adotados.

Ao articular o plano observável da atividade e o plano experiencial acessível por entrevista de autoconfrontação, a TCA fornece operadores consistentes para descrever regulações e significações no curso da ação. A subseção seguinte explicita como esse referencial se integra à Dinâmica Ecológica, compondo a base teórico-metodológica que orienta a análise das Unidades Táticas nesta pesquisa.

2.6 Integração TCA–DE para análise da tomada de decisão no jiu-jitsu: convergências epistemológicas e metodológicas

Na perspectiva da Dinâmica Ecológica (DE), a tomada de decisão não é concebida como um ato mental isolado, mas como um processo emergente de regulação da ação no acoplamento

contínuo entre atleta, tarefa e ambiente (Araújo; Davids; Serpa, 2005; Davids; Button; Bennett, 2008). Decidir significa ajustar-se dinamicamente às informações disponíveis na situação, explorando *affordances* que se transformam à medida que os constrangimentos se reorganizam no curso da interação (Gibson, 1979; Renshaw *et al.*, 2019).

Um aspecto central dessa regulação diz respeito à organização temporal da ação. Em contextos de oposição direta, o ritmo não é imposto externamente, mas emerge simultaneamente da interação entre os atletas (Kelso, 1995; Davids; Araújo, 2016). Nesse sentido, podem ser distinguidos dois níveis complementares de ajuste temporal, derivados analiticamente dos princípios da coordenação dinâmica e da auto-organização da ação propostos no âmbito da Dinâmica Ecológica (Gibson, 1979; Kelso, 1995; Araújo; Davids, 2016):

- (a) regulação rítmica²², relacionada à gestão global da cadência do combate, como acelerar, estabilizar ou desacelerar a luta em função de variáveis contextuais;
- (b) modulação rítmica, correspondente a microajustes contínuos e sutis, perceptíveis sobretudo pelo contato corporal, que permitem variações sutis de *timing*, pressão e velocidade no instante da ação (Poizat; Saury; Sève, 2013; Kelso, 2009).

A integração com a TCA aprofunda essa compreensão ao incorporar o ponto de vista vivido do atleta. Enquanto a DE descreve as regularidades funcionais e os padrões de organização da ação sob constrangimentos, a TCA permite acessar como essas mesmas ações são percebidas, significadas e reguladas pelo ator em situação (Theureau, 2014, 2020; Poizat *et al.*, 2009). Assim, a decisão passa a ser compreendida simultaneamente como um fenômeno ecológico e experiencial, no qual organização do comportamento e produção de sentido constituem dimensões inseparáveis.

Essa convergência repousa sobre pressupostos epistemológicos comuns às duas abordagens: a rejeição do representacionismo clássico, a centralidade da ação situada e a compreensão da cognição como corporificada, relacional e historicamente construída. Ambas reconhecem que conhecer não antecede o agir, mas se produz no próprio curso da ação, em diálogo contínuo com o ambiente e com o outro.

Do ponto de vista metodológico, a integração TCA–DE fundamenta a articulação entre o plano observável da ação e o plano experiencial da decisão. Os registros audiovisuais

²² Os termos *regulação rítmica* e *modulação rítmica* são utilizados nesta tese como categorias analíticas derivadas dos princípios da coordenação dinâmica e da auto-organização da ação, conforme desenvolvidos por Kelso (1995, 2009) e pela Dinâmica Ecológica aplicada ao esporte (Araújo; Davids, 2016). Não se trata de nomenclaturas literais empregadas pelos autores, mas de uma operacionalização conceitual adotada para descrever diferentes escalas temporais de ajuste da ação em contextos de oposição.

permitem documentar a organização ecológica do comportamento — posições, transições, ritmos, padrões de pressão e constrangimentos da tarefa —, enquanto os procedimentos de autoconfrontação tornam acessíveis as significações vividas que orientam essas regulações, tais como preocupações dominantes, percepções relevantes, expectativas e avaliações situadas (Theureau, 2014; Poizat; Saury; Sève, 2013).

A Unidade Tática (UT) constitui um ponto de articulação privilegiado entre as duas abordagens. A UT delimita episódios decisórios funcionalmente coerentes no fluxo do combate, nos quais é possível analisar, de forma integrada, tanto a organização da ação sob constrangimentos (DE) quanto o curso da experiência vivido pelo atleta (TCA). Essa dupla ancoragem evita reducionismos mecanicistas, que tratariam a decisão como resposta automática, e representacionistas, que a explicariam como escolha mental abstrata, sustentando uma leitura fenomenológico-ecológica da tomada de decisão.

Assim, a integração TCA–DE oferece um quadro analítico significativo para compreender a decisão no jiu-jitsu como regulação situada e corporificada, na qual percepções hápticas, padrões coordenativos e significações vividas se entrelaçam no exato momento da ação. Esse enquadramento teórico-metodológico fundamenta as opções analíticas adotadas nesta investigação e orienta a operacionalização empírica apresentada na seção de Metodologia.

Nesse enquadramento, particularmente quando aplicado a modalidades de combate caracterizadas pela predominância da informação háptica, como o jiu-jitsu, a Unidade Tática (UT) constitui um ponto de articulação privilegiado entre a Dinâmica Ecológica e a Teoria do Curso da Ação, pois delimita episódios decisórios funcionalmente coerentes no fluxo do combate, nos quais se torna possível analisar, de forma integrada, a organização da ação sob constrangimentos (DE) e o curso da experiência vivido pelo atleta (TCA). Essa coerência entre ação, sentido e ambiente fundamenta as opções metodológicas adotadas nesta investigação — em especial a análise cruzada entre vídeo da luta e autoconfrontação, a segmentação em UTs e a codificação pelo signo hexádico em diálogo com constrangimentos ecológicos —, detalhadas na seção seguinte.

3 METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se como um estudo qualitativo, observacional e de natureza descritivo-interpretativa, ancorado no campo da análise do desempenho esportivo. A análise do desempenho é aqui compreendida como a investigação sistemática da performance em contextos reais de prática, com o objetivo de identificar, organizar e interpretar padrões técnicos, táticos e decisórios que emergem da ação competitiva (O'Donoghue, 2014).

Essa abordagem parte do pressuposto de que o desempenho esportivo não pode ser adequadamente compreendido por meio de registros descontextualizados ou exclusivamente laboratoriais, uma vez que a ação esportiva se organiza em interação contínua com adversários, regras, ambiente e pressões situacionais. Assim, a análise do desempenho é concebida não apenas como mensuração de eventos, mas como um processo de produção de informação funcional, no qual dados observáveis são organizados e interpretados à luz de objetivos analíticos explícitos e de referenciais teórico-metodológicos consistentes (O'Donoghue, 2014).

No contexto do jiu-jitsu esportivo, essa opção metodológica implica preservar a continuidade temporal da luta, as relações de oposição direta e as contingências próprias do ambiente competitivo, de modo a garantir elevada validade ecológica e coerência com a natureza situada da tomada de decisão.

3.1 Tipo e delineamento da pesquisa

Do ponto de vista do delineamento, a investigação configura-se como um estudo qualitativo, observacional e descritivo-interpretativo, orientado pela Dinâmica Ecológica (DE) e pela Teoria do Curso da Ação (TCA). Essa escolha metodológica responde à necessidade de compreender como atletas faixa-preta de jiu-jitsu constroem, regulam e mobilizam conhecimento tático em ação, articulando constrangimentos ecológicos e significações vividas no fluxo real do combate.

Conforme argumenta Minayo (2014), os estudos qualitativos são especialmente apropriados para investigar fenômenos complexos, singulares e profundamente contextualizados, pois permitem acessar sentidos, motivações, estratégias e modos de engajamento que não se reduzem a indicadores quantitativos. Tal enquadramento mostra-se particularmente pertinente para o jiu-jitsu, modalidade caracterizada por imprevisibilidade, oposição direta, acoplamento corporal e elevada dependência de ajustes situados.

Inspirada no paradigma enativo-ecológico (Theureau, 2014; Araújo; Davids, 2009), a pesquisa toma a ação situada como unidade de análise. O comportamento do atleta é compreendido não como resultado de variáveis isoladas, mas como expressão de um sistema dinâmico acoplado, constituído pela interação contínua entre atleta, adversário e ambiente competitivo. Nessa perspectiva, o conhecimento não precede a ação, mas emerge na e pela ação, sendo atualizado no fluxo de percepções hápticas, ajustes motores e interpretações situadas (Poizat; Saury; Sève, 2013; Avelar-Rosa *et al.*, 2015).

Metodologicamente, o estudo articula duas dimensões analíticas complementares:

- análise ecológica da performance, voltada à identificação de constrangimentos do organismo, da tarefa e do ambiente que moldam a organização da ação tática (Newell, 1986; Davids; Button; Bennett, 2008);
- análise fenomenológica da experiência, dedicada à reconstrução do curso significativo da ação a partir do ponto de vista do atleta, permitindo acessar percepções, intenções, preocupações e critérios locais de regulação (Theureau, 2014; Poizat; Flandin; Theureau, 2023).

A integração dessas dimensões configura o delineamento como um estudo de casos múltiplos, conforme proposto por Yin (2001). Cada atleta é tratado como um caso singular e, conjuntamente, os quatro casos constituem um caso coletivo, possibilitando tanto a análise intracaso quanto a identificação de regularidades e contrastes intercasos na tomada de decisão tática.

A pesquisa foi realizada em ambiente natural de competição, assegurando elevada validade ecológica (Araújo; Davids, 2009). As lutas analisadas não foram simuladas nem manipuladas: sendo todas provenientes de confrontos oficiais realizados no Campeonato Brasileiro de Jiu-Jitsu 2025, o que preserva pressões reais de tempo, emoção risco e exigências táticas.

A TCA foi mobilizada como dispositivo privilegiado de acesso à experiência vivida, por meio de entrevistas de autoconfrontação apoiadas em registros audiovisuais integrais das lutas. A DE, por sua vez, ofereceu o quadro explicativo para articular organismo, tarefa e ambiente, permitindo integrar a análise microfenomenológica da experiência e a análise mesoecológica da organização tática da ação.

A pesquisadora, também faixa-preta e conhecedora do universo técnico, simbólico, e cultural do jiu-jitsu, atuou como observadora participante reflexiva. Essa inserção situada favoreceu uma escuta sensível e uma mediação empática durante as entrevistas de autoconfrontação, ampliando a densidade fenomenológica dos relatos e fortalecendo a

consistência interpretativa do processo analítico, em consonância com os pressupostos da TCA (Theureau, 2014).

Do ponto de vista ético, a pesquisa foi conduzida em conformidade com a Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde. Todos os atletas convidados que aceitaram participar do estudo assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice B), após serem devidamente informados sobre os objetivos da investigação, os procedimentos de coleta de dados, as garantias de sigilo, anonimato e confidencialidade das informações, asseguradas de forma proporcional e adequada ao risco, considerando o contexto público e competitivo no qual o estudo foi realizado, bem como sobre o direito de desistência a qualquer momento, sem qualquer prejuízo. O projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade de Brasília (CEP/UnB), assegurando que o delineamento metodológico adotado respeitasse os princípios éticos estabelecidos pela Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (Anexo 1). As considerações éticas são detalhadas na seção 3.7.

3.2 Contexto e participantes

O campo empírico da pesquisa foi o Campeonato Brasileiro de Jiu-Jitsu 2025, promovido pela Confederação Brasileira de Jiu-Jitsu (CBJJ) e realizado no Ginásio José Corrêa, em Barueri (SP), entre 26 de abril e 4 de maio de 2025. Trata-se de um dos eventos mais relevantes do cenário nacional e internacional da modalidade, reunindo atletas de alto rendimento de diferentes equipes, regiões do Brasil e de outros países. Por essas características, o evento constitui um contexto de elevada validade ecológica para a análise da tomada de decisão tática em condições autênticas de pressão competitiva (Araújo; Davids, 2009; Seifert; Davids, 2023).

O material empírico da investigação foi composto por registros audiovisuais integrais de lutas de jiu-jitsu, preservando a continuidade temporal e as contingências próprias do contexto de competição. O uso do vídeo como instrumento central de coleta justifica-se por sua capacidade de captar a complexidade da performance em situação real, condição essencial para análises orientadas à compreensão de processos decisórios e padrões táticos em fluxo (O'Donoghue, 2014).

A opção por registros integrais, em detrimento de recortes previamente selecionados, contribui para manter elevada validade ecológica, permitindo que a ação seja analisada como

um todo contínuo, no qual decisões emergem da interação dinâmica entre atletas, regras e ambiente competitivo (O'Donoghue, 2014).

O acesso ao evento foi solicitado previamente por meio de comunicação eletrônica (e-mail) e autorizado pela organização do Campeonato Brasileiro de Jiu-Jitsu no próprio local da competição, mediante reconhecimento institucional da pesquisadora como professora e faixa-preta, condição que confere credenciamento para circulação na área de luta e demais espaços restritos. A pesquisadora acompanhou as lutas *in loco* e, posteriormente, obteve os vídeos oficiais por meio da plataforma FloGrappling, detentora dos direitos de transmissão. O acesso aos registros audiovisuais ocorreu por meio de login institucional, solicitado formalmente à direção da FloGrappling e concedido exclusivamente para fins acadêmicos. Tal condição permitiu o acesso aos vídeos com *timecodes*, áudio ambiente e placar oficiais, assegurando a precisão na reconstrução das ações observáveis e a correspondência rigorosa com as verbalizações produzidas nas entrevistas de autoconfrontação.

Foram definidos como critérios de inclusão: (a) ser atleta faixa-preta da categoria adulto; (b) participar do Campeonato Brasileiro de Jiu-Jitsu 2025; (c) estar em plena atividade competitiva; (d) aceitar voluntariamente participar da pesquisa, mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE); e (e) dispor de registros audiovisuais completos das lutas para fins de análise e autoconfrontação.

O processo de convite e seleção dos participantes ocorreu de forma progressiva, respeitando a cronologia do evento competitivo. Aproximadamente um mês antes do início do campeonato, seis atletas das categorias peso galo, leve, meio-pesado e pesadíssimo foram convidados a participar da pesquisa por meio de contato telefônico e redes sociais. Esses atletas, à época, ocupavam posições de destaque no Ranking 2024–2025 da CBJJ/IBJJF.

Durante a realização da competição, novos convites foram realizados presencialmente no ginásio, ampliando o número de atletas convidados e contemplando todas as categorias de peso da categoria adulto faixa-preta com kimono (Gi)²³, conforme o regulamento oficial da IBJJF. De acordo com esse regulamento, a organização competitiva da modalidade estruturou-se a partir da combinação de quatro critérios normativos: faixa, categoria de idade, sexo²⁴ e

²³ Gi refere-se à modalidade de jiu-jitsu praticada com kimono, vestimenta tradicional que permite o uso de pegadas no tecido, diferenciando-se da modalidade *No-Gi*, na qual não há utilização de kimono e as regras de pegada são distintas, conforme o regulamento da *International Brazilian Jiu-Jitsu Federation* (IBJJF).

²⁴ Neste trabalho, o termo *sexo* é empregado exclusivamente em conformidade com a nomenclatura e os critérios classificatórios adotados pelo regulamento oficial da *International Brazilian Jiu-Jitsu Federation* (IBJJF), que organiza as competições esportivas a partir das categorias de faixa, idade, sexo e peso corporal. O uso do termo refere-se, portanto, à configuração normativa da tarefa competitiva analisada, não sendo mobilizado para tratar de aspectos identitários, socioculturais ou de gênero. As regras relativas à classificação por sexo constituem um

peso corporal. No recorte adotado nesta investigação, foram consideradas as categorias adulto, faixa-preta, com kimono (Gi), totalizando 17 categorias de peso, sendo 9 no masculino e 8 no feminino. Ao final desse processo, quinze atletas aceitaram participar voluntariamente da pesquisa. A distribuição das categorias de peso está apresentada na Tabela 1.

Tabela 1 – Categorias de peso da categoria adulto faixa-preta com kimono (Gi) – IBJJF

Categoria	Masculino	Feminino
Galo	57,50 kg	48,50 kg
Pluma	64,00 kg	53,50 kg
Pena	70,00 kg	58,50 kg
Leve	76,00 kg	64,00 kg
Médio	82,30 kg	69,00 kg
Meio-pesado	88,30 kg	74,00 kg
Pesado	94,30 kg	79,30 kg
Superpesado	100,50 kg	Sem limite máximo
Pesadíssimo	Sem limite máximo	—

Fonte: Elaborado pela autora, com base na Tabela de Peso da IBJJF

Todos os quinze atletas que aceitaram participar realizaram entrevistas de autoconfrontação apoiadas nos registros audiovisuais de suas lutas, independentemente do resultado competitivo, assegurando acesso à experiência vivida em situação real de combate.

Entre os quinze atletas participantes:

- dez atletas realizaram duas ou mais lutas, possibilitando a realização de duas autoconfrontações cada;
- três atletas foram eliminados na primeira luta, realizando apenas uma autoconfrontação;
- dois atletas desistiram da segunda autoconfrontação após perderem a luta final;
- um atleta teve o registro de sua luta interrompido na plataforma FloGrappling faltando aproximadamente dois minutos para o término, o que inviabilizou a análise completa e a realização integral da autoconfrontação.

Foram definidos como critérios de exclusão: (a) não ter conquistado o título da categoria no campeonato; (b) não ter realizado duas autoconfrontações completas; e (c) não dispor de material empírico suficiente para a reconstrução do curso da experiência.

Após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, quatro atletas foram selecionados para compor o corpus empírico final do estudo, entendido como o conjunto de dados efetivamente analisados em profundidade. Todos os atletas selecionados foram campeões de suas respectivas categorias no Campeonato Brasileiro de Jiu-Jitsu 2025.

Os participantes incluídos são dois atletas do sexo masculino e duas atletas do sexo feminino. No masculino, foram selecionados: um atleta da categoria peso galo (57,50 kg) e um atleta da categoria peso meio-pesado (88,30 kg). No feminino, foram incluídas: uma atleta da categoria peso pluma (53,50 kg) e uma atleta da categoria peso superpesado (sem limite máximo).

Esses quatro participantes compõem uma amostra intencional e teórica (Flick, 2009; Minayo, 2007), orientada pelo princípio de maximizar a densidade fenomenológica e a validade ecológica, priorizando profundidade interpretativa em detrimento da representatividade estatística. A composição dos casos contemplou contraste por sexo (Pires, 2008), sendo os atletas identificados como A1, A2, A3 e A4.

Todos os atletas selecionados encontravam-se em plena atividade competitiva e possuíam experiência nacional e internacional, caracterizando-se como praticantes de alto nível, em consonância com a literatura sobre expertise e desempenho de elite (Ericsson Krampe; Tesch-Romer, 1993; Williams; Hodges, 2005; Franchini; Del Vecchio, 2011; Côté; Lidor; Hachfort, 2009).

Dessa forma, o corpus final da pesquisa foi composto por:

- oito lutas (duas por atleta: primeira luta e luta final);
- oito entrevistas de autoconfrontação (uma por luta analisada);
- quatro estudos de caso completos, correspondentes aos atletas selecionados.

As duas lutas analisadas por atleta pertencem a mesma competição oficial. A primeira luta corresponde à estreia na chave, enquanto a luta final representa a disputa decisiva pelo título. Ambas ocorreram sob condições típicas de alta pressão competitiva, contra adversários com estilos e estratégias distintas, possibilitando identificar regularidades, pontos de inflexão e adaptações táticas ao longo do campeonato.

A seleção de múltiplos casos segue as recomendações de Yin (2001; 2009), assegurando unidades analíticas comparáveis e permitindo a realização de generalizações analíticas, e não estatísticas, próprias de estudos qualitativos de natureza fenomenológico-ecológica.

Nesse enquadramento, o Campeonato Brasileiro de Jiu-Jitsu 2025 funcionou como um laboratório natural de observação, preservando autenticidade, singularidade das interações e coerência ecológica — condições fundamentais para investigar como atletas de alto rendimento constroem e mobilizam conhecimento tático em ação.

O Quadro 7 apresenta o desenho da pesquisa, a composição dos casos, as unidades de análise e o tipo de desfecho competitivo (por pontos, vantagens ou finalização) em cada uma das lutas analisadas.

Quadro 7 – Desenho da pesquisa: composição de casos e unidades de análise

Unidade	Casos			
	Atleta A1	Atleta A2	Atleta A3	Atleta A4
I - Luta 1 Primeira luta	Placar: 14 x 6 (A1: 10 vantagens e 1 falta × adversário: 2 vantagens e 3 faltas). Resultado: vitória por pontos.	Placar: 4 x 0 (A2: 3 vantagens × adversário: 1 vantagem). Resultado: vitória por finalização (estrangulamento “Arco e Flecha”).	Placar: 2 x 2 (A3: 1 vantagem). Resultado: vitória por 1 vantagem.	Placar: 2 x 0. Resultado: vitória por finalização (estrangulamento da meia-guarda).
II - Luta 2 Luta Final	Placar: 2 x 2 (A1: 1 falta × adversário: 1 falta; A1 com 1 vantagem). Resultado: vitória por 1 vantagem.	Placar: 4 x 0 (A2: 2 vantagens). Resultado: vitória por finalização (estrangulamento “Arco e Flecha”).	Placar: 0 x 0 (A3: 2 faltas e 1 vantagem × adversária: 2 faltas e 1 vantagem). Resultado: vitória por decisão dos árbitros.	Placar: 4 x 2 (A4: 1 vantagem × adversário: 4 vantagens). Resultado: vitória por pontos.

Fonte: Elaborado pela autora.

3.3 Delimitação das Unidades Táticas (UTs)

No âmbito desta investigação, a Unidade Tática (UT) constitui o principal recorte analítico para o estudo da tomada de decisão no jiu-jitsu. A UT é definida como um episódio funcionalmente coerente do curso da ação, no qual se estabiliza, ainda que provisoriamente, um problema tático reconhecível, orientando as regulações perceptivo-motoras e decisórias do atleta no fluxo da luta.

Diferentemente de uma ação técnica isolada ou de uma fase global do combate, a UT corresponde a um segmento contínuo da atividade, delimitado por mudanças relevantes na

configuração da situação — tais como posição, controle, pressão, risco, pontuação ou relação corporal com o adversário — que implicam reorganização do engajamento e dos potenciais de ação. Trata-se, portanto, de uma unidade intermediária: menor que a luta como um todo, mas mais ampla que um gesto técnico, compatível com a natureza dinâmica, interativa e háptica do jiu-jitsu.

Do ponto de vista metodológico, a UT não é concebida como uma estrutura psicológica pré-definida, mas como uma unidade analítica construída pela pesquisadora, ancorada na observação sistemática do desempenho em vídeo e validada pela reconstrução da experiência vivida do atleta por meio da autoconfrontação. Essa opção preserva a continuidade temporal da ação e evita fragmentações artificiais baseadas exclusivamente em critérios cronológicos ou técnicos, o que comprometeria a validade ecológica da análise.

3.3.1 Critérios Operacionais para delimitação das UTs

A delimitação das Unidades Táticas exigiu a definição de critérios operacionais capazes de preservar a continuidade funcional da ação e, simultaneamente, respeitar a significação da situação para o atleta. Para evitar recortes arbitrários baseados apenas em tempo ou em ações técnicas isoladas, adotou-se uma lógica de segmentação orientada por mudanças relevantes no problema tático e na organização do acoplamento atleta–adversário–tarefa.

Os critérios adotados para o início, o fim e a validação das UTs, bem como os indicadores observáveis no vídeo e sua confirmação pela autoconfrontação, são apresentados no Quadro 8.

Quadro 8 – Critérios operacionais para delimitação das Unidades Táticas (UTs)

(Continua)

Aspecto	Critério adotado	Indicadores observáveis no vídeo	Confirmação pela autoconfrontação (TCA)
Princípio geral	A UT corresponde a um episódio decisório funcionalmente coerente no fluxo do combate	Continuidade da interação sem ruptura funcional	Estabilidade provisória das preocupações, percepções e intenções do atleta
Início da UT	Emergência de um novo problema tático	Mudança posicional; alteração de controle; variação significativa de distância; início de ataque, defesa ou transição	Reorganização do engajamento dominante (“agora eu precisava defender”, “aqui vi chance de atacar”)
Início da UT	Reconfiguração do acoplamento atleta–adversário	Alteração clara nas pegadas, pressão, base, ângulo ou relação corporal	Mudança no foco perceptivo ou no que se torna relevante na situação

Quadro 8 – Critérios operacionais para delimitação das Unidades Táticas (UTs)

(Conclusão)

Aspecto	Critério adotado	Indicadores observáveis no vídeo	Confirmação pela autoconfrontação (TCA)
Início da UT	Transição entre dimensões táticas (no sentido analítico)	Passagem de manutenção → ofensiva; defensiva → transição; etc.	Explicitação de nova preocupação ou objetivo momentâneo
Fim da UT	Resolução do problema tático	Estabilização de posição; defesa bem-sucedida; conclusão de ataque	Interpretação da ação como “resolvida”, “neutralizada” ou “sem continuidade”
Fim da UT	Transformação do problema tático	Ataque frustrado que gera defesa; perda de controle; inversão situacional	Reorganização do engajamento e projeção de novos potenciais de ação
Fim da UT	Ruptura da continuidade funcional	Interrupção do árbitro; saída da área; punição; pausa explícita	Relato de quebra do fluxo da ação ou mudança forçada da situação
Validação do recorte	Triangulação vídeo–experiência	Coerência temporal e funcional do episódio observado	Correspondência entre limites da UT e mudança no curso da experiência
Natureza da UT	Unidade analítica situada	Não definida por tempo fixo nem por ação técnica isolada	Definida pela significação da situação para o atleta

Fonte: Elaborado pela autora, com base na Teoria do Curso da Ação (Theureau, 2014, 2020) e na Dinâmica Ecológica (Araújo; Davids, 2009).

Os critérios apresentados no Quadro 8 evidenciam que a delimitação das Unidades Táticas não se apoia em marcadores temporais fixos, mas na identificação de episódios decisórios funcionalmente coerentes no fluxo do combate. A validação desses recortes foi realizada por meio da triangulação entre registros audiovisuais e entrevistas de autoconfrontação, assegurando correspondência entre os limites definidos no plano observável da ação e as mudanças efetivamente vividas no curso da experiência do atleta.

3.3.2 Delimitação das UTs segundo as dimensões analíticas de natureza tática

Embora os critérios operacionais apresentados no Quadro 8 orientem a delimitação das UTs de forma transversal, a emergência, estabilização e resolução dos episódios decisórios assumem características específicas conforme a dimensão analítica de natureza tática predominante em cada situação do combate

Essas dimensões não correspondem a estados fixos da luta nem a categorias nativas do jogo, mas constituem referenciais analíticos construídos pela pesquisadora para interpretar a função tática das ações no fluxo da interação, em consonância com os pressupostos da Dinâmica Ecológica e da Teoria do Curso da Ação.

Em razão disso, foram adotados critérios diferenciados para identificar o início e o fim das UTs em situações ofensivas, defensivas, de manutenção, de transição e de gestão estratégico-tática do combate, respeitando a continuidade temporal da ação e a centralidade do problema decisório vivido pelo atleta.

Esses critérios, bem como seus indicadores observáveis no vídeo e sua confirmação pela autoconfrontação, são apresentados no Quadro 9.

Quadro 9 – Critérios de início e fim das Unidades Táticas (UTs) segundo as dimensões analíticas de natureza tática

(Continua)

Dimensão analítica de natureza tática	Critérios de início da UT	Indicadores observáveis (vídeo)	Confirmação pela autoconfrontação (TCA)	Critérios de fim da UT
Ofensiva	Emergência de intenção explícita de progressão, desequilíbrio ou finalização	Entrada de ataque; tentativa de queda; início de passagem; ajuste para finalização; aceleração do ritmo	Relatos de iniciativa (“vi a chance”, “era o momento de atacar”, “quis progredir”)	Ataque resolvido (sucesso ou falha); perda da iniciativa; transição para defesa ou manutenção
Defensiva	Percepção de ameaça imediata ou iminente	Defesa de queda; enquadramentos; frames; bloqueios; redução de espaço; desaceleração	Relatos de proteção (“precisava me defender”, “evitar a passagem”, “não podia perder a posição”)	Ameaça neutralizada; estabilização defensiva; abertura para contra-ataque ou transição
Manutenção	Estabilização funcional de uma posição ou relação de controle	Controle lateral; guarda fechada estabilizada; controle de pegadas; gestão de ritmo	Relatos de controle (“segurar”, “estabilizar”, “esperar o momento certo”)	Quebra da estabilidade; iniciativa ofensiva; pressão do adversário que exige defesa
Transição	Reorganização estrutural do combate	Raspagem em curso; passagem em andamento; troca de base; giro; mudança rápida de posição	Relatos de ajuste (“acompanhar”, “seguir o movimento”, “reorganizar”)	Nova posição estabilizada; definição ofensiva ou defensiva clara
Estratégico-tática (gestão de combate)	Mudança deliberada de ritmo, risco ou postura em função do contexto	Controle de tempo; pausa ativa; escolhas conservadoras; administração de placar	Relatos contextuais (“ganhar tempo”, “administrar vantagem”, “não me expor”)	Retorno à ação tática direta (ofensiva, defensiva ou transição)

Quadro 9 – Critérios de início e fim das Unidades Táticas (UTs) segundo as dimensões analíticas de natureza tática

(Conclusão)

Dimensão analítica de natureza tática	Critérios de início da UT	Indicadores observáveis (vídeo)	Confirmação pela autoconfrontação (TCA)	Critérios de fim da UT
Mista (sobreposição funcional)	Coexistência de ameaça e oportunidade simultâneas	Defesa com intenção de contra-ataque; ataque com proteção ativa	Relatos ambíguos (“defendendo já pensando em atacar”)	Predominância clara de uma dimensão (ofensiva, defensiva ou manutenção)
Critério transversal de delimitação das Uts	Mudança no problema decisório central	Alteração perceptível do acoplamento atleta–adversário	Reorganização do engajamento dominante (E)	Emergência de novo problema decisório

Nota explicativa: Cumpre esclarecer que a categoria *mista* não constitui uma dimensão tática (no sentido analítico) autônoma, mas designa episódios em que duas ou mais dimensões analíticas de natureza tática se sobrepõem funcionalmente no fluxo da ação, refletindo a continuidade, a metaestabilidade e a natureza não linear da tomada de decisão em situações de combate. Do mesmo modo, o *critério transversal* não constitui uma dimensão de natureza tática específica, mas um recurso metodológico empregado para a delimitação das Unidades Táticas (UTs), aplicável a todas as dimensões analíticas e relacionado à emergência de um novo problema decisório central no curso da ação. A gestão estratégico-tática, por sua vez, não é tratada como uma quinta dimensão tática (no sentido analítico) autônoma, sendo compreendida nesta investigação como um nível transversal de regulação da ação, aplicável a todas as dimensões analíticas. Para a fundamentação conceitual dessa opção analítica, ver seção 3.5.4.

Fonte: Elaborado pela autora, com base na Teoria do Curso da Ação (Theureau, 2002, 2014) e na Dinâmica Ecológica (Araújo; Davids, 2009).

3.3.3 A UT como unidade intermediária entre ação e experiência

Em articulação com a Teoria do Curso da Ação, cada UT é tratada como um episódio decisório significativo, no qual se torna possível reconstruir o curso da experiência a partir dos componentes do signo hexádico (Engajamento, Situação, Representamen, Unidade de ação, Potencial de ação e Interpretação). Simultaneamente, à luz da Dinâmica Ecológica, a UT expressa um momento particular de organização do acoplamento atleta-adversário-tarefa, no qual constrangimentos e *affordances* configuram o campo de possibilidades táticas disponíveis.

Dessa forma, a Unidade Tática opera como um elo metodológico entre o plano observável da ação e o plano experiencial da decisão, permitindo analisar como o conhecimento tático é mobilizado, ajustado e transformado em tempo real no contexto competitivo do jiu-jitsu. Essa concepção está em consonância com propostas clássicas da análise do desempenho e da atividade, que reconhecem a necessidade de recortes funcionais capazes de preservar a lógica da ação situada em esportes dinâmicos (O’Donoghue, 2014; Theureau, 2014).

3.3.4 Operacionalização do signo hexádico na análise das Uts

Nesse enquadramento, a UT não constitui apenas um recorte funcional do combate, mas uma unidade analítica aberta à reconstrução do curso da experiência. Para tornar essa reconstrução operável no plano empírico, adotou-se o modelo do signo hexádico da Teoria do Curso da Ação como estrutura analítica de leitura das UTs, articulando ação observável e significações vividas pelo atleta.

A operacionalização do signo hexádico, com suas definições, indicadores empíricos e exemplos no contexto do jiu-jitsu esportivo, é apresentada no Quadro 10.

Quadro 10 – Estrutura analítica do signo hexádico aplicada às Unidades Táticas (UTs)

(Continua)

Componente do signo	Definição operacional (TCA)	Indicadores empíricos na pesquisa	Exemplo no jiu-jitsu
Engajamento (E)	Preocupação dominante que orienta a ação do atleta naquele instante do curso da luta; expressa o “ <i>para quê</i> ” imediato da ação, tal como vivido na situação.	Verbalizações espontâneas na autoconfrontação sobre intenção, preocupação, objetivo ou foco momentâneo, evocadas diretamente pela cena do vídeo.	“Aqui minha preocupação era não perder a base e ganhar tempo.”
Situação significativa (S)	Recorte da situação que se torna pertinente para o atleta naquele momento, em função do engajamento em curso; corresponde ao <i>mundo relevante</i> da ação.	Elementos da configuração da luta destacados pelo atleta ao rever o vídeo (posição, pressão, tempo restante, placar, risco de punição).	Base aberta do adversário; proximidade da borda da área de luta; tempo final da luta.
Representamen (R)	Indício perceptivo que faz sinal ao atleta e convoca a reorganização da ação; emerge da percepção direta (háptica, proprioceptiva ou visual).	Relatos de micropercepções evocadas na autoconfrontação (sensação de peso, afrouxamento de pegada, deslocamento de base), sincronizadas ao vídeo.	“Senti o peso dele vindo para frente”; “a pegada dele afrouxou aqui.”
Unidade de ação (U)	Ação efetivamente realizada pelo atleta em resposta ao representamen, no contexto da situação significativa; corresponde ao gesto observado.	Ação observável no vídeo (descrita objetivamente na UT), validada pela correspondência com a fala situada do atleta.	Giro de quadril; entrada de raspagem; ajuste de base; mudança de pegada.

Quadro 10 – Estrutura analítica do signo hexádico aplicada às Unidades Táticas (UTs)
(Conclusão)

Componente do signo	Definição operacional (TCA)	Indicadores empíricos na pesquisa	Exemplo no jiu-jitsu
Potencial de ação (A)	Conjunto de continuidades percebidas como possíveis e relevantes pelo atleta após a execução da ação; expressa a abertura prospectiva do curso da ação.	Fala prospectiva evocada na autoconfrontação (“daqui eu podia[...]”; “tinha a opção de [...]”), sem indução do pesquisador.	Estabilizar a posição; subir para a montada; administrar o tempo.
Interpretação (I)	Significação produzida após a ação, que reorganiza o engajamento subsequente e orienta a continuidade do curso da luta.	Avaliações situadas do atleta sobre o efeito imediato da ação (“aqui fiquei melhor”; “não valia forçar”), evocadas no fluxo do vídeo.	“Aqui eu vi que fiquei melhor na luta”; “percebi que não era o momento de forçar.”

Fonte: Elaborado pela autora, com base em Theureau (2010, 2014) e Martin e Poizat (2020).

O Quadro 10 explicita como o signo hexádico foi mobilizado nesta pesquisa não como um esquema teórico abstrato, mas como um dispositivo analítico aplicado à interpretação das Unidades Táticas. Cada componente do signo é reconstruído a partir da evocação situada da experiência do atleta diante do vídeo de sua própria ação, preservando o caráter pré-reflexivo, contínuo e incorporado da decisão.

Dessa forma, a UT não se apoia exclusivamente na descrição técnica do gesto nem se reduz à interpretação externa do pesquisador, mas constitui uma unidade analítica validada simultaneamente no plano ecológico (congruência gesto–tempo–situação) e no plano fenomenológico (coerência interna das significações vividas). Essa articulação assegura consistência teórico-metodológica com a Teoria do Curso da Ação e com a Dinâmica Ecológica, sustentando a análise da tomada de decisão como regulação situada, corporificada e emergente no contexto competitivo do jiu-jitsu.

Nesse sentido, o signo hexádico foi mobilizado como uma estrutura de leitura capaz de manter rastreabilidade entre (i) a materialidade da ação no tempo (vídeo, *timecodes*, transições e constrangimentos da tarefa) e (ii) a experiência vivida do atleta, evocada em situação de autoconfrontação. Nesse enquadramento, a UT consolida-se como unidade intermediária: um recorte funcional do curso da ação que já nasce metodologicamente aberto ao plano fenomenológico, ao mesmo tempo em que permanece ancorado nas dinâmicas ecológicas do combate. Essa dupla ancoragem (ação observável ↔ significação vivida) orienta, a seguir, a

definição dos instrumentos e procedimentos de coleta e sustenta a progressão analítica descrita na seção de análise dos dados.

3.4 Instrumentos e procedimentos de coleta de dados

A investigação utilizou um conjunto articulado de instrumentos e procedimentos de coleta planejados para preservar a natureza situada, ecológica e fenomenológica da atividade dos atletas no Campeonato Brasileiro de Jiu-Jitsu 2025. A escolha desses instrumentos seguiu princípios da Teoria do Curso da Ação (TCA), tais como a análise da atividade em situação real, a centralidade do sentido atribuído pelo ator e a articulação entre ação observável e experiência vivida (Theureau, 2014), bem como pressupostos da Dinâmica Ecológica (Araújo; Davids, 2009), assegurando coerência entre o fenômeno investigado — a tomada de decisão tática em situação real de combate — e as condições empíricas de registro.

Os instrumentos organizaram-se em três eixos complementares:

- (a) observação direta e registros audiovisuais;
- (b) entrevistas de autoconfrontação;
- (c) documento oficial da CBJJ, especificamente o regulamento da competição.

A seguir, apresentam-se os instrumentos e os procedimentos de coleta.

3.4.1 Observação e registro audiovisual

a) Observação presencial no ambiente competitivo

A pesquisadora acompanhou presencialmente as lutas no Ginásio José Corrêa (Barueri/SP), assegurando contato direto com o ambiente competitivo e com elementos contextuais relevantes para a compreensão situada da ação. A presença *in loco* permitiu registrar aspectos como: rotinas e comportamentos pré-combate; comunicação com treinadores, árbitros e colegas; variações de ritmo e dinâmica; expressões corporais e emocionais antes, durante e após a luta; condições ambientais (ruído, organização dos tatames, pressão da arquibancada); e eventos regulatórios associados ao tempo, às bordas da área de luta — que, conforme o regulamento, delimitam o espaço válido de combate e acionam procedimentos de interrupção, reinício e reposicionamento quando ultrapassadas — e à dinâmica de pausas e retomadas do combate.

Foram realizadas anotações de campo em fichas abertas, com descrições do contexto e observações de apoio, em consonância com recomendações de estudos situados no esporte (Poizat *et al.*, 2009). Esses registros não constituem a base principal das análises, mas funcionam como material complementar de contextualização do corpus.

b) Registros Audiovisuais

As lutas utilizadas como material empírico foram obtidas na plataforma FloGrappling, em vídeos integrais e sem cortes, com áudio ambiente, cronômetro e placar oficiais, além de enquadramento contínuo do tatame. O acesso ocorreu por login institucional, solicitado e concedido exclusivamente para fins acadêmicos.

Todos os vídeos foram assistidos integralmente, preservando a continuidade temporal do combate. Essa condição assegurou fidelidade para a identificação de eventos, marcação de *timecodes* e posterior articulação com as entrevistas.

3.4.2 Entrevista de autoconfrontação

O procedimento central de acesso ao curso da experiência, segundo a Teoria do Curso da Ação (TCA), foi a entrevista de autoconfrontação (Apêndice C), utilizada nesta pesquisa para reconstruir, com o próprio atleta, aquilo que foi vivido, percebido e significado no instante da ação (Theureau, 2002, 2014; Poizat; Saury; Sève, 2013).

O dispositivo envolve dois momentos complementares: (i) o registro da atividade em situação real (luta oficial filmada), preservando contingências materiais, interação com o adversário e condições competitivas; e (ii) a revisitação do vídeo pelo atleta, na presença da pesquisadora, em intervalo temporal reduzido sempre que possível (preferencialmente nas primeiras 48 horas após a luta), favorecendo a evocação situada da experiência (Theureau, 2002; Poizat; Saury; Sève, 2013).

Durante a sessão de autoconfrontação, o atleta foi convidado a descrever o que fazia, percebia, pretendia, avaliava, sentia ou temia em momentos específicos da ação, a partir das imagens da própria luta, evitando explicações genéricas ou justificativas técnicas retrospectivas. O foco do procedimento consiste em sustentar a evocação da experiência tal como ela se organizava no curso da ação, e não em solicitar interpretações elaboradas a posteriori.

As intervenções da pesquisadora assumiram caráter de mediação não indutiva, formulando perguntas abertas e genéricas, tais como: “o que está acontecendo para você aqui?”, “o que chama sua atenção nesse momento?”, “o que você está tentando fazer?”, “o que você percebe no contato?”, “o que está em jogo para você agora?”. Essas perguntas não introduzem conteúdos externos à experiência do atleta, mas sustentam a reconstrução do curso da experiência a partir de seus próprios critérios de significação.

As verbalizações produzidas na autoconfrontação não correspondem a explicações retrospectivas racionalizadas, mas à expressão da consciência pré-reflexiva, isto é, de um saber prático que orienta a ação antes de sua tematização discursiva (Theureau, 2002, 2014). O atleta descreve apenas os elementos que compunham seu campo de pertinências naquele momento da luta, selecionando aquilo que era efetivamente significativo para a regulação da ação em curso.

Esse procedimento permite acessar fenômenos decisórios que não são diretamente observáveis no vídeo, tais como preocupações dominantes, expectativas, avaliações instantâneas de risco, emoções situadas e, de modo particularmente relevante para o jiu-jitsu, percepções hápticas associadas ao toque, à pressão, ao atrito e ao equilíbrio intercorporal. Esses elementos constituem indicadores fundamentais para a análise da regulação tática no fluxo da ação.

A autoconfrontação não tem por objetivo exaurir a totalidade da experiência vivida, mas recuperar a parcela significativa que o atleta consegue evocar a partir dos traços da situação registrada, evitando projeções externas que distorceriam o curso da ação (Theureau, 2002, 2010, 2014). Nesse sentido, distingue-se de entrevistas semiestruturadas tradicionais, pois não organiza o conteúdo a priori nem se orienta por categorias pré-definidas, seguindo a lógica temporal e funcional da própria atividade situada.

No contexto esportivo, especialmente em modalidades de combate, esse método oferece vantagens metodológicas decisivas: (i) possibilita compreender o desempenho a partir do ponto de vista do atleta; (ii) torna acessíveis processos decisórios inacessíveis por métodos exclusivamente observacionais; (iii) preserva elevada validade ecológica ao partir de situações reais de competição; e (iv) produz material analítico compatível com descrições finas da regulação tática em continuidade (Saury; Durand; Theureau, 1997; Theureau, 2014).

Nesta investigação, a autoconfrontação foi articulada diretamente à delimitação das Unidades Táticas (UTs). Cada UT identificada no registro audiovisual foi revisitada com o atleta durante a entrevista, permitindo validar se os limites estabelecidos no plano observável correspondiam, do ponto de vista experiencial, a mudanças efetivas no curso da experiência. Assim, a UT foi confirmada como episódio decisório significativo quando se observou

coerência entre: (a) a organização funcional da ação no vídeo; e (b) a reorganização das preocupações, percepções e potenciais de ação verbalizados pelo atleta.

Metodologicamente, essa ancoragem cruzada entre registros audiovisuais e entrevistas de autoconfrontação sustenta a integração entre a Dinâmica Ecológica e a Teoria do Curso da Ação. Enquanto o vídeo fornece a materialidade empírica da luta — tempo, ritmo, posições, pegadas, padrões de pressão e contexto competitivo —, a autoconfrontação permite reconstruir o curso da experiência e os critérios locais de regulação da ação. Essa articulação garante elevada densidade interpretativa e coerência teórico-metodológica, fundamentando as análises apresentadas nos capítulos de resultados e discussão.

A partir das entrevistas de autoconfrontação, o corpus passou a reunir, de forma articulada, dois planos inseparáveis da atividade: o plano observável da ação, documentado pelos registros audiovisuais integrais das lutas, e o plano experiencial da decisão, acessado por meio das verbalizações situadas dos atletas. Essa dupla ancoragem sustentou a delimitação e a validação das UTs como episódios decisórios significativos no curso da ação, estabilizando o material empírico necessário para a etapa seguinte de análise.

3.4.3 Equipamentos, softwares e documento normativo de apoio

A coleta e a organização dos dados demandaram um conjunto de equipamentos, softwares e documento normativo destinados a registrar, armazenar e estruturar as diferentes camadas de informação produzidas ao longo da pesquisa. Para a análise dos vídeos das lutas, foi utilizado um notebook com capacidade para processamento contínuo e visualização em alta resolução. As entrevistas de autoconfrontação foram realizadas em ambiente controlado, de modo a assegurar qualidade de áudio, estabilidade das condições de escuta e uniformidade dos procedimentos. Todas foram gravadas por meio de câmera digital, assegurando adequada captação de áudio e imagem, condição essencial para a posterior sincronização entre fala e vídeo.

O software VLC Media Player foi empregado na visualização e análise dos registros audiovisuais, possibilitando observações quadro a quadro, ajustes de velocidade, marcação precisa de *timecodes* e revisitações sucessivas de microeventos. Neste estudo, os microeventos referem-se a pequenas variações na ação — como ajustes sutis de pegada, alterações sutis de pressão ou microdeslocamentos corporais — capazes de modificar significativamente a continuidade tática do combate. Esses recursos foram fundamentais para assegurar a rastreabilidade entre gesto, tempo e fala situada ao longo das etapas analíticas.

As planilhas eletrônicas (Microsoft Excel) foram utilizadas para a construção e organização dos quadros correspondentes às diferentes etapas da análise dos dados, incluindo a segmentação em Unidades Táticas (UTs), a ancoragem temporal, a codificação pelo signo hexádico e a integração TCA–DE. O editor de texto Microsoft Word foi empregado na elaboração dos protocolos de análise, na transcrição integral das entrevistas de autoconfrontação e na organização dos registros complementares.

Por fim, o Livro de Regras – Regulamento Geral de Competições da *International Brazilian Jiu-Jitsu Federation (IBJJF)*, versão 2024, foi adotado como documento normativo de referência para a identificação dos critérios de pontuação, vantagens, faltas, delimitações da área de combate, duração das lutas e permissões técnicas da categoria adulto faixa preta. Esse documento foi tratado não como elemento acessório, mas como componente constitutivo da tarefa competitiva, contribuindo para a caracterização dos constrangimentos da tarefa e para a interpretação ecológica das decisões analisadas ao longo das etapas de codificação pelo signo hexádico e de integração TCA–DE.

Em conjunto, os instrumentos e procedimentos empregados configuraram um sistema de análise do desempenho teoricamente orientado, desenvolvido para atender aos objetivos desta tese. Conforme argumenta O'Donoghue (2014), sistemas de análise não são neutros, pois refletem escolhas conceituais, a lógica interna da modalidade investigada e as intenções analíticas do pesquisador. Nesse sentido, o sistema adotado articula registros observáveis da ação — como vídeo, *timecodes*, placar e transições — com os referenciais da Dinâmica Ecológica (DE) e da Teoria do Curso da Ação (TCA), assegurando coerência entre o plano empírico da investigação e o quadro teórico-metodológico que orienta a análise da tomada de decisão no jiu-jitsu.

3.5 Análise dos dados

Com a UT consolidada como unidade intermediária — construída a partir dos registros audiovisuais integrais e validada pela autoconfrontação, preservando simultaneamente ancoragem ecológica e abertura fenomenológica —, a análise dos dados foi conduzida de maneira progressiva, sistemática e integrada, orientada pela combinação entre a Teoria do Curso da Ação (TCA) e a Dinâmica Ecológica (DE).

O corpus final reuniu três fontes principais: (i) a observação direta das lutas no Campeonato Brasileiro de Jiu-Jitsu 2025; (ii) os registros audiovisuais das oito lutas oficiais dos quatro atletas selecionados; e (iii) as oito entrevistas de autoconfrontação realizadas com

base nesses registros. A partir desse conjunto, as UTs foram tratadas como unidades de descrição e interpretação, permitindo articular, em cada episódio, a materialidade da ação no tempo (vídeo) e os critérios locais de regulação (experiência evocada), condição necessária para sustentar as etapas analíticas.

Para evitar uma leitura meramente descritiva do desempenho, adota-se a distinção entre dados e informação. Dados correspondem aos registros brutos extraídos do vídeo e das transcrições (eventos, tempos, transições e trechos de fala), enquanto a informação emerge do processamento e da interpretação desses registros em função dos objetivos analíticos da pesquisa (O'Donoghue, 2014). Essa distinção orienta o encadeamento das etapas de análise, garantindo que a descrição objetiva das ações sustente, de modo rastreável, a reconstrução das significações e das regulações situadas.

a) Transcrição e tratamento inicial do material verbal

As entrevistas foram transcritas integralmente a partir dos registros audiovisuais originais. O processo contemplou tanto as verbalizações dos atletas quanto as intervenções da pesquisadora, sendo conduzido no software *Microsoft Word*.

A equipe responsável por essa etapa foi composta pela pesquisadora, praticante de jiu-jitsu há mais de vinte anos e com mais de dez anos de experiência como treinadora; por um professor de Educação Física, faixa preta de jiu-jitsu, integrante da equipe de pesquisa e atuante especificamente na etapa de transcrição; e por um atleta faixa preta experiente da categoria adulto. Antes do início do trabalho sistemático, o grupo realizou uma reunião de alinhamento para estabelecer critérios, padronizar procedimentos e definir formas de tratamento para trechos ambíguos ou de difícil audibilidade.

A equipe responsável por essa etapa foi composta pela pesquisadora, praticante de jiu-jitsu há mais de vinte anos e com mais de dez anos de experiência como treinadora; por um professor de Educação Física, faixa preta de jiu-jitsu, integrante da equipe de pesquisa e atuante especificamente na etapa de transcrição; e por um atleta faixa preta experiente da categoria adulto. Antes do início do trabalho sistemático, o grupo realizou uma reunião de alinhamento para estabelecer critérios, padronizar procedimentos e definir formas de tratamento para trechos ambíguos ou de difícil audibilidade.

Nos casos em que surgiram dúvidas relativas a expressões técnicas específicas, sobreposições de fala ou passagens pouco nítidas, o segmento correspondente foi marcado no

vídeo e posteriormente discutido pela equipe até se alcançar uma interpretação consensual, procedimento recomendado em estudos qualitativos que lidam com registros verbais situados.

Foram incluídos apenas conteúdos diretamente relacionados ao foco da tese, a tomada de decisão em situação competitiva, garantindo pertinência analítica e precisão na delimitação do corpus. Durante o processo, cada trecho relevante recebeu o *timecode* correspondente, preservando a temporalidade da ação e possibilitando articulação rigorosa entre fala, vídeo e microeventos, conforme preconizado pela TCA no tratamento de dados experienciais.

b) Validação intersubjetiva das transcrições

Após a conclusão das transcrições, realizou-se uma sessão de revisão coletiva envolvendo todos os membros da equipe responsável pela etapa de transcrição, com a ampliação do grupo de trabalho por meio da participação de um treinador especialista, faixa preta de jiu-jitsu, com mais de três décadas de atuação na modalidade, e de um segundo professor de Educação Física, também faixa preta, que passaram a colaborar nas etapas subsequentes do estudo.

Essa etapa teve como objetivo assegurar a fidelidade das transcrições aos registros originais, verificando a consistência entre áudio e texto, ajustando vocábulos técnicos e refinando expressões quando necessário. A revisão colaborativa fortaleceu a confiabilidade dos dados, alinhando-se às recomendações de validação intersubjetiva na pesquisa qualitativa e às exigências da TCA para a constituição de um corpus descritivo sólido.

A equipe de análise final foi composta pela pesquisadora, por um professor de Educação Física e faixa preta de jiu-jitsu, por um atleta faixa preta experiente da categoria adulto e pelo treinador especialista, garantindo diversidade de expertise técnica e experiência prática no exame dos conteúdos.

c) Integração inicial fala–vídeo e preparação do corpus por luta

Com as transcrições finalizadas, a pesquisadora, o treinador especialista e o professor de Educação Física, faixa preta de jiu-jitsu, avançaram para a etapa de integração inicial entre o relato da experiência e a ação registrada nos vídeos. Nesse momento, realizou-se a análise conjunta das autoconfrontações, articulando sistematicamente o que cada atleta relatou perceber, interpretar e decidir com o comportamento tático observado nas imagens.

Todas as entrevistas foram examinadas em sua duração integral, respeitando os tempos oficiais de combate estabelecidos pelo regulamento da CBJJ, de modo a preservar a continuidade temporal da ação e a coerência entre os diferentes níveis de registro (fala, vídeo e microeventos). Essa etapa constituiu a base preliminar para a construção das Unidades Táticas e para a posterior reconstrução do curso da ação, conforme os princípios da TCA.

No corpus analisado, o atleta A1 realizou duas lutas completas de aproximadamente 10 minutos. O atleta A2 finalizou seus adversários aos aproximadamente 9 minutos e 06 segundos e aos aproximadamente 6 minutos e 54 segundos, ambos por estrangulamento “arco e flecha”. A atleta A3 disputou duas lutas também com duração de aproximadamente 10 minutos, enquanto a atleta A4 finalizou sua adversária na primeira luta aos aproximadamente 1 minuto e 52 segundos, por estrangulamento esgana-gola, tendo sua luta final se estendido pelos 10 minutos regulamentares. Ressalta-se que os tempos aqui apresentados são estimativas obtidas a partir da visualização dos registros audiovisuais das lutas, podendo apresentar pequenas variações em relação aos tempos oficialmente registrados nas súmulas da competição (Quadro 11).

Quadro 11 – Caracterização do corpus da pesquisa

Atleta	Luta 1	Luta 2	Observações
A1	10 min (tempo regulamentar)	10 min (tempo regulamentar)	Realizou duas lutas completas de 10 minutos.
A2	Finalização aos 9:06 (estrangulamento arco e flecha)	Finalização aos 6:54 (estrangulamento arco e flecha)	Ambas as vitórias ocorreram por finalização.
A3	10 min (tempo regulamentar)	10 min (tempo regulamentar)	Duas lutas completas com duração máxima.
A4	Finalização aos 1:52 (estrangulamento esgana-gola)	10 min (tempo regulamentar)	Finalizou rapidamente na primeira luta; segunda luta durou os 10 min.

Fonte: Elaborado pela autora.

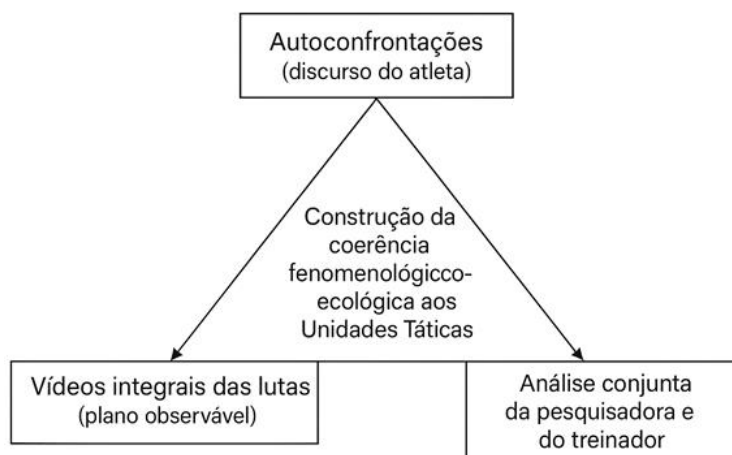
A sequência de análise seguiu uma ordem fixa — A1, A2, A3 e A4 —, respeitando, para cada atleta, a análise de sua primeira luta seguida de sua luta final realizada no campeonato. Esse procedimento garantiu consistência metodológica e permitiu observar progressões, ajustes e regularidades no curso da ação tática ao longo da competição.

d) Descritores técnico-táticos e construção da Matriz Ação–Discurso–Tempo

Para organizar a consciência pré-reflexiva dos atletas em coerência com os episódios de luta, adotou-se uma abordagem de análise categorial sustentada por triangulação entre três

fontes analíticas (Figura 1): (i) o discurso produzido nas entrevistas de autoconfrontação; (ii) as ações observáveis registradas nos vídeos das lutas; e (iii) a análise conjunta conduzida pela pesquisadora e pelo treinador especialista. Essa triangulação buscou assegurar convergência entre o ponto de vista vivido pelo atleta e a ação efetivamente realizada, alinhando-se ao princípio fenomenológico de equivalência entre ato e significado (Theureau, 2014) e à perspectiva de investigação convergente em estudos de caso (Yin, 2001).

Figura 1 – Triangulação entre vídeo, autoconfrontação e análise interpretativa



Fonte: Elaborada pela autora.

O instrumento técnico-tático de análise de combates de jiu-jitsu utilizado nesta pesquisa teve origem no trabalho de Moura (2021), no qual foi desenvolvido um sistema de representação e categorização das ações do combate. Posteriormente, esse instrumento foi empregado e aprofundado em estudos do grupo de pesquisa, como em Lamas *et al.* (2023), evidenciando sua aplicabilidade e consistência analítica.

Na presente investigação, o instrumento — originalmente concebido para a modalidade No-Gi — foi adaptado às regras, às lógicas de pontuação e às dinâmicas específicas do jiu-jitsu com kimono, de modo a contemplar a complexidade posicional, regulatória e decisória da modalidade analisada.

Com base nos dados provenientes da aplicação desse instrumento, sistematizados na Planilha Notacional – Registros de Ações Técnico-Táticas para cada luta, foi construída a Matriz Analítica das Unidades Táticas: Ação–Discurso do Atleta–Tempo. Essa matriz foi elaborada a partir da observação sistemática dos vídeos e da transcrição integral das entrevistas de autoconfrontação, contemplando ações técnico-táticas organizadas segundo dimensões de natureza ofensiva, defensiva, de controle/manutenção e de transição.

Nessa matriz, as ações observáveis nos vídeos — com início e fim claramente identificáveis no fluxo da ação — foram relacionadas ao discurso integral do atleta durante a autoconfrontação, com a delimitação precisa dos respectivos *timecodes*. Esse procedimento permitiu organizar, de forma sistemática, categorias técnico-táticas descritivas, tais como quedas, raspagens, passagens de guarda, estabilizações e tentativas de finalização, associando-as às posições ocupadas e às mudanças de controle ao longo do combate (Quadro 12).

Quadro 12 – Categorias técnico-táticas utilizadas na análise das Unidades Táticas

Categoria	Descrição breve
Quedas	Ações que levam o oponente ao solo com controle
Raspagens	Inversões de posição da guarda para a posição superior
Passagens de guarda	Transposição da guarda para posição dominante
Estabilizações	Controle posicional superior mantido
Finalizações (tentativas)	Ataques diretos ao pescoço, braços ou pernas
Transições	Mudanças progressivas entre posições
Controle/manutenção	Ações estáveis sem progressão evidente

Fonte: Elaborado pela autora.

A Matriz Analítica das Unidades Táticas: Ação–Discurso do Atleta–Tempo foi estruturada com as seguintes colunas: identificação da UT por numeração; *timecode* inicial; *timecode* final; categorias técnico-táticas; posições da luta; descrição da ação observável (com início e fim); discurso do atleta (transcrição integral da autoconfrontação); e placar. Essa organização possibilitou articular, de maneira rastreável, o plano observável da ação com o plano experiencial da decisão, servindo como base operacional para as etapas subsequentes de delimitação das UTs e de modelização fenomenológico-ecológica.

e) Delimitação das UTs e distribuição no corpus

Operacionalmente, a delimitação das Unidades Táticas (UTs) consistiu na identificação de trechos do discurso dos atletas relacionados a momentos específicos da luta que revelassem decisões, percepções, intenções ou interpretações relevantes no curso da ação. Cada trecho foi associado ao respectivo episódio de combate registrado em vídeo e, a partir dessa articulação entre ação observável e experiência verbalizada, foi construído como uma Unidade Tática (UT).

Seguindo recomendações de análise qualitativa de natureza indutiva e situada (Theureau, 2014; Vermersch, 2011; Braun; Clarke, 2006; Stake, 1995), esse processo ocorreu de forma interativa e progressiva, sem a utilização de um sistema prévio de códigos analíticos. Tal opção metodológica permitiu que as categorias fenomenológicas de sentido emergissem do

próprio material empírico, a partir das experiências vividas e verbalizadas pelos atletas em situação.

As categorias fenomenológicas identificadas correspondem, entre outros aspectos, a:

- significações atribuídas pelo atleta às situações de combate,
- modos de engajamento corporal e perceptivo,
- estratégias situadas produzidas na relação com o oponente,
- decisões vividas no fluxo contínuo da ação.

Tais categorias não existem previamente ao processo analítico, pois derivam diretamente do curso da ação, das falas produzidas nas entrevistas de autoconfrontação e da modelização do signo hexádico. Elas distinguem-se, portanto, das categorias técnico-táticas descritivas (como quedas, raspagens, passagens de guarda e estabilizações), que são estruturadas pela lógica interna da modalidade e utilizadas como referenciais analíticos do plano observável da ação.

Ao final dessa etapa, foram identificadas 42 Unidades Táticas (UTs) distribuídas entre os quatro atletas analisados, conforme detalhado na Tabela 2.

Tabela 2 – Distribuição das Unidades Táticas (UTs) por atleta e por luta

Atleta	UTs - Luta 1	UTs - Luta Final	Total de UTs
A1	12 UTs	4 UTs	16
A2	6 UTs	4 UTs	10
A3	3 UTs	5 UTs	8
A4	3 UTs	5 UTs	8
Total Geral	24 UTs	18 UTs	42 UTs

Fonte: Elaborada pela autora.

Com a delimitação e distribuição das Unidades Táticas no corpus, estabeleceu-se a base empírica necessária para o desenvolvimento do procedimento analítico propriamente dito. A partir dessas UTs, a análise foi organizada em etapas sucessivas e integradas, destinadas a reconstruir o curso da ação e da experiência dos atletas, conforme apresentado a seguir.

f) Etapas analíticas

Com a base categorial construída, estruturou-se um procedimento analítico composto por quatro etapas complementares, aplicadas a cada luta analisada:

1. Identificação das Unidades Táticas (UTs);
2. Ancoragem temporal (vídeo ↔ fala);
3. Codificação pelo signo hexádico (TCA) e identificação dos constrangimentos (DE);

4. Integração TCA–DE com classificação tática.

Esse encadeamento metodológico permitiu reconstruir, com elevado grau de fidelidade, a maneira como os atletas significaram cada situação, ajustaram suas ações e organizaram suas decisões ao longo do combate, preservando simultaneamente a continuidade temporal da luta e a coerência funcional dos episódios decisórios.

3.5.1 Etapa 1 - Identificação das Unidades Táticas (UTs)

A primeira etapa da análise consistiu na identificação das Unidades Táticas (UTs) a partir do plano observável da ação, tomando como base os registros audiovisuais integrais das lutas. A segmentação do combate em UTs responde à necessidade metodológica de dispor de um recorte analítico que preserve, simultaneamente, a continuidade temporal da luta e a coerência funcional dos episódios decisórios, evitando tanto a fragmentação excessiva em gestos técnicos isolados quanto a análise global indiferenciada do combate como um todo (O'Donoghue, 2014).

Neste estudo, a Unidade Tática é compreendida como uma unidade intermediária de análise, situada entre o nível micro da ação técnica pontual e o nível macro do combate completo. Trata-se de um episódio contínuo do curso da ação no qual se estabiliza, ainda que provisoriamente, um problema tático reconhecível para o atleta, exigindo regulação perceptivo-motora, tomada de decisão situada e ajustes funcionais diante das ações do adversário. Assim, a UT não corresponde a uma técnica isolada, nem a uma fase genérica da luta, mas a um segmento funcionalmente coerente da atividade, delimitado por mudanças relevantes na configuração da situação competitiva.

Operacionalmente, a delimitação das UTs baseou-se em critérios observáveis no vídeo, tais como: transições posicionais significativas; alterações claras nas relações de controle ou pressão; mudanças no ritmo da luta; variações no risco tático; reorganizações do engajamento corporal; e eventos regulatórios associados ao placar, ao tempo ou às bordas da área de luta. Esses critérios permitiram identificar pontos de inflexão no fluxo da ação nos quais o atleta precisou reorganizar suas decisões e sua conduta tática.

Cada UT foi delimitada por um intervalo temporal contínuo, identificado por *timecodes* precisos de início e fim, e descrita objetivamente quanto às ações observáveis realizadas pelos atletas. Em seguida, cada unidade foi classificada segundo a dimensão analítica de natureza tática predominante — ofensiva, defensiva, manutenção ou transição —, conforme o sistema operacional definido nesta investigação. Essa classificação não pressupõe estados fixos da luta,

mas referenciais funcionais construídos para interpretar os problemas decisórios que emergem no curso da ação.

A identificação inicial das UTs foi realizada a partir da observação sistemática dos vídeos, respeitando integralmente a temporalidade oficial do combate e os constrangimentos impostos pelo regulamento da CBJJ. Posteriormente, a Matriz Analítica das Unidades Táticas: Ação-Discurso do atleta-Tempo, construída a partir da integração entre vídeo e autoconfrontação, funcionou como instrumento de qualificação e validação dessas unidades. Essa matriz permitiu confirmar, ajustar ou, quando necessário, redefinir os limites das UTs, assegurando coerência entre a segmentação videográfica e a experiência vivida relatada pelos atletas.

O produto final dessa etapa foi sistematizado nos Quadros – Log de Eventos / Unidades Táticas (UTs), correspondentes aos atletas A1, A2, A3 e A4 (ver seção de Resultados), nos quais são apresentados o plano observável da ação, com identificação da UT, *timecodes* inicial e final, descrição objetiva das ações e dimensão de natureza tática predominante. Esses quadros funcionam como mapas estruturais do combate, tornando explícito onde, quando e em que condições os episódios decisórios se organizaram ao longo das lutas.

Ao operar como unidade intermediária, a UT desempenha papel central na articulação entre o plano observável da ação e o plano experiencial da decisão. É sobre essa unidade que se tornam possíveis, nas etapas seguintes, tanto a ancoragem temporal entre vídeo e fala quanto a modelização do curso da experiência por meio do signo hexádico. Desse modo, a identificação das UTs constitui o fundamento empírico que sustenta toda a análise fenomenológico-ecológica desenvolvida nesta tese.

3.5.2 Etapa 2 - Ancoragem temporal vídeo ↔ fala (UT como episódio vivido)

A segunda etapa da análise teve como objetivo estabelecer a ancoragem temporal rigorosa entre cada Unidade Tática (UT) identificada no plano observável da ação e os trechos correspondentes das entrevistas de autoconfrontação, consolidando a UT como uma unidade analítica explicitamente aberta ao plano fenomenológico. Nessa etapa, a UT deixa de ser apenas um recorte funcional do vídeo e passa a ser tratada como um episódio decisório vivido, no qual ação, percepção e significação se articulam no curso da experiência do atleta.

A partir das transcrições integrais das entrevistas de autoconfrontação, foram selecionados os segmentos de fala diretamente associados a cada UT, respeitando os mesmos intervalos temporais definidos no vídeo. Cada trecho verbal foi vinculado ao respectivo

timecode e analisado em correspondência direta com a ação observada, permitindo verificar a congruência entre gesto e fala e identificar os elementos da situação que eram efetivamente significativos para o atleta naquele momento da luta.

Esse procedimento possibilitou reconstruir, para cada UT, o que o atleta percebia, sentia, buscava, avaliava ou temia enquanto a ação se desenrolava, sem recorrer a explicações retrospectivas abstratas ou racionalizações técnicas posteriores. As verbalizações analisadas foram compreendidas como expressões da consciência pré-reflexiva, evocadas a partir do suporte audiovisual e orientadas pela lógica própria da ação situada (Theureau, 2014). Assim, a ancoragem temporal não teve por finalidade explicar a ação *a posteriori*, mas tornar analiticamente acessível a experiência tal como ela foi vivida no instante da decisão.

Operacionalmente, essa etapa deu origem aos Quadros – Ancoragem Temporal das Unidades Táticas (Vídeo ↔ autoconfrontação), elaborados para cada atleta (A1–A4) e apresentados na seção de Resultados. Esses quadros articulam identificação da UT, intervalos temporais (*timecodes*), trechos da fala do atleta, paráfrases do núcleo de sentido e evidências observáveis no vídeo, permitindo estabelecer uma correspondência microtemporal entre o fluxo da ação e o fluxo da experiência.

Ao articular gesto e fala, a ancoragem temporal confirmou que a UT não constitui uma unidade fechada no plano descritivo, mas um recorte analítico intrinsecamente orientado à reconstrução do curso da experiência. É nesse momento que se tornam visíveis mudanças de engajamento, leituras do adversário, avaliações de risco, expectativas de continuidade e critérios locais de regulação da ação — elementos que não seriam acessíveis apenas pela observação do vídeo.

Dessa forma, a Etapa 2 consolida a UT como ação-signo, validada simultaneamente no plano ecológico — pela congruência entre comportamento observado, tempo e situação — e no plano fenomenológico — pela coerência interna das significações expressas pelo atleta. Essa dupla ancoragem prepara o terreno analítico para a etapa seguinte, na qual cada UT será modelizada por meio do signo hexádico, permitindo reconstruir sistematicamente o curso da experiência e explicitar os processos decisórios que organizam a ação no jiu-jitsu.

3.5.3 Etapa 3 – Codificação: Signo Hexádico e Constrangimentos (DE)

A terceira etapa aprofundou a análise do curso da experiência vivida pelo atleta em cada Unidade Tática (UT), articulando a Teoria do Curso da Ação (TCA) e a Dinâmica Ecológica (DE). Nesta etapa, o procedimento denominado “codificação” corresponde, neste estudo, a um

processo de *modelização semiótico-fenomenológica da atividade*, e não à aplicação de códigos ou categorias analíticas prévias. Trata-se de reconstruir sistematicamente a organização significativa da ação tal como vivida pelo atleta em situação, conforme os princípios do programa de pesquisa do curso da ação (Theureau, 2010, 2014, 2020; Martin; Poizat, 2020; Poizat; Flandin; Theureau, 2023). Essa abordagem, amplamente descrita em estudos empíricos da TCA no esporte (Poizat *et al.*, 2009; Poizat; Saury; Sève, 2013), consiste em reconstruir o curso significativo da experiência por meio da articulação entre os componentes semióticos do signo hexádico e a fenomenologia da ação situada.

A partir da articulação entre o registro videográfico das lutas (Etapa 1) e a fala situada produzida nas entrevistas de autoconfrontação (Etapa 2), cada Unidade Tática foi analisada segundo os seis componentes do signo hexádico:

E – Engajamento: preocupações, focos e motivos que orientam o atleta naquele momento;

S – Situação significativa: aquilo que faz sentido imediato na situação (pressões, aberturas, riscos, ritmo, placar);

R – Representamen: o indício percebido (visual, tátil, rítmico) que faz sinal e deflagra a reorganização da ação;

U – Unidade de ação: gesto, operação ou ajuste efetivamente realizado;

A – Potencial de ação: possibilidades percebidas como continuações viáveis do curso da experiência;

I – Interpretação: significados produzidos após a ação, reorganizando o engajamento para o momento seguinte.

Essa análise foi complementada pela identificação dos constrangimentos ecológicos que influenciavam a decisão em cada UT, considerando:

- organismo: fadiga, dor, força, tônus, estados emocionais;
- tarefa: tempo de luta, pontuação, regras, objetivos táticos;
- ambiente: pressão tátil do adversário, bordas da área de luta, ruído e dinâmica do ginásio.

O termo “codificação” é empregado nesta tese em sentido estritamente operacional, e não como procedimento de categorização típico das análises qualitativas clássicas. Na TCA, codificar não significa aplicar códigos ou categorias externas ao material empírico, mas modelizar o curso da experiência por meio do signo hexádico (E–S–R–U–A–I). Trata-se de reconstruir, para cada UT, as significações intrínsecas vividas pelo atleta em situação, sem abstrações externas ou esquemas interpretativos impostos. Nesse sentido, a “codificação”

corresponde à identificação das coerências locais de significação e à explicitação dos elementos que estruturam a atividade-signo em cada momento da luta (Theureau, 2010, 2014, 2020; Martin; Poizat, 2020; Poizat; Flandin; Theureau, 2023).

Como parte dessa modelização semiótico-fenomenológica, cada Unidade Tática recebeu um título-síntese que expressa sua coerência local no curso da ação, condensando o núcleo de significação vivida pelo atleta naquele episódio específico. Esses títulos não constituem categorias analíticas externas, mas formulações emergentes do próprio processo de reconstrução hexádica, articulando engajamento, situação significativa, indícios percebidos, gestos realizados, potenciais de ação e interpretações produzidas. Nos Quadros de Signo Hexádico (TCA) e Constrangimentos (DE), esses títulos aparecem associados às UTs de cada luta, funcionando como marcadores interpretativos da dinâmica tático-experiencial reconstruída para o atleta.

A modelização hexádica foi realizada pela pesquisadora em diálogo analítico com o treinador especialista e o atleta colaborador, assegurando validação intersubjetiva dos significados reconstruídos, consistência técnico-tática e rastreabilidade entre gesto, fala situada e elementos significativos destacados pelo atleta. Esse processo coletivo seguiu as recomendações da TCA para o controle intersubjetivo das interpretações e para a estabilização consensual das unidades significativas da atividade.

O resultado desse processo foi sistematizado nos Quadros – Signo Hexádico (TCA) e Constrangimentos (DE) nas Unidades Táticas (UTs), elaborados para cada atleta e apresentados na seção de Resultados. Esses quadros permitem visualizar como o atleta percebe, sente, decide e age em fluxo, evidenciando o conhecimento em ação que sustenta sua performance e constituindo o núcleo fenomenológico da análise.

3.5.4 Etapa 4 - Integração TCA–DE

Na quarta etapa, os resultados das etapas anteriores foram integrados em uma leitura fenomenológico-ecológica do combate, sistematizada nos Quadros – Integração TCA–DE, apresentados na seção de Resultados. Essa etapa teve como objetivo articular, em cada Unidade Tática (UT), o plano observável da ação, o curso da experiência vivida e os constrangimentos ecológicos, produzindo uma interpretação tático-estrutural situada da tomada de decisão no jiu-jitsu.

Cada UT foi examinada a partir de três eixos analíticos complementares:

1. Dimensão analítica de natureza tática predominante, de acordo com o sistema operacional adotado nesta investigação, previamente definido no Quadro 4 (fundamentação teórica) e operacionalizado no Quadro 9 (delimitação das UTs). Nesse enquadramento, as dimensões táticas (no sentido analítico) são compreendidas como referenciais funcionais, e não como estados fixos do combate, permitindo interpretar os problemas decisórios que emergem no fluxo contínuo da ação, a saber:

- ofensiva: situações em que a função tática predominante da ação consiste em produzir desequilíbrios, progressões posicionais ou finalizações, assumindo a iniciativa da ação;
- defensiva: episódios nos quais o objetivo central consiste em neutralizar as ações do adversário e preservar a integridade posicional;
- manutenção: situações em que o atleta procura estabilizar uma condição funcional, regulando distância, pressão e ritmo da interação;
- transição: momentos em que o combate se reorganiza de forma dinâmica, envolvendo transições posicionais e/ou funcionais, com rápidas mudanças de posição, de papel situacional e de relações de controle, exigindo ajustes decisórios em microtempos.

Essas dimensões não operam como categorias descritivas adicionais, mas como eixos analíticos integradores, mobilizados nesta etapa para articular ação, experiência e contexto.

2. Evidências integradas, reunindo de forma articulada:

- os dados observáveis no vídeo (ações, posições, ritmo, placar, eventos regulatórios);
- os trechos de fala situada produzidos nas entrevistas de autoconfrontação;
- os componentes do signo hexádico (E–S–R–U–A–I);
- os constrangimentos ecológicos relevantes do organismo, da tarefa e do ambiente.

A relevância dos constrangimentos foi estabelecida a partir de sua incidência empírica em cada Unidade Tática e de sua participação funcional na reorganização da ação, conforme evidenciado pela articulação entre registros videográficos, verbalizações situadas e modelização pelo signo hexádico.

Esse cruzamento assegurou rastreabilidade empírica entre gesto, tempo, significação e contexto, preservando simultaneamente validade ecológica e densidade fenomenológica.

3. Análise interpretativa integrada, descrevendo como a decisão emergiu em cada episódio específico, articulando:

- percepções hápticas (pressão, equilíbrio, atrito, contato);
- intenções e preocupações dominantes;

- interpretações situadas do adversário e do contexto;
- *affordances* percebidas;
- estados afetivos e corporais;
- pressões do sistema atleta–tarefa–ambiente.

A partir dessa integração, tornou-se possível compreender como o atleta alterna entre ataque, defesa, manutenção e transição, como reorganiza o curso da ação diante de indícios hápticos e como regula risco, ritmo e vantagem ao longo do combate.

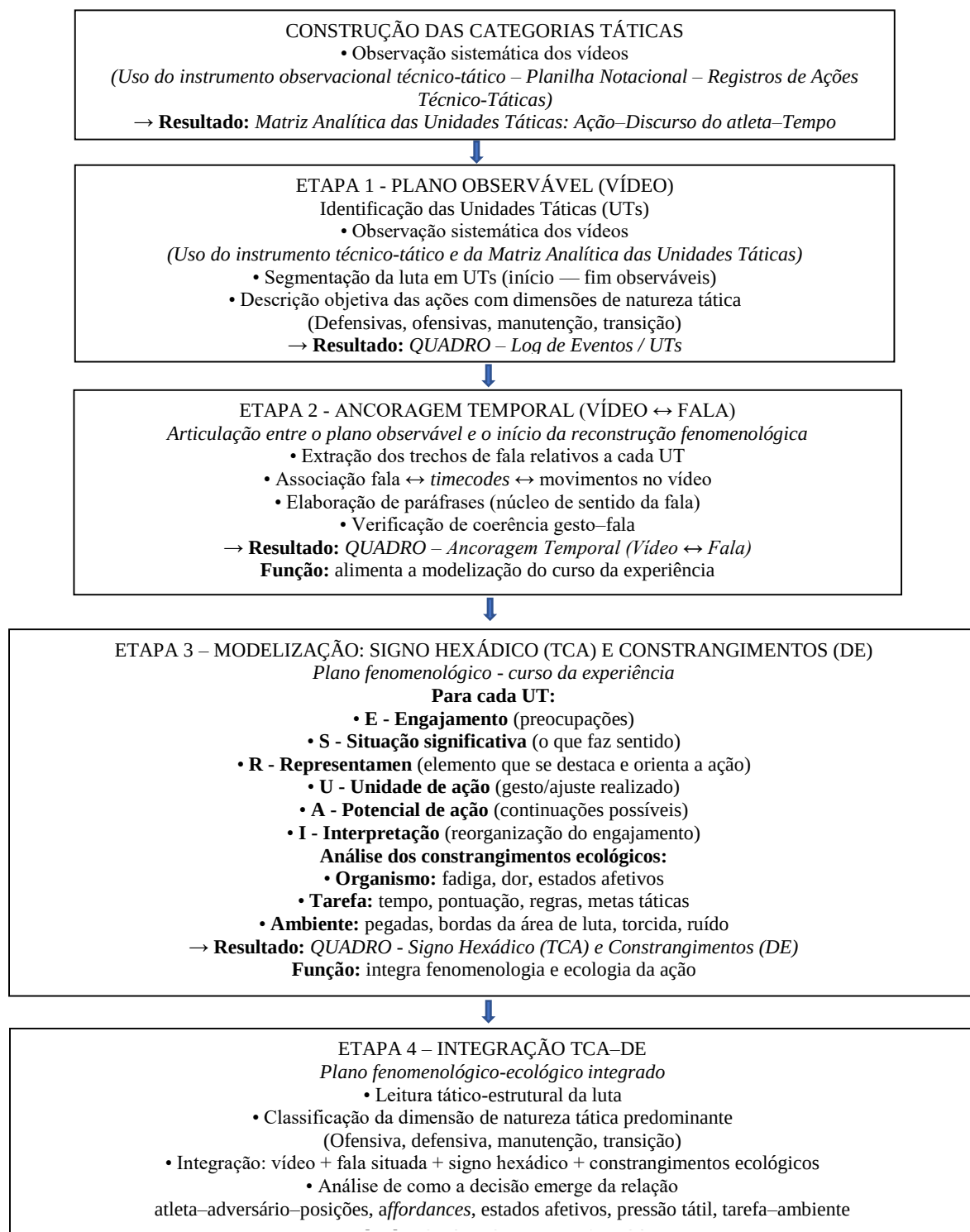
Cumprе esclarecer que a gestão estratégico-tática não é tratada nesta investigação como uma quinta dimensão analítica de natureza tática autônoma. Trata-se de um nível transversal de regulação da ação, que emerge na integração TCA–DE e se manifesta na forma como o atleta articula, modula e prioriza ações ofensivas, defensivas, de manutenção e de transição em função do tempo, do placar, da fadiga, do risco competitivo e das exigências do regulamento. Assim, a estratégia não antecede a ação nem se reduz a um plano prévio, mas se atualiza no próprio curso da ação, como princípio organizador da tomada de decisão situada.

A leitura integrada das etapas anteriores é apresentada nos Quadros – Integração TCA – DE, organizados por atleta e por luta na seção de Resultados. Esses quadros evidenciam não apenas o que o atleta faz em cada Unidade Tática, mas como e por que determinadas ações se tornam prioritárias em função do contexto competitivo, fundamentando as sínteses interpretativas de cada luta e as sínteses intracaso apresentadas nos capítulos subsequentes.

A Figura 2 representa o encadeamento das quatro etapas analíticas desenvolvidas nesta pesquisa, desde a segmentação videográfica em Unidades Táticas até a integração fenomenológico-ecológica TCA–DE.

O rigor metodológico foi assegurado por critérios de confiabilidade conceitual e procedimental, reconhecendo que a clareza na definição das unidades analíticas e a rastreabilidade entre registros precedem qualquer tratamento estatístico (O'Donoghue, 2014). A delimitação das UTs, a correspondência gesto–fala e a estabilização dos títulos-síntese foram realizadas com controle intersubjetivo (pesquisadora e especialista), reduzindo ambiguidades interpretativas e fortalecendo a consistência interna do sistema de análise.

Figura 2 – Fluxograma metodológico das etapas de análise (TCA - DE)



Fonte: Elaborada pela autora.

3.6 Organização e sistema de identificação dos quadros analíticos

Considerando que esta pesquisa envolve diferentes etapas analíticas — identificação das Unidades Táticas (UTs), integração TCA–DE e elaboração das sínteses interpretativas —, adotou-se um sistema de organização dos quadros que assegura coerência interna, rastreabilidade metodológica e leitura articulada dos resultados.

Os quadros de caráter introdutório, metodológico ou de contextualização geral são apresentados ao longo do texto, acompanhando a progressão lógica do trabalho e cumprindo função explicativa de apoio à compreensão do método. Já os quadros analíticos, que apresentam as UTs, as integrações TCA–DE e as sínteses interpretativas referentes aos atletas, foram concentrados na seção de Resultados e organizados por atleta, de modo a tornar o percurso analítico mais claro, sistemático e acessível ao leitor.

Nesse sistema, cada atleta dispõe de um conjunto próprio de quadros, organizados segundo uma numeração sequencial interna, que permite identificar rapidamente a etapa analítica correspondente. Na listagem a seguir, “X” refere-se ao número sequencial do quadro neste documento, enquanto o código alfanumérico (A1-01, A1-02, etc.) indica a organização interna das etapas analíticas de cada atleta. Para cada atleta (A1, A2, A3, A4), adotou-se o seguinte padrão:

- Quadro X A1-01 – Log de Eventos / Unidades Táticas (UTs) da Luta 1 do Atleta A1
- Quadro X A1-02 – Ancoragem Temporal (vídeo ↔ fala) da Luta 1 do Atleta A1
- Quadro X A1-03 – Signo hexádico (TCA) e constrangimentos (DE) da Luta 1 do Atleta A1
- Quadro X A1-04 – Integração TCA–DE da Luta 1 do Atleta A1
- Quadro X A1-05 – Log de Eventos / Unidades Táticas (UTs) da Luta Final do Atleta A1
- Quadro X A1-06 – Ancoragem Temporal (vídeo ↔ fala) da Luta Final do Atleta A1
- Quadro X A1-07 – Signo hexádico (TCA) e constrangimentos (DE) da Luta Final do Atleta A1
- Quadro X A1-08 – Integração TCA–DE da Luta Final do Atleta A1
- Quadro X A1-09 – Modelo Intracaso TCA–DE do Atleta A1

De forma equivalente, esse padrão foi aplicado aos demais atletas (Quadros A2-01, A2-02, A2-03; A2-04; A2-05; A2-06; A2-07; A2-08 e A2-09, e assim sucessivamente).

Essa estratégia de agrupamento evita uma sequência numérica extensa e fragmentada, favorece a leitura integrada dos resultados e permite que cada caso seja analisado como uma unidade coerente, respeitando os princípios do estudo de casos múltiplos.

Além disso, estabeleceu-se um sistema padronizado de identificação das Unidades Táticas (UTs), aplicado de forma consistente em todos os quadros analíticos. Essa convenção utiliza três elementos combinados:

- (a) identificação do atleta (A1, A2, A3, A4);
- (b) identificação da luta (L1 para a Primeira Luta; L2 para a Luta Final);
- (c) numeração sequencial da UT (01, 02, 03...).

Dessa forma, a notação UT–A1–L1–01 indica a primeira Unidade Tática registrada do atleta A1 em sua Primeira Luta, sendo “01” o número sequencial do episódio segmentado no fluxo da ação.

O Quadro 13 apresenta a legenda geral de identificação das UTs, sintetizando essa convenção de forma sistematizada.

Quadro 13 – Legenda geral de identificação das Unidades Táticas (UTs)

Código	Significado	Descrição
A1, A2, A3, A4	Atleta	Identifica o atleta analisado.
L1, L2	Luta	L1 = Primeira Luta; L2 = Luta Final.
01, 02, 03...	Sequência da UT	Número sequencial da Unidade Tática no fluxo da luta
UT–AX–LY–ZZ	Convenção de identificação	Representação padronizada das UTs nos quadros analíticos.
Exemplo	UT–A1–L1–01	Primeira UT do Atleta A1 na Primeira Luta.

Fonte: Elaborado pela autora.

A organização dos quadros analíticos e a padronização da identificação das UTs foram definidas em função da comunicabilidade do método e da aplicabilidade dos resultados. Parte-se do princípio de que a análise do desempenho deve produzir conhecimento cientificamente rigoroso, interpretativamente consistente e funcionalmente utilizável, contribuindo tanto para a compreensão do fenômeno investigado quanto para a qualificação de intervenções no ensino e no treinamento esportivo (O'Donoghue, 2014).

3.7 Considerações éticas

O projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP) da Faculdade de Medicina da Universidade de Brasília (UnB), em conformidade com a Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, que regulamenta as pesquisas envolvendo seres humanos no Brasil. O estudo foi aprovado pelo parecer nº 7.270.350, emitido em 03 de dezembro de 2024 (Anexo 1).

A participação dos atletas ocorreu de forma voluntária, livre de qualquer tipo de coerção, sendo formalizada por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). O TCLE apresentou informações claras e acessíveis acerca do tema, dos objetivos e da justificativa da pesquisa; da descrição dos procedimentos de coleta de dados (observação, registros audiovisuais e entrevistas de autoconfrontação); das garantias de sigilo, anonimato e confidencialidade das informações, asseguradas de forma proporcional e adequada ao risco, considerando o contexto público e competitivo no qual o estudo foi realizado; da inexistência de riscos físicos, emocionais ou financeiros adicionais aos participantes; bem como do direito de desistência a qualquer momento, sem necessidade de justificativa ou prejuízo de qualquer natureza.

Ressalta-se, ainda, que todos os procedimentos metodológicos adotados nesta investigação foram previamente avaliados e aprovados pelo CEP/UnB, assegurando o respeito aos princípios éticos da autonomia, beneficência, não maleficência e justiça, conforme preconizado pela legislação vigente.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com base no delineamento metodológico adotado e na consolidação da Unidade Tática (UT) como unidade intermediária de análise, ancorada simultaneamente nos registros audiovisuais integrais das lutas e nas entrevistas de autoconfrontação, esta seção apresenta os resultados empíricos da investigação, articulando descrição e interpretação de forma integrada, situada e processual.

Os resultados são analisados à luz da Teoria do Curso da Ação (TCA) e da Dinâmica Ecológica (DE) (Theureau, 2006, 2014; Gibson, 1979; Newell, 1986; Araújo; Davids; Serpa, 2005), preservando a continuidade temporal da ação e a coerência funcional dos episódios decisórios examinados. Cada Unidade Tática é compreendida como um episódio significativo do curso da ação, no qual se torna possível reconstruir, de modo rigoroso, tanto a organização ecológica do comportamento quanto a experiência vivida pelo atleta no instante da decisão (Araújo; Davids, 2009; Davids; Button; Bennett, 2008; Barris; Davids; Farrow, 2013).

A apresentação dos resultados segue uma lógica progressiva e articulada, concebida para orientar a leitura e favorecer a compreensão do fenômeno investigado. Inicialmente, oferece-se uma visão geral da organização das Unidades Táticas no corpus da pesquisa, situando o leitor quanto à distribuição, à densidade e à natureza dos episódios decisórios identificados ao longo das lutas. Em seguida, os resultados são aprofundados por meio de análises intracaso, contemplando cada atleta em duas situações competitivas distintas (primeira luta e luta final realizadas no campeonato), com ênfase nas regulações táticas, nas significações vividas e nas transições fenomenológico-ecológicas que estruturam o curso da ação em situação real de combate.

Na sequência, procede-se à análise intercasos, com o objetivo de identificar regularidades, contrastes e princípios organizadores transversais na tomada de decisão entre atletas de diferentes categorias e trajetórias competitivas. Por fim, os achados são integrados em uma síntese fenomenológico-ecológica da tomada de decisão no jiu-jitsu, articulando os planos observável (vídeo) e experiencial (autoconfrontação) da ação em um modelo interpretativo coerente com os pressupostos teórico-metodológicos que orientam esta pesquisa.

4.1 Organização geral das Unidades Táticas no corpus da pesquisa

A organização das Unidades Táticas (UTs) constitui o eixo estruturante da análise empírica desenvolvida nesta investigação. Conforme apresentado na Metodologia, as UTs

foram definidas como episódios funcionais do curso da ação, delimitados a partir de mudanças significativas na dinâmica da luta, tais como transições posicionais relevantes, eventos de pontuação, tentativas de finalização, interrupções regulamentares ou reconfigurações estratégicas perceptíveis no comportamento dos atletas (Theureau, 2006, 2014; Durand, 2016).

No total, foram identificadas 42 UTs distribuídas ao longo das primeiras lutas e lutas finais dos quatro atletas analisados (A1, A2, A3 e A4), preservando-se a continuidade temporal integral dos combates. Essa opção metodológica assegura elevada validade ecológica à análise, uma vez que a decisão é examinada no próprio fluxo da luta, e não a partir de recortes previamente selecionados ou de eventos isolados.

As UTs não correspondem a “jogadas” isoladas nem a sequências técnico-motoras fechadas. Elas são compreendidas como unidades de sentido da ação, nas quais se torna possível articular:

- (i) o plano observável do comportamento (ações, posições, transições, resultados);
- (ii) o plano experiencial reconstruído a partir das verbalizações de autoconfrontação; e
- (iii) os constrangimentos ecológicos que modulam o curso da ação (organismo, tarefa e ambiente), conforme a tríade de constrangimentos proposta por Newell (1986) e amplamente desenvolvida na Dinâmica Ecológica (Davids; Button; Bennett, 2008).

Do ponto de vista descritivo, observa-se que a densidade e a duração das UTs variam de acordo com:

- a fase do campeonato (primeira luta ou final);
- o estado do placar;
- o nível de estabilidade posicional;
- e a pressão competitiva associada ao momento da luta.

Lutas resolvidas rapidamente, como algumas primeiras lutas, apresentam menor número de UTs, com episódios decisórios mais concentrados e encurtamento do percurso tático. Em contraste, lutas finais caracterizam-se por UTs mais longas, regulatórias e densas do ponto de vista decisório, refletindo a intensificação da gestão do risco, do tempo e do regulamento.

Do ponto de vista analítico, a UT cumpre uma função mediadora fundamental entre o vídeo e a experiência vivida. É no interior da UT que se torna possível reconstruir:

- as intenções que orientam a ação;
- as percepções hápticas e visuais mobilizadas;
- os critérios de decisão explicitados pelos atletas;
- e as transições entre estados de controle, exploração e contenção.

Assim, a UT não é apenas uma ferramenta de segmentação temporal, mas uma unidade teórico-metodológica que permite acessar o conhecimento tático em ação, conforme proposto pela Teoria do Curso da Ação, em articulação com os pressupostos da Dinâmica Ecológica.

Essa organização geral das UTs fornece a base empírica para as análises que se seguem. Nas subseções seguintes, os resultados são apresentados de forma progressiva: inicialmente por meio das análises intracaso, que aprofundam a singularidade decisória de cada atleta em situações competitivas distintas, e, posteriormente, pela análise intercasos, que permite identificar regularidades e contrastes na construção e mobilização do conhecimento tático em ação no jiu-jitsu competitivo de alto rendimento.

4.2 Resultados intracazos

Esta seção apresenta os resultados intracaso, organizados a partir da análise detalhada das Unidades Táticas (UTs) das lutas de cada atleta (A1, A2, A3 e A4). O objetivo não é comparar diretamente os atletas neste momento, mas compreender, em profundidade, como cada um constrói e mobiliza conhecimento tático em ação em situações competitivas reais, considerando a singularidade de seus percursos decisórios.

A análise intracaso permite examinar o curso da ação de cada atleta como uma totalidade coerente, articulando:

- o encadeamento temporal das UTs;
- as intenções, percepções e regulações explicitadas nas autoconfrontações;
- os constrangimentos do organismo, da tarefa e do ambiente que modulam a decisão em situação.

Cada atleta é analisado a partir de duas lutas (primeira luta e luta final), o que possibilita observar ajustes, continuidades e reconfigurações do conhecimento tático em ação diante de contextos competitivos distintos. Essa opção analítica evita leituras baseadas em episódios isolados e permite compreender a decisão como processo situado e dinâmico, sensível às exigências do combate e à experiência vivida pelo atleta (Araújo; Davids, 2009; Theureau, 2006, 2014, 2020).

A estrutura adotada em cada intracaso é a seguinte:

1. caracterização geral da luta;
2. análise das UTs e do curso da ação;
3. síntese interpretativa, explicitando o modo como o conhecimento tático é mobilizado e recriado em situação.

4.2.1 Atleta A1 – Primeira luta (Luta 1)

A análise descritivo-funcional da Luta 1 do atleta A1, realizada a partir do instrumento técnico-tático de combates de jiu-jitsu (Moura, 2021), evidencia um perfil tático claramente orientado pelo jogo de guarda. Observa-se predominância da ação puxar para a guarda, acompanhada por tentativas de raspagem, raspagens efetivas e investidas recorrentes para acessar as costas do adversário, indicando um combate estruturado prioritariamente por baixo (Tabela 3).

Do ponto de vista posicional, a posição de guarda foi a mais frequente ao longo da luta, com 19 registros, correspondendo a mais de 40% das situações observadas (Tabela 4). Esse dado confirma que o combate se desenvolveu majoritariamente nesse ambiente posicional, envolvendo disputas contínuas de controle, ajustes de distância, gestão de pegadas e transições ofensivas a partir da guarda.

Os descritores quantitativos — frequências de ações e posições — são mobilizados nesta análise como suporte interpretativo da organização temporal e tática do combate, e não como explicações isoladas do desempenho. Tal opção está em consonância com abordagens contemporâneas da análise do desempenho esportivo, que ressaltam a necessidade de articular dados observáveis a finalidades analíticas explícitas e a quadros teóricos consistentes (O'Donoghue, 2014).

No plano ofensivo, destacam-se as tentativas de pegar as costas e as raspagens, sugerindo que o atleta A1 buscou, de forma reiterada, desequilibrar o oponente e converter situações de guarda em vantagem posicional. Esse padrão é característico de atletas que estruturam seu jogo a partir de guardas avançadas, dominando sequências de entrada, reentrada e continuidade ofensiva por baixo, e privilegiando progressões dinâmicas em detrimento de estabilizações prolongadas por cima.

A presença moderada de vantagens indica um combate intenso e disputado, com menor incidência de ações de pontuação direta associadas a passagens de guarda consolidadas ou montadas estáveis. As tentativas de finalização — como ataques ao pé — ocorreram de forma pontual e não configuraram um eixo organizador dominante da luta, funcionando mais como ameaças táticas inseridas no fluxo do jogo de guarda do que como objetivos centrais do combate.

Nesse contexto, a ação puxar para a guarda representou aproximadamente um quarto do total de ações técnico-táticas observadas, reforçando um padrão tático recorrente do atleta A1 (Tabela 3). Em síntese, a luta se desenvolveu predominantemente no ambiente da guarda, com

alta variabilidade de ações internas a esse contexto posicional e baixa incidência de controles superiores estáveis, como controle lateral e montada.

As frequências de ações e posições são, portanto, apresentadas como descritores funcionais do desempenho, utilizados para sustentar a interpretação do encadeamento tático da luta, e não como variáveis explicativas autônomas do comportamento. Nesse enquadramento, os dados quantitativos contribuem para explicitar regularidades, ênfases e padrões da organização da ação, sem substituir a análise situada do curso decisório construído no próprio fluxo do combate.

Em termos gerais, a Luta 1 do atleta A1 caracteriza-se por alta variabilidade decisória no jogo de guarda, forte orientação para raspagens e entradas nas costas, e menor investimento em estabilizações prolongadas por cima. Esse pano de fundo descritivo-funcional fornece o contexto necessário para a análise fenomenológico-ecológica detalhada.

Tabela 3 – Frequência das Ações técnico-táticas predominantes na Luta 1 do atleta A1

Ação	Frequência	Percentual (%)
Puxar para a guarda	10 vezes	23,81%
Tentativa de Raspagem	4 vezes	14,29%
Raspagem	4 vezes	9,52%
Tentativa de pegar as costas	3 vezes	9,52%
Vantagem	6 vezes	7,14%
Falta de ação	3 vezes	7,14%
Tentativa de passagem de guarda	2 vezes	7,14%
Pegar as costas	2 vezes	4,76%
Tentativa de finalização	2 vezes	4,76%
Ir para a posição de passagem de guarda	3 vezes	4,76%
Tentativa de queda	1 vez	2,38%
Tentativa de montada completa	1 vez	2,38%
Deslocamento	1 vez	2,38%

Fonte: Elaborada pela autora.

Tabela 4 – Frequência das posições de luta predominantes na Luta 1 do atleta A1

Posição	Frequência	Percentual (%)
Posição de guarda	19 vezes	42,22%
Posição em Pé	12 vezes	26,67%
Posição de passagem de guarda	7 vezes	15,56%
Posição de costas	5 vezes	11,11%
Posição de montada completa	1 vez	2,22%
Posição de controle lateral / Posição NS	1 vez	2,22%

Fonte: Elaborada pela autora.

Na sequência, são apresentados os quadros analíticos correspondentes à Luta 1 de A1. A organização desses quadros visa assegurar clareza, rastreabilidade e utilidade interpretativa, permitindo acompanhar, de forma integrada, a relação entre ação observável, experiência vivida e constrangimentos situacionais que estruturaram o curso da ação ao longo do combate.

4.2.1.1 *Log de Eventos/ Unidades Táticas (UTs) da Luta 1 do atleta A1*

O Quadro 14 (A1-01) apresenta a segmentação da Luta 1 do atleta A1 em Unidades Táticas (UTs), delimitadas a partir de mudanças no problema decisório central ao longo do combate. Cada UT corresponde a um episódio funcionalmente coerente do curso da ação, estruturando o fluxo da luta e servindo como base empírica para a análise articulada entre ação observável, organização tática e experiência vivida.

Quadro 14 – A1-01 – Log de Eventos/Unidades Táticas (UTs) da Luta 1 do atleta A1

(Continua)

ID-UT	<i>Timecode in</i>	<i>Timecode out</i>	Descrição objetiva (ação observável)	Dimensão tática (no sentido analítico)	Observações
UT-A1- L1-01	09:48	09:06	Início da luta em pé; ambos buscam pegadas altas, puxam simultaneamente para a guarda; adversário tenta passagem curta; sequência fica travada e o árbitro aplica punição por passividade.	Manutenção	Episódio de sondagem inicial e ajuste de distância, com controle de risco e estudo mútuo.
UT-A1- L1-02	09:05	08:02	A1, em guarda aberta, tenta raspagem; em seguida, em posição de costas, salta com ganchos nas pernas do adversário buscando derrubar; depois tenta pegar as costas saindo da guarda aberta.	Ofensiva	Sequência de progressão a partir da guarda, com tentativas sucessivas de desequilíbrio e ataque às costas.
UT-A1- L1-03	08:01	07:39	Adversário, em guarda, ataca o pé de A1 com tentativa de chave de pé; A1 gira e sai da área de luta, neutralizando o ataque sem reverter posição.	Defensiva	Episódio centrado na defesa do pé lesionado, com foco em sair do risco imediato de finalização.
UT-A1- L1-04	07:38	07:16	Retomada em pé; ambos puxam para guarda ao mesmo tempo; na sequência, A1 ajusta base e progride para posição de passagem de guarda, recebendo vantagem do árbitro.	Ofensiva	Início de mudança de postura, com avanço a partir da guarda para posição de ataque por cima.
UT-A1- L1-05	07:15	06:28	A1 tenta contragolpe para pegar as costas durante o giro do adversário; depois ambos se levantam, puxam guarda novamente e A1 volta à posição de passagem de guarda, acumulando novas vantagens.	Ofensiva	Episódio de ofensiva continuada, com foco em costas e passagens, reforçando o controle pela maior combatividade.
UT-A1- L1-06	06:27	04:29	Sequência de trocas de raspagem: adversário raspa A1 a partir da meia-guarda; em seguida, A1 raspa a partir da guarda “Laço”; nova raspagem de A1 em tentativa de berimbolo; na sequência adversário raspa novamente.	Transição	Alternância de superioridade (cima/baixo), com mudanças rápidas de posição e reequilíbrio da luta.

Quadro 14 – A1-01 – Log de Eventos/Unidades Táticas (UTs) da Luta 1 do atleta A1

(Conclusão)

ID-UT	<i>Timecode in</i>	<i>Timecode out</i>	Descrição objetiva (ação observável)	Dimensão tática (no sentido analítico)	Observações
UT-A1- L1-07	04:28	03:43	A1, em guarda X, tenta raspagem e encadeia ataque às costas; a ação progride até a borda da área de luta e ambos saem da área; recomeço em pé com nova puxada para guarda.	Ofensiva	Episódio de busca ativa por reversão do placar, com ataque encadeado guarda → costas.
UT-A1- L1-08	03:42	02:29	Em guarda, adversário recebe penalidade e se levanta de imediato; A1 recebe vantagem e depois falta por passividade; reinício em pé no centro; ambos puxam para guarda; adversário vai para passagem e recebe vantagem.	Manutenção	Gestão do tempo, das punições e do ritmo, com estratégia de controle posicional e leitura das penalidades.
UT-A1- L1-09	02:28	02:00	A1 tenta raspagem a partir da guarda De La Riva; ao não conseguir, identifica abertura e entra nas costas com pernas cruzadas, marcando pontos; adversário se desloca para fora da área e é punido.	Ofensiva	Virada tática importante: uso de posição forte (costas) para ampliar vantagem técnica no combate.
UT-A1- L1-10	01:59	01:07	A1, nas costas, tenta estrangulamento na gola com tentativa de triângulo de pernas; transita para montada buscando finalização no braço; retorna ao controle de costas e mantém domínio, acumulando vantagens.	Ofensiva	Fase de ataque continuado com diferentes tentativas de finalização, sob forte controle posicional.
UT-A1- L1-11	01:06	00:32	Em pé, A1 puxa para guarda, realiza raspagem e progride para posição de passagem de guarda, ampliando pontos e consolidando domínio no final da luta.	Ofensiva	Episódio de consolidação da vantagem, por meio de ação ofensiva (raspagem + progressão por cima).
UT-A1- L1-12	00:31	00:00	Nos segundos finais, adversário ataca novamente o pé de A1 com tentativa de chave, marca 2 pontos, mas A1 protege a articulação e mantém o resultado até o cronômetro zerar.	Defensiva	Fechamento da luta com foco exclusivo em proteger o pé e evitar reversão no último instante.

(Legenda geral apresentada anteriormente na seção de Metodologia.)

Fonte: Elaborado pela autora.

4.2.1.2 *Ancoragem Temporal (vídeo ↔ fala) da Luta 1 do atleta A1*

O Quadro 15 (A1-02) apresenta a ancoragem temporal das Unidades Táticas da Luta 1 do atleta A1, articulando cada episódio identificado no vídeo aos trechos de fala produzidos na entrevista de autoconfrontação. Esse procedimento permite reconstruir o sentido atribuído pelo atleta às suas ações no próprio desenrolar do combate, conectando a experiência vivida à dinâmica observável da luta.

Quadro 15 – A1-02 – Ancoragem Temporal (Vídeo ↔ Fala) da Luta 1 do Atleta A1

(Continua)

ID-UT	Trecho da fala (autoconfrontação)	Paráfrase/sentido central	Evidência no vídeo
UT-A1-L1-01	<i>“Eu já havia lutado com ele... então eu já sabia um pouco do jogo dele... forte dele é atacar o pé, então eu já estudei logo para puxar para a guarda, porque eu sou guardeiro... eu tenho uma guarda boa, então eu me senti à vontade para puxar ele, sabendo que ele não passaria minha guarda.”</i>	Chega confiante, com plano prévio de puxar para a guarda para neutralizar o ponto forte do adversário (ataque ao pé) e jogar na sua zona de conforto.	Início da luta em pé; ambos buscam pegada alta e puxam simultaneamente para a guarda; adversário tenta passagem curta, recebe 1 vantagem; luta fica “amarrada” e o árbitro pune ambos por passividade (retirando depois a falta de A1).
UT-A1-L1-02	<i>“Achei que ele não ia avançar, que ele estava querendo amarrar a luta, foi quando comecei a ativar um pouco o meu lado agressivo... Minha intenção era raspar ele, derrubar ele para eu subir... Tentei ir para as costas, mas ele defendeu bem... Como eu sabia que ele era forte, eu queria usar o meu lado técnico.”</i>	Percebe o adversário travando a luta e decide “soltar o jogo”, atacando com raspagem, queda e pegada nas costas, confiando mais em técnica do que em força.	Em guarda aberta, A1 tenta raspagem sem êxito; em posição de costas salta com ganchos nas pernas para derrubar, ganhando 1 vantagem; volta para a guarda tentando pegar as costas com o pé enganchado na perna do adversário.
UT-A1-L1-03	<i>“Ele foi no meu pé machucado... eu sabia que o forte dele é atacar o pé... eu tinha na mente que precisava defender meu pé... comecei a girar e defender... sentia muita adrenalina, um pouco de nervosismo, depois fui criando gosto na luta e me soltando mais.”</i>	Reconhece risco alto no ataque ao pé machucado; prioriza defesa do pé sob adrenalina e nervosismo, usando giros para escapar e começar a se soltar na luta.	Adversário, em guarda aberta, ataca a chave de pé no membro lesionado; A1 gira e sai da área de luta, neutralizando a tentativa de finalização.
UT-A1-L1-04	<i>“Minha intenção era puxar para guarda... puxamos juntos... eu estava querendo subir para passar a guarda.”</i>	Após neutralizar o ataque ao pé, retoma o plano de puxar para a guarda, agora com intenção clara de subir e iniciar passagem.	Em pé, ambos puxam para a guarda; na sequência, já em guarda, A1 progride para posição de passagem de guarda e recebe 1 vantagem.

Quadro 15 – A1-02 – Ancoragem Temporal (Vídeo ↔ Fala) da Luta 1 do Atleta A1

(Continuação)

ID-UT	Trecho da fala (autoconfrontação)	Paráfrase/sentido central	Evidência no vídeo
UT-A1-L1-05	<i>“Minha intenção aqui era dar um contragolpe pra pegar as costas dele, mas ele tava fugindo muito... pretendia pegar as costas pra finalizar, só que não consegui... Tentei isso porque é meu forte ir para as costas. Eu gosto de controlar a luta, me considero muito estratégico... qualquer erro pode custar a luta.”</i>	Procura o contragolpe para pegar as costas e finalizar, expressando estilo estratégico e controlador, atento ao risco elevado da categoria Galo.	A1 tenta pegar as costas em contra-ataque ao giro do adversário; ambos puxam para guarda em pé; A1 vai para passagem de guarda e recebe três vantagens sucessivas, interpretadas como maior combatividade e domínio.
UT-A1-L1-06	<i>“Aqui eu ia tentar passar e ele acabou me raspando. Mas eu estava confiante e atento... ele já estava agoniado... começou a se afobar... eu senti que ele estava nervoso e cansado, então comecei a controlar a luta... Neste momento eu estava dando uma respirada... estava muito ofegante... queria ver o que ele ia tentar fazer... O que me motivou foi por ele ter me raspado, então tive que criar um ânimo para tentar devolver, porque ele estava ganhando de dois pontos.”</i>	Sofre raspagem, mas se mantém confiante; lê sinais de afobação e cansaço do adversário; usa o momento para respirar, estudar o outro e preparar a “devolução” da raspagem.	Adversário raspa A1 e faz 2 pontos na meia-guarda; em seguida A1 raspa com a perna presa na guarda “Laço”, tenta berimbolo e faz 2 pontos; na sequência, o adversário raspa novamente a partir da meia-guarda fechada, chegando à passagem de guarda e marcando mais 2 pontos.
UT-A1-L1-07	<i>“Eu estava tentando derrubar ele para empatar a luta... só que eu não conseguia obter o resultado, porque ele foi para fora... Foi quando comecei a entrar em desespero. Bateu um desespero de eu não executar a posição... Aqui o que eu mais pensava era que eu tinha que fazer algo para voltar para o game.”</i>	Em desvantagem, intensifica o ataque para virar o placar; frustração crescente por não completar as ações, mas mantendo foco em “voltar para o jogo”.	A1 tenta raspagem a partir da guarda X e pegada nas costas em ataque contínuo; ambos saem da área de luta; retornam em pé e puxam de novo para a guarda.

Quadro 15 – A1-02 – Ancoragem Temporal (Vídeo ↔ Fala) da Luta 1 do Atleta A1

(Continuação)

ID-UT	Trecho da fala (autoconfrontação)	Paráfrase/sentido central	Evidência no vídeo
UT-A1-L1-08	<i>“Eu estava atento no tempo. O professor estava falando para eu fazer uma estratégia, só que eu não estava querendo fazer, porque percebi que não era necessário no mesmo momento, pois eu estava no controle da luta... Ele estava com duas faltas já... Se ele tomasse mais uma, poderia ser desclassificado... Usei uma estratégia: eu já sentei logo... Caso ele continuasse sentado junto comigo, ele ia ser desclassificado... fiquei segurando ele pra ver se conseguia raspar de volta... gosto de olhar o tempo pra ter noção de quanto falta.”</i>	Mostra leitura de punições e tempo: recusa uma orientação do corner por julgá-la desnecessária, controla a luta pela gestão de faltas e tempo e usa a regra como recurso tático.	Ambos em guarda; adversário recebe 1 punição e levanta; A1 recebe 1 vantagem e depois 1 falta; luta reinicia em pé no centro; os dois puxam para guarda; adversário vai para passagem e recebe vantagem; A1 senta rapidamente, buscando expor o adversário a nova falta.
UT-A1-L1-09	<i>“Nesse momento eu só pensava: tenho que raspar ele. Eu já estava ficando frustrado porque não estava conseguindo encaixar minhas melhores posições. Foi quando eu decidi fazer a posição que gosto muito, que é a ida para as costas. Decidi isso na hora, quando vi uma oportunidade eu já abracei ela... Decidi e consegui ir para as costas, só que ele fugiu... recebeu mais uma falta e eu ganhei dois pontos.”</i>	Em meio à frustração, recorre à sua posição favorita (ida para as costas); decide no fluxo ao perceber a abertura e transforma a oportunidade em pontos, apesar da fuga do adversário.	A1 tenta raspagem da guarda De La Riva, não completa; identifica brecha para pegar as costas com as pernas cruzadas, faz 4 pontos; o adversário se desloca para fora da área e recebe nova punição.
UT-A1-L1-10	<i>“Neste momento eu queria finalizar ele, dar uma gola no pescoço, só que eu não consegui, ele acabou defendendo... eu já estava fadigado, meus braços já estavam perdendo a força. Tentei dominar ele para não fazer mais nada. Minha intenção era finalizar logo... com a gola, só que ele acabou defendendo tirando meu braço e saiu.”</i>	Com vantagem no placar, busca finalizar pela gola, mas a fadiga nos braços limita a execução; passa a priorizar controle e dominação até o fim.	A1 mantém as costas, tenta estrangulamento na gola com triângulo de pernas; progride para montada buscando finalização no braço; recebe sucessivas vantagens por ataque, triângulo corporal, tentativa de americana e passagem de guarda, mantendo domínio posicional.

Quadro 15 – A1-02 – Ancoragem Temporal (Vídeo ↔ Fala) da Luta 1 do Atleta A1

(Conclusão)

ID-UT	Trecho da fala (autoconfrontação)	Paráfrase/sentido central	Evidência no vídeo
UT-A1-L1-11	<i>“Neste momento já estava cansado... muito ofegante. Mas eu vi que faltava um minuto e ele começou a desesperar. Foi quando comecei a dominar ele para obter o êxito, ganhar a luta. Comecei a ficar no controle... era ele que tinha que correr atrás da luta... aí eu já tava mais dominando ele.”</i>	Reconhece o próprio cansaço, mas percebe o desespero do adversário e usa isso para reforçar o controle até o fim, mantendo a vantagem sem se expor.	A1 puxa para guarda, realiza raspagem, soma 2 pontos e vai para posição de passagem de guarda a partir da guarda aberta, administrando o tempo restante em posição de domínio.
UT-A1-L1-12	<i>“Nestes últimos minutos eu só pensava que eu não podia errar. Ele queria ir no meu pé, e eu estava tentando não deixar ele pegar o meu pé. Ele queria fazer uma ‘americana’ no pé... Eu tentei ir no outro pé e a todo momento defendendo.”</i>	Fechamento da luta focado em não cometer erros e proteger o pé (ponto frágil já conhecido), mantendo a vitória sob risco controlado.	Nos segundos finais, o adversário ataca novamente o pé esquerdo com chave/americana, marcando 2 pontos; A1 defende o tempo todo, mantendo o placar favorável e encerrando a luta sob domínio posicional.

Nota metodológica: Os *timecodes* completos são apresentados apenas nos Quadros de Segmentação das Unidades Táticas que constituem o registro formal da delimitação dos episódios decisórios. Nos Quadros de Ancoragem Vídeo-Fala, optou-se por omitir os *timecodes*, a fim de facilitar a leitura e enfatizar a relação entre experiência vivida e ação observável, mantendo-se a referência às mesmas UTs.

Fonte: Elaborado pela autora.

4.2.1.3 *Codificação TCA e Constrangimentos (DE) da Luta 1 do A1*

O Quadro 16 (A1-03) sintetiza a codificação das Unidades Táticas da Luta 1 do atleta A1, articulando os componentes do signo hexádico da Teoria do Curso da Ação com os constrangimentos ecológicos do organismo, da tarefa e do ambiente. Cada UT é acompanhada de um título funcional, construído a partir de sua relevância no curso da luta, integrando explicitamente o plano fenomenológico da experiência com a organização situacional da ação.

Quadro 16 – A1-03 – Signo hexádico (TCA) e Constrangimentos (DE) da Luta 1 do Atleta A1

(Continua)

UTs 01-06						
TCA/DE	UT01 - Decisão inicial por jogar na guarda para neutralizar o pé adversário	UT02 - Ofensiva inicial da guarda com raspagem, queda e tentativa de costas	UT03 - Defesa do primeiro ataque ao pé e saída da zona de risco	UT04 - Retomada do plano guarda → subida para passar a guarda	UT05 - Contragolpes para as costas e consolidação de domínio por vantagens	UT06 - Sequência de raspagens mútuas e leitura do cansaço adversário
Engajamento-E	Entrar na luta aplicando o plano combinado: puxar para a guarda, jogar na sua zona de conforto e, ao mesmo tempo, neutralizar de forma proativa o ponto forte do adversário (ataque ao pé).	Romper a “amarração” inicial assumindo postura mais agressiva: usar a guarda aberta para raspar, tentar derrubar e chegar às costas, explorando o lado técnico em vez da força bruta.	Proteger o pé machucado, sobreviver ao primeiro ataque mais perigoso do adversário e manter-se inteiro na luta, usando a defesa como gatilho para “entrar no ritmo” do combate.	Retomar o plano de puxar para a guarda, agora com intenção clara de subir para passar, buscando inverter a lógica de ser atacado por baixo para assumir o jogo por cima.	Impor um jogo estratégico centrado em contragolpes para as costas, aproveitando giros e fugas do adversário para tentar encaixar sua posição forte e acumular vantagens.	Reequilibrar o combate após sofrer raspagem, “devolver” os pontos e transformar a percepção de nervosismo e cansaço do adversário em oportunidade para assumir o controle tático.

Quadro 16 – A1-03 – Signo hexádico (TCA) e Constrangimentos (DE) da Luta 1 do Atleta A1

(Continuação)

UTs 01-06						
Situação-S	Início da luta em pé, ambos se conhecem de outra competição em que A1 perdeu; disputam pegadas altas, entram juntos na guarda; adversário tenta passagem curta, recebe vantagem; sequência travada, com punição por passividade ao adversário e punição retirada de A1 (0 x 0, 1 vantagem e 1 falta para o adversário).	Ainda em 0 x 0, com leve vantagem numérica para o adversário em punição/vantagem; luta tende a travar, com oponente “amarrando” o jogo; A1 a partir da guarda busca criar ações que possam destravar a luta.	Logo após tentativa de ofensiva não concretizada, o adversário, em guarda, ataca o pé lesionado de A1 com chave de pé; risco imediato de finalização em início de luta, ainda com placar zerado em pontos.	Recomeço em pé após saída da área; ambos puxam simultaneamente para a guarda, retornando a um cenário conhecido; A1 progride para posição de passagem, recebendo 1 vantagem (0 x 0, 2 vantagens para A1 x 1 vantagem e 1 falta para o adversário).	Fase ainda sem pontos, mas já com acúmulo de vantagens para A1; adversário gira, simula ações, se aproxima da borda da área de luta e “foge” de situações de risco; A1 insiste em tentar pegar as costas e passar, reforçando imagem de maior combatividade (0 x 0, 5 vantagens para A1 x 1 vantagem e 1 falta para o adversário).	Meio da luta, com trocas rápidas de raspagem: adversário abre 2 pontos, A1 responde com raspagens sucessivas, mas também sofre nova raspagem; placar em 2 x 4 contra A1, porém com 5 vantagens a seu favor.

Quadro 16 – A1-03 – Signo hexádico (TCA) e Constrangimentos (DE) da Luta 1 do Atleta A1

(Continuação)

UTs 01-06						
Representam en-R	Lembrança situada de que o adversário é perigoso no pé (“ <i>forte dele é atacar o pé</i> ”), mas de que sua guarda é confiável; sensação de confiança por “ <i>poder puxar primeiro</i> ” e deixar o outro fora das posições mais fortes.	Leitura de que o adversário está “ <i>querendo amarrar</i> ” e não avançar; percepção de que é preciso “ <i>ativar o lado agressivo</i> ” para movimentar a luta e não ficar refém do ritmo do outro.	Foco perceptivo quase exclusivo no pé machucado; sensação de adrenalina e nervosismo ao perceber o ataque diretamente na região fragilizada, seguida do sentimento de “ir criando gosto” na luta à medida que se defende.	Percepção de que voltou ao seu plano: puxar junto, ajustar a guarda e, dessa vez, aproveitar a oportunidade para subir e iniciar a passagem; leitura de que o contexto está mais favorável ao seu jogo.	Sensação de que o adversário “ <i>está fugindo muito</i> ” e “ <i>se jogando pra fora de área</i> ”, o que reforça a ideia de que A1 é o mais propositivo; percepção de que costas é seu “forte” e caminho privilegiado para controlar a luta.	Percepção de que o adversário, mesmo pontuando, está “ <i>agoniado</i> ”, nervoso e cansando; simultaneamente, consciência do próprio cansaço e o fegância, mas com leitura de que consegue “controlar a luta” a partir dali.
Unidade de ação-U	Disputa inicial de pegada em pé; ambos puxam simultaneamente para a guarda; adversário tenta uma passagem curta, recebe vantagem; sequência fica travada, gera punição por passividade ao adversário e punição depois retirada de A1, que permanece em guarda segura.	A1 tenta raspagem na guarda aberta; em seguida, gira para as costas, salta com ganchos nas pernas buscando derrubar (gera vantagem); volta à guarda, engata o pé na perna do adversário e tenta novamente chegar às costas.	A partir da guarda do adversário, este encaixa ataque de chave de pé no lado lesionado; A1 gira para fora, desloca a ação até a borda da área de luta e sai da área de luta, desfazendo o ataque sem contra-golpe imediato.	Ambos recomeçam em pé, puxam juntos para a guarda; já na guarda, A1 ajusta base, sobe e progride para posição de passagem, recebendo 1 vantagem do árbitro.	Em giro do adversário, A1 tenta contragolpe para pegar as costas; sequência vai para a borda da área de luta, com oponente se jogando para fora; em novo recomeço, ambos puxam para guarda e A1 volta à posição de passagem, acumulando três vantagens seguidas pela leitura de maior combatividade/domínio.	Adversário raspa A1 a partir da meia-guarda com gancho, marcando 2 pontos; A1 responde raspando com a perna presa na guarda laço; depois, em tentativa de berimbolo, volta a raspar e marcar 2 pontos; na sequência, o adversário raspa novamente a partir da meia-guarda fechada, chegando à passagem de guarda.

Quadro 16 – A1-03 – Signo hexádico (TCA) e Constrangimentos (DE) da Luta 1 do Atleta A1

(Continuação)

UTs 01-06						
Potencial de ação-A	Consolidar um jogo de guarda confiante, afastando imediatamente o risco ao pé e preparando cenários futuros de raspagem, queda ou ida para as costas, sempre a partir da segurança posicional por baixo.	Transformar a guarda aberta em ações de pontuação (raspagem, queda, costas), forçando o adversário a sair da postura de travar a luta e abrindo espaço para assumir a posição superior com iniciativa.	Sair ileso do ataque ao pé, preservar a integridade física e, ao mesmo tempo, usar o sucesso defensivo como gatilho para ganhar confiança e soltar mais o jogo ofensivo posteriormente.	Usar a guarda como plataforma de subida para o jogo por cima, buscando construir uma passagem de guarda consistente e começar a inverter o controle tático da luta.	Converter os contragolpes em pegada efetiva de costas, montar cenário de finalização e, mesmo quando isso não ocorre, acumular vantagens e reforçar perante arbitragem a imagem de atleta dominante.	Transformar a alternância de raspagens em virada de narrativa: usar a leitura de cansaço e afobação do adversário para assumir o controle do ritmo, planejar novas raspagens e preparar idas às costas.

Quadro 16 A1-03 – Signo hexádico (TCA) e Constrangimentos (DE) da Luta 1 do Atleta A1

(Continuação)

UTs 01-06						
Interpretação -I	<i>“Eu já havia lutado com ele[...] forte dele é atacar o pé [...] então eu já estudei logo pra puxar pra guarda [...] eu tenho uma guarda boa.” A1 interpreta que iniciar puxando para a guarda foi a melhor forma de neutralizar o ponto forte do adversário e jogar em sua zona de confiança.</i>	<i>“Ele tava querendo amarrar [...] foi quando comecei a ativar um pouco o meu lado agressivo [...] minha intenção era raspar, derrubar e subir... eu queria usar o meu lado técnico.” A1 interpreta que aumentar a agressividade técnica foi necessário para não aceitar o jogo travado do adversário.</i>	<i>“Ele foi no meu pé machucado [...] eu tinha na mente que precisava defender meu pé [...] sentia muita adrenalina [...] depois fui criando gosto na luta.” A1 interpreta que defender o pé sob pressão foi um momento chave para ganhar confiança e se soltar mais no combate.</i>	<i>“Minha intenção era puxar pra guarda [...] e eu tava querendo subir pra passar a guarda.” A1 interpreta que essa UT marca a retomada ativa do plano de subir para passar, conectando a guarda com o jogo por cima.</i>	<i>“Minha intenção era dar um contragolpe pra pegar as costas [...] é meu forte ir pras costas [...] eu gosto de controlar a luta, me considero muito estratégico.” A1 interpreta que insistir nas costas confirma seu estilo estratégico de controlar o combate em uma categoria de alta velocidade e risco.</i>	<i>“Aqui eu ia tentar passar e ele acabou me raspando [...] mas eu tava confiante [...] ele já tava agoniado [...] nervoso e cansado [...] então comecei a controlar a luta.” A1 interpreta que, mesmo sofrendo raspagens, a leitura do estado emocional do adversário permitiu assumir maior controle tático do combate.</i>

Quadro 16 – A1-03 – Signo hexádico (TCA) e Constrangimentos (DE) da Luta 1 do Atleta A1

(Continuação)

UTs 01-06						
Constrangimentos Organismo	Ativação fisiológica e emocional de início de luta (revanche), combinada com forte confiança na própria guarda e consciência prévia da vulnerabilidade do pé.	Corpo aquecendo, sem relato de fadiga relevante; ativação do “lado agressivo” e sensação de que a técnica pode compensar eventual desvantagem de força.	Pico de adrenalina e nervosismo frente ao ataque direto no pé machucado, seguido por um processo progressivo de regulação, com sensação de “entrar na luta” após defender.	Retomada de sensação de controle após o susto no pé; organismo ainda sem fadiga alta, permitindo intenção de subir e passar com iniciativa.	Aumento gradual do esforço físico, especialmente em tronco e pegadas, mas com percepção de estar “bem na luta” e de que o adversário começa a demonstrar sinais mais claros de cansaço e fuga.	Fadiga respiratória mais evidente (“ <i> muito ofegante</i> ”), porém com sensação de que o outro está mais cansado; necessidade de ajustar ritmo para respirar sem perder a prontidão para novas ações.
Constrangimentos Tarefa	Em contexto de 0 x 0 com leve vantagem ao adversário, tarefa de iniciar a luta sem se expor ao ponto forte do outro, mantendo o combate em zona segura de guarda.	Com o placar ainda zerado em pontos, tarefa de criar ações ofensivas que possam gerar vantagens e desestabilizar o jogo amarrado do adversário.	Diante de ataque direto ao pé machucado, tarefa de priorizar a defesa da articulação e evitar finalização precoce, mesmo que isso não gere pontuação imediata.	Em cenário de equilíbrio em pontos e vantagens, tarefa de transformar a guarda em ação de subida e passagem, buscando sinalizar mudança de controle tático a seu favor.	Com 0 x 0, mas claras vantagens acumuladas, tarefa de reforçar, por meio de contragolpes e tentativas de costas, a imagem de mais combativo, sem abrir espaço para contra-ataques perigosos.	Em 2 x 4 atrás no placar, tarefa de recuperar pontos via raspagens, ao mesmo tempo em que regula o próprio cansaço e explora o nervosismo e a afobação do adversário.

Quadro 16 – A1-03 – Signo hexádico (TCA) e Constrangimentos (DE) da Luta 1 do Atleta A1

(Continuação)

UTs 01-06						
Constrangimentos Ambiente	Ambiente de campeonato Brasileiro, clima de revanche contra adversário já conhecido; tatame central, público e barulho de fundo; árbitro atento à passividade já no início.	Espaço de luta ainda relativamente central, com certa tendência a “amarrar”; pressão da borda da área de luta começa a aparecer em tentativas de fuga do adversário.	Ação deslocando-se até a borda da área de luta por conta do giro defensivo; necessidade de lidar com limites da área de luta e possível reinício em nova configuração.	Reinício em pé no centro da área, sob olhar da arbitragem e das orientações do corner; ambiente de luta ainda aberto, com espaço para variações em pé e em guarda.	Proximidade da borda da área de luta frequente, com oponente utilizando o limite do tatame para escapar; arbitragem e público atentos às interpretações de combatividade e domínio.	Ambiente mais caótico, com alternância de cima/baixo e deslocamentos; clima de luta intensa de meio de combate, com ginásio reagindo às raspagens e inversões.
UTs 07-12						
Signo hexádico	UT07 - Ataques em guarda X e costas buscando empatar a luta	UT08 - Gestão tática do tempo, das punições e da postura combativa	UT09 - Entrada nas costas a partir da De La Riva e virada do combate	UT10 - Ataques encadeados de finalização pelas costas e montada	UT11 - Raspagem nos minutos finais e manutenção do domínio por cima	UT12 - Defesa da última chave de pé e fechamento seguro da luta
Engajamento-E	Intensificar a ofensiva para empatar a luta, mesmo sob pressão e frustração, mantendo a ideia de “fazer algo para voltar para o game” por meio de raspagem e costas.	Usar o regulamento (faltas, vantagens, postura) como recurso tático: controlar o tempo, as punições e as decisões estratégicas, inclusive avaliando quando seguir ou não as orientações do professo.	Romper a frustração recorrendo à sua principal recurso tático (ida para as costas), decidindo no fluxo aproveitar a menor brecha para assumir posição de forte controle.	Manter o domínio pelas costas e pela montada, buscando finalizar pela gola ou pelo braço; à medida que a fadiga aumenta, reorganizar o foco para controle e dominação posicional,	Mesmo cansado, reforçar o controle da luta nos minutos finais: usar a raspagem para ampliar a vantagem e manter o adversário numa situação de ter que “correr atrás” do resultado.	Encerrar a luta com máxima segurança, protegendo o pé e evitando qualquer erro que possa custar a vitória, mantendo o risco sob controle até o cronômetro zerar.

Quadro 16 – A1-03 – Signo hexádico (TCA) e Constrangimentos (DE) da Luta 1 do Atleta A1

(Continuação)

UTs 07-12						
Situação-S	Placar 2 x 4 desfavorável (após trocas de raspagem prévias), com A1 em desvantagem em pontos, embora com boas vantagens acumuladas; luta se aproxima da metade/final, aumentando a pressão por ações efetivas de virada.	Placar 2 x 4, com 6 vantagens e 1 falta para A1 x 2 vantagens e 2 faltas para o adversário; ambos em guarda, com penalidades influenciando fortemente o cenário, e risco real de desclassificação do oponente por mais uma falta.	Placar 6 x 4 para A1 após a ida para as costas (4 pontos) somada às vantagens e punições acumuladas; adversário foge da área e recebe mais uma falta, ampliando o desequilíbrio tático.	Placar 12 x 4 para A1, com múltiplas vantagens e domínio claro das costas/montada; adversário sob forte pressão, mas ainda defendendo as finalizações; tempo se aproxima dos minutos finais.	Placar 14 x 4 após nova raspagem de A1; tempo inferior a 1 minuto; adversário em situação de urgência para tentar reverter um placar amplamente desfavorável.	Segundos finais da luta, com placar 14 x 6 após a última tentativa de chave de pé do adversário; A1 ainda em vantagem larga em pontos e vantagens, mas sob risco pontual de finalização no pé.
Representam en-R	Percepção de que <i>“precisava derrubar para empatar”</i> e de que as tentativas não concluídas aumentam o desespero; sensação de urgência combinada com a crença de que ainda há espaço para virar a luta.	Percepção clara do tempo e das punições: adversário com duas faltas, possibilidade de desclassificação; leitura de que está “no controle da luta” e de que sentar estrategicamente pode colocar o outro em risco de terceira falta.	Sensação de frustração por não encaixar <i>“as melhores posições”</i> , seguida da decisão de recorrer à posição favorita (idas para as costas); percepção nítida da oportunidade surgindo e necessidade de “abraçar” a chance.	Percepção de fadiga nos braços (<i>“perdendo a força”</i>) e de que o adversário defende bem a gola; leitura de que, mesmo sem finalizar, manter o controle e acumular vantagens consolida a superioridade.	Sensação de cansaço intenso (<i>“muito ofegante”</i>), combinada com a percepção de que o adversário está <i>“desesperado”</i> e tem a obrigação de atacar; leitura de que basta controlar bem para confirmar a vitória.	Foco sensorial concentrado no pé atacado; percepção de que o adversário insiste em <i>“americana”</i> no pé; pensamento recorrente: <i>“não posso errar”</i> , sustentando atenção máxima na defesa até o fim.

Quadro 16 – A1-03 – Signo hexádico (TCA) e Constrangimentos (DE) da Luta 1 do Atleta A1

(Continuação)

UTs 07-12						
Unidade de ação-U	A1 ataca a partir da guarda X, tentando raspagem; encadeia tentativa de pegada nas costas; a ação se desloca até a borda da área de luta e ambos saem da área; reinício em pé, com nova puxada para guarda por parte de ambos.	Em guarda, adversário recebe penalidade e levanta; A1 ganha vantagem e em seguida falta; luta reinicia em pé no centro; A1 senta rapidamente, pressionando o adversário a decidir; ambos puxam para guarda; adversário vai para passagem e recebe vantagem, enquanto A1 busca controlar tempo e postura.	A1 tenta raspagem da guarda De La Riva; ao não conseguir, aproveita abertura e entra nas costas com as pernas cruzadas, marcando 4 pontos; adversário foge deliberadamente para fora da área e recebe nova punição.	A1 mantém controle de costas, tenta estrangulamento na gola com triângulo de pernas; transita para montada, busca finalização no braço; retorna ao controle lateral/costas, acumulando vantagens por estrangulamento, triângulo corporal, americana e tentativa de passagem.	Em pé, A1 puxa para a guarda, realiza raspagem, soma 2 pontos e progride para posição de passagem de guarda a partir da guarda aberta, mantendo o adversário sob controle nos segundos finais do episódio.	A partir da posição de passagem de guarda do adversário, este ataca a chave/americana de pé; A1 direciona a atenção para proteger o pé, controla o tronco e a base para não ser finalizado, administra o tempo restante até o fim da luta.

Quadro 16 – A1-03 – Signo hexádico (TCA) e Constrangimentos (DE) da Luta 1 do Atleta A1

(Continuação)

UTs 07-12						
Potencial de ação-A	Transformar a guarda X e as tentativas de costas em pontuação que empatasse ou virasse a luta, quebrando o ritmo do adversário e recolocando A1 no “jogo principal” (raspagem, costas, finalização).	Explorar o regulamento como recurso: provocar eventual terceira falta e possível desclassificação do adversário, ou, se isso não ocorrer, manter o controle do ritmo enquanto busca nova oportunidade de raspagem.	Converter a posição de costas em ponto de inflexão da luta: ampliar vantagem, minar emocionalmente o adversário e preparar terreno para finalização ou domínio até o fim.	Finalizar a luta pela gola ou pelo braço, ou, caso isso não se concretize, manter controle total, ampliar vantagens e consolidar uma narrativa de superioridade técnica e tática.	Selar a vitória por meio de ação ofensiva que amplie ainda mais a margem no placar, reduzindo a pressão psicológica dos segundos finais e deixando o adversário sem alternativas seguras.	Fechar a luta sem permitir reviravoltas, garantindo integridade do pé e preservando a vitória construída ao longo de toda a sequência tática.
Interpretação-I	<i>“Eu estava tentando derrubar ele pra empatar [...] comecei a entrar em desespero [...] tinha que fazer algo pra voltar pro game”. A1 interpreta que essa fase foi marcada por urgência e necessidade de ação ofensiva, mesmo sob frustração.</i>	<i>“Eu estava atento no tempo [...] eu estava no controle da luta... usei uma estratégia: eu já sentei logo [...] se ele continuasse sentado, ia ser desclassificado.” A1 interpreta que a gestão consciente de tempo e faltas foi um recurso tático tão importante quanto as ações técnicas.</i>	<i>“Eu só pensava: tenho que raspar ele [...] decidi fazer a posição que gosto muito, que é a ida pras costas [...] vi a oportunidade e abracei ela”. A1 interpreta que recorrer à sua posição favorita no momento de frustração foi decisivo para virar a luta.</i>	<i>“Eu queria finalizar ele [...] mas já estava fadigado, meus braços perdendo a força [...] tentei dominar ele pra ele não fazer mais nada”. A1 interpreta que, diante da fadiga, priorizar o controle foi uma escolha tática adequada para garantir o resultado.</i>	<i>“Já estava cansado [...] mas vi que faltava um minuto e ele começou a desesperar [...] comecei a dominar ele pra ganhar a luta [...] era ele que tinha que correr atrás.” A1 interpreta que, nos minutos finais, o controle psicológico e posicional foi mais decisivo que a busca por novas ações de alto risco.</i>	<i>“Nesses últimos minutos eu só pensava que eu não podia errar [...] ele queria ir no meu pé [...] eu estava tentando não deixar ele pegar o meu pé.” A1 interpreta que o fechamento seguro, focado na proteção do pé, foi coerente com toda a estratégia de defender o ponto frágil e confirmar a vitória.</i>

Quadro 16 – A1-03 – Signo hexádico (TCA) e Constrangimentos (DE) da Luta 1 do Atleta A1

(Continuação)

UTs 07-12						
Constrangimentos Organismo	Cansaço acumulado pelas trocas de raspagem e tentativas não concluídas, acompanhado de início de sensação de desespero; necessidade de regular a emoção para continuar atacando com clareza.	Fadiga moderada, mas com capacidade cognitiva preservada para monitorar tempo, faltas e voz do professor; confiança suficiente para discordar da estratégia sugerida e seguir sua própria leitura.	Cansaço misturado à frustração por não encaixar as melhores posições; ao mesmo tempo, percepção de que ainda tem repertório técnico (ida para costas) para virar a luta.	Fadiga evidente em braços e pegadas; sensação de perda de força para estrangular; necessidade de economizar energia e administrar esforço de forma inteligente.	Fadiga global intensa, mas com sensação de domínio psicológico ao perceber o adversário mais desesperado; foco em manter o controle sem “se afobar”.	Forte desgaste no fim da luta, especialmente em membros inferiores e região do pé atacado; foco atencional estreito na defesa, com pouco espaço para iniciativas ofensivas.
Constrangimentos Tarefa	Em desvantagem de pontos, tarefa de construir ações que possam empatar ou virar o placar (raspagem/queda/costas), sem se expor a ataques decisivos.	Em cenário de muitas punições e vantagens, tarefa de gerir o risco regulatório: evitar faltas adicionais para si, potencializar o risco de desclassificação do adversário e, ainda assim, manter condições de atacar.	Após a virada (6 x 4), tarefa de ampliar ou consolidar a vantagem, evitando que a fuga do adversário e as punições rompam o controle tático já conquistado.	Com amplo placar a favor (12 x 4), tarefa de decidir entre insistir na finalização ou priorizar o controle, evitando qualquer erro grave que reacenda a luta.	Com 14 x 4 no placar e pouco tempo restante, tarefa de manter o adversário sob controle, evitando raspagens ou finalizações que reabram o combate.	Nos segundos finais, tarefa de proteger o pé e evitar finalização, aceitando a perda de 2 pontos se necessário, desde que o placar final permaneça favorável.

Quadro 16 – A1-03 – Signo hexádico (TCA) e Constrangimentos (DE) da Luta 1 do Atleta A1

(Conclusão)

UTs 07-12						
Constrangimentos Ambiente	Ações se aproximam da borda da área de luta, com saída da área de luta; ambiente de crescente tensão, com público reagindo às tentativas de derrubada e costas.	Tatame central, reinícios em pé, árbitro controlando de perto penalidades; presença forte da voz do corner orientando estratégias; regras e punições ganham peso no ambiente.	Saída de área após a ida para as costas, com nova punição ao adversário; clima de virada, com público e arbitragem atentos à mudança de domínio.	Ambiente de grande pressão competitiva, com foco visual da plateia e do árbitro nas tentativas de finalização; sensação de clímax técnico, mesmo antes do fim da luta.	Último minuto de combate, ambiente ruidoso, corner e público incentivando, adversário se expondo mais; contexto favorece quem está à frente no placar e controla melhor as ações.	Clima de desfecho, com todos atentos aos últimos segundos e ao ataque no pé; qualquer erro poderia ser dramaticamente interpretado, o que intensifica a carga emocional sobre a defesa.

Fonte: Elaborado pela autora.

4.2.1.4 *Integração TCA–DE da Luta 1 do atleta A1*

O Quadro 17 (A1-04) apresenta a análise integrada das Unidades Táticas da Luta 1 do atleta A1, evidenciando como ações observáveis, significações vividas e constrangimentos ecológicos se combinam em cada episódio decisório. Nessa etapa, a Unidade Tática é tratada como unidade intermediária de análise, permitindo articular, de forma situada, os níveis técnico-tático, experiencial e contextual da tomada de decisão.

Quadro 17 – A1-04 – Integração TCA–DE da Luta 1 do Atleta A1

(Continua)

ID-UT	Dimensão Tática (no sentido analítico)	Evidências Integradas (vídeo + fala + hexádico + constrangimentos)	Síntese Interpretativa (TCA × DE)
UT-A1-L1-01	Manutenção	O vídeo mostra início em pé, disputa de pegadas altas, puxada simultânea para guarda, tentativa de passagem curta do adversário e sequência travada com punição por passividade. Na fala, A1 destaca que já conhecia o jogo do oponente, sabia que o forte dele era atacar o pé e, por isso, planejou “estudar logo para puxar para a guarda”, confiando muito na própria guarda. No hexádico, o engajamento (E) é entrar na luta já ancorado no plano prévio (jogar por baixo para neutralizar o pé), enquanto o representamen (R) é a lembrança da luta anterior e do risco sobre o pé machucado. Nos constrangimentos, organismo com confiança alta e ativação competitiva; tarefa centrada em cumprir o plano técnico-estratégico acordado com o professor; ambiente de estreia em luta de campeonato nacional, com clima de sondagem mútua.	Esta UT revela uma abertura tática de manutenção e estudo, em que A1 aceita um início “amarrado”, mas sob controle, instalando o combate na sua zona de conforto (guarda) e protegendo antecipadamente o pé, ponto vulnerável conhecido. A gestão da distância e a aceitação de um ritmo mais lento operam como recurso estratégico para implementar o plano sem se expor cedo a riscos de finalização.
UT-A1-L1-02	Ofensiva	O vídeo registra A1 usando a guarda aberta para tentar raspar, depois saltando com ganchos nas pernas em posição de costas para derrubar, e ainda buscando as costas com o pé enganchado. Na autoconfrontação, ele relata que percebeu o adversário “amarrando a luta”, decide ativar “o lado agressivo” e passa a tentar raspagem, queda e ida às costas, enfatizando que queria usar o “lado técnico” diante de um oponente forte fisicamente. No hexádico, o engajamento (E) desloca-se da sondagem para a proposição ofensiva; o representamen (R) é a leitura de passividade/amarração do outro, ativando a intenção de movimentar a luta. Como constrangimentos, organismo com boa energia e confiança; tarefa de começar a pontuar e quebrar a inércia; ambiente ainda em zona central, com espaço para ataques encadeados.	Nesta UT, A1 passa a impor iniciativa: usa a guarda como plataforma de ataque (raspagem, queda, costas) para desorganizar o jogo travado do adversário. A dimensão tática (no sentido analítico) ofensiva se concretiza na tentativa de transformar a superioridade técnica percebida em vantagem posicional, mesmo sem ainda converter em pontos, rompendo a fase de estudo e anunciando um estilo mais propositivo.

Quadro 17 – A1-04 – Integração TCA–DE da Luta 1 do Atleta A1

(Continuação)

ID-UT	Dimensão Tática (no sentido analítico)	Evidências Integradas (vídeo + fala + hexádico + constrangimentos)	Síntese Interpretativa (TCA × DE)
UT-A1-L1-03	Defensiva	Vídeo: As imagens mostram o adversário na guarda aberta atacando diretamente o pé lesionado de A1 com chave de pé, forçando A1 a girar e sair da área de luta para neutralizar o ataque, sem reverter a posição. Na fala, A1 reforça que já sabia que o forte do outro era “ir no pé”, lembra que esse pé estava machucado e que “não podia vacilar”; relata adrenalina alta, nervosismo inicial e progressiva sensação de ir “criando gosto na luta” ao defender. No hexádico, o engajamento (E) concentra-se em preservar a integridade do pé e permanecer na competição; o representamen (R) é o feedback doloroso e o risco de lesão. Em termos de constrangimentos, organismo sob ameaça física concreta; tarefa de sobreviver ao ataque sem ceder finalização; ambiente de borda de área da luta, com deslocamento até a saída forçada.	Esta UT evidencia um momento tático dominado pela defesa: A1 suspende temporariamente a busca ofensiva para proteger seu principal ponto frágil, usando rotação e fuga da área como estratégia de sobrevivência. A defesa bem-sucedida fortalece sua confiança e reabre possibilidades para retomar depois o plano agressivo, sem comprometer a integridade física nem o restante da luta.
UT-A1-L1-04	Ofensiva	O vídeo mostra reinício em pé, puxada simultânea para a guarda e, em seguida, A1 ajustando base e progredindo para posição de passagem de guarda, recebendo 1 vantagem. Na autoconfrontação, ele explica que queria puxar para a guarda, mas “subir para passar”, explicitando intenção clara de transitar do jogo por baixo para o jogo por cima. No hexádico, o engajamento (E) reorganiza-se em direção à passagem, articulando conforto na guarda com desejo de assumir a posição superior; o representamen (R) é a percepção de que é possível inverter o papel e começar a jogar por cima. Nos constrangimentos, organismo recuperado do susto no pé; tarefa de transformar a guarda em plataforma de ataque por cima; ambiente de reinício controlado, com leitura de equilíbrio no placar.	Nesta UT, A1 transforma a defesa prévia em oportunidade ofensiva: usa a guarda como trampolim para subir e iniciar a passagem, sinalizando uma ampliação de repertório tático (de guardeiro a passador circunstancial). A vantagem obtida traduz para o regulamento o movimento de assumir protagonismo posicional, mantendo coerência com seu plano de controlar a luta.

Quadro 17 – A1-04 – Integração TCA–DE da Luta 1 do Atleta A1

(Continuação)

ID-UT	Dimensão Tática (no sentido analítico)	Evidências Integradas (vídeo + fala + hexádico + constrangimentos)	Síntese Interpretativa (TCA × DE)
UT-A1-L1-05	Ofensiva	O vídeo evidencia A1 tentando contragolpe para pegar as costas durante o giro do adversário, seguido de novo reinício em pé com puxada simultânea para guarda e retorno de A1 à posição de passagem, acumulando três vantagens sucessivas. Na fala , ele destaca que o adversário “tava fugindo muito”, que sua intenção era pegar as costas para finalizar e que isso dialoga com seu “forte” técnico e com o desejo de “controlar a luta” numa categoria muito rápida, em que qualquer erro é decisivo. No hexádico, o engajamento (E) foca em costas como posição de controle e finalização; o representamen (R) inclui percepção de fuga constante do oponente e da necessidade de ser estratégico. Como constrangimentos , organismo ainda com boa energia, mas atento ao risco da categoria Galo; tarefa de se afirmar como atleta mais combativo e dominante; ambiente marcado por aproximações da borda da área de luta e simulações de queda.	Esta UT mostra A1 consolidando um padrão ofensivo estratégico: insistir nas costas e na passagem como caminhos principais de domínio, mesmo quando o adversário tenta escapar pela borda da área de luta. As vantagens sucessivas traduzem a leitura dos árbitros de que sua postura é mais propositiva, reforçando taticamente uma imagem de controle e iniciativa, ainda que sem grandes pontuações em números.
UT-A1-L1-06	Transição	Vídeo: As imagens mostram uma sequência de trocas de raspagem: adversário raspa na meia-guarda e faz 2 pontos; A1 responde com raspagem na guarda laço; em seguida, raspa novamente a partir de tentativa de berimbolo; por fim, o adversário volta a raspar chegando à passagem de guarda. Na fala , A1 relata que “ia tentar passar” quando foi raspado, mas ressalta que se manteve confiante e atento, percebendo o outro “agoniado, afobado, nervoso e cansado” e usando esse momento para respirar, estudar e preparar a “devolução”. No hexádico, o engajamento (E) alterna entre defesa e contra-ataque; o representamen (R) é a leitura háptica e visual da fadiga e desorganização emocional do adversário. Nos constrangimentos , organismo de A1 ofegante, mas regulando o esforço; tarefa de reduzir o prejuízo no placar e retomar o controle; ambiente mais caótico, com mudanças rápidas de cima/baixo.	Esta UT é taticamente marcada pela transição: A1 aprende a converter uma situação de oscilação de controle (sendo raspado e raspando) em oportunidade para reajustar o curso da luta. Ao identificar a afobação e o cansaço do adversário, ele passa a usar a troca de posições como campo de leitura estratégica, preparando o terreno para uma virada posterior, mais estruturada, em vez de reagir apenas no impulso.

Quadro 17 – A1-04 – Integração TCA–DE da Luta 1 do Atleta A1

(Continuação)

ID-UT	Dimensão Tática (no sentido analítico)	Evidências Integradas (vídeo + fala + hexádico + constrangimentos)	Síntese Interpretativa (TCA × DE)
UT-A1-L1-07	Ofensiva	O vídeo registra A1 trabalhando a guarda X, tentando raspagem encadeada com ataque às costas até saírem da área, com reinício em pé e nova puxada para guarda. Na fala , ele admite que buscava derrubar para empatar a luta, mas que começou a “entrar em desespero” pela dificuldade de executar a posição, reforçando o pensamento recorrente de que “tinha que fazer algo para voltar para o game”. No hexádico , o engajamento (E) é claramente ofensivo, orientado à virada do placar; o representamen (R) mistura frustração, urgência temporal e percepção do adversário saindo da área. Em termos de constrangimentos , organismo já mais cansado, com componentes emocionais (desespero) emergindo; tarefa de igualar o placar sob pressão de tempo; ambiente de borda da área de luta, com saídas recorrentes da área.	Nesta UT, a ofensividade de A1 ganha um tom de urgência emocional: ele tenta acelerar a virada usando sua guarda avançada (X → costas), mas esbarra em limitações espaciais e na fuga do adversário. Taticamente, o episódio revela a tensão entre a necessidade de agir para recuperar o placar e o risco de perder precisão técnica sob o impacto do desespero, o que prepara o cenário para decisões mais calculadas nas UTs seguintes.
UT-A1-L1-08	Manutenção	Vídeo: As imagens mostram ambos em guarda, adversário recebendo penalidade e levantando rápido; A1 ganhando vantagem e, logo depois, falta; reinício em pé no centro; nova puxada para guarda; adversário indo para passagem e recebendo vantagem, enquanto A1 se senta estrategicamente para gerir as punições. Fala: Na autoconfrontação, A1 explica que estava atento ao tempo e às instruções do professor, mas decidiu não seguir uma sugestão de estratégia por sentir que “já estava no controle”; destaca que usou o fato de o adversário ter duas faltas para criar uma situação em que ele poderia ser desclassificado se continuasse sentado. No hexádico , o engajamento (E) volta-se à gestão das regras (faltas, tempo, posição); o representamen (R) é a leitura do quadro de penalidades e do cronômetro. Constrangimentos incluem organismo cansado, mas mentalmente lúcido; tarefa de administrar sanções a favor; ambiente de arbitragem ativa e reinícios frequentes.	Nesta UT, A1 atua como gestor tático do regulamento: em vez de apenas atacar ou defender, usa as punições e o tempo como ferramentas de controle do combate. A dimensão de manutenção aparece como gestão inteligente do risco – ele preserva o domínio da situação mesmo sem grandes ações técnicas, reafirmando seu perfil estratégico e sua capacidade de leitura regulatória do jogo.

Quadro 17 – A1-04 – Integração TCA–DE da Luta 1 do Atleta A1

(Continuação)

ID-UT	Dimensão Tática (no sentido analítico)	Evidências Integradas (vídeo + fala + hexádico + constrangimentos)	Síntese Interpretativa (TCA × DE)
UT-A1-L1-09	Ofensiva	O vídeo mostra A1 tentando raspagem De La Riva; ao não concluir, identifica a brecha, entra nas costas com pernas cruzadas, marca 4 pontos e vê o adversário fugir da área, recebendo nova falta. Na fala , A1 relata frustração por não encaixar suas melhores posições, mas descreve a decisão de recorrer à sua “posição que gosta muito”, a ida para as costas, e de “abraçar a oportunidade” assim que ela apareceu. No hexádico, o engajamento (E) é reorientado para seu caminho preferencial (costas); o representamen (R) é a percepção instantânea de abertura na trajetória da De La Riva para as costas. Nos constrangimentos , organismo sob fadiga moderada, mas ainda capaz de explosão técnica; tarefa de virar o placar e consolidar vantagem; ambiente com repetidas fugas do adversário e influência direta da arbitragem (faltas).	Esta UT representa o ponto de inflexão tático da luta: A1 converte frustração acumulada em decisão precisa de acionar seu “golpe de confiança” (ida para as costas), produzindo uma virada importante no placar e forçando nova punição ao adversário. A integração TCA–DE mostra como sua identidade técnica (costas) e leitura ecológica da abertura (trajetória da perna do oponente) convergem para uma ação decisiva na construção da vitória.
UT-A1-L1-10	Ofensiva	Vídeo: As imagens evidenciam A1 mantendo as costas, tentando estrangulamento de gola com tentativa de triângulo de pernas, transitando para montada em busca de finalização no braço e retornando ao controle de costas, acumulando múltiplas vantagens. Na fala , ele afirma que queria finalizar com a gola, mas que a fadiga nos braços (perda de força) o obrigou a adaptar o plano, priorizando o domínio posicional para “não deixar ele fazer mais nada”. No hexádico, o engajamento (E) combina intenção de finalizar com foco em controle; o representamen (R) é a sensação corporal de fadiga nas pegadas e braços. Constrangimentos de organismo incluem cansaço avançado; tarefa é aproveitar a superioridade posicional sem se expor a reviravoltas; ambiente de clima competitivo com clara percepção de vantagem no placar.	Nesta UT, A1 entra numa fase de ofensividade controlada: continua ameaçando finalizações, mas internaliza que o controle sólido vale tanto quanto o risco de “forçar demais” exausto. A gestão tática passa a ser consolidar a narrativa de domínio total (costas, montada, tentativas de finalização), garantindo, pelo regulamento, uma margem confortável que sustenta o resultado, mesmo sem a finalização desejada.

Quadro 17 – A1-04 – Integração TCA–DE da Luta 1 do Atleta A1

(Conclusão)

ID-UT	Dimensão Tática (no sentido analítico)	Evidências Integradas (vídeo + fala + hexádico + constrangimentos)	Síntese Interpretativa (TCA × DE)
UT-A1-L1-11	Ofensiva	O vídeo mostra A1, já em pé novamente, puxando para guarda, raspando o adversário, marcando 2 pontos e progredindo para posição de passagem de guarda, mantendo a luta sob controle até os segundos finais. Fala: Na autoconfrontação, ele relata que estava “muito ofegante”, mas percebeu que faltava um minuto e que o adversário começou a se desesperar; a partir disso, decide “dominar para ganhar a luta”, destacando que agora era o outro que “tinha que correr atrás”. No hexádico, o engajamento (E) está voltado à consolidação do resultado; o representamen (R) é a leitura do desespero alheio em contraste com seu próprio cansaço controlado. Como constrangimentos , organismo fatigado porém lúcido; tarefa de ampliar ainda mais a vantagem e esvaziar as chances do oponente; ambiente de reta final, com pressão temporal evidente.	Esta UT reforça uma ofensividade estratégica de fechamento: mesmo cansado, A1 usa a guarda de forma funcional para raspar e voltar por cima, ampliando a distância no placar e reduzindo drasticamente o espaço de reação do adversário. A ação integra leitura emocional (desespero do outro), técnica (raspagem) e regulamento (tempo curto), consolidando a vitória em chave tático-ecológica.
UT-A1-L1-12	Defensiva	Vídeo: As imagens finais mostram o adversário atacando novamente o pé esquerdo de A1 com chave/“americana”, marcando 2 pontos, enquanto A1 se ocupa exclusivamente em defender a articulação até o cronômetro zerar. Na fala , ele enfatiza que “não podia errar”, que sabia que o outro queria ir no pé e que seu foco era não deixar o adversário “pegar” esse pé, defendendo o tempo todo e até tentando ir no outro pé para aliviar a pressão. No hexádico, o engajamento (E) é totalmente orientado à proteção do ponto frágil e preservação do resultado; o representamen (R) é a combinação de dor, risco de lesão e leitura do tempo restante. Nos constrangimentos, organismo exausto e sob ameaça física localizada; tarefa de apenas manter a vantagem no placar; ambiente de contagem regressiva, com alta tensão e atenção do árbitro no ataque à perna.	A UT final sintetiza uma defesa tática de “sobrevivência com vantagem”: A1 aceita perder pontos locais desde que preserve a integridade do pé e o resultado global da luta. A integração TCA–DE evidencia como, diante do tempo exíguo e do risco de lesão, a melhor decisão não é responder com ataque, mas controlar o dano, protegendo o ponto frágil e garantindo que o acúmulo de ações ofensivas anteriores se converta efetivamente na vitória.

Fonte: Elaborado pela autora.

4.2.2 Síntese Interpretativa da Luta 1 do (A1)

A Luta 1 do atleta A1 configura um combate de elevada complexidade tática, marcado por ampla variabilidade no jogo de guarda e por alternância contínua entre ofensividade técnica, transições rápidas e momentos de proteção estratégica do pé lesionado. A síntese interpretativa apresentada resulta da transformação de registros observáveis em informação analítica funcional, integrando descrição objetiva e interpretação situada do desempenho, conforme preconizado na análise orientada ao fluxo da ação (O'Donoghue, 2014).

Desde os instantes iniciais, o embate organiza-se majoritariamente no solo: a ação puxar para a guarda corresponde a 23,81% das ações registradas, enquanto a posição de guarda concentra 42,22% das ocorrências posicionais. Esse enquadramento quantitativo-descritivo delinea a base estrutural do combate e reforça a identidade de A1 como atleta que organiza sua tomada de decisão a partir da guarda, com elevada intencionalidade ofensiva e capacidade adaptativa frente às variações impostas pelo adversário, em consonância com a noção de conhecimento tático situado (Araújo; Davids; Serpa, 2005).

Sob a perspectiva fenomenológico-ecológica, a experiência vivida por A1 organiza-se em três eixos centrais:

1. a implementação de um plano tático seguro a partir da guarda, associado à proteção preventiva do ponto frágil (articulação do pé);
2. uma ofensividade progressiva sustentada por raspagens, entradas nas costas e respostas ofensivas orientadas pela identificação de brechas situacionais;
3. a gestão estratégica do regulamento, do tempo e da fadiga, culminando em um fechamento defensivo centrado na preservação da integridade física.

Essa articulação entre curso da experiência e constrangimentos do organismo, da tarefa e do ambiente dialoga diretamente com os pressupostos da Teoria do Curso da Ação e da Dinâmica Ecológica da tomada de decisão em esportes complexos (Theureau, 2014; Araújo; Davids, 2009; Davids; Button; Bennett, 2008).

A narrativa tática inicia-se na UT01, quando A1 puxa para a guarda de modo imediato. Embora o combate se inaugure em pé, o deslocamento quase simultâneo de ambos os atletas ao solo ativa um plano previamente estruturado: neutralizar o ataque ao pé, reconhecido como ponto forte do adversário. O próprio atleta explicita essa intenção ao afirmar que *“já havia lutado com ele, sabia que o forte dele era atacar o pé, então estudei logo para puxar para a guarda”* (A1, entrevista de autoconfrontação). Nessa UT, *puxar para a guarda* funciona como

dispositivo de instalação de segurança, permitindo reduzir riscos iniciais e estabelecer um ritmo de combate sob maior controle.

Nos episódios seguintes (UT02 a UT04), emerge a necessidade de romper o jogo travado imposto pelo adversário. Essa leitura torna-se explícita quando o atleta afirma que “*ele não ia avançar, ele estava querendo amarrar a luta*” e, diante disso, passou a agir de forma mais ofensiva, “*tentando raspar, derrubar e ir para as costas*” (A1, entrevista de autoconfrontação). A1 percebe uma estratégia de amarração e ativa deliberadamente seu “*lado agressivo*”²⁵, inaugurando uma fase de abertura ofensiva pautada por tentativas de raspagem, entradas nas costas e movimentações direcionadas à passagem de guarda. As UTs evidenciam decisões que emergem do acoplamento percepção–ação sob pressão e instabilidade (Gibson, 1979; Araújo; Davids, 2009).

A fase de maior complexidade concentra-se nas UT05 a UT07, caracterizadas por elevada variabilidade posicional e ritmo intenso. No plano fenomenológico, emerge uma experiência marcada por urgência regulada, na qual A1 interpreta sinais de fadiga e afobação do adversário como informações táticas relevantes para orientar suas decisões. O atleta explicita essa leitura ao relatar que “*ele já estava agoniado, nervoso e cansado*” e que precisava “*fazer algo para voltar para o game*” (A1, entrevista de autoconfrontação).

A UT08 inaugura o uso do regulamento como recurso tático. A1 percebe o acúmulo de punições do adversário e passa a mobilizar o tempo e as regras como elementos constitutivos da ação, evidenciando autonomia decisória e domínio situacional (Araújo; Davids; Serpa, 2005). Essa compreensão é verbalizada pelo atleta ao afirmar que “*estava atento no tempo*”, que o adversário “*já tinha duas faltas*” e que “*sentou de propósito*” para colocá-lo em risco de desclassificação (A1, entrevista de autoconfrontação).

A virada decisiva ocorre na UT09, quando A1 identifica uma abertura na guarda De La Riva e aciona sua posição de maior domínio técnico: a entrada nas costas, assegurando quatro pontos. O atleta relata que, diante da frustração por “*não conseguir encaixar as melhores posições*”, decidiu recorrer à posição que domina — “*a ida para as costas*” — e que, ao perceber a oportunidade, “*abraçou ela*” (A1, entrevista de autoconfrontação). Essa sequência articula percepção háptica, leitura contextual e identidade técnico-tática, configurando o evento crítico do combate à luz da noção de *affordances*.

²⁵ No contexto do jiu-jitsu, especialmente na linguagem cotidiana de atletas e treinadores, expressões como “*agressividade*” ou “*lado agressivo*” são amplamente utilizadas para designar posturas táticas mais propositivas, caracterizadas pelo aumento da iniciativa ofensiva, da pressão contínua e do engajamento ativo na ação, não implicando necessariamente comportamentos impulsivos, hostis ou traços estáveis de personalidade.

Com as costas estabilizadas (UT10 e UT11), A1 passa a regular a ofensividade em função da fadiga, priorizando o controle posicional. O combate se encerra na UT12 com uma decisão tática crucial: proteger o pé lesionado, aceitar a concessão de dois pontos e sustentar a vantagem no placar, preservando simultaneamente a integridade física e o resultado competitivo. O atleta relata que “*queria finalizar na gola*”, mas que os braços “*já estavam perdendo a força*” e que, por isso, passou a “*dominar para ele não fazer mais nada*” (A1, entrevista de autoconfrontação). A experiência vivida evidencia, assim, uma regulação da agressividade, na qual a intenção ofensiva é ajustada às condições corporais e contextuais do momento.

4.2.2.1 *Modelo tático fenomenológico-ecológico da Luta 1 (A1)*

O conjunto dos episódios analisados revela três macroestruturas organizadoras do curso da ação:

1. instalação segura da guarda associada à proteção preventiva do pé;
2. ofensividade situada guiada pela leitura do adversário;
3. gestão estratégica do tempo, das regras e da fadiga.

À luz do objetivo geral desta tese — compreender como atletas faixa-preta de jiu-jitsu constroem e mobilizam conhecimento tático em ação durante lutas competitivas oficiais —, a Luta 1 evidencia que A1 mobiliza um repertório tático incorporado no jogo de guarda e o recria continuamente em função das contingências emergentes do combate. O conhecimento tático em ação manifesta-se como capacidade de alternar defesa e ataque, regular o risco e utilizar o regulamento como recurso decisório, atualizando a ação no próprio fluxo da luta, e não como aplicação de um plano fixo previamente definido.

4.2.3 *Atleta A1 – Luta Final*

Os resultados da análise técnico-tática da Luta Final do atleta A1 indicam um combate mais contido, estratégico e com menor variabilidade posicional quando comparado à Luta 1. Foram registradas 15 ações técnico-táticas (Tabela 5), com predominância da ação puxar para a guarda (26,67%), evidenciando que o enfrentamento foi instaurado, de forma recorrente, diretamente no solo, mantendo-se majoritariamente no ambiente da guarda.

Tabela 5 – Frequência das ações técnico-táticas predominantes na Luta Final do atleta A1

Ação	Frequência	Percentual (%)
Puxar para a Guarda	4	26,67%
Falta de ação	2	13,33%
Raspagem	2	13,33%
Tentativa de raspagem	2	13,33%
Levantada (levantar-se)	2	13,33%
Ir para a posição de passagem de guarda	1	6,67%
Tentativa de pegar as costas	1	6,67%
Tentativa de passagem de guarda	1	6,67%
Total	15	100%

Fonte: Elaborada pela autora.

As ações de transição — raspagens, tentativas de raspagem e levantadas (13,33% cada) — ocorreram com frequência moderada, indicando tentativas pontuais de criar desequilíbrios e retomar iniciativa, porém sem encadeamentos ofensivos prolongados que culminassem em progressões posicionalmente dominantes. A presença de faltas de ação (13,33%) reforça o caráter mais cadenciado do combate, compatível com o contexto decisivo de uma final, no qual a gestão do risco tende a se sobrepor à ofensividade contínua.

Outras ações — tentativa de passagem de guarda, tentativa de pegar as costas e ir para a posição de passagem de guarda — ocorreram apenas uma vez cada (6,67%), sugerindo que ofensividade mais incisiva ou mudanças claras de patamar posicional foram episódicos ao longo da luta.

No que se refere às posições de luta, a posição de guarda foi novamente a mais frequente (Tabela 6), com 8 ocorrências (53,33%), confirmando que a Luta Final permaneceu essencialmente centrada nesse ambiente posicional. Em seguida, destaca-se a posição em pé, com 4 registros (26,67%), associada sobretudo a reinícios e reorganizações após interrupções regulamentares. As posições de passagem de guarda (13,33%) e de costas (6,67%) apresentaram baixa incidência, evidenciando que poucas ações ultrapassaram as fases iniciais de construção.

Tabela 6 – Frequência das posições predominantes na Luta Final do atleta A1

Posição	Frequência	Percentual (%)
Posição de guarda	8	53,33%
Posição em pé	4	26,67%
Posição de passagem de guarda	2	13,33%
Posição de costas	1	6,67%
Total	15	100%

Fonte: Elaborada pela autora.

De maneira geral, a Luta Final do atleta A1 caracteriza-se por:

- forte predominância do jogo de guarda (53,33% das posições);
- transições moderadas, sem sequências ofensivas longas;
- baixa incidência de ataques “profundos” (passagem consolidada e costas estabilizadas);
- ritmo mais controlado e estratégico do que o observado na Luta 1.

Esse conjunto de descritores aponta para um combate amplamente estabelecido no solo, com reduzida variabilidade posicional e predomínio de ações voltadas à entrada, manutenção e reorganização da guarda, acompanhadas de tentativas pontuais de raspagem e ajustes posturais. Na sequência, apresentam-se os quadros analíticos correspondentes à Luta Final do atleta A1, nos quais as Unidades Táticas são examinadas em sua organização temporal, em articulação com a experiência vivida do atleta e com os constrangimentos situacionais que estruturaram o curso da ação nesse combate decisivo.

4.2.3.1 *Log de Eventos/Unidades Táticas (UTs) da Luta Final do atleta A1*

O Quadro 18 (A1-05) apresenta a segmentação da Luta Final do atleta A1 em Unidades Táticas (UTs), delimitadas a partir de mudanças no problema decisório central ao longo do combate. Essas UTs estruturam o fluxo da ação e constituem a base empírica para as análises subsequentes, permitindo articular o plano observável da luta com sua organização tática e temporal.

Quadro 18 – A1-05 – Log de Eventos/Unidades Táticas (UTs) da Luta Final do Atleta A1

ID-UT	Timecode in	Timecode out	Descrição objetiva (ação observável no vídeo)	Dimensão tática (no sentido analítico)	Observações
UT-A1-LF-01	09:56	05:23	Ambos iniciam a luta puxando para a guarda; sequência travada por vários minutos, com tentativas de ajuste de pegadas e pouca progressão. O árbitro sinaliza passividade e aplica falta para ambos. Na retomada em pé, novamente puxam simultaneamente para a guarda. Em seguida, A1 tenta passagem por cima, trabalhando controle de pernas e tronco adversário, recebendo 1 vantagem.	Mista Manutenção/Defensiva)	Episódio de estudo e regulação de ritmo. Jogo travado pela familiaridade entre os atletas. A1 segue estratégia do <i>coach</i> (luta “fechada”, sem dar brechas). Controle do tempo, pegadas e distância.
UT-A1-LF-02	05:22	04:05	A1 trabalha na guarda do adversário (incluindo “De La Riva”), alternando tentativas de raspagem, inversão e ajustes de ângulo para buscar as costas. Adversário controla firme o quadril e as pernas de A1, impedindo progressão. Ação oscilante entre ataque e estabilização, sem resultado.	Mista Transição/Defensiva → Ofensiva Contida	A1 identifica brechas e tenta aplicar sua posição forte (costas), mas é contido pelas pegadas do adversário. Busca técnica, porém com economia de energia. Episódio instável, sem avanço tático significativo.
UT-A1-LF-03	04:04	00:12	Adversário realiza raspagem (2 pontos). Em seguida, A1 devolve raspagem (2 pontos). Ambos seguem alternando ações de controle de pernas, tentativa de passagem e reorganização da guarda. Adversário tenta nova raspagem, mas A1 neutraliza sem ceder pontos adicionais.	Mista Transição/Defensiva/Manutenção	Momento mais dinâmico da luta. Alternância rápida (por baixo/por cima). Cansaço visível. A1 monitora placar e instruções do corner (“atenção às pegadas”, “faltam poucos minutos”). Placar parcial: 2x2, A1 com 1 vantagem.
UT-A1-LF-04	00:11	00:00	Adversário tenta raspagem final a partir da “50/50”. A1 imediatamente se levanta para evitar pontuação. Os dois se erguem nos últimos segundos e nenhum avança. A luta encerra com A1 controlando e impedindo a ação.	Defensiva	Episódio crítico sob forte pressão temporal. A1 ativa modo protetivo: “não errar”. Estratégia consciente para manter o resultado e defender o pé (posição forte do adversário). Vitória por 1 vantagem.

(Legenda geral apresentada anteriormente na seção de Metodologia.)

Fonte: Elaborado pela autora.

4.2.3.2 *Ancoragem Temporal da Luta Final do atleta A1*

O Quadro 19 (A1-06) apresenta a ancoragem temporal das Unidades Táticas da Luta Final do atleta A1, articulando os episódios identificados no vídeo com os trechos de fala produzidos nas entrevistas de autoconfrontação. Esse procedimento permite acessar o sentido atribuído pelo atleta às ações realizadas, conectando a experiência vivida à dinâmica observável do combate.

Quadro 19 – A1-06 – Ancoragem Temporal (Vídeo ↔ Fala) da Luta Final do Atleta A1

(Continua)

ID-UT	Trecho da fala (autoconfrontação)	Paráfrase/Sentido central	Evidência no vídeo
UT-A1-LF-01	<i>“Então, essa luta aí é meio que uma... Ah, a gente é ex-companheiro de equipe, então eu já sabia o que ele ia fazer... meu professor começou a ver ponto fraco e ponto forte... a estratégia era jogar fechadinho, sem dar espaço pra ele chegar na posição forte dele (50/50)... Minha intenção era sentir a luta, sentir a força e a pegada dele... Eu tava tentando passar a guarda dele, mas ele tava segurando minhas mãos muito forte... fiquei ali tendo o controle... esperando ele errar... Passava muita coisa na cabeça: responsabilidade da final, cobrança... eu tinha que fazer algo antes que acabasse o tempo... Eu tava um pouco cansado e fiquei mais na defensiva.”</i>	A1 inicia em modo estratégico e cauteloso, seguindo o plano do professor: lutar “fechado”, evitando a “50/50”, ponto forte do adversário. Prefere sentir as pegadas antes de agir. Entra em um jogo travado, com forte controle de risco e poucas ações ofensivas. Cansaço moderado leva A1 a focar na manutenção e não se expor.	Ambos puxam para guarda; a luta trava por minutos, sem progressão. Ambos recebem falta. Após reinício, voltam a puxar para guarda. A1 tenta uma passagem, ganha 1 vantagem, mas não avança. Pegadas firmes e pouca variação tática confirmam a postura de controle e defesa.
UT-A1-LF-02	<i>“Tentei ir pras costas porque vi uma oportunidade... não tava nos planos... vi uma brecha e ataquei. Mas não soube concretizar. Ele prendia minhas pernas e eu fiquei tentando sair, me defendendo pra ele não subir. Eu tava só segurando ele, evitando ele fazer os pontos. Ele tava tentando fazer a posição que ele é bom e eu tava matando a perna.”</i>	A1 percebe uma chance pontual e tenta pegar as costas, mas sem estabilidade técnica. A ação se converte principalmente em defesa ativa, focada em impedir a ascensão do adversário. A intenção ofensiva inicial vira controle de risco e neutralização das entradas da guarda “De La Riva”.	A1 tenta pegar as costas a partir da “De La Riva”, mas não estabiliza. Fica com as pernas presas nas pegadas do adversário. Mantém postura de proteção, segurando pernas e evitando que o adversário suba. Sequência sem pontuação, mas com clara predominância defensiva de A1.

Quadro 19 – A1-06 – Ancoragem Temporal (Vídeo ↔ Fala) da Luta Final do Atleta A1

(Conclusão)

ID-UT	Trecho da fala (autoconfrontação)	Paráfrase/Sentido central	Evidência no vídeo
UT-A1-LF-03	<i>“Ele me raspou... aí eu consegui raspar ele também... fiquei olhando pro placar e pro professor. Ele falou pra eu prestar atenção nas pegadas. Tava 2x2, mas eu ganhava na vantagem. Ele tentou me segurar, me amarrar... e eu fiquei meio perdido, cansado... braços empedrados... Nos minutos finais eu sabia que precisava fazer algo pra sair da posição de risco. Ele entrou em desespero... eu só pensava que precisava segurar ele pra ele não subir porque eu não ia conseguir devolver o ponto.”</i>	A1 alterna rápida troca de raspagens, mas entra em estado de gestão do placar: cansado, braços pesados e receio de perder nos segundos finais. Organiza sua ação para neutralizar o adversário e impedir nova raspagem. A luta vira um jogo de sobrevivência tática, focado em travar a movimentação adversária.	Adversário raspa e faz 2 pontos; A1 raspa de volta. Ambos ficam 2x2, com A1 à frente por vantagem. A1 segura as pernas, trava as tentativas do rival, postura defensiva exaustiva. O adversário acelera guiado pelo <i>córner</i> ; A1 responde travando, sem buscar nova ação ofensiva.
UT-A1-LF-04	<i>“Faltava pouco tempo... fiquei só me defendendo. Ele subiu, levantou, e eu levantei também. Faltavam 3 segundos.”</i>	Nos instantes finais, A1 entra totalmente em modo defesa e preservação do resultado. A prioridade é impedir qualquer raspagem ou avanço que mude o placar. Não há intenção ofensiva, apenas controle temporal e espacial até o cronômetro zerar.	Adversário tenta raspagem na “50/50”; A1 defende sentado, levanta junto com o rival para impedir pontuação. A luta encerra imediatamente após levantarem. A1 vence por 1 vantagem.

Nota metodológica: Os *timecodes* completos são apresentados apenas nos Quadros de Segmentação das Unidades Táticas que constituem o registro formal da delimitação dos episódios decisórios. Nos Quadros de Ancoragem Vídeo–Fala, optou-se por omitir os *timecodes*, a fim de facilitar a leitura e enfatizar a relação entre experiência vivida e ação observável, mantendo-se a referência às mesmas UTs.

Fonte: Elaborado pela autora.

4.2.3.3 *Codificação TCA-Constrangimentos (DE) da Luta Final do atleta A1*

O Quadro 20 (A1-07) sintetiza a codificação das Unidades Táticas da Luta Final do atleta A1, articulando os componentes do signo hexádico da Teoria do Curso da Ação com os constrangimentos ecológicos do organismo, da tarefa e do ambiente. Essa codificação explicita como significações, ações e condições situacionais se organizam em cada episódio decisório.

Quadro 20 – A1-07 – Signo hexádico (TCA) e Constrangimentos (DE) da Luta Final do Atleta A1

(Continua)

TCA/DE	UT-A1-LF-01 – Início travado, estudo das pegadas e controle estratégico	UT-A1-LF-02 – Tentativa de costas e controle defensivo da guarda “De La Riva”	UT-A1-LF-03 – Troca de raspagens e gestão de risco sob cansaço	UT-A1-LF-04 – Defesa final e preservação do resultado nos segundos finais
Engajamento-E	Entrar na final seguindo a estratégia do professor: “ <i>jogar fechadinho</i> ”, sentir a força e pegada do adversário e evitar que ele chegue à sua posição forte (50/50). Prioridade: controle e não dar brechas.	Explorar a brecha para ir às costas, mesmo não planejada, e ao mesmo tempo impedir o avanço do adversário na De La Riva. Engajamento híbrido: tentativa ofensiva curta + foco forte em não permitir subida do oponente.	Manter-se no combate sem ceder pontos decisivos, responder à raspagem sofrida e administrar a luta com foco no placar (vantagem a seu favor). Prioridade: proteger, segurar, impedir novas raspagens.	Preservar totalmente o resultado. Engajamento em modo exclusivamente defensivo: segurar, impedir raspagem, anular movimento adversário e deixar o tempo acabar.
Situação-S	Início da final 0 x 0; ambos se conhecem profundamente; luta travada; pegadas firmes; vantagem estratégica em disputar sem se expor; ambos recebem falta por passividade. A1 ganha 1 vantagem na reiniciação.	A luta segue 0 x 0 (com A1 na vantagem). Adversário mantém guarda forte, pegadas firmes, pernas presas. A1 tenta progredir, mas está controlado. Risco moderado.	Placar 2 x 2, porém A1 segue vencendo por vantagem. Momento crítico: ambos já cansados, adversário tentando investir e A1 atento para não sofrer nova raspagem.	Últimos segundos, 2 x 2. A1 ganha por vantagem. Adversário tenta raspagem em “50/50”. Qualquer erro muda o resultado. Ambiente extremo de pressão temporal.
Representamen-R	Percepção de luta “amarrada”, adversário segurando muito forte, sensação de responsabilidade (“é uma final de brasileiro”), consciência de que ambos se conhecem bem. Representamen dominante: risco de cair na 50/50 do adversário.	Percepção da brecha para costas, sensação de que as pernas estão presas, leitura de que o adversário quer subir; necessidade de “matar a perna” para neutralizar.	Representação simultânea do cansaço (“ <i>braços empedrados</i> ”), do risco (“ <i>ele pode virar a luta</i> ”) e do placar (“ <i>estou ganhando por vantagem</i> ”).	Representamen: “ <i>faltava pouco tempo</i> ”, “ <i>só segurar</i> ”, “ <i>se ele subir eu perco</i> ”. Leitura direta do cronômetro e construção de um estado defensivo total.

Quadro 20 – A1-07 – Signo hexádico (TCA) e Constrangimentos (DE) da Luta Final do Atleta A1

(Continuação)

TCA/DE	UT-A1-LF-01 – Início travado, estudo das pegadas e controle estratégico	UT-A1-LF-02 – Tentativa de costas e controle defensivo da guarda “De La Riva”	UT-A1-LF-03 – Troca de raspagens e gestão de risco sob cansaço	UT-A1-LF-04 – Defesa final e preservação do resultado nos segundos finais
Unidade de ação - U	Puxa guarda; controla distância; tenta passar sem se expor; ajusta pegadas; estuda o peso/pegada do adversário; escuta o professor; pressiona moderadamente sem correr riscos.	Entra para costas; tenta passar; controla pernas; trava pegadas; defende subida; busca ângulo para progredir; mantém postura fechada.	Sofre raspagem; raspa de volta; trava pernas do adversário; bloqueia avanços; projeta corpo à frente para impedir novas investidas; administra ritmo.	Levanta junto com o adversário; bloqueia tentativa de raspagem; mantém base alta e estável; restringe pernas do adversário; aguarda o cronômetro zerar.
Potencial de ação - A	Desfazer a guarda do adversário, impedir entrada no “50/50”, buscar passagem segura mantendo estratégia “fechada”.	Sair da “De La Riva”, consolidar passagem ou costas caso surja nova brecha, evitar totalmente a subida do adversário.	Impedir virada, evitar nova raspagem, manter vantagem e sobreviver ao risco imediato enquanto cansado.	Neutralizar completamente o adversário, impedir qualquer pontuação, garantir vitória por vantagem.
Interpretação-I	“ <i>Minha estratégia não era essa, mas tive que seguir o professor... jogar fechadinho, sentir a luta, não dar espaço.</i> ” A1 interpreta que seguir a estratégia do professor era a decisão mais segura diante de alguém que conhece seu jogo.	“ <i>Vi uma brecha e fui... mas tinha que me defender para ele não subir.</i> ” Interpreta a ação como ajuste tático imediato, condicionado pela necessidade de impedir a subida do adversário.	“ <i>Eu estava cansado... precisava segurar... não podia errar.</i> ” Interpreta o momento como gestão extrema de risco, onde a prioridade é não ceder pontos.	“ <i>Fiquei só me defendendo... faltava pouco tempo... só segurar.</i> ” Interpreta como escolha tática consciente: preservar a vantagem, mesmo sem atacar.
Constrangimentos Organismo	Cansaço inicial moderado, alta responsabilidade emocional, autoregulação para não se expor.	Cansaço crescente, pernas presas, necessidade de força contínua de braços.	Fadiga acentuada, braços “empedrados”, limitação física que restringe ações ofensivas.	Exaustão final; capacidade ofensiva praticamente nula; foco na estabilidade corporal.

Quadro 20 – A1-07 – Signo hexádico (TCA) e Constrangimentos (DE) da Luta Final do Atleta A1

(Conclusão)

TCA/DE	UT-A1-LF-01 – Início travado, estudo das pegadas e controle estratégico	UT-A1-LF-02 – Tentativa de costas e controle defensivo da guarda “De La Riva”	UT-A1-LF-03 – Troca de raspagens e gestão de risco sob cansaço	UT-A1-LF-04 – Defesa final e preservação do resultado nos segundos finais
Constrangimentos Tarefa	Final do Brasileiro; evitar “50/50”; não se expor; administrar pressão psicológica.	Defender a “De La Riva”; impedir subida; aproveitar brechas.	Manter 2 x 2 (com vantagem); evitar virada; segurar agressividade adversária.	Garantir vitória por vantagem; impedir raspagens nos últimos segundos.
Constrangimentos Ambiente	Luta longa, tatame central, ambiente de alta pressão; ambos se conhecem bem, o que gera lentidão decisional.	Disputa travada em área estável do tatame; pegadas muito fortes; ritmo lento.	Público reagindo; <i>coachs</i> gritando; clima de tensão máxima; proximidade do fim.	Cronômetro crítico; área de “50/50”; arbitragem atenta; adversário pressionando ao máximo.

Fonte: Elaborado pela autora.

4.2.3.4 *Integração TCA–DE da Luta Final do atleta A1*

O Quadro 21 (A1-08) apresenta a análise integrada das Unidades Táticas da Luta Final do atleta A1, evidenciando como ações observáveis, significações expressas nas autoconfrontações e constrangimentos ecológicos se combinam em cada episódio decisório. Essa integração permite compreender a coerência funcional da tomada de decisão ao longo do combate, sem dissociar os planos técnico, experiencial e situacional da ação.

Quadro 21 – A1-08 – Integração TCA–DE da Luta Final do Atleta A1

(Continua)

ID-UT	Dimensão Tática (no sentido analítico)	Evidências Integradas (vídeo + fala + hexádico + constrangimentos)	Síntese Interpretativa (TCA × DE)
UT-A1-LF-01	Mista Manutenção/Defensiva	Vídeo: ambos puxam para a guarda; luta trava; ambos recebem falta por passividade; reinício em pé e nova dupla puxada para guarda; A1 tenta passar e ganha 1 vantagem. Fala: A1 relata conhecer profundamente o adversário (“ex-companheiro de equipe”), reconhece que ambos sabem antecipadamente o jogo um do outro; diz que seguiu a estratégia do professor de “fechar o jogo”, evitar riscos, impedir 50/50 e “sentir a força e pegada” do oponente. Refere autocobrança, responsabilidade emocional e cansaço inicial que o deixa mais defensivo. Hexádico: E = proteger-se da zona forte do adversário; S = luta travada, pegadas fortes, pressão de final; R = percepção háptica das pegadas muito firmes e ausência de brechas; U = travar, impedir entradas, controlar distância; A = esperar erro e administrar risco; Constrangimentos: tarefa de evitar 50/50; organismo com tensão elevada; ambiente central sem risco de saída.	A UT inicial mostra um início altamente regulado pelo risco, com A1 priorizando controle, leitura das pegadas e neutralização do jogo forte do adversário. A decisão é pautada por cautela, gestão emocional e respeito às informações do adversário, configurando um episódio tático de manutenção defensiva consciente, típico de finais travadas entre atletas que se conhecem bem.
UT-A1-LF-02	Mista Transição/Defensiva → Ofensiva Contida	Vídeo: A1 tenta progredir para as costas a partir da guarda De La Riva do adversário; sequência não estabiliza; A1 continua tentando passar, mas suas pernas ficam presas; bloqueia ataques e impede a subida adversária. Fala: “Vi uma brecha e fui... mas tinha que me defender para ele não subir.” Reconhece que a entrada para as costas não estava nos planos; descreve que tentava apenas segurar, travar as pernas e evitar pontuação; admite que estava mais defendendo do que atacando. Hexádico: E = aproveitar a brecha, mas preservando segurança; S = adversário com pegadas fortes e intenção clara de subir; R = sensação tátil das pernas presas e risco imediato; U = tentar costas sem exposição, travar a perna dominante do adversário; A = conter subida e risco de pontuação; Constrangimentos: organismo já cansado, tarefa de impedir avanço do oponente para seu ponto forte.	Esta UT revela ajuste tático imediato: A1 percebe oportunidade, mas a regula totalmente pela necessidade de impedir a subida adversária. A ação manifesta criatividade limitada pelo risco, um equilíbrio entre tentativa ofensiva e forte autocontrole defensivo. Trata-se de um episódio de tática adaptativa conservadora, coerente com a estratégia que o professor orientou.

Quadro 21 – A1-08 – Integração TCA–DE da Luta Final do Atleta A1

(Conclusão)

ID-UT	Dimensão Tática (no sentido analítico)	Evidências Integradas (vídeo + fala + hexádico + constrangimentos)	Síntese Interpretativa (TCA × DE)
UT-A1-LF-03	Mista Transição/Defensiva/Manutenção	Vídeo: adversário raspa e marca 2 pontos; A1 responde raspando de volta; placar empatado (2x2) e A1 vence na vantagem; adversário tenta nova raspagem; A1 trava, cola peso e impede a subida. Fala: A1 relata alerta constante (“olhava para o placar e para o professor”), cansaço intenso (“meus braços estavam empedrados”), medo de errar nos minutos finais; descreve que adversário entra em desespero e que sua prioridade passa a ser impedir a raspagem (“eu só pensava: segurar para ele não subir”). Hexádico: E = preservar vantagem mínima; S = momentos finais, empate técnico, adversário desesperado; R = percepção tátil do adversário tentando subir agressivamente; U = travar pernas, manter peso, neutralizar desequilíbrios; A = impedir 2 pontos que mudariam resultado; Constrangimentos: organismo no limite, tarefa crítica de preservar vantagem, ambiente emocional intenso.	Esta UT registra o momento crítico da luta, no qual A1 converte toda a ação em defesa estrutural do placar. A decisão prioriza totalmente o controle do risco: segurar pernas, impedir subida e estabilizar o tempo restante. A leitura tática é clara: vencer exige não errar, e toda a ação é organizada em torno da previsão de perigo. É o ápice da regulação defensiva inteligente.
UT-A1-LF-04	Defensiva	Vídeo: adversário tenta raspagem final na 50/50; ambos levantam faltando 3 segundos; A1 apenas mantém postura e tempo corre até zerar. Fala: “Faltava pouco tempo, só me defendi... era segurar.” Ele diz que apenas se levantou para impedir pontuação e controlar o tempo, pois não conseguiria devolver caso sofresse raspagem. Hexádico: E = preservar o resultado a qualquer custo; S = últimos segundos, posição de risco (50/50), placar empatado porém com vantagem; R = percepção de subida do adversário e possibilidade de pontuar nos últimos instantes; U = levantar-se e neutralizar; A = gestão temporal total; Constrangimentos: organismo muito cansado, tarefa de zerar cronômetro, ambiente de alta pressão final.	Esta UT expressa a total convergência para defesa e proteção do placar. A1 lê corretamente o risco da 50/50 e organiza sua ação para apenas neutralizar e consumir o tempo, comportamento tático típico de finais decididas por vantagem. A decisão é econômica, precisa e coerente com o estado corporal (cansaço), o placar e a estratégia global.

Fonte: Elaborado pela autora.

4.2.4 Síntese interpretativa da Luta Final (A1)

A Luta Final do atleta A1 configura-se como um combate estruturalmente distinto da Luta 1, marcado por uma lógica tática mais conservadora, regulatória e orientada à proteção do resultado. Diferentemente da alta variabilidade, das transições rápidas e da ofensividade distribuída do primeiro confronto, a final assume ritmo mais cadenciado, com menor diversidade de ações e predominância da guarda como ambiente central de controle. A posição de guarda concentra 53,33% das situações observadas, enquanto puxar para a guarda representa 26,67% das ações registradas, evidenciando um combate deliberadamente contido, no qual a identidade de A1 como atleta de guarda permanece evidente, porém subordinada à necessidade de estabilidade e gestão do risco.

Sob a perspectiva fenomenológico-ecológica, a experiência vivida por A1 na final pode ser compreendida por três eixos articulados: (1) a adoção de uma estratégia “fechada” de controle para evitar a zona de risco da guarda 50/50, reconhecida como forte do adversário; (2) uma ofensividade pontual e seletiva, acionada apenas quando brechas se tornam evidentes e rapidamente reconduzida ao controle quando o risco aumenta; e (3) uma gestão intensiva do tempo, do placar e da fadiga, que conduz a um fechamento progressivo e consciente do resultado nos momentos decisivos.

A organização inicial da final estabelece-se na UT–A1–LF–01, quando ambos puxam simultaneamente para a guarda. Esse gesto inaugura um combate travado, com pegadas firmes e progressões mínimas, coerente com o plano explicitado pelo atleta: “*A gente se conhece muito... a estratégia era jogar fechadinho e não deixar entrar na 50/50*” (A1, entrevista de autoconfrontação). Predominam, nesse trecho, dimensões táticas (no sentido analítico) de manutenção e controle, moduladas por constrangimentos do organismo (ativação elevada e fadiga ainda administrável), da tarefa (evitar brechas precoces) e do ambiente (pressão da final e histórico competitivo entre os atletas). Do ponto de vista fenomenológico, observa-se um engajamento prudencial, orientado a estabilizar pegadas e “medir” a situação antes de qualquer aceleração.

Na UT–A1–LF–02, A1 identifica uma abertura pontual na guarda De La Riva e tenta acessar as costas. Contudo, a tentativa não se estabiliza e é rapidamente reconduzida à contenção: “*Eu vi a oportunidade, mas pensei logo em não deixar ele subir... tava mais segurando do que atacando*” (A1, entrevista de autoconfrontação). A ofensividade aparece, assim, como episódio breve e imediatamente regulado pelo risco. A resistência nas pegadas e a ameaça estrutural da 50/50 operam como constrangimentos que convertem a oportunidade

ofensiva em decisão de segurança, compatível com a noção de decisões emergentes do acoplamento percepção–ação sob alta incerteza (Gibson, 1979; Araújo; Davids, 2009).

O momento de maior dinamismo ocorre na UT–A1–LF–03, quando o adversário executa uma raspagem e marca dois pontos, seguida pela raspagem de retorno de A1, resultando em empate (2x2). Essa sequência reorganiza o curso da luta e desloca o foco decisório para a gestão do placar. O atleta relata “*braços empedrados*”, “*cansaço extremo*” e a prioridade de impedir progressões: “*não tinha mais força para devolver uma nova pontuação*” (A1, entrevista de autoconfrontação). Nessa fase, a decisão assume caráter predominantemente regulatório, evidenciando um processo de controle sob fadiga crítica, no qual o objetivo central torna-se sustentar a viabilidade do curso da ação e evitar um evento decisivo adverso.

Na UT–A1–LF–04, já nos instantes finais, sintetiza-se a lógica global do combate. Diante de uma tentativa de raspagem em 50/50 por parte do adversário, A1 se levanta imediatamente, neutraliza o risco e estabiliza a situação até o término do tempo regulamentar. O atleta descreve esse momento como fase em que “*só precisava segurar*”, com atenção total ao cronômetro e ao risco máximo. Os constrangimentos convergem para uma prioridade: preservar o resultado impedindo qualquer pontuação final. O fechamento, assim, é funcional, regulado e coerente com a estratégia adotada desde o início.

Em consonância com o objetivo geral desta investigação, a Luta Final evidencia que A1 mobiliza conhecimento tático previamente construído no jogo de guarda — leitura háptica, proteção de zonas de risco e gestão do regulamento — e o recria em tempo real diante das exigências específicas de um combate decisivo. Diferentemente da Luta 1, o conhecimento não se expressa pela expansão ofensiva, mas pela capacidade de conter, priorizar e abandonar possibilidades de ação em função do placar, da fadiga e do risco associado à guarda 50/50. Assim, o processo decisório de A1 confirma a decisão como regulação situada do curso da ação, na qual decidir corresponde a sustentar coerência tática sob pressão competitiva máxima.

4.2.4.1 *Modelo tático fenomenológico-ecológico da Luta Final (A1)*

O conjunto dos episódios decisórios da luta final revela três macroestruturas centrais:

(1) Estratégia fechada de controle e prevenção da zona forte adversária

- Predomínio da guarda como ambiente regulatório (53,33%);
- Uso recorrente do *puxar para a guarda* como estabilização inicial (26,67%);
- Engajamento prudencial orientado pela importância da final e pelo risco da guarda 50/50;

- Constrangimentos centrais: pressão da *final*, histórico entre atletas e custo elevado do erro.

(2) Ofensividade pontual sob regulação conservadora

- Tentativas breves de progresso (ex.: buscar as costas), rapidamente reconduzidas ao controle;
- Ações ofensivas subordinadas à lógica da segurança;
- Decisões moduladas por resistência nas pegadas e fadiga progressiva.

(3) Gestão do placar, do tempo e da fadiga como eixo decisório

- Sequência de raspagens que reorganiza o combate (2x2);
- Prioridade na manutenção do cenário favorável e neutralização do risco final;
- Fechamento orientado à estabilidade e preservação do resultado.

Considerada em seu conjunto, a Luta Final revela A1 como atleta capaz de modular ofensividade e contenção em função da importância da luta e dos constrangimentos ecológicos do combate, expressando uma tomada de decisão centrada na prevenção do risco, na economia de energia e na proteção do resultado.

4.2.5 Síntese Interpretativa Intracaso – Atleta A1

4.2.5.1 *Modelo tático fenomenológico-ecológico a partir da integração TCA–DE das Lutas 1 e Final (A1)*

A análise integrada das duas lutas do atleta A1 revela um competidor altamente adaptativo, capaz de reorganizar o curso da ação em função do que percebe do adversário, do que se torna significativo na situação e do modo como regula riscos estruturais do combate. Em ambos os confrontos, a guarda constitui o núcleo tático-perceptivo que organiza sua decisão; entretanto, esse mesmo núcleo assume funções distintas conforme as contingências competitivas.

Na Luta 1, a guarda opera como matriz ampliadora da ação. A1 instala rapidamente o combate por baixo (puxar para a guarda = 23,81%; posição de guarda = 42,22%), sustentando elevada variabilidade tática: raspagens, contraofensivas, transições rápidas e tentativas recorrentes de acessar as costas. A decisão se estrutura pela exploração de aberturas no fluxo da interação e pela conversão de instabilidade em progressão, culminando no evento crítico de entrada nas costas (UT09), que reorganiza o placar e o curso da luta (Gibson, 1979; Davids; Button; Bennett, 2008).

Na Luta Final, a guarda assume função regulatória. A familiaridade entre os atletas, a pressão de um combate decisivo e o risco associado à guarda 50/50 conduzem A1 a uma lógica de contenção: puxar para a guarda (26,67%) e posição de guarda (53,33%) descrevem um combate cadenciado, com ofensividade seletiva e rapidamente reconduzida ao controle. Mesmo quando identifica brechas para progredir, A1 tende a estabilizar e reduzir exposição, sobretudo sob fadiga elevada e custo ampliado do erro.

Um traço transversal do intracaso A1 é a articulação entre leitura situada e regulação estratégica do combate. Em ambas as lutas, A1 mobiliza tempo, placar, punições e detalhes do regulamento como elementos constitutivos da ação tática; entretanto, tais elementos cumprem papéis distintos: na Luta 1, favorecem expansão e consolidação; na Final, sustentam economia de energia, prevenção de risco e defesa do resultado.

Do cruzamento entre Luta 1 e Luta Final emerge um modelo intracaso consistente: A1 pensa, sente e decide a partir da guarda como núcleo tático-perceptivo, expandindo ou retraindo a ofensividade conforme constrangimentos do organismo (dor/fadiga), da tarefa (proteger-se, gerir placar e tempo) e do ambiente (pressão, reinícios e risco da 50/50). Assim, a diferença entre as lutas não expressa mudança de estilo, mas mudança de função do mesmo núcleo decisório: na Luta 1, a guarda é motor de exploração e progressão; na Final, dispositivo de contenção e proteção do resultado.

À luz do objetivo de compreender como atletas faixa-preta constroem e mobilizam conhecimento tático em ação em lutas competitivas oficiais, o intracaso A1 permite afirmar que seu conhecimento é organizado como competência de regulação situada a partir da guarda. A1 mobiliza repertórios historicamente incorporados (especialmente entradas nas costas e variações de raspagem), mas os atualiza continuamente em função do que percebe e sente no curso da luta — risco ao pé, ameaça da 50/50, fadiga de pegada, placar e tempo. Desse modo, o conhecimento tático em ação não se apresenta como aplicação de um plano fixo, e sim como processo dinâmico de percepção—ação—regulação, no qual o atleta transforma contingências do combate em critérios práticos para decidir quando explorar, quando estabilizar e quando proteger o resultado.

A seguir, apresenta-se o Quadro 22 (A1-09), que sintetiza o modelo tático fenomenológico-ecológico intracaso do atleta A1, articulando os achados da Luta 1 e da Luta Final em um esquema comparativo integrado.

Quadro 22 – A1-09 – Modelo Intracaso TCA–DE do Atleta A1

Dimensão Analítica	Descrição Integrada (TCA × DE)	Evidências e Referências
1. Núcleo tático-perceptivo	A guarda constitui o núcleo central da organização perceptiva e decisória de A1, funcionando como matriz de leitura háptica, controle de risco e orientação da continuidade da ação.	Predomínio de puxar para a guarda e da posição <i>de guarda</i> nas duas lutas. (Theureau, 2014; Gibson, 1979; Newell, 1986).
2. Função da guarda nas duas lutas	Luta 1: guarda como matriz ampliadora (exploração ofensiva e variabilidade). Final: guarda como matriz regulatória (contenção do risco, economia de energia e proteção do resultado).	Luta 1: puxar para a guarda (23,81%) e guarda (42,22%). Final: puxar para a guarda (26,67%) e guarda (53,33%). (Davids; Button; Bennett, 2008; Araújo; Davids, 2009).
3. Estruturas táticas dominantes	Luta 1: alternância ataque–defesa com raspagens e progressão até costas. Final: combate travado, seletivo, com prevenção da guarda 50/50 e estabilizações contínuas.	Luta 1: entrada nas costas a partir da guarda (evento crítico). Final: prevenção da 50/50 e estabilização por controle/levantadas. (Poizat; Saury; Sève, 2013; Saury; Durand, 1998).
4. Processos decisórios fenomenológicos	As decisões emergem da leitura situada do adversário e do próprio corpo (dor/fadiga), com modulação entre explorar e conter conforme o risco aumenta.	Autoconfrontação: “jogar fechadinho”, “não deixar entrar na 50/50”, “mais segurando do que atacando”, “braços empedrados”. (Theureau, 2014; Vermersch, 2011).
5. Regulação e gestão estratégica	Luta 1: uso expansivo do regulamento para controlar ritmo e consolidar vantagem. Final: gestão do tempo/placar como eixo de proteção do resultado.	Luta 1: gestão de punições e ritmo. Final: neutralização no fim (levantada defensiva) e fechamento por tempo. (Araújo; Davids; Serpa, 2005).
6. Integração dos constrangimentos (O–T–A)	Organismo: dor/fadiga de pegada e ativação emocional. Tarefa: proteger zonas de risco e gerir placar/tempo. Ambiente: pressão da final e reinícios.	Evidências em: ameaça ao pé (Luta 1), risco da 50/50 (Final), reinícios em pé e fechamento nos minutos finais. (Newell, 1986).
7. Perfil tático integrado	“Duas faces” integradas: (i) explorador ofensivo (Luta 1); (ii) gestor de risco (Final), com retração funcional da ofensividade.	Luta 1: raspagens e progressão até costas. Final: estabilizações, contenção e levantadas para neutralizar risco. (Barris; Davids; Farrow (2013; Theureau, 2014).
8. Síntese intracaso	A1 constrói e mobiliza conhecimento tático em ação a partir da guarda, atualizando-o no fluxo do combate conforme risco, fadiga, placar e tempo; muda a função do núcleo decisório sem mudar a matriz.	Guarda como matriz decisória com função ofensiva (Luta 1) e função regulatória (Final). (Theureau, 2014; Araújo; Davids, 2009; Davids; Button; Bennett, 2008).

Fonte: Elaborado pela autora.

4.2.6 Atleta A2 – Primeira luta (Luta 1)

A análise descritivo-funcional da Luta 1 do atleta A2 evidencia um perfil tático orientado pela iniciativa por cima, pela mobilidade nas transições e pela progressão posicional em direção a controles avançados, culminando em finalização. Diferentemente de combates organizados pela permanência prolongada em um único ambiente posicional, a luta de A2 caracteriza-se por uma circulação funcional entre disputa inicial, transições e controle, com direcionalidade clara para avanço estrutural e resolução ofensiva.

No que se refere às ações técnico-táticas, destacam-se as disputas de pegada (26,1%) e a ação puxar para a guarda (21,7%) (Tabela 7). Esse padrão sugere que a luta se organiza, sobretudo, pela gestão do engajamento inicial — tanto em pé quanto nas transições imediatas para o solo. Contudo, diferentemente de combates em que a guarda se estabiliza como “centro” do curso da ação, em A2 o recurso puxar para a guarda aparece de modo instrumental e transitório, como meio de reorganizar a interação e criar condições favoráveis para retomar o jogo por cima.

Do ponto de vista posicional, destacam-se a posição em pé (26,1%) e a posição de clinch (26,1%), que, juntas, concentram mais da metade das ocorrências registradas (Tabela 8). Esse dado reforça a centralidade das disputas iniciais e dos reinícios como momentos decisórios relevantes, nos quais A2 regula distância, base e pegadas antes de avançar para situações de ataque ou transição. Em contraste, posições de controle avançado — como controle lateral / norte-sul (17,4%), posição de passagem de guarda (8,7%) e posição de costas (8,7%) — surgem de forma concentrada e funcional, evidenciando a capacidade do atleta de converter transições em progressões profundas.

No plano ofensivo, observa-se o encadeamento de queda pontuada, raspagem efetiva, tentativas de acessar as costas e a sequência de ataques de finalização, culminando no estrangulamento arco e flecha. Esse encadeamento expressa uma lógica de combate orientada à progressão contínua: disputas iniciais e transições são convertidas em controle estrutural do adversário, em vez de estabilizações prolongadas sem ganho posicional.

A ocorrência de vantagens associadas a tentativas de passagem, controle e entradas nas costas reforça a leitura de um combate dinâmico, propositivo e ofensivamente resolutivo, no qual A2 tende a manter a iniciativa após cada progressão bem-sucedida, reduzindo as possibilidades de reorganização do oponente. Assim, a luta não se fixa em um único ambiente posicional, mas se organiza por meio de uma circulação funcional entre disputa, transição e controle avançado, orientada de forma consistente para o desfecho por finalização.

De modo geral, a Luta 1 do atleta A2 caracteriza-se por densidade ofensiva, progressão posicional consistente e capacidade de converter oportunidades em desfecho decisivo. Esse panorama descritivo-funcional fornece o contexto empírico necessário para a análise fenomenológico-ecológica detalhada, desenvolvida na síntese interpretativa da luta.

Tabela 7 – Frequência das ações técnico-táticas predominantes na Luta 1 do atleta A2

Ação	Frequência	Percentual %
Disputa de pegada	6 vezes	26,1%
Puxar para a guarda	5 vezes	21,7%
Queda	1 vez	4,3%
Tentativa de passagem de guarda	1 vez	4,3%
Tentativa de montada	1 vez	4,3%
Raspagem	1 vez	4,3%
Tentativa de raspagem	1 vez	4,3%
Tentativa de pegar as costas	1 vez	4,3%
Tentativa de finalização (mata-leão)	1 vez	4,3%
Tentativa de finalização (punch choke)	1 vez	4,3%
Tentativa de finalização (choke)	1 vez	4,3%
Finalização (arco e flecha)	1 vez	4,3%
Total	23 ações	100%

Fonte: Elaborada pela autora.

Tabela 8 – Frequência das posições de luta predominantes na Luta 1 do atleta A2

Posição	Frequência	Percentual %
Posição em pé	6 vezes	26,1%
Posição de clinch	6 vezes	26,1%
Posição de guarda	3 vezes	13,0%
Controle lateral / Norte-Sul	4 vezes	17,4%
Posição de passagem de guarda	2 vezes	8,7%
Posição de costas	2 vezes	8,7%
Total	23 registros	100%

Fonte: Elaborada pela autora.

Na sequência, são apresentados os quadros analíticos correspondentes à Luta 1 de A2.

4.2.6.1 Log de Eventos / Unidades Táticas (UTs) da Luta 1 do atleta A2

O Quadro 23 (A2-01) apresenta a segmentação da Luta 1 do atleta A2 em Unidades Táticas (UTs), delimitadas a partir de mudanças no problema decisório central ao longo do combate. Cada UT corresponde a um episódio funcionalmente coerente do curso da ação, estruturando o fluxo da luta e servindo como base empírica para a análise articulada entre ação observável, organização tática e experiência vivida.

Quadro 23 – A2-01 – Log de Eventos/Unidades Táticas (UTs) da Luta 1 do atleta A2

(Continua)

ID-UT	Timecode in	Timecode out	Descrição objetiva (ação observável)	Dimensão tática (no sentido analítico)	Observações
UT-A2-L1-01	09:46	08:35	Início da luta em pé com disputa de pegadas; o adversário puxa para a guarda, mas retorna rapidamente à posição em pé; na sequência, A2 projeta o adversário com queda utilizando a lapela e cai na meia-guarda, tentando progredir para a montada sem estabilizar a posição.	Ofensiva	Episódio inicial marcado pela intenção de jogar por cima: A2 controla a distância, mantém as pernas adversárias afastadas e aplica uma queda eficiente que gera os 2 primeiros pontos da luta. Estabelece o ritmo e a direção tática desejada.
UT-A2-L1-02	08:34	08:15	O adversário organiza a meia-guarda; A2 responde cruzando o joelho, trabalhando esgrima e avançando em direção ao “100 kg”, gerando 1 vantagem; não há estabilização prolongada.	Ofensiva	Continuidade do jogo por cima: A2 trabalha para não ser encaixado na meia-guarda profunda e busca progredir pelas laterais, mantendo alto fluxo de movimentação para impedir o controle adversário.
UT-A2-L1-03	08:14	06:18	Após reinício em pé, há nova disputa de pegadas; o adversário tenta puxar para a guarda e retorna em pé; em seguida, A2 puxa para a guarda, ajusta a guarda aberta e transita para guarda X, realizando raspagem com subida em <i>double leg</i> (abraçar as duas pernas para desequilibrá-lo e derrubá-lo ao chão), pontuando 2 pontos e reassumindo o jogo por cima.	Mista Ofensiva / Transição	Mudança de trajetória tática: A2 opta por jogar por baixo para buscar ação imediata. A raspagem bem-sucedida recoloca o atleta na posição superior, alinhando-se ao seu estilo predominante de domínio por cima. Mantém ritmo elevado e postura propositiva.

Quadro 23 – A2-01 – Log de Eventos/Unidades Táticas (UTs) da Luta 1 do atleta A2

(Conclusão)

ID-UT	Timecode in	Timecode out	Descrição objetiva (ação observável)	Dimensão tática (no sentido analítico)	Observações
UT-A2-L1-04	06:17	05:38	Em continuidade à raspagem, A2 insere gancho nas pernas, fecha “cinto de segurança” e progride para as costas; tenta finalizar por “mata-leão”, mas o adversário escapa. A ação segue até a borda da área de luta, onde ambos saem da área de luta.	Ofensiva	Forte ação ofensiva a partir das costas. Geração de 1 vantagem pela tentativa de finalização. Episódio marca momento de pressão alta, mas também o início da necessidade de administrar energia e tempo de luta sem abandonar o estilo agressivo.
UT-A2-L1-05	05:37	01:38	Após reinício em pé, ambos disputam pegadas; o adversário puxa para a meia-guarda profunda e recebe 1 vantagem; A2 defende a progressão adversária (incluindo tentativa de chegar às costas), gira e neutraliza, saindo para o “100 kg”. Em sequência, tenta joelho na barriga (1 vantagem) e estrangulamento de gola a partir do controle lateral/norte-sul.	Mista Transição / Ofensiva	Episódio crítico da luta: A2 entra no ponto forte do adversário, a “meia-guarda profunda” (<i>deep half guard</i>), mas consegue evitar raspagens decisivas e proteger as costas. Após neutralizar a posição, retoma o domínio por cima e inicia nova fase ofensiva (“100 kg”, joelho na barriga, estrangulamento), ampliando vantagens e desgastando o oponente.
UT-A2-L1-06	01:37	00:58	Com o adversário em posição de tartaruga/quatro apoios, A2 estabiliza as costas, ajusta pegadas de gola e aplica pressão progressiva; transita para o estrangulamento arco e flecha, projeta o adversário e finaliza o combate.	Ofensiva	Desfecho alinhado ao “caminho principal” de A2 (domínio por cima → costas → finalização). A pressão contínua por ~20 segundos no estrangulamento gera a finalização por arco e flecha, confirmando a efetividade do modelo tático centrado em controle por cima e ataques de finalização.

(Legenda geral apresentada anteriormente na seção de metodologia).

Fonte: Elaborada pela autora.

4.2.6.2 *Ancoragem Temporal (vídeo ↔ fala) da Luta 1 do atleta A2*

O Quadro 24 (A2-02) apresenta a ancoragem temporal das Unidades Táticas da Luta 1 do atleta A2, articulando cada episódio identificado no vídeo aos trechos de fala produzidos na entrevista de autoconfrontação. Esse procedimento permite reconstruir o sentido atribuído pelo atleta às suas ações no próprio desenrolar do combate, conectando a experiência vivida à dinâmica observável da luta.

Quadro 24 – A2-02 – Ancoragem Temporal (Vídeo ↔ Fala) da Luta 1 do Atleta A2

(Continua)

ID-UT	Trecho da fala (autoconfrontação)	Paráfrase / sentido central	Evidência no vídeo
UT-A2-L1-01	<i>“Sempre no início da luta eu decido se vou jogar por cima ou por baixo, e eu gosto mais de jogar por cima. Eu tava nervoso, primeira luta de campeonato grande, mas vi que ele tava me empurrando e vindo pra frente e foi um momento perfeito pra fazer a queda que eu faço bastante usando a lapela. Sempre bom começar a luta na frente com dois pontos, ainda mais contra atleta de alto nível”.</i>	Explica que, logo no começo, define se vai jogar por cima ou por baixo e que prefere atuar por cima. Estava se sentindo nervoso por ser a primeira luta, identifica a oportunidade de aplicar uma queda que domina com uso da lapela do kimono e valoriza iniciar o combate já com 2 pontos, especialmente contra um adversário de alto nível.	Início da luta em pé com disputa de pegadas; o adversário puxa para a guarda e retorna rapidamente à posição em pé; em seguida, A2 projeta o adversário com queda utilizando a lapela, cai na meia-guarda e tenta progredir para a montada sem estabilizar completamente, abrindo 2 x 0 no placar.
UT-A2-L1-02	<i>“Ali eu caí na posição dele, mas consegui manter as pernas distantes, ele vai puxar pra guarda e eu passo com joelho cruzado e esgrima, tentando ir pras costas. Eu sou um cara que me movimento muito, jogo melhor quando estou solto, sempre passando por cima e por fora das pernas e não deixando o oponente me prender na meia-guarda ou em qualquer outra guarda”.</i>	Destaca que, embora caia no jogo de meia-guarda do adversário, procura manter as pernas afastadas, usar joelho cruzado, esgrima e muita movimentação por cima para evitar ficar preso, já construindo caminhos para costas e reforçando seu estilo de jogo móvel e agressivo.	A partir da meia-guarda organizada pelo adversário, A2 cruza o joelho, trabalha esgrima e avança em direção ao “100 kg”, sem estabilização prolongada, gerando 1 vantagem e mantendo o jogo por cima, sem permitir o encaixe pleno da meia-guarda profunda.
UT-A2-L1-03	<i>“Nesse momento eu tava tentando ditar o ritmo, e como eu tava na frente, eu fazia umas fintas na pegada, ia no pescoço pra puxar pra baixo pra tentar movimentar. Como tava muito travado, eu decidi puxar pra guarda pra jogar por baixo. Aí eu consegui me arrumar, tentei raspar de gancho, ele defendeu jogando a perna pra frente e eu entrei na guarda X e subi nas pernas no double leg. Jiu-jitsu é um jogo de ação e reação, às vezes você quer fazer uma coisa e o oponente reage diferente e você tem que mudar ali na hora”.</i>	Explica que, ao perceber a luta travada em pé, passa a focar em “ditar o ritmo” com fintas e, diante da dificuldade de quedar ²⁶ , decide puxar para a guarda para jogar por baixo. Usa a lógica de ação–reação para transitar da guarda aberta para a guarda X, subir nas pernas em <i>double leg</i> e conquistar nova pontuação, mostrando flexibilidade para mudar o plano no fluxo da luta.	Após reinício em pé, ambos disputam pegadas; o adversário chega a puxar para a guarda e voltar em pé. Em seguida, A2 puxa para a guarda, ajusta a guarda aberta, transita para a guarda X e executa raspagem com subida em <i>double leg</i> , retornando à posição superior e ampliando o placar (4 x 0) dentro do seu estilo de domínio por cima.

²⁶ “Quedar” e “quedada” são termos usuais do jiu-jitsu brasileiro para designar ações de queda ou projeção do adversário ao solo, com implicações diretas na pontuação segundo o regulamento CBJJ/IBJJF. O termo é mantido ao longo do arquivo por finalidade à verbalização do atleta.

Quadro 24 – A2-02 – Ancoragem Temporal (Vídeo ↔ Fala) da Luta 1 do Atleta A2

(Conclusão)

ID-UT	Trecho da fala (autoconfrontação)	Paráfrase / sentido central	Evidência no vídeo
UT-A2-L1-04	“Aqui eu tava buscando o controle de costas, tentando entrar a mão no pescoço pra finalizar no “mata-leão”. Eu cheguei a entrar, mas ele conseguiu deslizar o ombro e defender bem. Na minha mente, nesse momento, passava que tava 4 x 0, que tinha muita coisa pra acontecer ainda, então eu precisava ser mais cauteloso, não cansar, mas ao mesmo tempo manter o ritmo, porque não é meu estilo ficar só segurando ponto, eu gosto de brigar até o final e fazer uma luta movimentada”.	Relata que, a partir do controle de costas, busca finalizar no “mata-leão”, mas reconhece a boa defesa do adversário. Mesmo em vantagem no placar, começa a considerar a necessidade de ser mais cauteloso e administrar energia e tempo, sem abrir mão de um estilo ofensivo e de luta movimentada.	Em continuidade à raspagem anterior, A2 insere gancho, fecha cinto de segurança, progride para as costas e tenta finalização por “mata-leão”; o adversário escapa ao deslizar o ombro. A sequência segue até a borda da área de luta, com ambos saindo da área de luta, o que gera 1 vantagem para A2 pela tentativa de finalização antes do reinício em pé.
UT-A2-L1-05	“Como vocês podem ver, aqui eu tô fazendo uns fakes pra distrair o oponente e tentar derrubar. A estratégia era aproveitar o erro dele, sem me expor muito. Ele puxou pra guarda e entrou bem na posição mais forte dele, a meia-guarda profunda. Quando a gente cai na melhor posição do oponente tem que ter calma, não se afobar. Ele conseguiu chegar nas minhas costas, mas ficou só pensando em finalizar, com a mão na gola, e eu consegui defender bem, girando, saindo pros 100 kg, depois norte-sul, joelho na barriga e indo pras costas. Eu decidi isso porque é o meu melhor caminho: passar, pegar as costas e finalizar”.	Apresenta o episódio como um momento crítico em que entra na posição mais forte do adversário (<i>deep half guard</i>), mas procura manter a calma, defender sem se desesperar e, a partir da defesa, reverter para o seu caminho preferencial: 100 kg, norte-sul, joelho na barriga e costas. Reforça que sua estratégia é aproveitar erros do oponente, desgastar e finalizar a partir das costas, sem se expor desnecessariamente.	Após novo reinício em pé, há disputa de pegadas; o adversário puxa para a meia-guarda profunda e recebe 1 vantagem. A partir da <i>deep half guard</i>, o adversário tenta progredir, incluindo chegada às costas, mas A2 gira, protege o pescoço, sai para o “100 kg”, transita para “norte-sul”, tenta joelho na barriga (gerando vantagem) e estabelece estrangulamento de gola a partir do controle lateral/norte-sul, retomando o domínio por cima.
UT-A2-L1-06	“Aqui minha intenção era não perder a posição, e finalizar, porque a arte foi feita pra finalização. Eu queria estrangular na gola, então fui ajustando a posição com calma, focado em controlar pra não escorregar. Na minha mente só passava que eu tinha que manter o controle e a pressão no pescoço dele pra finalizar. Eu fiquei botando pressão no pescoço dele uns 20 segundos; se você mantém bem justo esse tempo, ou ele bate ou ele apaga”.	Enfatiza que, no desfecho da luta, seu foco é manter o controle e concretizar a finalização, ajustando com calma o estrangulamento de gola a partir das costas. Destaca a importância de manter a pressão contínua até o adversário bater, articulando controle posicional e convicção no seu principal caminho de jogo (passar, pegar costas, estrangular).	Com o adversário em posição de tartaruga/quatro apoios, A2 estabiliza as costas, ajusta pegadas de gola e aplica pressão progressiva no pescoço. Em seguida, projeta o corpo, ajusta o quadril e a perna para o estrangulamento arco e flecha, mantendo a pressão até a finalização por estrangulamento e encerrando a luta por submissão (finalização)

Nota metodológica: Os *timecodes* completos são apresentados apenas nos Quadros de Segmentação das Unidades Táticas que constituem o registro formal da delimitação dos episódios decisórios. Nos Quadros de Ancoragem Vídeo–Fala, optou-se por omitir os *timecodes*, a fim de facilitar a leitura e enfatizar a relação entre experiência vivida e ação observável, mantendo-se a referência às mesmas UTs.

Fonte: Elaborado pela autora.

4.2.6.3 *Codificação TCA e Constrangimentos (DE) da Luta 1 do A2*

O Quadro 25 (A2-03) sintetiza a codificação das Unidades Táticas da Luta 1 do atleta A2, articulando os componentes do signo hexádico da Teoria do Curso da Ação com os constrangimentos ecológicos do organismo, da tarefa e do ambiente. Cada UT é acompanhada de um título funcional, construído a partir de sua relevância no curso da luta, integrando explicitamente o plano fenomenológico da experiência com a organização situacional da ação.

Quadro 25 – A2-03– Signo hexádico (TCA) e Constrangimentos (DE) da Luta 1 do Atleta A2

(Continua)

TCA/DE	UT01 - Decisão inicial por jogar por cima e queda de lapela abrindo 2 x 0	UT02 - Gestão da meia-guarda adversária com joelho cruzado e jogo móvel por cima	UT03 - Mudança para jogar por baixo, guarda X e raspagem em <i>double leg</i>	UT04 - Controle de costas, tentativa de mata-leão e ajuste de ritmo	UT05 - Defesa na meia-guarda profunda e retomada do caminho passar–costas	UT06 - Controle de costas e finalização em estrangulamento arco e flecha
Engajamento - E	Definir logo no início se jogará por cima ou por baixo e impor seu estilo preferido por cima, usando a queda de lapela para já abrir vantagem no placar contra um adversário de alto nível.	Manter o jogo por cima mesmo caindo na meia-guarda do oponente, evitando ficar travado e buscando caminhos para avançar pelas laterais e, se possível, chegar às costas.	Assumir o controle do ritmo quando a luta em pé fica travada, optar por puxar para a guarda para criar ação por baixo e construir a raspagem que o recoloca por cima.	Manter o controle de costas e buscar a finalização no “mata-leão”, ao mesmo tempo começando a administrar melhor energia e tempo sem abandonar o jogo ofensivo.	Proteger-se na posição mais forte do adversário, manter a calma sob risco e transformar a defesa em retomada do seu caminho principal: passar, joelho na barriga, costas e ataque à finalização.	Não perder a posição de costas e concretizar a finalização por estrangulamento, mantendo controle e pressão até o adversário bater, em coerência com seu “jogo principal”.

Quadro 25 – A2-03– Signo hexádico (TCA) e Constrangimentos (DE) da Luta 1 do Atleta A2

(Continuação)

TCA/DE	UT01 - Decisão inicial por jogar por cima e queda de lapela abrindo 2 x 0	UT02 - Gestão da meia-guarda adversária com joelho cruzado e jogo móvel por cima	UT03 - Mudança para jogar por baixo, guarda X e raspagem em <i>double leg</i>	UT04 - Controle de costas, tentativa de mata-leão e ajuste de ritmo	UT05 - Defesa na meia-guarda profunda e retomada do caminho passar–costas	UT06 - Controle de costas e finalização em estrangulamento arco e flecha
Situação - S	Início da primeira luta em campeonato grande, clima de estreia, alta exigência competitiva; adversário avançando em pé, puxa para guarda e volta em pé; placar zerado e muito tempo de luta pela frente.	Placar 2 x 0 para A2, mas dentro do jogo de meia-guarda que o adversário domina; risco de ser travado ou raspado se permitir o encaixe completo; luta ainda em fase inicial, com baixa fadiga.	Luta reinicia em pé, com disputa intensa de pegadas e sensação de combate travado; A2 está na frente no placar, mas encontra dificuldade para conseguir a queda de frente; ambos disputam controle de gola e mangas.	Placar já em 4 x 0 para A2, cerca de metade da luta ainda por acontecer; adversário conhecido pela meia-guarda forte; início de cansaço dos dois lados e necessidade de pensar em gestão de energia a médio prazo.	Adversário entra na meia-guarda profunda (<i>deep half guard</i>), sua posição mais forte, chegando a ameaçar as costas e a finalização; luta intensa há vários minutos, ambos mais cansados; A2 em situação defensiva e de maior risco tático.	Fase final da luta, com A2 nas costas do adversário em posição de tartaruga/quatro apoios; pegadas de gola bem estabelecidas, vantagem consolidada no placar e cenário propício para fechar o combate por estrangulamento.

Quadro 25 – A2-03– Signo hexádico (TCA) e Constrangimentos (DE) da Luta 1 do Atleta A2

(Continuação)

TCA/DE	UT01 - Decisão inicial por jogar por cima e queda de lapela abrindo 2 x 0	UT02 - Gestão da meia-guarda adversária com joelho cruzado e jogo móvel por cima	UT03 - Mudança para jogar por baixo, guarda X e raspagem em <i>double leg</i>	UT04 - Controle de costas, tentativa de mata-leão e ajuste de ritmo	UT05 - Defesa na meia-guarda profunda e retomada do caminho passar–costas	UT06 - Controle de costas e finalização em estrangulamento arco e flecha
Representamen - R	Sensação de nervosismo de primeira luta, combinada com a percepção tátil e visual de que o adversário empurra e avança para frente, abrindo o momento ideal para aplicar a queda de lapela que domina.	Percepção das pernas do adversário tentando laçar e aproximar a meia-guarda, ao mesmo tempo em que sente que consegue manter distância com as pernas e que o joelho cruzado + esgrima funcionam para deslocar o tronco rival.	Percepção de luta “amarrada” em pé, com o adversário travando nas pegadas de kimono; sentir que as fintas não geram abertura clara de queda, mas que há espaço para sentar e organizar a guarda aberta/guarda X.	Percepção de que o mata-leão entra, mas o adversário desliza o ombro e defende bem; escuta os <i>coaches</i> comentando que o adversário está cansando; leitura do 4 x 0 no placar e do tempo restante, sinalizando necessidade de ajustar o ritmo.	Sensação de estar na “melhor posição” do adversário (lapela por baixo da perna, meia-guarda profunda), com forte pressão em baixo e ameaça às costas; percepção corporal de que, ao girar e proteger o pescoço, começa a recuperar controle; <i>feedback</i> auditivo dos <i>coaches</i> dizendo que o oponente “sentiu o gás”.	Sensação háptica de pescoço do adversário estrangulado, gola justa e controle firme; contagem interna aproximada de segundos mantendo a pressão; percepção de que, mantendo a posição justa, o adversário tenderá a bater ou apagar.

Quadro 25 – A2-03– Signo hexádico (TCA) e Constrangimentos (DE) da Luta 1 do Atleta A2

(Continuação)

TCA/DE	UT01 - Decisão inicial por jogar por cima e queda de lapela abrindo 2 x 0	UT02 - Gestão da meia-guarda adversária com joelho cruzado e jogo móvel por cima	UT03 - Mudança para jogar por baixo, guarda X e raspagem em <i>double leg</i>	UT04 - Controle de costas, tentativa de mata-leão e ajuste de ritmo	UT05 - Defesa na meia-guarda profunda e retomada do caminho passar–costas	UT06 - Controle de costas e finalização em estrangulamento arco e flecha
Unidade de ação - U	Disputa de pegadas em pé; adversário puxa para a guarda e volta rapidamente em pé; A2 ajusta a pegada na gola, projeta o adversário com queda usando a lapela do kimono, cai em meia-guarda e tenta progredir para a montada, sem estabilizar totalmente.	Mantém as pernas do adversário à distância, cruza o joelho e faz esgrima, avançando em direção ao “100 kg”; reorganiza o tronco por cima, ameaça costas, mas sem estabilizar por tempo suficiente para pontuar a passagem completa.	Realiza fintas nas pegadas em pé, usa a mão no pescoço para puxar para baixo e tentar movimentar o adversário; decide puxar para a guarda, organiza a guarda aberta, transita para a guarda X e sobe nas pernas em <i>double leg</i> , obtendo raspagem e voltando a jogar por cima.	Insere gancho e cinto de segurança, fecha controle de costas, ajusta mão na gola e tenta o mata-leão; o adversário escapa deslizando o ombro; a ação se desloca até a borda da área de luta e ambos saem da área, gerando vantagem para A2.	Em pé, usa <i>fakes</i> de queda para confundir o adversário; este puxa para meia-guarda profunda; A2 tenta defender, é lançado na posição forte do outro, protege o pescoço, gira para os “100 kg”, passa para” nortesul”, tenta joelho na barriga e encaixa estrangulamento de gola, caminhando novamente para as costas.	Com o adversário em tartaruga/quatro apoios, firma controle de costas, ganchos nas pernas e pegadas de gola; mantém pressão constante no pescoço, ajusta quadril e perna para o “arco e flecha”, projeta o corpo e sustenta o estrangulamento até o adversário bater.

Quadro 25 – A2-03– Signo hexádico (TCA) e Constrangimentos (DE) da Luta 1 do Atleta A2

(Continuação)

TCA/DE	UT01 - Decisão inicial por jogar por cima e queda de lapela abrindo 2 x 0	UT02 - Gestão da meia-guarda adversária com joelho cruzado e jogo móvel por cima	UT03 - Mudança para jogar por baixo, guarda X e raspagem em <i>double leg</i>	UT04 - Controle de costas, tentativa de mata-leão e ajuste de ritmo	UT05 - Defesa na meia-guarda profunda e retomada do caminho passar–costas	UT06 - Controle de costas e finalização em estrangulamento arco e flecha
Potencial de ação - A	Seguir construindo o jogo por cima, transformar a meia-guarda em “100 kg” ou montada, abrir margem de pontuação e controlar o combate desde o início.	Escapar do controle de meia-guarda do adversário, consolidar passagem e, se possível, alcançar as costas, reforçando seu estilo de domínio superior com mobilidade.	Usar a guarda para criar cansaço no oponente, gerar raspagem e retornar por cima; manter o jogo agressivo, podendo, em continuação, buscar posição de finalização a partir do controle por cima.	Estabilizar costas, refinar o mata-leão e finalizar; equilibrar entre atacar e proteger o gás para os minutos restantes, mantendo um jogo ofensivo, porém mais criterioso.	Sair ileso da posição forte do adversário, neutralizar as tentativas de raspagem e costas, virar para “100 kg” /” norte-sul”, instalar joelho na barriga, chegar às costas e preparar a finalização sem se expor a reviravoltas.	Manter o controle até o final e finalizar na gola; caso o estrangulamento não se concretize, permanecer nas costas e assegurar a vitória por pontos ou vantagens, sem oferecer brechas.

Quadro 25 – A2-03– Signo hexádico (TCA) e Constrangimentos (DE) da Luta 1 do Atleta A2

(Continuação)

TCA/DE	UT01 - Decisão inicial por jogar por cima e queda de lapela abrindo 2 x 0	UT02 - Gestão da meia-guarda adversária com joelho cruzado e jogo móvel por cima	UT03 - Mudança para jogar por baixo, guarda X e raspagem em <i>double leg</i>	UT04 - Controle de costas, tentativa de mata-leão e ajuste de ritmo	UT05 - Defesa na meia-guarda profunda e retomada do caminho passar–costas	UT06 - Controle de costas e finalização em estrangulamento arco e flecha
Interpretação-I	<i>“Eu gosto mais de jogar por cima [...] sempre decido isso no início da luta.”</i> A2 interpreta que a queda com a lapela do kimono confirma seu plano preferido, reduz o nervosismo inicial e lhe dá confiança ao iniciar o combate já com 2 pontos.	<i>“Eu sou um cara que me movimento muito [...] jogo melhor quando estou solto.”</i> Ele interpreta que sua movimentação contínua evitou ser preso na meia-guarda, validando o estilo de jogo móvel e ofensivo por cima.	<i>“Eu tava tentando ditar o ritmo [...] jiu-jitsu é um jogo de ação e reação.”</i> A2 interpreta que puxar para a guarda e raspar foi a decisão certa para destravar o combate, reforçando sua confiança na adaptação em fluxo.	<i>“Tava 4 x 0 [...] precisava ser mais cauteloso, mas sem parar meu jogo.”</i> Ele interpreta que este foi um momento de equilibrar controle e agressividade, reconhecendo a necessidade de administrar energia sem abandonar sua identidade combativa.	<i>“Quando a gente cai na melhor posição do oponente, tem que ter calma [...] decidi ir pelo meu melhor caminho: passar, pegar as costas e finalizar”.</i> A2 interpreta que manter a calma diante da <i>meia-guarda profunda</i> permitiu retomar sua rota tática principal com segurança.	<i>“Minha intenção era não perder a posição e finalizar [...] eu sabia que se mantivesse a pressão ele ia bater.”</i> Ele interpreta que o controle paciente e a pressão contínua confirmam a eficácia de seu estilo finalizador baseado em costas e estrangulamentos.

Quadro 25 – A2-03– Signo hexádico (TCA) e Constrangimentos (DE) da Luta 1 do Atleta A2

(Continuação)

TCA/DE	UT01 - Decisão inicial por jogar por cima e queda de lapela abrindo 2 x 0	UT02 - Gestão da meia-guarda adversária com joelho cruzado e jogo móvel por cima	UT03 - Mudança para jogar por baixo, guarda X e raspagem em <i>double leg</i>	UT04 - Controle de costas, tentativa de mata-leão e ajuste de ritmo	UT05 - Defesa na meia-guarda profunda e retomada do caminho passar–costas	UT06 - Controle de costas e finalização em estrangulamento arco e flecha
Constrangimentos Organismo	Alta ativação fisiológica, nervosismo de primeira luta em campeonato grande; ao mesmo tempo, confiança na preparação (<i>camp</i> na Califórnia e no Brasil) e no seu jogo por cima.	Corpo mais aquecido, confiança na movimentação e no controle por cima; fadiga ainda baixa, permitindo jogo móvel e agressivo na passagem.	Nível de esforço aumentando, mas ainda se sente bem fisicamente para alternar entre jogo em pé e por baixo; confiança crescente na guarda em desenvolvimento.	Cansaço começando a aparecer após sequência de ações em pé, raspagem e pegar costas; necessidade percebida de economizar energia sem “desligar” o jogo; ainda se sente capaz de manter ritmo alto.	Fadiga mais evidente depois de vários minutos de luta intensa; sente o esforço de defender na posição forte do adversário, mas consegue regular a calma emocional e evitar afobação.	Braços e pegadas cansados, mas com sensação de controle; foco atencional concentrado no microajuste da posição e na manutenção da pressão até o desfecho da finalização.

Quadro 25 – A2-03– Signo hexádico (TCA) e Constrangimentos (DE) da Luta 1 do Atleta A2

(Continuação)

TCA/DE	UT01 - Decisão inicial por jogar por cima e queda de lapela abrindo 2 x 0	UT02 - Gestão da meia-guarda adversária com joelho cruzado e jogo móvel por cima	UT03 - Mudança para jogar por baixo, guarda X e raspagem em <i>double leg</i>	UT04 - Controle de costas, tentativa de mata-leão e ajuste de ritmo	UT05 - Defesa na meia-guarda profunda e retomada do caminho passar–costas	UT06 - Controle de costas e finalização em estrangulamento arco e flecha
Constrangimentos Tarefa	Início de luta de 10 minutos; importância estratégica de abrir vantagem logo no começo (2 x 0) para conduzir o restante do combate em cenário favorável.	Com 2 x 0 no placar e 1 vantagem, a tarefa é ampliar ou, pelo menos, preservar a frente, evitando que a meia-guarda do adversário gere raspagem ou inversão de controle.	Com a vantagem já construída, a tarefa passa por destravar a luta em pé, ampliar o placar (4 x 0) e seguir conduzindo o combate de forma propositiva, sem deixar o adversário ditar o ritmo.	Em 4 x 0 com novas vantagens, a tarefa envolve administrar o tempo de luta ainda restante, explorar oportunidades de finalização e, ao mesmo tempo, evitar desgaste exagerado que possa reabrir o combate.	Em cenário em que o adversário consegue aplicar sua melhor posição (meia-guarda profunda) e pontua com vantagem, a tarefa é evitar pontuações grandes contra si (raspagens/finalizações), recuperar controle por cima e voltar a ampliar vantagens.	Próximo ao fim da luta, com vantagem consolidada e costas estabelecidas, a tarefa principal é transformar o controle em finalização, encerrando o combate sem oferecer espaço para reação.

Quadro 25 – A2-03– Signo hexádico (TCA) e Constrangimentos (DE) da Luta 1 do Atleta A2

(Conclusão)

TCA/DE	UT01 - Decisão inicial por jogar por cima e queda de lapela abrindo 2 x 0	UT02 - Gestão da meia-guarda adversária com joelho cruzado e jogo móvel por cima	UT03 - Mudança para jogar por baixo, guarda X e raspagem em <i>double leg</i>	UT04 - Controle de costas, tentativa de mata-leão e ajuste de ritmo	UT05 - Defesa na meia-guarda profunda e retomada do caminho passar–costas	UT06 - Controle de costas e finalização em estrangulamento arco e flecha
Constrangimentos Ambiente	Centro do tatame, clima de arena de grande campeonato, público e ruído de fundo; árbitro atento desde o início às ações em pé e às possíveis quedas.	Combate ainda predominantemente no centro da área, com espaço para movimentação por cima; sem pressão imediata da borda da área de luta, permitindo variações de direção na passagem.	Luta reiniciando em pé no centro; kimonos muito travados nas pegadas; ambiente ruidoso mas familiar a atletas de alto rendimento; espaço suficiente para queda ou para sentar na guarda.	Ação deslocando-se em direção à borda da área de luta; saída da área provoca parada e reinício em pé; presença constante das orientações do <i>córner</i> ajudando na leitura de tempo, placar e estado do adversário.	Deslocamentos maiores no tatame, com momentos de controle mais central (maia-guarda profunda) e transições até “100 kg” / “norte-sul”; clima de luta intensa, com ginásio reagindo a cada tentativa de raspagem ou defesa crítica.	Situação mais estabilizada em zona de controle, ainda sob clima de clímax competitivo; atenção do árbitro focada no estrangulamento; ambiente ruidoso, mas com foco principal no gesto de finalização que decide o combate.

Fonte: Elaborado pela autora.

4.2.6.4 *Integração TCA–DE da Luta 1 do atleta A2*

O Quadro 26 (A2-04) apresenta a análise integrada das Unidades Táticas da Luta 1 do atleta A2, evidenciando como ações observáveis, significações vividas e constrangimentos ecológicos se combinam em cada episódio decisório. Nessa etapa, a Unidade Tática é tratada como unidade intermediária de análise, permitindo articular, de forma situada, os níveis técnico-tático, experiencial e contextual da tomada de decisão.

Quadro 26 – A2-04 – Integração TCA–DE da Luta 1 do Atleta A2

(Continua)

ID-UT	Dimensão Tática (no sentido analítico)	Evidências Integradas (vídeo + fala + hexádico + constrangimentos)	Síntese Interpretativa (TCA × DE)
UT-A2-L1-01	Ofensiva	Vídeo mostra disputa inicial de pegadas, adversário puxa para guarda e volta em pé; A2 ajusta pegada de lapela do kimono, projeta o adversário e cai em meia-guarda tentando progredir. Na fala , A2 afirma que sempre define no início se jogará por cima ou por baixo e que prefere atuar por cima; relata nervosismo de estreia, mas percebe o adversário avançando e reconhece o “momento perfeito” para a queda que domina. No hexádico , o engajamento (E) é impor o estilo por cima; o representamen (R) vem do avanço do adversário e da abertura criada; constrangimentos de organismo incluem ativação alta e nervosismo inicial; tarefa envolve abrir vantagem cedo; ambiente é o centro do tatame com forte clima competitivo.	A decisão emerge da leitura tátil-visual imediata do avanço do adversário e da intenção prévia de jogar por cima. A queda de lapela consolida rapidamente o acoplamento ofensivo que A2 buscava, transformando o nervosismo inicial em confiança e instalando o combate no cenário tático que considera mais favorável.
UT-A2-L1-02	Ofensiva	Vídeo mostra o adversário montando meia-guarda e A2 cruzando o joelho, fazendo esgrima (braço por baixo do braço do oponente para controlar o tronco) e avançando para o 100 kg sem estabilizar. Na fala, A2 diz que “ <i>joga melhor quando está solto</i> ”, que mantém distância das pernas e não deixa o adversário travar. No hexádico , engajamento (E) é continuar por cima com mobilidade; representamen (R) inclui percepção tátil das pernas adversárias tentando laçar; situação (S): meia-guarda forte do rival; Constrangimentos : organismo: baixa fadiga; tarefa: manter vantagem e impedir progressões; ambiente: área central permitindo movimentação lateral.	A ação expressa conhecimento tático de gestão de risco na meia-guarda: manter fluxo, deslocar o tronco e evitar fixação do adversário. A2 transforma um possível ponto fraco do confronto (meia-guarda do oponente) em continuidade do seu jogo por cima, preservando vantagem e ritmo ofensivo.

Quadro 26 – A2-04 – Integração TCA–DE da Luta 1 do Atleta A2

(Continuação)

ID-UT	Dimensão Tática (no sentido analítico)	Evidências Integradas (vídeo + fala + hexádico + constrangimentos)	Síntese Interpretativa (TCA × DE)
UT-A2-L1-03	Mista Transição / Ofensiva	Vídeo mostra reinício em pé, luta travada nas pegadas, adversário tenta puxar e volta em pé; A2 decide puxar para guarda, organiza guarda aberta, transita para X e raspa com <i>double leg</i> . A fala revela necessidade de “ditar o ritmo”, uso de fintas e percepção de que a luta estava travada, levando à decisão de jogar por baixo. No hexádico, engajamento (E) reorganiza-se para criar ação; representamen (R) é sensação de bloqueio nas pegadas; situação (S): vantagem no placar e dificuldade de quedas. Constrangimentos: organismo com energia moderada; tarefa de ampliar vantagem; ambiente central favorece transições fluídas.	A2 identifica que o ambiente informacional em pé não oferece <i>affordances</i> claras e, com leitura precisa da dinâmica, altera o plano sem perder coerência tática. A aplicação da raspagem ressignifica a luta e confirma a competência adaptativa: mudar o jogo no momento certo mantém o domínio e amplia o placar.
UT-A2-L1-04	Ofensiva	Vídeo mostra progressão para as costas, tentativa de mata-leão e saída da área. Na fala , A2 destaca o equilíbrio entre manter agressividade e começar a administrar energia, reconhecendo que “ainda tinha muita luta”. No hexádico , engajamento (E) é buscar finalização, mas com controle do ritmo; representamen (R): perceber defesa eficiente do adversário e escutar <i>coaches</i> ; situação (S): vantagem 4 x 0. Constrangimentos de organismo: início de fadiga; tarefa: ampliar vantagem sem desgaste excessivo; ambiente: na borda da área de luta encerra ação.	A UT representa um microajuste entre intenção ofensiva e regulação rítmica da luta. A2 prefere finalizações, mas reconhece que o combate exige gestão de energia e temporalidade. Surge uma ofensividade mais racional, alinhada a uma leitura estratégica do estado do adversário e do contexto competitivo.
UT-A2-L1-05	Mista Transição / Defensiva → Ofensiva	Vídeo registra adversário entrando na <i>deep half guard</i> , ameaçando costas e finalização; A2 defende, protege o pescoço, gira para 100 kg, progride para “norte-sul”, tenta joelho na barriga e segue para estrangulamento. Fala reforça que estava na “melhor posição do adversário”, mas manteve calma, evitou afobação e retomou seu caminho preferido (passar–pegar costas–finalizar). No hexádico , engajamento (E) transita da defesa para retomada ofensiva; representamen (R) inclui pressão tátil da <i>deep half guard</i> e percepção de cansaço do oponente (“sentiu o gás”); situação (S): risco elevado; organismo: fadiga crescente; ambiente: grande deslocamento no tatame.	Momento crítico da luta: A2 demonstra controle emocional, capacidade de leitura háptica e reorganização rápida do curso da ação. A passagem da defesa para retomada ofensiva revela conhecimento tático maduro: transformar ameaça em oportunidade e reinstalar seu modelo preferencial de ataque.

Quadro 26 – A2-04 – Integração TCA–DE da Luta 1 do Atleta A2

(Conclusão)

ID-UT	Dimensão Tática (no sentido analítico)	Evidências Integradas (vídeo + fala + hexádico + constrangimentos)	Síntese Interpretativa (TCA × DE)
UT-A2-L1-06	Ofensiva	Vídeo mostra controle de costas, ajustes de gola, pressão contínua e finalização por “arco e flecha”. Fala destaca foco total em “não perder a posição” e finalizar com paciência, mantendo pressão por ~20 segundos. No hexádico , engajamento (E): finalizar seu “jogo principal”; representamen (R): informação háptica da gola justa e pescoço cedendo; situação (S): fim da luta com vantagem consolidada; Constrangimentos : organismo: cansaço, mas controle; tarefa: encerrar o combate; ambiente: clima de clímax competitivo.	A decisão emerge da combinação entre domínio técnico, leitura háptica ajustada e convicção tática: manter pressão até a finalização. A2 opera em modo ofensivo estável, convertendo controle posicional em desfecho definitivo, exemplificando seu conhecimento em ação: pressão, estabilidade e finalização coerente com seu caminho tático.

Fonte: Elaborado pela autora.

4.2.7 Síntese Interpretativa da Luta 1 (A2)

A Luta 1 do atleta A2 configura um combate orientado pela iniciativa por cima, pela mobilidade contínua nas transições e pela conversão de episódios críticos em progressão ofensiva, culminando em finalização por estrangulamento arco e flecha. Diferentemente de lutas organizadas em torno da permanência prolongada em um único ambiente posicional, o curso da ação de A2 se caracteriza por uma circulação funcional entre disputa, transição e controle avançado, com direcionalidade tática clara para o desfecho.

Desde o início, o combate se estrutura por decisões precoces sobre engajamento e iniciativa: as disputas de pegada (26,09%) e o puxar para a guarda (21,74%) concentram parcela expressiva dos eventos. Do ponto de vista posicional, a distribuição entre posição em pé (26,09%) e clinch (26,09%) reforça a centralidade das disputas iniciais e reinícios, enquanto a presença de controle lateral / norte-sul (17,39%) e incursões decisivas nas costas (8,70%) indicam progressões profundas. Esses descritores funcionam como marcadores da arquitetura temporal do combate e sustentam a leitura de um padrão de progressão – não de fixação.

Sob a perspectiva fenomenológico-ecológica, a experiência vivida por A2 organiza-se em três eixos articulados:

- (1) a decisão inicial de impor o jogo por cima, buscando abrir vantagem cedo;
- (2) a adaptabilidade tática em fluxo, com uso pontual da guarda como recurso funcional para destravar a luta; e
- (3) a retomada sistemática do “caminho preferencial” de progressão (passar → estabilizar → costas → estrangular), regulando emoção, risco e gasto energético. Essa organização articula curso da experiência e constrangimentos do organismo, da tarefa e do ambiente, em consonância com pressupostos integrados da TCA e da DE (Theureau, 2014; Araújo; Davids, 2009; Newell, 1986; Davids; Button; Bennett, 2008).

A narrativa decisória inicia-se na UT-A2-L1-01, quando A2 explicita que “*sempre no início decido se vou jogar por cima ou por baixo*” (A2, entrevista de autoconfrontação). afirmando preferência pelo jogo por cima. A leitura do avanço do adversário e da oportunidade de entrada sustenta a execução de uma queda com pegada na lapela, que abre o placar em 2x0 e instala o combate no cenário tático desejado. Nesse episódio, a queda opera como dispositivo de estabilização do curso da ação, reduzindo incertezas iniciais e reorganizando a iniciativa em favor de A2.

Na UT-A2-L1-02, consolida-se um princípio recorrente do atleta: recusar a fixação em ambientes travados, especialmente na meia-guarda por cima do adversário. A2 afirma que “*jogo melhor quando estou solto*” (A2, entrevista de autoconfrontação) e descreve a necessidade de manter mobilidade, cruzar o joelho e trabalhar por fora, indicando um critério regulador: mobilidade ofensiva como condição de segurança tática, evitando cenários que ampliem o risco de raspagem ou estagnação.

A UT-A2-L1-03 explicita a adaptabilidade decisória em fluxo. Diante de uma luta “muito travada” em pé, A2 decide puxar para a guarda não como identidade tática dominante, mas como meio funcional para reativar a dinâmica do combate. Ao transitar para a guarda X e executar a raspagem seguida de subida em double leg, amplia a vantagem e retorna imediatamente à posição superior. A verbalização “*jiu-jitsu é jogo de ação e reação... você tem que mudar ali na hora*” (A2, entrevista de autoconfrontação) explicita uma lógica de decisão baseada na atualização contínua da ação a partir das respostas do adversário.

O episódio mais crítico ocorre na UT-A2-L1-05, quando o adversário puxa para a meia-guarda profunda, reconhecida por A2 como sua posição mais forte. O risco ecológico se intensifica (ameaça de instabilidade e possível reversão), e a resposta do atleta organiza-se a partir de um marcador fenomenológico central: “*ter calma, não se afobar*” (A2, entrevista de autoconfrontação). Essa regulação emocional sustenta a saída técnica, o reposicionamento corporal e a retomada do controle superior, convertendo ameaça em progressão ofensiva. Nessa passagem, o conhecimento tático em ação se manifesta como capacidade de regular o curso da ação sob pressão, integrando leitura tátil, controle emocional e reorganização espacial (Theureau, 2014; Araújo; Davids, 2009).

Por fim, a UT-A2-L1-06 consolida um desfecho coerente com o modelo do atleta. Com o adversário em posição tartaruga/quatro apoios, A2 estabiliza as costas, ajusta as pegadas e aplica pressão progressiva até a finalização por arco e flecha. O foco declarado em “*não perder a posição*” (A2, entrevista de autoconfrontação) e em manter pressão contínua evidencia um modo de decisão centrado em controle, paciência e fechamento, no qual a informação háptica orienta a manutenção da ação até a desistência do adversário.

Em termos do objetivo geral desta tese, a Luta 1 evidencia que A2 mobiliza um conhecimento tático consolidado no jogo por cima — organizado em torno da progressão posicional, do controle do ritmo e da busca sistemática pelas costas — e o atualiza continuamente a partir das contingências reais do combate. Isso se torna visível na instalação precoce do domínio superior, na adaptação de meios de ação quando a luta se torna travada (puxar para a guarda e acionar a guarda X como recurso transitório) e no retorno consistente ao

caminho preferencial (passar → estabilizar → costas → finalizar). Assim, o conhecimento tático não se apresenta como plano rígido previamente aplicado, mas como modo de perceber, interpretar e regular a ação em fluxo, no qual decisões emergem da leitura tátil das interações, da gestão do risco posicional e da regulação emocional sob pressão.

4.2.7.1 *Modelo tático fenomenológico-ecológico da Luta 1 (A2)*

O conjunto dos episódios decisórios revela três macroestruturas organizadoras do curso da ação de A2:

1. Instalação do domínio por cima como plano preferencial, abrindo vantagem cedo por meio de queda e controle do ritmo do combate.
2. Adaptabilidade funcional para destravar a luta, utilizando a guarda e a guarda X como recursos transitórios, sem abandonar a lógica de retorno imediato à posição superior.
3. Conversão do risco em progressão, especialmente na resposta regulada à meia-guarda profunda, culminando na sequência dominante passar → estabilizar → costas → estrangular.

Nesse modelo, a tomada de decisão emerge como processo contínuo de regulação entre intenção ofensiva, leitura tátil das interações e gestão dos constrangimentos do organismo (ativação e fadiga), da tarefa (placar e tempo) e do ambiente (travamentos, reinícios e pressão competitiva). No conjunto, A2 revela-se propositivo, móvel e finalizador não apenas pela execução técnica, mas pelo modo como identifica travamentos, altera meios de ação sem perder coerência tática e estabiliza o desfecho por um caminho preferencial, confirmando empiricamente a construção e mobilização de conhecimento tático em ação durante o combate (Newell, 1986; Davids; Button; Bennett, 2008).

4.2.8 *Atleta A2 – Luta Final*

A análise descritivo-funcional da Luta Final do atleta A2 evidencia um combate de menor duração, de alta objetividade tática e fortemente orientado à conversão rápida do controle por cima em domínio de costas e finalização. Em contraste com a Luta 1 — marcada por maior variabilidade posicional, alternância de ambientes e maior número de episódios decisórios —, a final apresenta um encadeamento mais direto, com progressão ofensiva contínua e redução deliberada das fases intermediárias do combate.

No plano das ações técnico-táticas, observa-se clara predominância das tentativas de passagem de guarda, que correspondem a 36,36% do total de ações registradas (Tabela 9). Esse dado indica que A2 estruturou sua ofensividade prioritariamente a partir da superação sistemática do jogo de guarda do adversário, evitando estabilizações prolongadas e buscando, desde os primeiros contatos no solo, criar condições favoráveis para acessar posições de vantagem estrutural. As tentativas de raspagem (18,18%) aparecem associadas às iniciativas do adversário para inverter o controle, mas não produzem reorganizações funcionais do combate, sendo neutralizadas sem alteração do curso ofensivo estabelecido por A2.

As ações decisivas concentram-se na progressão para as costas, representadas pela tentativa de pegar as costas (9,09%), pela conquista efetiva da posição de costas (9,09%) e pelas ações de finalização por estrangulamento (18,18% somadas, considerando tentativa e finalização). Esse conjunto evidencia um combate organizado por um caminho tático claramente delimitado, no qual a lógica de decisão privilegia a eficiência: neutralizar a guarda, acessar rapidamente as costas e encerrar o confronto por finalização, com baixa dispersão em alternativas secundárias.

No plano posicional, a posição de passagem de guarda e a posição de costas concentram, cada uma, 36,36% das ocorrências (Tabela 10), evidenciando que a luta se desenvolveu majoritariamente em ambientes de vantagem estrutural para A2. A posição de guarda do adversário aparece de forma pontual (18,18%), como contexto transitório para as ações de progressão ofensiva, enquanto a posição em pé surge apenas no início do combate (9,09%), sem desempenhar papel organizador relevante no curso da luta.

Assim, a Luta Final do atleta A2 caracteriza-se por baixa variabilidade decisória, alta eficiência ofensiva e encurtamento do percurso tático, com rápida conversão do controle por cima em domínio de costas e finalização.

Tabela 9 – Frequência das ações técnico-táticas predominantes na Luta Final do atleta A2.

Ação técnico-tática	Frequência	%
Tentativa de passagem de guarda	4	36,36%
Tentativa de raspagem	2	18,18%
Tentativa de finalização (mata-leão)	1	9,09%
Finalização por arco e flecha	1	9,09%
Pegar as costas	1	9,09%
Tentativa de pegar as costas	1	9,09%
Puxar para a guarda	1	9,09%
Total	11	100%

Fonte: Elaborada pela autora.

Tabela 10 – Frequência das posições de luta predominantes na Luta Final do atleta A2.

Posição de luta	Frequência	%
Posição de passagem de guarda	4	36,36%
Posição de costas	4	36,36%
Posição de guarda	2	18,18%
Posição em pé	1	9,09%
Total	11	100%

Fonte: Elaborada pela autora.

4.2.8.1 *Log de Eventos / Unidades Táticas (UTs) da Luta Final do atleta A2*

O Quadro 27 (A2-05) apresenta a segmentação da Luta Final do atleta A2 em Unidades Táticas (UTs), delimitadas a partir de mudanças no problema decisório central ao longo do combate. Essas UTs estruturam o fluxo da ação e constituem a base empírica para as análises subsequentes, permitindo articular o plano observável da luta com sua organização tática e temporal.

Quadro 27 – A2-05 – Log de Eventos / Unidades Táticas (UTs) da Luta Final do atleta A2

(Continua)

ID-UT	Timecode in	Timecode out	Descrição objetiva (ação observável)	Dimensão tática (no sentido analítico)	Observações
UT-A2- LF-01	09:55	07:48	Início da luta final com o adversário puxando rapidamente para a guarda aberta; a partir daí, este tenta organizar guarda (incluindo configurações próximas à <i>k-guard</i> (caracterizada por um joelho no chão e o outro pé enganchado na coxa ou canela do oponente)), acoplar ganchos e buscar raspagens e ataques no braço. A2 permanece por cima em posição de passagem de guarda, alternando joelho pesado, controle de canela e tentativas de desfazer laço e guarda aberta, sem conceder raspagem nem estabilizar totalmente a passagem.	Mista Manutenção / Ofensiva	Episódio inicial em que A2, apesar de ter planejado derrubar, aceita jogar por cima na guarda forte do adversário. Taticamente, combina defesa paciente (não se expor, “defender primeiro para depois atacar”) com pressão progressiva, usando jogo solto e movimentação para testar a guarda adversária, preservar energia em uma final de 10 minutos e manter o 0 x 0 sob controle posicional por cima.
UT-A2- LF-02	07:47	04:14	A partir da guarda aberta (“aranha” / “laço”), o adversário tenta raspagens sucessivas; em um desses momentos, quase desequilibra A2, que “bate e volta” rapidamente para não ceder 2 pontos. Na sequência, A2 trabalha quebras de pegada, passa o joelho por dentro e por fora, busca <i>leg drag</i> e variações de passagem, mantendo pressão de cima. Diante da dificuldade de passar frontalmente, utiliza movimentação mais arriscada (como a “estrelinha”), chega em ângulo favorável e alcança as costas em movimento, recebendo 1 vantagem.	Ofensiva	Episódio de ataque contínuo por cima contra uma guarda “laço” / “aranha” muito ativa. A2 combina paciência tática (não se apavorar, aceitar ficar um tempo preso na guarda) com um princípio central do seu jogo: não dar pontos em final, reagindo rápido sempre que sente a quase-raspagem. A decisão de arriscar a “estrelinha” (movimento semelhante à ginásticas usado para transições rápidas) expressa um estilo ofensivo que busca “dar show”, mas com cálculo: manter pressão constante, minar o “gás” do oponente e construir vantagem (1 vantagem) sem abrir mão do controle por cima.

Quadro 27 – A2-05 – Log de Eventos / Unidades Táticas (UTs) da Luta Final do atleta A2

(Conclusão)

ID-UT	Timecode in	Timecode out	Descrição objetiva (ação observável)	Dimensão tática (no sentido analítico)	Observações
UT-A2- LF-03	04:13	03:56	Em continuidade ao domínio por cima, A2 explora o desequilíbrio criado, projeta o adversário, entra de forma mais estável nas costas, primeiro com um gancho e, em seguida, com os dois ganchos bem fixados. Controla o braço do adversário, mantém o tronco colado e inicia ajustes de estrangulamento, estabilizando completamente a posição de costas e marcando 4 pontos.	Ofensiva	Momento de virada estrutural da luta: a transição da pressão por cima na guarda para o estabelecimento das costas consolida o plano tático de A2 (dominar por cima até chegar às costas). Consciente de que, em final de Brasileiro, perder as costas poderia custar a vitória, ele privilegia o controle e a estabilidade antes da finalização, valorizando a posição conquistada (4 x 0 e 1 vantagem) e reduzindo a margem de manobra do adversário para qualquer reviravolta tática.
UT-A2- LF-04	03:55	03:20	A partir das costas, A2 ajusta as pegadas de gola, testa esgana-gola/mata-leão sem concluir e, ao sentir a gola bem justa, projeta a perna por cima do ombro do adversário, estende o corpo em direção oposta e aplica o estrangulamento “arco e flecha”. Mantém a pressão no pescoço até o adversário bater, encerrando a luta por finalização.	Ofensiva	Desfecho ofensivo que sintetiza o “caminho principal” de A2 (passar–pegar costas–finalizar). Com 4 x 0 no placar, cerca de 3 minutos restantes e leitura de que o adversário estava cansando, ele escolhe não apenas administrar o resultado, mas fechar o combate. A decisão de ajustar com calma e só entrar no “arco e flecha” quando “estiver justo” revela uma gestão tática madura: controle e precisão na escolha da finalização de maior eficiência, concluindo a final de forma dominante técnica e taticamente.

(Legenda geral apresentada anteriormente na seção de Metodologia.)

Fonte: Elaborado pela autora.

4.2.8.2 *Ancoragem Temporal (vídeo ↔ fala) da Luta Final do atleta A2*

O Quadro 28 (A2-06) apresenta a ancoragem temporal das Unidades Táticas da Luta Final do atleta A2, articulando os episódios identificados no vídeo com os trechos de fala produzidos nas entrevistas de autoconfrontação. Esse procedimento permite acessar o sentido atribuído pelo atleta às ações realizadas, conectando a experiência vivida à dinâmica observável do combate.

Quadro 28 – A2-06 –Ancoragem Temporal (Vídeo ↔ Fala) da Luta Final do Atleta A2

(Continua)

ID-UT	Trecho da fala (autoconfrontação)	Paráfrase / sentido central	Evidência no vídeo
UT-A2-LF-01	<i>“Indo pra essa luta eu sabia que seria uma guerra, eu já tinha lutado com o irmão dele e eles têm um jogo parecido, brigam muito, não aceitam posição. Eu pensei que a luta ia rolar mais por cima, mas ele acabou puxando pra guarda no início. Minha estratégia era jogar solto, impor meu jogo, sair na frente, derrubar. Como ele puxou pra guarda muito rápido, a ideia foi botar ritmo pra passar a guarda dele, porque ele tem uma guarda muito boa. Eu não podia me expor muito, é final de 10 minutos, tem que ter gás e paciência”.</i>	Chega para a final esperando uma luta dura contra um atleta de guarda forte, com a intenção inicial de jogar por cima e derrubar. Quando o adversário puxa para a guarda logo no começo, ajusta o plano para impor ritmo na passagem, controlando o ímpeto e evitando se expor demais em uma luta longa de 10 minutos, na qual paciência e gestão de energia são fundamentais.	Adversário puxa para a guarda aberta logo no início da luta, organiza a guarda e tenta raspagem e ataque ao braço (<i>armlock</i>) a partir de posições como <i>k-guard</i> /guarda laçada. A2 defende o braço, permanece por cima, ajusta o peso, trabalha com mão na canela e tenta abrir o laço, buscando <i>leg drag</i> e manter pressão. O período inicial se caracteriza por domínio territorial do adversário na guarda e esforço de A2 para controlar e passar sem se expor, mantendo o placar em 0 x 0.
UT-A2-LF-02	<i>“Neste momento eu botei o joelho no chão e quase ele me raspou de laço. O que passou na cabeça foi ter uma reação rápida, eu não gosto de dar ponto, então bati e voltei rápido, isso já é automático no meu jogo. Me mantive calmo pra sair da guarda laçada, não é fácil, tem que ter paciência. Eu tava tentando quebrar as pegadas, defender pra depois atacar. Ele sentiu o joelho, acho que estalou, e eu pensei só que não fosse nada grave, a gente nunca quer que alguém se machuque numa final. Depois voltei a botar pressão, ir pro lado e pro outro, entrar no leg drag, tentar estrelinha pra chegar do lado e ir minando ele no cansaço”.</i>	Relata um momento em que quase é raspado na guarda laço, mas reage rapidamente para não ceder os 2 pontos. Destaca a importância de manter a calma, priorizar a defesa e a quebra de pegadas antes de atacar, demonstrando preocupação com a possível lesão do adversário. Em seguida, retoma o plano de botar pressão, usar variações como <i>leg drag</i> e “estrelinha” para minar o oponente física e mentalmente, sem perder o controle tático.	Adversário mantém guarda aberta/aranha com laço, tentando raspagem; em uma dessas ações, A2 quase é desequilibrado, mas “bate e volta”, evitando a pontuação. A2 alterna momentos de defesa (quebra de pegadas, controle do pé no bíceps) com tentativas de passagem em diferentes direções, entra em <i>leg drag</i> , mas o adversário recompõe. Em meio à sequência, o adversário sente o joelho e a luta é brevemente interrompida; após o retorno, A2 mantém pressão constante, usa deslocamentos laterais e tenta a “estrelinha”, chegando próximo às costas, o que rende 1 vantagem (0 x 0, A2 com 1 vantagem).

Quadro 28 – A2-06 –Ancoragem Temporal (Vídeo ↔ Fala) da Luta Final do Atleta A2

(Conclusão)

ID-UT	Trecho da fala (autoconfrontação)	Paráfrase / sentido central	Evidência no vídeo
UT-A2-LF-03	<i>“Aqui minha intenção era não perder a posição de jeito nenhum. Consegui chegar nas costas, uma posição boa, faltando mais ou menos 5 minutos. Se ele saísse da posição ruim pra uma posição boa, podia vir com muito mais vontade e isso mudar a luta. Todo mundo fala que quando chega nas costas não pode perder, tem que finalizar. Então eu tentei me manter calmo, manter o controle, não perder as costas. Botei ele de quatro, tentei ir pro 100 kg, ele virou, voltei pras costas, botei os ganchos, travei o braço, comecei a apertar no mata-leão e ganhei os 4 pontos. Eu tava confiante, mantendo pressão e já pensando em finalizar”.</i>	Enfatiza que chegar às costas na final é um ponto decisivo e que perder essa posição poderia custar a vitória. Por isso, busca manter a calma e o controle, evitando qualquer brecha para reviravolta. Valoriza a importância de estabilizar as costas, garantir os 4 pontos e, a partir daí, seguir pressionando em direção à finalização, reforçando sua confiança e sensação de domínio naquele momento da luta.	A partir da sequência de passagem e pressão por cima, A2 encontra caminho para as costas, inicialmente com um gancho, depois estabilizando os dois ganchos. Alterna tentativas de colocar o adversário de costas no chão (rumo ao “100 kg”) com o retorno às costas quando o oponente gira em defesa. Com os dois ganchos estabelecidos e controle do braço, A2 passa o braço pelo pescoço, aplica <i>crossface/mata-leão</i> e mantém a posição, marcando 4 pontos pelas costas (0 x 4, A2 com 1 vantagem) enquanto segue buscando a finalização.
UT-A2-LF-04	<i>“Aqui comecei a arrumar a mão na gola pro estrangulamento nas costas. Só queria ir pra posição quando tivesse certeza que ia tá justo. Quando senti que tava justo, joguei a perna por cima do ombro, ficou bem encaixado e eu finalizei. Acho que foi uma ótima decisão, porque com a pressão no pescoço, barriga pra baixo, não tinha pra onde ele escapar: ou batia ou dormia. O que mais passava na minha mente era controle, me manter calmo e trabalhar pra finalizar. Tava ganhando de 4 pontos, mas eu queria mesmo era finalizar. Joguei a perna, estrangulei, ele bateu e aí foi só alegria, ver meu pai, comemorar, sabendo que consegui impor meu ritmo até cansar ele e chegar nas costas pra finalizar”.</i>	Descreve o momento decisivo da final como a transição de um controle sólido de costas para o estrangulamento final. A2 espera o encaixe ideal da pegada na gola, aposta na combinação de controle, calma e pressão máxima no pescoço, e interpreta a escolha do estrangulamento “arco e flecha” como a melhor decisão para impedir qualquer escape, coroando o domínio tático com finalização e confirmação do seu ritmo superior ao longo do combate.	Com as costas estabilizadas e o placar em 4 x 0, A2 ajusta cuidadosamente a mão na gola enquanto mantém o adversário controlado. Em seguida, projeta a perna por cima do ombro e alonga o corpo, configurando o estrangulamento “arco e flecha” com o adversário praticamente de barriga para baixo. A pressão resultante no pescoço e no tronco impede a fuga, levando o oponente à batida. A luta é encerrada por finalização, com A2 vencedor por estrangulamento, mantendo o controle desde as costas até o desfecho.

Nota metodológica: Os *timecodes* completos são apresentados apenas nos Quadros de Segmentação das Unidades Táticas que constituem o registro formal da delimitação dos episódios decisórios. Nos Quadros de Ancoragem Vídeo–Fala, optou-se por omitir os *timecodes*, a fim de facilitar a leitura e enfatizar a relação entre experiência vivida e ação observável, mantendo-se a referência às mesmas UTs.

Fonte: Elaborado pela autora.

4.2.8.3 *Codificação TCA e Constrangimentos (DE) da Luta Final do A2*

O Quadro 29 (A2-07) sintetiza a codificação das Unidades Táticas da Luta Final do atleta A2, articulando os componentes do signo hexádico da Teoria do Curso da Ação com os constrangimentos ecológicos do organismo, da tarefa e do ambiente. Essa codificação explicita como significações, ações e condições situacionais se organizam em cada episódio decisório.

Quadro 29 – A2-07 – Signo hexádico (TCA) e Constrangimentos (DE) da Luta Final do Atleta A2

(Continua)

TCA/DE	UT01 - Entrada na guarda aberta do adversário e instalação de pressão controlada por cima	UT02 - Pressão contínua na “guarda laço” com reação rápida à tentativa de raspagem	UT03 - Chegada às costas, estabilização dos ganchos e abertura de 4 x 0	UT04 - Ajuste do estrangulamento “arco e flecha” e finalização da luta
Engajamento – E	Entrar na luta final impondo seu jogo por cima, mesmo começando dentro da guarda forte do adversário, equilibrando o desejo de “jogar solto” e botar ritmo com a necessidade de defender bem, não se expor e administrar o “gás” (significa ter fôlego e resistência para lutar com intensidade) em uma luta de 10 minutos.	Manter a iniciativa mesmo sob risco de raspagem, recusando-se a ceder 2 pontos em uma final, controlando a guarda laço com calma e paciência, enquanto busca quebrar pegadas, minar o oponente com pressão constante e criar caminhos para a passagem ou para as costas.	Valorizar ao máximo a chegada às costas, mantendo a posição “de jeito nenhum”, abrir vantagem de 4 pontos e transformar essa posição de alto valor em eixo central da luta, sabendo que, no alto nível, costas perdidas podem custar a vitória.	Manter controle e calma nas costas para fechar a luta com finalização, convertendo a vantagem de pontos em estrangulamento “arco e flecha” bem ajustado, dando “show” sem abrir mão da segurança, e encerrando a final de forma contundente.
Situação - S	Início de final de Brasileiro, 0 x 0, adversário puxa guarda rapidamente e instala guarda aberta/ <i>k-guard</i> ; A2 cai direto no jogo forte do oponente, que entra com perna, gancho e laços, segurando o ímpeto inicial do campeão; muito tempo de luta pela frente e exigência de gestão de energia.	Sequência prolongada na guarda “aranha” /l “aço” do adversário, ainda 0 x 0, com quase raspagem em que A2 precisa bater e voltar rápido para não ceder 2 pontos; momento em que o adversário sente o joelho (estalando), a luta para brevemente e recomeça, com guarda forte ainda imposta por baixo e A2 acumulando 1 vantagem.	Placar 0 x 0 (com 1 vantagem para A2) transformado em 4 x 0 após estabilizar ganchos nas costas, por volta da metade da luta; adversário em postura defensiva, tentando evitar o “100 kg” e virando de quatro apoios, enquanto A2 controla perna de baixo, braço e pescoço; contexto de final, em que uma reversão nesse ponto poderia reabrir completamente o combate.	Placar 4 x 0 para A2, com vantagens a seu favor e cerca de 3 minutos restantes; A2 já instalado nas costas, mão na gola e leitura de que o adversário está mais cansado e mais lento; ambiente de <i>clímax</i> de final, com público reagindo, enquanto a posição de “arco e flecha” se configura como possibilidade direta de encerrar a luta.

Quadro 29 – A2-07 – Signo hexádico (TCA) e Constrangimentos (DE) da Luta Final do Atleta A2

(Continuação)

TCA/DE	UT01 - Entrada na guarda aberta do adversário e instalação de pressão controlada por cima	UT02 - Pressão contínua na “guarda laço” com reação rápida à tentativa de raspagem	UT03 - Chegada às costas, estabilização dos ganchos e abertura de 4 x 0	UT04 - Ajuste do estrangulamento “arco e flecha” e finalização da luta
Representamen – R	Sensação de “guerra anunciada” contra um atleta que briga muito (impõe seu ritmo) e não aceita posição; percepção tátil da guarda forte do adversário segurando seu ímpeto; consciência de que “é uma luta final de 10 minutos, haja gás”, o que sinaliza a necessidade de defender mais e não “sair explodindo” logo de início.	Sensação de quase queda na raspagem de “laço” e reação automática de bater e levantar “para não dar 2 pontos”; percepção háptica da guarda-laço travando seus braços e pés no bíceps; estalo no joelho do adversário como indício de possível lesão, gerando preocupação e, em seguida, retomada da intenção de manter ritmo, pressão e “dar show” com movimentos como a estrelinha.	Percepção clara de que costas são uma posição decisiva em nível preto: “quando chega nas costas não pode perder, tem que finalizar”; sensação de confiança na pressão exercida e no controle da perna de baixo; leitura de que o adversário está em postura defensiva, virando de quatro para evitar o “100 kg”.	Percepção tátil do ajuste da mão na gola e confirmação interna de que “tá justo” antes de jogar a perna por cima; leitura corporal de que, barriga para baixo e com o braço do oponente preso, “não tem pra onde escapar”; sensação de que, mantendo a pressão, “ou ele bate ou ele apaga”, reforçada pela leitura de cansaço do adversário e pela energia do público.
Unidade de ação - U	Aceita a guarda do adversário, mantém-se por cima tentando “botar ritmo” na passagem, defende ataques ao braço, tenta um <i>armlock</i> mas volta a priorizar ficar por cima; pesa o corpo, trabalha por fora da guarda, usa mão na canela, tenta abrir o cotovelo e buscar <i>leg drag</i> , mas encontra dificuldade diante da flexibilidade e qualidade da guarda do oponente.	Coloca o joelho no chão e, ao quase ser raspado de “laço”, bate e volta rapidamente em pé/por cima; gira as mãos para tirar o laço, tenta quebrar pegadas, defende o pé no bíceps e mantém ritmo lateral; entra em <i>leg drag</i> mesmo com “laço”, estoura a pegada e executa uma “estrelinha” para tentar chegar em posição de passagem, colando no quadril e mantendo pressão contínua, o que gradualmente mina o adversário.	A partir do trabalho de pressão anterior, consegue acessar as costas: coloca um gancho, tenta levar o adversário de costas ao chão para 100 kg, ele vira, A2 retorna às costas, trava o braço, coloca os dois ganchos, trabalha <i>crossface</i> e <i>mata-leão</i> , ajusta lado a lado, valoriza a posição e estabiliza a pontuação de 4 pontos, mantendo pressão e controle.	A partir das costas estabilizadas, arruma cuidadosamente a mão na gola, ajusta o estrangulamento, só progride para o “arco e flecha” quando sente que está bem justo; projeta a perna por cima do ombro, posiciona o corpo de modo a gerar muita pressão no pescoço, mantém a finalização até o adversário bater e, em seguida, comemora de forma contida, cumprimenta o adversário e o pai, sob aplausos da arena.

Quadro 29 – A2-07 – Signo hexádico (TCA) e Constrangimentos (DE) da Luta Final do Atleta A2

(Continuação)

TCA/DE	UT01 - Entrada na guarda aberta do adversário e instalação de pressão controlada por cima	UT02 - Pressão contínua na “guarda laço” com reação rápida à tentativa de raspagem	UT03 - Chegada às costas, estabilização dos ganchos e abertura de 4 x 0	UT04 - Ajuste do estrangulamento “arco e flecha” e finalização da luta
Potencial de ação - A	Desfazer progressivamente a guarda forte (<i>k-guard</i> /gancho/laço), consolidar a passagem para uma posição de controle (“100 kg” ou semelhante) e, a partir daí, impor o seu jogo por cima, sem gastar energia excessiva nos primeiros minutos e sem se expor a raspagens.	Romper definitivamente a guarda-laço, estabilizar uma passagem de guarda clara ou chegar às costas; acumular vantagens e desgaste sobre o adversário através de pressão constante, alternando direção e ritmo, de modo que, com o tempo, a guarda forte perca eficiência.	Manter as costas o máximo de tempo possível, ampliar o domínio tático a partir da pontuação de 4 x 0 e construir, a partir do controle posicional, oportunidades de finalização por mata-leão ou outras variações de estrangulamento, sem permitir que o adversário recupere a guarda.	Converter a posição de costas em desfecho da luta: finalizar com “arco e flecha”, mantendo a possibilidade de, caso a finalização não se concretize, seguir controlando as costas até o fim da luta, com segurança no placar e sem abrir margens para reviravolta.
Interpretação-I	<i>“É uma luta final de 10 minutos [...] não posso chegar lá e sair explodindo assim”.</i> A2 interpreta que começar defendendo bem dentro da guarda forte do adversário, controlando o ímpeto e administrando o gás, foi coerente com a exigência da final, ainda que isso significasse ter seu ritmo inicial “segurado” por baixo.	<i>“Eu não gosto de dar ponto pro oponente [...] isso é instantâneo no meu jogo, quando tiver caindo tentar levantar o mais rápido.” / “Tem que arriscar [...] se a gente não arriscar não vai saber o que vai acontecer”.</i> A2 interpreta que a combinação entre reação defensiva rápida à quase raspagem e tomadas de risco ofensivas (como a “estrelinha”), sob pressão da guarda-laço, confirma seu estilo de jogo agressivo, criativo e, ao mesmo tempo, cuidadosamente atento a não ceder pontos.	<i>“Quando chega nas costas não pode perder, tem que finalizar [...] perder as costas numa final poderia ter me custado a vitória”.</i> A2 interpreta que este momento foi o ponto crítico da luta, em que controlar as costas com calma e valorizar a posição representou a chave para consolidar a liderança no placar e encaminhar a decisão a seu favor.	<i>“Comecei a ajustar [...] só queria ir pra posição quando tivesse certeza que ia tá justo [...] se ele não batesse, ele ia dormir”.</i> A2 interpreta que a escolha de ajustar com paciência o estrangulamento de gola até o “arco e flecha” foi a melhor decisão tática para fechar a luta, confirmando que impor o ritmo, cansar o oponente e finalizar sob controle é o caminho que deseja seguir em finais de alto nível.

Quadro 29 – A2-07 – Signo hexádico (TCA) e Constrangimentos (DE) da Luta Final do Atleta A2

(Continuação)

TCA/DE	UT01 - Entrada na guarda aberta do adversário e instalação de pressão controlada por cima	UT02 - Pressão contínua na “guarda laço” com reação rápida à tentativa de raspagem	UT03 - Chegada às costas, estabilização dos ganchos e abertura de 4 x 0	UT04 - Ajuste do estrangulamento “arco e flecha” e finalização da luta
Constrangimentos Organismo	Alta ativação fisiológica de início de final, com corpo preparado por forte <i>camp</i> (período intensivo de treinamento focado para uma luta específica), mas necessidade explícita de preservar condicionamento ao longo de 10 minutos; músculos relaxados, porém regulados por uma atitude de paciência e autocontrole para não gastar tudo na pressão inicial sobre a guarda.	Esforço crescente em passagens sucessivas e reações explosivas à quase raspagem; capacidade de responder rápido e manter pressão, mas já sentindo a necessidade de equilibrar intensidade e economia de energia; ao mesmo tempo, empatia corporal ao perceber o estalo no joelho do adversário, sem perder o foco competitivo.	Fadiga moderada após sequências de pressão e tentativas de passagem, mas sensação de confiança reforçada pela chegada às costas e pelo controle do corpo do adversário; vivência de autoeficácia na manutenção da posição sob alta exigência técnica.	Cansaço acumulado nos braços e pegadas, porém com sensação de controle e foco estreitado na finalização; experiência de “ <i>flow</i> ” (estado mental permitindo que os movimentos e as técnicas sejam executados com fluidez, naturalidade e sem esforço aparente) na execução “do arco e flecha”, na qual o esforço é grande, mas percebido como funcional, alinhado à convicção de que o estrangulamento vai decidir a luta.
Constrangimentos Tarefa	Final de campeonato brasileiro, luta de 10 minutos, 0 x 0 e adversário com guarda reconhecidamente boa; tarefa de não ceder raspagens ou finalizações precoces, enquanto tenta implementar a estratégia de jogar por cima e “sair na frente” no placar.	Situação de 0 x 0 em final equilibrada, na qual qualquer raspagem poderia ser decisiva; tarefa de evitar conceder 2 pontos em quase raspagens, acumular vantagens por pressão e manter o controle da luta a partir da posiç, mesmo sem consolidar a passagem de imediato.	Com 4 x 0 no placar (e vantagem), a tarefa é transformar a superioridade posicional (pegar costas) em domínio estrutural da luta, evitando qualquer erro que permita ao adversário repor a guarda e criar uma reviravolta, mantendo a coerência de “quem chega nas costas precisa finalizar ou, no mínimo, controlar até o fim”.	Com 4 x 0, 2 vantagens e poucos minutos restantes, a tarefa principal é fechar a luta de modo definitivo, preferencialmente com finalização, garantindo o título e reduzindo a zero as chances de virada, sem correr riscos desnecessários ao abandonar a posição de costas.

Quadro 29 – A2-07 – Signo hexádico (TCA) e Constrangimentos (DE) da Luta Final do Atleta A2

(Conclusão)

TCA/DE	UT01 - Entrada na guarda aberta do adversário e instalação de pressão controlada por cima	UT02 - Pressão contínua na “guarda laço” com reação rápida à tentativa de raspagem	UT03 - Chegada às costas, estabilização dos ganchos e abertura de 4 x 0	UT04 - Ajuste do estrangulamento “arco e flecha” e finalização da luta
Constrangimentos Ambiente	Arena de grande campeonato no Brasil, público numeroso e ruído intenso; início de luta ainda em zona relativamente central do tatame, com espaço para movimentação, mas com o ritmo da final sendo, desde cedo, marcado pela guarda do adversário.	Ambiente de alta tensão competitiva, com público reagindo à quase raspagem e ao episódio do joelho; árbitro atento, pequenas interrupções para verificar a condição do oponente e retomada do combate em condições similares (guarda forte por baixo, pressão por cima), reforçando a exigência de estabilidade emocional.	Clima de ponto de virada na final: após longa sequência de guarda, a luta passa a ser controlada a partir das costas, em área ainda segura do tatame, sob olhar atento da arbitragem e grande expectativa do público para ver se o campeão vai consolidar ou perder a posição.	Momento de <i>clímax</i> da final, com a plateia focada na tentativa de estrangulamento; configuração espacial que favorece o “arco e flecha” (sem riscos imediatos de saída de área), atenção da arbitragem voltada ao estrangulamento e à integridade do adversário, e um ambiente que reforça a importância simbólica de encerrar a luta com finalização.

Fonte: Elaborado pela autora.

4.2.8.4 *Integração TCA–DE da Luta Final do atleta A2*

O Quadro 30 (A2-08) apresenta a análise integrada das Unidades Táticas da Luta Final do atleta A2, evidenciando como ações observáveis, significações expressas nas autoconfrontações e constrangimentos ecológicos se combinam em cada episódio decisório. Essa integração permite compreender a coerência funcional da tomada de decisão ao longo do combate, sem dissociar os planos técnico, experiencial e situacional da ação.

Quadro 30 – A2-08 – Integração TCA–DE da Luta Final do Atleta A2

(Continua)

ID-UT	Dimensão Tática (no sentido analítico)	Evidências Integradas (vídeo + fala + hexádico + constrangimentos)	Síntese Interpretativa (TCA × DE)
UT-A2-L1-01	Manutenção / Ofensiva	Vídeo: adversário inicia puxando para a guarda; tenta raspagem; A2 responde com tentativa de passagem, alternando pressão e controle da distância. Fala: A2 esperava lutar por cima, mas o adversário puxa cedo para a guarda; descreve necessidade de “impor ritmo” e evitar exposição cedo na luta; menciona calma, paciência e gestão de energia em luta longa. Hexádico: <i>Engajamento:</i> manter estilo móvel por cima, mesmo diante da guarda forte do adversário. <i>Representamen:</i> percepção tátil-visual da guarda aberta entrando (<i>k-guard</i>) e risco de ataque no braço. <i>Situação:</i> início da final, placar zerado, adversário calmo e com guarda eficiente. Constrangimentos: <i>Organismo:</i> alta ativação, foco na paciência. <i>Tarefa:</i> defender primeiras entradas e começar a minar o ritmo do adversário. <i>Ambiente:</i> tatame central, fluxo ainda estável.	A UT expressa o primeiro grande ajuste tático da luta: A2 não consegue impor imediatamente seu plano (dominar por cima), mas mantém comportamentos coerentes com seu “jogo principal”: pressão, mobilidade e paciência estratégica. A decisão de controlar ritmo e não se expor traduz um conhecimento tático regulado pela leitura ajustada das <i>affordances</i> iniciais da guarda adversária.

Quadro 30 – A2-08 – Integração TCA–DE da Luta Final do Atleta A2

(Continuação)

ID-UT	Dimensão Tática (no sentido analítico)	Evidências Integradas (vídeo + fala + hexádico + constrangimentos)	Síntese Interpretativa (TCA × DE)
UT-A2-L1-02	Ofensiva	Vídeo: adversário tenta raspagem de guarda aranha; A2 faz três tentativas de passagem; usa <i>leg drag</i>, rompe laço, pressiona quadril; chega às costas e ganha 1 vantagem. Fala: descreve reação rápida para não ceder pontos (“instintivo no meu jogo levantar rápido”), necessidade de quebrar pegadas, paciência contra a guarda laço; relato da “estrelinha” como recurso automático e parte da pressão constante. Hexádico: <i>Engajamento:</i> manter pressão contínua nas pernas, quebrar pegadas, buscar avanço para as costas. <i>Representamen:</i> percepção da ameaça do laço, risco de raspagem e do joelho do adversário estalando. <i>Situação:</i> luta ainda 0 x 0, disputa intensa de ritmo. Constrangimentos: <i>Organismo:</i> ativação moderada, necessidade de paciência e regulação emocional. <i>Tarefa:</i> impedir raspagens e criar caminho para avanço lateral. <i>Ambiente:</i> grande espaço para deslocamentos laterais.	Esta UT mostra como A2 regula o combate por meio de pressão, constância e ritmo. Mesmo sem conseguir passagem imediata, ele sustenta um padrão decisório coerente: defender → quebrar pegadas → deslocar lateralmente → buscar costas. A “estrelinha” ilustra criatividade tática calibrada à situação, sem se desconectar do objetivo maior: minar o adversário até abrir espaço para tomada de costas.

Quadro 30 – A2-08 – Integração TCA–DE da Luta Final do Atleta A2

(Continuação)

ID-UT	Dimensão Tática (no sentido analítico)	Evidências Integradas (vídeo + fala + hexádico + constrangimentos)	Síntese Interpretativa (TCA × DE)
UT-A2-L1-03	Ofensiva	Vídeo: A2 chega às costas após transição lateral, insere ganchos e estabiliza, marcando 4 pontos. Fala: reforça que a intenção principal é “não perder a posição de jeito nenhum”, reconhece risco de reviravoltas quando alguém escapa de uma posição ruim; foca em calma, controle e execução segura dos detalhes (travamento do braço, <i>crossface</i>, ajuste de mão na gola). Hexádico: <i>Engajamento:</i> estabilizar as costas e buscar finalização mantendo segurança. <i>Representamen:</i> percepção háptica do adversário virando para defender o “100 kg”, leitura do momento certo para inserir ganchos. <i>Situação:</i> início da segunda metade da luta; vantagem clara. Constrangimentos: <i>Organismo:</i> controle emocional elevado, confiança. <i>Tarefa:</i> consolidar pontos, evitar reversões. <i>Ambiente:</i> tatame com espaço intermediário, sem pressão de borda da área de luta.	A UT marca transição decisiva: A2 converte pressão contínua em domínio posicional significativo (costas). O componente tático central é a estabilidade: não arriscar perda das costas, conservar controle e avançar na finalização. É um episódio de maturidade tática, no qual o atleta articula calma, precisão técnica e leitura corporal do adversário para transformar vantagem posicional em vantagem estratégica.

Quadro 30 – A2-08 – Integração TCA–DE da Luta Final do Atleta A2

(Conclusão)

ID-UT	Dimensão Tática (no sentido analítico)	Evidências Integradas (vídeo + fala + hexádico + constrangimentos)	Síntese Interpretativa (TCA × DE)
UT-A2-L1-04	Ofensiva	Vídeo: controle de costas é mantido; tentativa de “esgana-gola” e mata-leão falham; A2 ajusta para arco e flecha; finaliza com pressão contínua no pescoço. Fala: descreve foco total no controle, ajuste paciente da mão na gola, percepção tátil de firmeza e decisão de finalizar só quando estivesse “bem justo”; relata leitura corporal do adversário cansando; fala sobre segurança do ajuste antes de avançar. Hexádico: <i>Engajamento:</i> fechar a luta com finalização. <i>Representamen:</i> sensação da gola justa, pescoço cedendo, momento ideal para passar a perna. <i>Situação:</i> vantagem ampla, tempo favorável. Constrangimentos: <i>Organismo:</i> fadiga moderada, mas alto controle emocional. <i>Tarefa:</i> transformar controle em finalização. <i>Ambiente:</i> clima de <i>clímax</i> competitivo, público participando.	A última UT apresenta a culminância do modelo tático de A2: pressão contínua → estabilização → finalização. A organização perceptiva é guiada pela informação háptica da gola e do pescoço do adversário, permitindo calibrar força, ritmo e tempo até a finalização. A decisão de ajustar antes de avançar confirma um conhecimento tático estabilizado, que integra leitura corporal, gestão de risco e precisão técnica em momento decisivo.

4.2.9 Síntese Interpretativa da Luta Final (A2)

A Luta Final do atleta A2 configura-se como um combate de elevada exigência decisória, no qual a iniciativa de jogar por cima permanece como eixo organizador central, sendo essa iniciativa modulada por uma lógica de maior paciência tática, regulação do risco e controle progressivo do adversário até a finalização. Em contraste com a Luta 1 — marcada por alternância de meios, episódios de adaptação mais numerosos e circulação ampliada entre ambientes posicionais —, a final apresenta um curso da ação mais linear, no qual a pressão contínua por cima conduz, de forma cumulativa, à tomada das costas e ao encerramento do combate por estrangulamento arco e flecha.

Desde os instantes iniciais, a luta organiza-se a partir da guarda do adversário, que puxa rapidamente para a guarda aberta e passa a estruturar tentativas sucessivas de raspagem. A2 aceita esse cenário como campo inicial de disputa, mantendo-se por cima em posição de passagem de guarda, alternando controle de distância, pressão com o joelho, quebras de pegada e ajustes laterais, sem conceder pontuação. Observa-se, assim, baixa fragmentação do combate: há número reduzido de eventos e concentração progressiva em três categorias de ação — passagem de guarda, acesso às costas e finalização —, indicando um plano tático estável e deliberadamente sustentado ao longo do combate.

Sob a perspectiva fenomenológico-ecológica, a experiência vivida por A2 na final pode ser compreendida a partir de três eixos articulados:

- (1) a aceitação estratégica da guarda forte do adversário como ambiente inicial, com prioridade explícita em não se expor;
- (2) a construção paciente de pressão por cima, orientada a reduzir progressivamente a eficácia defensiva do oponente; e
- (3) a conversão controlada da vantagem posicional — sobretudo a posição de costas — em finalização, sem permitir reabertura do combate.

A narrativa decisória inaugura-se na UT-A2-LF-01, quando o adversário puxa rapidamente para a guarda aberta, reduzindo o tempo de disputa em pé. Na autoconfrontação, A2 destaca a necessidade de “*jogar solto*”, defender primeiro e impor ritmo, sublinhando que, em luta final, “*não dá para se afobar no começo*” (A2, entrevista de autoconfrontação). Fenomenologicamente, observa-se um engajamento prudencial: A2 aceita temporariamente o território do adversário por baixo, mas preserva a iniciativa funcional por cima, evitando riscos desnecessários. Trata-se de uma regulação prospectiva da ação, orientada pela leitura do contexto competitivo e pela importância simbólica da final.

Na UT-A2-LF-02, o combate se intensifica no interior da guarda laço/aranha do adversário. A2 vivencia um momento crítico de situação iminente de raspagem e reage de forma imediata para “*bater e voltar*”, evitando a concessão de dois pontos. O atleta enfatiza que “*não gosta de dar ponto*” (A2, entrevista de autoconfrontação), explicitando um critério decisório fortemente ancorado na proteção do placar, particularmente relevante em finais. A partir desse episódio, retoma a pressão por cima, alternando quebras de pegada, deslocamentos laterais e ajustes de ângulo, até criar condições favoráveis para avançar às costas. Nesse momento, a decisão emerge do acoplamento entre percepção tátil do risco, regulação emocional e manutenção da iniciativa ofensiva, em consonância com a noção de decisões emergentes sob instabilidade.

A UT-A2-LF-03 marca o ponto de virada estrutural da luta. A partir da pressão acumulada, A2 consegue acessar as costas, estabilizando progressivamente os ganchos e garantindo quatro pontos. O atleta explicita que, em final, “*quando chega nas costas não pode perder*”, evidenciando consciência do valor estratégico dessa posição. Fenomenologicamente, observa-se um engajamento orientado pela estabilidade: controlar antes de atacar, evitar brechas de reversão e transformar a vantagem posicional em domínio estrutural do combate. O episódio expressa maturidade tática e leitura precisa do risco competitivo (Poizat; Saury; Sève, 2013).

Na UT-A2-LF-04, consolida-se o desfecho coerente com o modelo tático do atleta. Com as costas estabilizadas e o adversário progressivamente mais desgastado, A2 ajusta com paciência as pegadas de gola, testa variações de estrangulamento e apenas avança para o arco e flecha quando percebe, por informação tátil, que o ajuste está suficientemente seguro. A decisão de finalizar não é precipitada, mas calibrada pela leitura corporal do adversário e pela necessidade de não reabrir o combate. O encerramento por finalização traduz um modo de decisão centrado em controle, precisão e fechamento, no qual a percepção orienta a manutenção da ação até a desistência do adversário.

Em termos do objetivo geral desta tese, a Luta Final evidencia que A2 mobiliza um conhecimento tático consolidado no jogo por cima — organizado em torno da pressão contínua, da progressão posicional e da valorização estratégica das costas — e o recria de forma situada a partir das exigências específicas de um combate decisivo. Diferentemente da Luta 1, em que esse conhecimento se expressa por maior variabilidade e alternância de meios, na final ele assume função predominantemente regulatória: preservar a iniciativa, minimizar riscos e conduzir o combate por um caminho mais direto e controlado. Esse processo manifesta-se na aceitação estratégica da guarda forte do adversário, na gestão prudencial das tentativas de raspagens, na estabilização rigorosa da posição de costas e na decisão paciente de finalizar

apenas quando as informações táteis indicam segurança máxima. Assim, o conhecimento tático de A2 não se apresenta como aplicação de um plano fixo, mas como modo de perceber, interpretar e regular a ação em fluxo, no qual decisões emergem da leitura corporal do adversário, da gestão do risco posicional e da regulação emocional sob alta pressão competitiva. A Luta Final demonstra, portanto, como A2 ajusta a função do mesmo núcleo tático-perceptivo — o jogo por cima — às contingências singulares de uma final, confirmando a tomada de decisão como processo dinâmico, situado e incorporado no jiu-jitsu competitivo.

4.2.9.1 *Modelo tático fenomenológico-ecológico da Luta Final (A2)*

O conjunto dos episódios decisórios da luta final revela três macroestruturas organizadoras do curso da ação de A2:

(1) Pressão por cima com regulação prudencial do risco

- Aceitação estratégica da guarda forte do adversário como campo inicial de disputa;
- Prioridade em não ceder pontos e preservar energia;
- Engajamento orientado pela importância competitiva da final.

(2) Construção progressiva da vantagem posicional

- Pressão contínua, quebras de pegada e deslocamentos laterais para reduzir a eficácia da guarda adversária;
- Reações rápidas a situações iminentes de raspagens, impedindo reversões;
- Chegada às costas como ponto de virada estrutural do combate.

(3) Conversão da vantagem em finalização sob controle

- Estabilização rigorosa das costas antes da tentativa de finalização;
- Ajuste paciente do estrangulamento, orientado por percepção tátil;
- Encerramento do combate sem reabertura do risco competitivo.

Considerada em seu conjunto, a Luta Final revela A2 como atleta capaz de manter sua identidade ofensiva por cima, ao mesmo tempo em que regula, agressividade, risco e tempo de modo maduro e funcional. Sua tomada de decisão manifesta-se menos pela alternância de planos e mais pela capacidade de sustentar pressão contínua, interpretar sinais corporais do adversário e converter domínio posicional em finalização sob elevada exigência competitiva, em consonância com abordagens fenomenológico-ecológicas da decisão em esportes de alto rendimento (Theureau, 2014; Araújo; Davids, 2009; Davids; Button; Bennett, 2008).

4.2.10 Síntese Interpretativa Intracaso (A2)

4.2.10.1 *Modelo tático fenomenológico-ecológico a partir da integração TCA–DE das Lutas 1 e Final (A2)*

A análise integrada da Luta 1 e da Luta Final do atleta A2 revela um competidor cuja tomada de decisão se organiza de forma consistente a partir do jogo por cima, mobilizando leitura situada do adversário, regulação do risco posicional e conversão progressiva da pressão em domínio estrutural do combate. Embora os dois confrontos se desenvolvam sob configurações competitivas distintas — maior variabilidade e exploração de alternativas na Luta 1; maior linearidade e objetividade estratégica na Final —, as dinâmicas táticas observadas expressam variações funcionais de um mesmo núcleo decisório em ação, e não mudanças de identidade tática.

Na Luta 1, o jogo por cima opera como matriz expansiva da ação. A2 busca a iniciativa desde as disputas iniciais de pegada, abre vantagem por meio de queda e regula o ritmo do combate. Nesse contexto, a mobilidade assume papel central: o atleta evita fixações prolongadas, alterna ângulos, utiliza a guarda de forma funcional para destravar o combate e retorna à posição superior por meio de raspagens. O curso da ação caracteriza-se por variabilidade decisória e necessidade contínua de reorganização frente a riscos emergentes, como a meia-guarda profunda do adversário. O ritmo do combate é regulado a partir de sinais perceptivos críticos — travamentos, perda de mobilidade e ameaça de reversão — convertidos em informação funcional para decidir quando acelerar, quando estabilizar e quando mudar o meio de ação (Davids; Button; Bennett, 2008; Araújo; Davids, 2009).

O episódio crítico de defesa da meia-guarda profunda e posterior retomada do controle por cima sintetiza essa lógica: uma situação de alto risco é percebida, estabilizada e transformada em progressão ofensiva, ilustrando o acoplamento percepção–ação sob constrangimentos intensos (Gibson, 1979). Fenomenologicamente, a experiência de A2 organiza-se em torno da recusa ao travamento, da valorização da mobilidade e da capacidade de “não se afobar” diante da instabilidade, mantendo coerência estratégica sob pressão (Theureau, 2014; Vermersch, 2011).

Na Luta Final, o jogo por cima assume função regulatória distinta. Ele deixa de operar prioritariamente como motor de expansão tática e passa a atuar como eixo de controle progressivo e prudencial da ação. A exigência estratégica da final e a qualidade defensiva da guarda adversária conduzem A2 a uma postura mais paciente, na qual a prioridade não é ampliar

rapidamente a vantagem, mas construir progressão segura sem ceder pontos. A predominância de tentativas de passagem e a estabilização precoce das costas evidenciam um combate altamente objetivo, com encurtamento do percurso tático e redução das fases intermediárias.

Mesmo diante de tentativas de raspagens, A2 opta por reagir de forma imediata e funcional — “bater e voltar” — preservando o controle do placar e da posição antes de retomar a ofensividade. Essa escolha revela um regime decisório mais conservador do que o observado na Luta 1: aqui, a prioridade não é explorar múltiplas possibilidades, mas assegurar progressão segura até a posição de maior valor tático, sobretudo sob a pressão máxima de uma final.

Um aspecto central do intracaso A2 é a articulação entre percepção situada, regulação emocional e leitura ecológica do risco para organizar decisões táticas (Araújo; Davids, 2016; Barris; Davids; Farrow, 2013). Em ambas as lutas, A2 demonstra domínio das consequências posicionais de cada escolha e forte compromisso com dois critérios práticos recorrentes: não ceder pontos e não perder a posição. Contudo, esses critérios operam com funções diferentes: na Luta 1, sustentam uma ofensividade móvel e adaptativa; na Final, orientam paciência estratégica, economia de energia e defesa ativa do controle conquistado.

Do cruzamento entre Luta 1 e Luta Final emerge um modelo intracaso claro: A2 pensa, sente e decide a partir do jogo por cima móvel, tendo a mobilidade e as costas como núcleo tático-perceptivo do seu agir. É nesse espaço que suas percepções se organizam, sua confiança técnica se manifesta e os constrangimentos do organismo (ativação e fadiga), da tarefa (placar, tempo e valor da final) e do ambiente (pressão competitiva, qualidade da guarda adversária e reinícios) são continuamente equilibrados (Newell, 1986; Araújo, 2009; Theureau, 2014). A partir dessa matriz, sua ofensividade se expande ou se regula: na Luta 1, opera como matriz exploratória; na Final, como plataforma de controle progressivo até o fechamento.

O intracaso A2 revela, portanto, um atleta com duas faces táticas integradas: (i) o ofensivo adaptativo, capaz de alternar meios, utilizar a guarda de forma funcional e converter instabilidade em progressão (Luta 1); e (ii) o finalizador regulado, capaz de sustentar pressão, estabilizar as costas e encerrar o combate de forma objetiva sob máxima exigência competitiva (Luta Final). Em ambas, mantém-se a leitura tático-contextual que orienta sua ação: interpretar travamentos, tentativas de raspagens, fadiga e tempo disponível como informações para reorganizar o curso da ação sem perda de coerência.

De modo geral, o modelo fenomenológico-ecológico que emerge do intracaso de A2 revela um competidor que articula percepção situada, mobilidade por cima, regulação emocional e conversão estratégica das costas em finalização. Sua singularidade tática não reside

apenas no que executa, mas em como percebe, interpreta e regula o ambiente competitivo para decidir quando avançar, quando estabilizar e quando fechar a luta.

Consideradas em conjunto, as análises da Luta 1 e da Luta Final permitem explicitar, de forma direta, como A2 constrói e mobiliza conhecimento tático em ação em lutas competitivas, atendendo ao objetivo geral desta tese. Observa-se que A2 não opera por aplicação mecânica de sequências, mas pela mobilização situada de um repertório incorporado na prática competitiva, organizado em torno do jogo por cima móvel. Esse repertório é continuamente atualizado no próprio curso do combate em função das informações que emergem da interação com o adversário, do estado corporal e das exigências contextuais da luta. Assim, a diferença entre Luta 1 e Luta Final não expressa mudança de identidade tática, mas reconfiguração funcional do mesmo núcleo decisório: na Luta 1, o jogo por cima favorece exploração e ampliação das possibilidades ofensivas; na Final, orienta contenção do risco, economia de energia e conversão objetiva da vantagem posicional em finalização. À luz dessas análises, A2 constrói e mobiliza conhecimento tático em ação ao transformar a experiência vivida em critérios práticos de decisão, atualizando continuamente sua ação a partir do que percebe, do que sente e do que a situação competitiva exige — sustentando o desempenho como processo dinâmico, situado e incorporado no jiu-jitsu de alto rendimento.

A seguir, apresenta-se o Quadro 31, que sintetiza o modelo tático fenomenológico-ecológico intracaso do atleta A2, integrando os achados da Luta 1 e da Luta Final em um esquema comparativo articulado.

Quadro 31 – A2-09 – Modelo Intracaso TCA–DE do Atleta A2

(Continua)

Dimensão Analítica	Descrição Integrada (TCA × DE)	Evidências e Referências
1. Núcleo tático-perceptivo	O jogo por cima constitui o eixo central da organização perceptiva e decisória de A2. É nesse espaço que o atleta regula o risco posicional, percebe oportunidades de progressão e sustenta a continuidade ofensiva da ação.	Predomínio de ações de iniciativa por cima (quedas, passagens, controle superior, costas) nas duas lutas. (Theureau, 2014; Gibson, 1979; Newell, 1986).
2. Função do núcleo nas duas lutas	Luta 1: matriz exploratória, com mobilidade ofensiva, alternância de meios e uso funcional da guarda para destravar e retornar à posição superior. Luta Final: plataforma regulatória, com paciência tática, encurtamento do percurso e condução controlada até costas e finalização.	Luta 1: queda, guarda X, raspagem, progressões. Final: tentativas de passagem (36,36%), costas (36,36%) e finalização. (Davids; Button; Bennett, 2008; Araújo; Davids, 2009).

Quadro 31 – A2-09 – Modelo Intracaso TCA–DE do Atleta A2

(Conclusão)

Dimensão Analítica	Descrição Integrada (TCA × DE)	Evidências e Referências
3. Estruturas táticas dominantes	Luta 1: adaptação sob instabilidade (travamentos e meia-guarda profunda), mantendo a direcionalidade para progressão. Final: pressão cumulativa por cima, estabilização das costas e fechamento sem reabrir o combate.	Episódio crítico na Luta 1: neutralização da meia-guarda profunda e retomada da posição superior. Episódio crítico na Final: estabilização das costas e finalização. (Poizat; Saury; Sève, 2013; Saury; Durand, 1998).
4. Processos decisórios fenomenológicos	As decisões emergem da percepção situada do risco, da leitura corporal do adversário e da regulação emocional sob pressão. O atleta reorganiza meios de ação conforme travamentos, quase raspagens e sinais de desgaste.	Fala-chave: “não se afobar”, “não dar ponto”, “quando chega nas costas não pode perder”. (Theureau, 2014; Araújo; Davids, 2016).
5. Regulação e gestão estratégica	Luta 1: gestão flexível do plano (explorar–estabilizar–progredir). Final: gestão prudencial do risco e do placar, priorizando não conceder pontos e consolidar posições antes de finalizar.	Reação imediata às quase raspagens (“bater e voltar”), controle rigoroso das costas e decisão paciente de finalizar. (Araújo; Davids; Serpa, 2005).
6. Integração dos constrangimentos	A ação equilibra constrangimentos do organismo (ativação e fadiga), da tarefa (placar, tempo, valor da final) e do ambiente (pressão competitiva, guarda forte adversária e reinícios).	Organização do combate sob pressão máxima e risco de reversões, especialmente nas transições da guarda para as costas. (Newell, 1986; Araújo, 2009).
7. Perfil tático integrado	Luta 1: ofensivo adaptativo (mobilidade, alternância funcional de meios e conversão de instabilidade em progressão). Final: finalizador regulado (pressão cumulativa, estabilidade das costas e fechamento objetivo).	Evidências nas UTs críticas: alternância de meios na Luta 1 e linearidade eficiente na Final. (Theureau, 2014; Barris; Davids; Farrow, 2013).

Fonte: Elaborado pela autora.

4.2.11 Atleta A3 – Primeira luta (Luta 1)

A análise descritivo-funcional da Luta 1 da atleta A3 evidencia um combate marcado por alternância entre disputas em pé e ações no solo, no qual a guarda assume função central como espaço de criação ofensiva, especialmente para a construção de raspagens e ataques articulados.

Diferentemente de lutas organizadas por progressão linear rumo ao controle por cima, o curso da ação de A3 caracteriza-se por circulação funcional entre a luta em pé, o clinch e a guarda, com decisões condicionadas às oportunidades que emergem ao longo do tempo

regulamentar. O combate não se fixa em posições de domínio superior prolongado, sendo marcado por reorganizações frequentes do engajamento e do espaço de luta.

No que se refere às ações técnico-táticas, observa-se predominância das disputas de pegada em pé (40%), indicando que a luta se organiza, em grande parte, a partir da gestão do engajamento inicial, com momentos recorrentes de interrupção, reinício e reorganização da distância antes da transição para o solo (Tabela 11). Esse padrão sugere um combate em que o controle das pegadas e do ritmo inicial desempenha papel decisório relevante.

A ação puxar para a guarda aparece de forma pontual (20%), sendo utilizada tanto por A3 quanto pela adversária como recurso de instalação do combate no solo e, mais adiante, como alternativa de reorganização estratégica nos momentos finais. No plano ofensivo, destacam-se as raspagens efetivas (20%), responsáveis pela principal conversão em pontuação, além de uma tentativa de finalização por chave de braço, que resultou em vantagem. Esse conjunto evidencia a capacidade da atleta de articular ataques a partir da guarda, transformando iniciativa ofensiva em ganho competitivo, ainda que sem culminar em finalização.

Do ponto de vista posicional, observa-se equilíbrio entre posição em pé e posição de guarda, ambas com 40% das ocorrências (Tabela 12), seguidas pela posição de clinch (20%). Esses descritores confirmam que a luta se desenvolveu em múltiplos ambientes, sem predominância de posições de controle por cima — como passagem de guarda ou costas —, reforçando o caráter disputado, intermitente e situacional do combate.

De modo geral, a Luta 1 da atleta A3 caracteriza-se por equilíbrio entre disputa e criação ofensiva, com uso estratégico da guarda, leitura oportuna para raspagem e capacidade de gerar vantagem a partir de ataques encadeados. Esse panorama descritivo-funcional fornece o contexto empírico necessário para a análise fenomenológico-ecológica apresentada a seguir, na qual se examina como essas ações se articulam ao curso da experiência e aos processos decisórios da atleta em situação competitiva real.

Tabela 11 – Frequência das ações técnico-táticas predominantes na Luta 1 da atleta A3

Ação técnico-tática	Frequência	Percentual %
Disputa de pegada em pé	4	40,0%
Puxar para a guarda	2	20,0%
Raspagem	2	20,0%
Tentativa de finalização com chave de braço (armlock)	1	10,0%
Tentativa de queda	1	10,0%
Total	10	100%

Fonte: Elaborada pela autora.

Tabela 12 – Frequência das posições de luta predominantes na Luta 1 da atleta A3

Posição de luta	Frequência	Percentual %
Posição em pé	4	40,0%
Posição de guarda	4	40,0%
Posição de clinch	2	20,0%
Total	10	100%

Fonte: Elaborada pela autora.

4.2.11.1 *Log de Eventos / Unidades Táticas (UTs) da Luta 1 da atleta A3*

O Quadro 32 (A3-01) apresenta a segmentação da Luta 1 da atleta A3 em Unidades Táticas (UTs), delimitadas a partir de mudanças no problema decisório central ao longo do combate. Cada UT corresponde a um episódio funcionalmente coerente do curso da ação, estruturando o fluxo da luta e servindo como base empírica para a análise articulada entre ação observável, organização tática e experiência vivida.

Quadro 32 – A3-01 – Log de Eventos / Unidades Táticas (UTs) da Luta 1 da atleta A3

ID-UT	Timecode in	Timecode out	Descrição objetiva (ação observável)	Dimensão tática (no sentido analítico)	Observações
UT-A3-L1-01	09:52	02:26	Luta inicia com disputa de pegada em pé; adversária puxa rapidamente para a guarda; A3 passa a trabalhar na guarda; adversária consegue raspagem e marca 2 pontos; sequência prolongada de guarda fechada, guarda laçada e tentativas de controle por cima; A3 tenta organizar sua guarda, busca pegadas, cria espaço e tenta desequilibrar; luta permanece majoritariamente na guarda por vários minutos.	Defensiva	Episódio marcado pela necessidade de reorganização estratégica: A3 é surpreendida pela puxada rápida, precisa ajustar o plano, recompor sua guarda e buscar estabilidade mesmo perdendo 2x0. A adversária mantém postura mais fechada e controladora, exigindo paciência, leitura de pegadas e insistência na criação de oportunidades.
UT-A3-L1-02	02:25	00:57	A3 inicia sequência ofensiva: da guarda aranha, finta o triângulo, ataca no <i>armlock</i> e conquista 1 vantagem; em seguida, realiza raspagem e marca 2 pontos; retoma por cima, tentando liberar a perna presa enquanto impede que a adversária devolva os pontos; adversária tenta queda levantando-se com uma perna de A3.	Ofensiva	Momento chave da luta: A3 retoma o placar com ataque direto e raspagem, demonstrando variação tática (triângulo-omoplata- <i>armlock</i>). O episódio revela mudança do estado defensivo para protagonismo ofensivo, com boa leitura das oportunidades de ataque e atenção ao risco de perda dos pontos recém-conquistados.
UT-A3-L1-03	00:56	00:00	Atletas retornam à disputa de pegadas em pé; A3 puxa para a guarda para controlar o risco nos segundos finais; adversária não consegue mais pontuar; luta encerra com A3 em vantagem.	Manutenção	Episódio orientado ao controle estratégico do tempo e do placar: A3 administra a vantagem, evita exposição e neutraliza possíveis ataques finais da adversária. Decisão coerente com o contexto situacional e com a necessidade de preservar a vitória por vantagem.

(Legenda geral apresentada anteriormente na seção de Metodologia.)

Fonte: Elaborado pela autora.

4.2.11.2 *Ancoragem Temporal (vídeo ↔ fala) da Luta 1 da atleta A3*

O Quadro 33 (A3-02) apresenta a ancoragem temporal das Unidades Táticas da Luta 1 da atleta A3, articulando cada episódio identificado no vídeo aos trechos de fala produzidos na entrevista de autoconfrontação. Esse procedimento permite reconstruir o sentido atribuído pelo atleta às suas ações no próprio desenrolar do combate, conectando a experiência vivida à dinâmica observável da luta.

Quadro 33 – A3-02 – Ancoragem Temporal (Vídeo ↔ Fala) da Luta 1 da Atleta A3

(Continua)

ID-UT	Trecho da fala (autoconfrontação)	Paráfrase / sentido central	Evidência no vídeo
UT-A3-L1-01	<i>“Essa adversária eu já lutei com ela três vezes. Então eu já sabia mais ou menos o que eu ia fazer: impor meu jogo, tentar fazer o meu jogo primeiro, eu queria passar, trabalhar passando guarda, mas acabou que nem deu, porque eu fico fazendo guarda. No início da luta ela chamou bem rápido pra guarda, ela que chamou pra guarda primeiro que eu, então eu tive que trocar a estratégia, eu pensei: tá bom, já que eu não conseguia acertar a chamada vou trabalhar de guarda. [...] Eu tava bem calma, bem tranquila, bem focada nas pegadas... tinha bastante tempo ainda, eu olhei no relógio, deu tempo de me arrumar, eu vi que ela tava bem fechada, eu continuei buscando esse espaço o tempo inteiro. Eu vi que ela estava fazendo a estratégia de se fechar, fez 2 pontos e não queria mais lutar, querendo segurar esses 2 pontos até o final.”</i>	A3 explica que conhecia a adversária e entrou na luta com a intenção de impor seu jogo passando a guarda por cima. No entanto, é surpreendida pela puxada rápida para guarda e precisa trocar a estratégia durante a ação, aceitando jogar de guarda. Destaca que permanece calma, foca nas pegadas, tenta organizar sua guarda, criar espaço e devolver os 2 pontos, enquanto percebe que a adversária “se fecha” para administrar a vantagem.	Início da luta em pé com disputa de pegadas; a adversária puxa rapidamente para a guarda e, em seguida, realiza raspagem, abrindo 2 x 0. A partir daí, a luta permanece majoritariamente na guarda, com a adversária em postura fechada por cima, controlando o tronco e as pernas de A3, enquanto A3 busca ajustar a guarda, melhorar pegadas e criar desequilíbrios ao longo de vários minutos.

Quadro 33 – A3-02 – Ancoragem Temporal (Vídeo ↔ Fala) da Luta 1 da Atleta A3

(Conclusão)

ID-UT	Trecho da fala (autoconfrontação)	Paráfrase / sentido central	Evidência no vídeo
UT-A3-L1-02	<i>“Neste momento eu precisava fazer alguma reação, aí eu comecei a dar o bote e consegui pegar no armlock nela. Eu só pensava em fazer nesse momento o armlock ou o triângulo, o que desse pra fazer. Aí o meu coaching me falou que eu tinha que subir para ganhar os pontos, na hora eu fui subindo de qualquer forma, aí eu subi, ganhei a vantagem e os 2 pontos. [...] Eu decidi fazer o armlock porque é o que eu treino constantemente, eu tava desde o início tentando desequilibrar pra dar nela algum bote, eu já queria surpreender com uma finalização ou um ataque ali no início pra sair na vantagem, mas se não desse eu ia insistir para fazer alguma raspagem. Nessa parte a opção que eu tenho é variar, ou eu vou fazer triângulo, ou omoplata, ou armlock, o que sair eu vou. [...] Nesse momento aqui eu só pensava que eu tinha que manter os meus pontos agora, eu tinha que fazer uma estratégia para não deixar mais ela pontuar”.</i>	A3 relata que percebe a necessidade de reagir e assume postura claramente ofensiva a partir da guarda, buscando finalizar (<i>armlock</i> ou triângulo) ou, ao menos, raspar. Explica que o <i>armlock</i> faz parte do seu repertório mais treinado e que seu estilo é mais solto e explosivo, variando entre triângulo, omoplata e <i>armlock</i> . Após orientação do <i>corner</i> , decide subir para consolidar os pontos da raspagem e passa a focar em manter a pontuação, impedindo que a adversária devolva os pontos.	Da guarda aranha, A3 finta o triângulo, ataca o braço da adversária em <i>armlock</i> e conquista 1 vantagem. Em seguida, aproveita o desequilíbrio para realizar raspagem, ganhando 2 pontos e passando a jogar por cima, ainda com a perna presa. A adversária, então, tenta queda levantando-se com uma perna de A3 agarrada, enquanto A3 se esforça para liberar a perna e preservar os pontos conquistados, mantendo a vantagem no placar (2 x 2, A3 com 1 vantagem).
UT-A3-L1-03	<i>“Nesse momento aí eu tava tentando me posicionar bem também, porque faltava pouco tempo para terminar a luta, e ela não podia mais pontuar, nem ganhar a vantagem”.</i>	A3 descreve que, nos segundos finais, seu foco principal é se posicionar de forma segura para impedir qualquer nova pontuação da adversária. Sua preocupação é manter o controle do placar e não oferecer brechas que permitam vantagem ou pontos contra, priorizando a gestão do tempo e da vantagem conquistada anteriormente.	Nos instantes finais, as atletas retornam à disputa de pegadas em pé; A3 ajusta a posição, controla a distância e, em seguida, puxa para a guarda de forma controlada, evitando exposições. A adversária não consegue mais atacar de modo efetivo nem pontuar, e a luta se encerra com o placar em 2 x 2, A3 vencendo pela vantagem acumulada no episódio anterior.

Nota metodológica: Os *timecodes* completos são apresentados apenas nos Quadros de Segmentação das Unidades Táticas que constituem o registro formal da delimitação dos episódios decisórios. Nos Quadros de Ancoragem Vídeo-Fala, optou-se por omitir os *timecodes*, a fim de facilitar a leitura e enfatizar a relação entre experiência vivida e ação observável, mantendo-se a referência às mesmas UTs.

Fonte: Elaborado pela autora.

4.2.11.3 *Codificação TCA e Constrangimentos (DE) da Luta 1 da atleta A3*

O Quadro 34 (A3-03) sintetiza a codificação das Unidades Táticas da Luta 1 da atleta A3, articulando os componentes do signo hexádico da Teoria do Curso da Ação com os constrangimentos ecológicos do organismo, da tarefa e do ambiente. Cada UT é acompanhada de um título funcional, construído a partir de sua relevância no curso da luta, integrando explicitamente o plano fenomenológico da experiência com a organização situacional da ação.

Quadro 34 – A3-03 – Signo hexádico (TCA) e Constrangimentos (DE) da Luta 1 da Atleta A3

(Continua)

TCA/DE	UT01 - Surpresa inicial, troca de plano e organização da guarda em desvantagem de 2 x 0	UT02 - Sequência <i>armlock</i> com raspagem e transição para controle com 2 x 2 e 1 vantagem	UT03 - Gestão dos segundos finais e manutenção da vitória por vantagem
Engajamento – E	Impor inicialmente seu jogo passando guarda e, ao ser surpreendida pela puxada rápida e raspagem da adversária, reorganizar a estratégia para trabalhar de guarda. Estabilizar a posição, criar espaço, ajustar pegadas e seguir buscando formas de devolver os 2 pontos, sem perder a calma.	Produzir uma reação ofensiva clara para virar a luta: atacar da guarda aranha com <i>armlock</i> (após finta de triângulo), conquistar vantagem e raspagem, retomando o placar. Em seguida, manter os pontos recém-conquistados, sem deixar a adversária devolver a pontuação, preservando ainda a possibilidade de finalizar.	Proteger a vantagem construída (2 x 2 e 1 vantagem) nos segundos finais, minimizando riscos. Posicionar-se de modo seguro e usar a puxada para a guarda como recurso de controle do tempo e do espaço, impedindo qualquer pontuação ou vantagem da adversária.
Situação – S	Início da luta em campeonato de alto nível, contra adversária já conhecida (enfrentada três vezes). Após disputa inicial de pegadas em pé, a adversária puxa rapidamente para a guarda, realiza raspagem e abre 2 x 0. A3 passa a lutar por baixo, com a adversária se fechando, amarrando a luta e protegendo a vantagem, ainda com bastante tempo de combate pela frente.	Momento intermediário/final da luta, com A3 em desvantagem no placar (2 x 0) e sob necessidade de reagir. A partir de cerca de 2'25" finais, A3 encontra espaço na guarda aranha, ataca o braço e consegue vantagem e raspagem, igualando o placar em 2 x 2 e assumindo a liderança na vantagem. Restam aproximadamente 1'40", em contexto de alta exigência e risco de “contra-raspar” ou perder o controle.	Fase derradeira da luta, com cronômetro abaixo de 1 minuto e placar em 2 x 2, A3 à frente por 1 vantagem. Qualquer erro pode alterar o resultado. Ambas as atletas estão mais cansadas, o árbitro atento a ações claras de ataque e o contexto competitivo exige gestão regulatória do tempo, distância e exposição.

Quadro 34 – A3-03 – Signo hexádico (TCA) e Constrangimentos (DE) da Luta 1 da Atleta A3

(Continuação)

TCA/DE	UT01 - Surpresa inicial, troca de plano e organização da guarda em desvantagem de 2 x 0	UT02 - Sequência <i>armlock</i> com raspagem e transição para controle com 2 x 2 e 1 vantagem	UT03 - Gestão dos segundos finais e manutenção da vitória por vantagem
Representamen – R	Sensação inicial de surpresa e de necessidade de “trocar o jogo” ao perceber que a adversária chama rápido para a guarda e raspa. Percepção visual e tátil de que a adversária se fecha, segura pernas e braços, amarra a luta e evita que A3 alcance as pernas para raspar ou atacar. Leitura do tempo passando (5 minutos já decorridos) e da obrigação de se arrumar na guarda para buscar espaço e reversão do placar.	Sensação de que “ <i>precisava fazer alguma reação</i> ” e de que aquele era o momento de dar o bote. Percepção das pegadas na manga e no braço que permitem acionar o <i>armlock</i> /triângulo, associada ao <i>feedback</i> auditivo do <i>coaching</i> dizendo que precisava subir para pontuar. Representação do tempo (“ <i>faltava 1:40</i> ”) e de que a luta está empatada, mas A3 lidera na vantagem, ao mesmo tempo em que sente o risco da adversária devolver os pontos se mantiver a perna presa.	Percepção clara de que “ <i>faltava pouco tempo para terminar a luta</i> ” e de que a adversária “ <i>não podia mais pontuar nem ganhar a vantagem</i> ”. Representação do cronômetro em contagem final e da necessidade de se posicionar de modo seguro, controlando <i>clinch</i> e distância para não oferecer brechas a ataques de queda ou raspagem.
Unidade de ação – U	Disputa inicial de pegadas em pé, adversária chama para a guarda e raspa, abrindo 2 x 0. A3 passa a atuar por baixo, ajustando a guarda, fechando e abrindo, buscando melhores pegadas nos braços e nas pernas, tentando criar espaço confortável para começar a atacar. Alterna momentos de guarda fechada, guarda laçada e tentativas de desequilibrar, laçar o braço e sinalizar iniciativa ofensiva, mesmo com a adversária amarrando o jogo.	A partir da guarda aranha, A3 finta o triângulo e entra no <i>armlock</i> , obtendo 1 vantagem. Em seguida, atende à instrução do <i>coaching</i> e solta o bote para subir, realizando a raspagem e marcando 2 pontos. Já por cima, luta para tirar a perna presa, evitar contra raspagem e impedir que a adversária devolva os pontos, enquanto esta tenta levantar agarrando a perna de A3 para buscar queda.	As atletas voltam à posição em pé, em disputa de pegadas/ <i>clinch</i> . A3 administra a distância, se posiciona de forma segura e, lendo o pouco tempo restante, opta por puxar para a guarda de maneira controlada. Mantém o controle sem se expor a raspagens ou quedas até o cronômetro zerar, garantindo o resultado final por vantagem.

Quadro 34 – A3-03 – Signo hexádico (TCA) e Constrangimentos (DE) da Luta 1 da Atleta A3

(Continuação)

TCA/DE	UT01 - Surpresa inicial, troca de plano e organização da guarda em desvantagem de 2 x 0	UT02 - Sequência <i>armlock</i> com raspagem e transição para controle com 2 x 2 e 1 vantagem	UT03 - Gestão dos segundos finais e manutenção da vitória por vantagem
Potencial de ação – A	Estabilizar sua guarda, encontrar pegadas favoráveis em braços e pernas, desequilibrar a adversária e construir oportunidades de raspagem ou ataques de finalização que devolvam os 2 pontos. Forçar a adversária a abrir o jogo e sair da postura fechada, transformando a fase defensiva em possibilidades de ataque.	Converter o ataque de <i>armlock</i> (e demais variações de guarda ofensiva) em finalização ou, no mínimo, em vantagem e raspagem. Após virar o placar, consolidar o controle por cima, liberar a perna presa, anular tentativas de queda/raspagem da adversária e, se surgir oportunidade, voltar a ameaçar com ataques de finalização.	Reduzir o número de trocas de alto risco, controlar o tempo restante e levar a luta ao fim sem mudanças no placar. Neutralizar investidas da adversária em pé ou por baixo, usar a guarda como ferramenta de controle do risco e assegurar a vitória por vantagem dentro do limite temporal.
Interpretação-I	“Essa adversária eu já lutei com ela três vezes... eu queria passar, trabalhar passando guarda, mas ela chamou pra guarda primeiro, então eu tive que trocar a estratégia, pensei: tá bom, vou trabalhar de guarda pra devolver esses pontos.” A3 interpreta que, mesmo começando atrás no placar, a mudança de plano para a guarda, com calma e paciência, era o caminho necessário para se reorganizar e buscar a reversão.	“Neste momento eu precisava fazer alguma reação... comecei a dar o bote e consegui pegar no <i>armlock</i> ... eu sempre busco finalização, mas se não der tem que ganhar nos pontos mesmo... essa parte é variação, triângulo, omoplata ou <i>armlock</i> , o que sair eu vou.” A3 interpreta esse episódio como confirmação do seu estilo de jogo mais solto e explosivo, em que a variação de ataques de guarda permite virar a luta e, em seguida, preservar os pontos conquistados.	“Nesse momento aí eu tava tentando me posicionar bem também, porque faltava pouco tempo para terminar a luta, e ela não podia mais pontuar, nem ganhar a vantagem.” A3 interpreta a decisão de puxar para a guarda e controlar o fim da luta como uma escolha estratégica coerente com o contexto de placar, focada em garantir a vitória sem oferecer brechas finais.
Constrangimentos Organismo	Ativação fisiológica elevada pela importância da luta, mas percepção de estar “bem calma, bem tranquila”, focada nas pegadas e na organização da guarda. Fadiga ainda baixa, embora já comece a “sentir as pegadas” com o tempo, exigindo regulação de esforço para manter a paciência e a leitura sutil do jogo fechado da adversária.	Fadiga moderada nas pegadas e nos membros superiores, devido ao trabalho prolongado de guarda e de ataque, mas com capacidade para explosões curtas no <i>armlock</i> e na raspagem. Confiança em um repertório ofensivo treinado constantemente (<i>armlock</i> , triângulo, omoplata) sustenta a decisão de arriscar o bote mesmo em momento crítico.	Cansaço acumulado após toda a luta, principalmente em pegadas e tronco, mas com controle emocional preservado. Foco atencional concentrado em não cometer erros, gerindo a última porção de energia para manter postura estável e decisões seguras até o fim do combate.

Quadro 34 – A3-03 – Signo hexádico (TCA) e Constrangimentos (DE) da Luta 1 da Atleta A3

(Conclusão)

TCA/DE	UT01 - Surpresa inicial, troca de plano e organização da guarda em desvantagem de 2 x 0	UT02 - Sequência <i>armlock</i> com raspagem e transição para controle com 2 x 2 e 1 vantagem	UT03 - Gestão dos segundos finais e manutenção da vitória por vantagem
Constrangimentos Tarefa	Reorganizar o plano após sofrer 2 pontos logo no início, sem desestabilizar emocionalmente. Estabilizar a guarda, mostrar para o árbitro que está buscando a luta (não “amarrando”) e criar condições para devolver os pontos, mesmo contra uma adversária que tende a se fechar após abrir vantagem.	Reagir ao placar adverso, alcançar ao menos o empate em pontos e reverter a luta a seu favor na vantagem. Após a sequência <i>armlock</i> e raspagem, a tarefa passa a ser manter os pontos, impedir novas pontuações da adversária e gerir o tempo restante de forma inteligente, alternando entre risco ofensivo e segurança defensiva.	Com 2 x 2 e 1 vantagem a seu favor, a tarefa principal é administrar o tempo e o placar, evitando qualquer ação que permita à adversária pontuar ou obter vantagem. Cabe a A3 controlar o risco nas pegadas, escolher o momento de puxar para a guarda e conduzir a luta até o fim preservando o resultado.
Constrangimentos Ambiente	Início de luta em área central do tatame, clima de campeonato, adversária adotando postura fechada após pontuar. Ambiente informacional marcado por poucas aberturas, muito controle de pegadas e necessidade de mostrar combatividade ao árbitro, já que a adversária tende a “amarrar” a luta para segurar a vantagem.	Combate predominantemente no solo, em zona estável do tatame, com guarda aranha em funcionamento. Presença ativa do <i>coaching</i> de A3 orientando a subir para pontuar, e de um ambiente competitivo em que qualquer erro pode redefinir o resultado. A adversária, instruída a segurar os pontos, impõe um contexto de jogo travado e de alta exigência na leitura de oportunidades.	Fase final sob clima de clímax competitivo, com o ginásio atento aos segundos finais. Disputa em pé na área de luta, seguida de puxada para guarda. O ambiente é marcado pelo cronômetro em contagem regressiva, comunicação dos <i>corners</i> e vigilância do árbitro a ações que possam justificar pontuação ou vantagens, reforçando a necessidade de controle absoluto do risco por parte de A3.

Fonte: Elaborado pela autora.

4.2.11.4 *Integração TCA–DE da Luta 1 da atleta A3*

O Quadro 35 (A3-04) apresenta a análise integrada das Unidades Táticas da Luta 1 da atleta A3, evidenciando como ações observáveis, significações vividas e constrangimentos ecológicos se combinam em cada episódio decisório. Nessa etapa, a Unidade Tática é tratada como unidade intermediária de análise, permitindo articular, de forma situada, os níveis técnico-tático, experiencial e contextual da tomada de decisão.

Quadro 35 – A3-04 – Integração TCA–DE da Luta 1 da Atleta A3

(Continua)

ID-UT	Dimensão Tática (no sentido analítico)	Evidências Integradas (vídeo + fala + hexádico + constrangimentos)	Síntese Interpretativa (TCA × DE)
UT-A3-L1-01	Defensiva	O vídeo mostra início em pé com disputa de pegadas, seguido de puxada rápida para guarda por parte da adversária, que logo em seguida realiza a raspagem e abre 2 x 0. A luta se estabiliza em cenário de guarda, com a adversária mais fechada por cima e A3 trabalhando de costas no solo, tentando organizar pegadas, criar espaço e desequilibrar. Na fala, A3 relata que já conhecia a adversária, pretendia impor seu jogo de passagem por cima, mas precisa “trocar a estratégia” quando é surpreendida pela chamada rápida para guarda. Ela enfatiza que busca se arrumar na guarda, manter a calma, olhar o relógio, criar espaço e “devolver os dois pontos”, percebendo que a oponente fez 2 pontos e passou a “amarrar” a luta. No signo hexádico, o engajamento (E) desloca-se de passar por cima para estabilizar a guarda e reconstruir o plano ofensivo a partir de baixo; o representamen (R) é a percepção de adversária fechada, agarrando perna e braços, dificultando botes e raspagens; a situação (S) é de desvantagem no placar, muito tempo de luta pela frente e guarda adversária controladora; a unidade de ação (U) inclui ajustes de pegadas, abertura de guarda, tentativas de desequilíbrio e botes em braço e perna; o potencial de ação (A) é criar uma base estável de guarda para atacar depois; nos constrangimentos, organismo com fadiga ainda baixa, mas pegadas começando a pesar; tarefa centrada em estabilizar e preparar a devolução dos pontos; ambiente de luta “amarrada”, com árbitro atento e <i>coaching</i> incentivando a buscar a luta.	A UT-A3-L1-01 expressa um momento de reorganização tática sob desvantagem inicial. Ao ser surpreendida pela puxada e raspagem, A3 abandona o plano de passar por cima e reconstrói seu jogo a partir da guarda, com calma e foco em criar condições para reagir. O conhecimento tático aparece na capacidade de aceitar uma posição desfavorável sem se desorganizar, usando a guarda como espaço de estabilização estratégica, gestão emocional e construção paciente de futuras oportunidades ofensivas.

Quadro 35 – A3-04 – Integração TCA–DE da Luta 1 da Atleta A3

(Continuação)

ID-UT	Dimensão Tática (no sentido analítico)	Evidências Integradas (vídeo + fala + hexádico + constrangimentos)	Síntese Interpretativa (TCA × DE)
UT-A3-L1-02	Ofensiva	O vídeo registra a passagem de uma longa fase de organização de guarda para uma sequência ofensiva decisiva: da guarda aranha, A3 finta o triângulo, entra no <i>armlock</i> e conquista 1 vantagem; em seguida executa a raspagem, sobe e marca 2 pontos, passando a jogar por cima enquanto tenta liberar a perna presa e impedir que a adversária devolva a pontuação. A adversária, já sob pressão, tenta um ataque de queda, levantando-se com uma perna de A3. Fala: Na autoconfrontação, A3 afirma que “precisava fazer alguma reação” e que, naquele momento, pensava em finalizar com <i>armlock</i> ou triângulo, seguindo o repertório que treina com frequência. Ela destaca que sempre busca finalização, mas admite que, se não for possível, é preciso “ganhar nos pontos”, relatando a influência direta do <i>coaching</i>, que orienta subir para garantir a pontuação. No hexádico, o engajamento (E) é claramente virar o placar por meio de um ataque direto da guarda; o representamen (R) é a percepção da necessidade urgente de reagir e das aberturas no braço e na postura da adversária; a situação (S) envolve desvantagem no tempo que restava, mas com janela concreta para empatar e passar à frente; a unidade de ação (U) articula fintas, ataque em <i>armlock</i>, transição para raspagem e consolidação por cima; o potencial de ação (A) reposiciona o objetivo para gerir a vantagem recém-conquistada, evitando nova pontuação contra; nos constrangimentos, o organismo combina fadiga moderada com capacidade explosiva; a tarefa passa a ser transformar a reação ofensiva em controle estável do combate; o ambiente inclui cronômetro em contagem regressiva e pressão de final de luta.	A UT-A3-L1-02 configura o momento de virada tática da luta. A3 converte uma fase prolongada de organização defensiva em iniciativa ofensiva integrada, combinando repertório técnico variado na guarda com leitura precisa do momento para atacar. A decisão de acionar o <i>armlock</i>, subir para pontuar e, em seguida, gerir a vantagem mostra um conhecimento tático que articula improvisação técnica, resposta às orientações do <i>coaching</i> e consciência do placar. A atleta passa de perseguir o resultado para controlar o combate, sem abandonar sua identidade ofensiva.

Quadro 35 – A3-04 – Integração TCA–DE da Luta 1 da Atleta A3

(Conclusão)

ID-UT	Dimensão Tática (no sentido analítico)	Evidências Integradas (vídeo + fala + hexádico + constrangimentos)	Síntese Interpretativa (TCA × DE)
UT-A3-L1-03	Manutenção	O vídeo mostra o retorno das atletas à disputa de pegadas em pé nos segundos finais. A3 administra a distância, controla o clinch e, em seguida, puxa para a guarda, mantendo a adversária sem condições de pontuar ou obter vantagem até o fim do tempo. Na fala, A3 explica que, nesse momento, “faltava pouco tempo para terminar a luta” e que seu foco era posicionar-se bem para impedir qualquer pontuação ou vantagem da adversária, sabendo que estava à frente pelo critério de vantagem. No signo hexádico, o engajamento (E) reorienta-se para preservar o resultado, minimizando riscos; o representamen (R) é a percepção clara do tempo restante e do cenário de empate em pontos com vantagem a seu favor; a situação (S) é de fim de luta, alta pressão competitiva e necessidade de evitar qualquer erro que mude o placar; a unidade de ação (U) envolve controle de pegadas, gestão da distância em pé e puxada para guarda em momento oportuno para travar investidas da oponente; o potencial de ação (A) é manter a estrutura defensiva organizada até o cronômetro zerar; nos constrangimentos, organismo com fadiga mais evidente, especialmente nas pegadas, porém ainda capaz de manter concentração tática; a tarefa prioritária é não oferecer brechas para quedas ou vantagens contrárias; o ambiente é de clímax competitivo, com torcida, <i>coaching</i> e cronômetro condicionando as decisões.	A UT-A3-L1-03 evidencia uma gestão madura de tempo e placar. A3 abre mão de buscar novas ações de alto risco e opta por um controle tático conservador, puxando para a guarda e neutralizando possíveis ataques finais da adversária. Essa decisão mostra que o conhecimento tático da atleta não se limita ao ataque, mas inclui saber quando priorizar a manutenção da vantagem e a minimização de riscos. A luta é encerrada em um cenário de estabilidade controlada, em que a escolha pela guarda se torna um recurso estratégico para preservar a vitória construída na UT anterior.

Fonte: Elaborado pela autora.

4.2.12 Síntese Interpretativa da Luta 1 (A3)

A Luta 1 da atleta A3 configura um combate de alta exigência situacional, no qual a atleta precisa reorganizar o curso da ação após uma desvantagem precoce e, mais adiante, converter uma janela curta de oportunidade em virada decisiva do placar. A segmentação em Unidades Táticas (UTs) evidencia três movimentos decisórios articulados: (i) reorganização prudencial sob 2×0; (ii) reação ofensiva seletiva, com vantagem e raspagem; e (iii) manutenção estratégica do resultado nos instantes finais.

Do ponto de vista descritivo-quantitativo, os registros notacionais indicam predominância de disputas de pegada em pé (40%), seguidas por puxar para a guarda (20%) e raspagens (20%), além de tentativa de finalização por chave de braço (10%) e tentativa de queda (10%). Em termos posicionais, observa-se equilíbrio entre posição em pé (40%) e cenário de guarda (40%), com presença de clinch (20%). Esses marcadores funcionam como referência da arquitetura temporal do combate (entrada por pegadas, instalação de guarda e episódios pontuais de ataque), sem substituir a interpretação situada baseada na integração vídeo-fala-UTs.

Sob a perspectiva fenomenológico-ecológica, a experiência vivida por A3 organiza-se em três eixos: (1) reorganização prudencial após sofrer 2×0, mantendo engajamento e reconstruindo condições de ação na guarda; (2) retomada ofensiva seletiva, com ataque encadeado que produz vantagem e desencadeia a raspagem; e (3) gestão do risco e do tempo para sustentar o resultado e impedir reabertura do combate.

UT-A3-L1-01 – Desvantagem precoce e reorganização prudencial na guarda (2×0)

O combate inicia em pé, com disputa de pegadas, mas a adversária puxa rapidamente para a guarda e realiza uma raspagem, abrindo 2×0. A partir desse ponto, a luta se estabiliza por longo intervalo em um cenário de guarda, com a oponente adotando postura mais fechada e controladora, enquanto A3 busca ajustar pegadas, reorganizar base e criar condições para reagir.

Fenomenologicamente, este episódio evidencia um conhecimento decisório que se manifesta como capacidade de não colapsar diante da desvantagem. A3 relata que entrou com intenção de impor o jogo por cima (passagem), mas precisou reconfigurar a estratégia durante a ação diante da instalação rápida da guarda. O que sustenta essa reorganização não é aceleração, mas uma regulação baseada em calma, atenção às pegadas e leitura do tempo

disponível associada à interpretação de que a adversária “*fez os pontos e passou a se fechar para administrar*” a vantagem (A3, entrevista de autoconfrontação).

Na integração TCA–DE, trata-se de uma UT predominantemente defensiva/regulatória: A3 aceita o novo problema decisório (lutar por baixo contra uma adversária fechada), mantém engajamento prudencial e utiliza a guarda como plataforma de reconstrução do combate, sob constrangimentos da tarefa (placar desfavorável) e do ambiente (gestão do ritmo pela oponente).

UT-A3-L1-02 – Reação ofensiva: ataque encadeado, vantagem e raspagem pontuadora

A virada do combate ocorre quando A3 assume iniciativa ofensiva a partir da guarda aranha, ameaça variações e entra na chave de braço, gerando vantagem. Na sequência, realiza a raspagem, marca dois pontos e iguala o placar em 2×2, passando a liderar no critério de vantagem. O registro descreve esse momento como “momento-chave”, destacando a variação entre ataques e a transição de um estado defensivo para protagonismo ofensivo.

Na autoconfrontação, A3 explicita o gatilho decisório: “*precisava fazer alguma reação*” (A3, entrevista de autoconfrontação). Ela descreve um modo de ação coerente com seu repertório — variar entre possibilidades ofensivas “*o que sair*” — articulando intenção de finalizar com realismo competitivo: se não finaliza, precisa pontuar. Neste episódio, também se evidencia um componente ecológico relevante: a orientação do corner funciona como informação do ambiente que reorienta a unidade de ação no momento da raspagem e da subida, consolidando o ganho competitivo.

O ponto central, contudo, não é apenas “virar”, mas virar e imediatamente reorganizar o foco para preservar. Após pontuar, A3 prioriza liberar a perna presa, estabilizar e impedir devolução de pontos, evidenciando transição rápida da ofensividade para uma proteção ativa do ganho obtido, com regulação do risco no pós-virada.

UT-A3-L1-03 – Gestão do tempo e fechamento do resultado por vantagem

Nos instantes finais, as atletas retornam à disputa em pé e A3 toma uma decisão funcional de maturidade tática: puxar para a guarda para controlar risco e tempo, neutralizando a possibilidade de pontuação adversária e fechando o combate.

Fenomenologicamente, a atleta delimita o problema decisório de forma direta: faltava pouco tempo e a adversária não podia mais pontuar nem obter nova vantagem. Vídeo e fala convergem para a mesma lógica: A3 ajusta o engajamento e utiliza a guarda como ferramenta de gestão do desfecho, preservando a vitória pelo critério de vantagem.

4.2.12.1 *Modelo tático fenomenológico-ecológico da Luta 1 (A3)*

O conjunto dos episódios decisórios revela três macroestruturas organizadoras do curso da ação:

1. Reorganização prudencial sob desvantagem: estabilizar a guarda e manter engajamento funcional após sofrer 2×0.
2. Retomada ofensiva seletiva e encadeada: produzir vantagem com chave de braço e converter a janela de oportunidade em raspagem pontuadora.
3. Gestão do tempo e do risco no fechamento: neutralizar a reabertura do combate e sustentar o resultado por vantagem.

No conjunto, a luta evidencia uma tomada de decisão orientada menos pela manutenção de um plano dominante e mais pela capacidade de reconfigurar prioridades (reagir → pontuar → preservar) em função do que se torna significativo no fluxo do combate: placar, tempo restante, controle de pegadas e risco imediato de reversão.

Em relação ao objetivo geral deste estudo, a Luta 1 evidencia que A3 constrói e mobiliza conhecimento tático em ação sobretudo por meio da capacidade de reorganizar o curso da ação diante de mudanças abruptas no problema decisório, como a desvantagem precoce e a postura fechada da adversária. O conhecimento mobilizado manifesta-se na leitura temporal da luta, na regulação sob pressão e na identificação de uma janela curta de oportunidade para ataque, imediatamente seguida pela reconfiguração do foco decisório para a preservação do resultado. Assim, a tomada de decisão emerge como processo situado de adaptação funcional, no qual atacar, controlar e manter não são fases pré-definidas, mas respostas integradas às contingências que se tornam significativas no próprio fluxo do combate.

4.2.13 *Atleta A3– Luta Final*

A análise descritivo-funcional da Luta Final da atleta A3 evidencia um combate de 10 minutos, com baixa densidade de ações registradas ($n = 9$) e forte caráter regulatório, marcado por longos períodos de disputa posicional na interface guarda ↔ passagem de guarda, interrupções por falta de ação e decisão por arbitragem. Diferentemente de lutas caracterizadas por progressões frequentes e pontuações acumulativas, esta final organiza-se em torno do controle do ritmo, da disputa por iniciativa mínima e da gestão do regulamento, com escassa produção de ações ofensivas conclusivas.

No que se refere às ações técnico-táticas, observa-se predominância de falta de ação, correspondente a 44,44% dos registros (Tabela 13). Esse padrão indica um combate cadenciado e travado, no qual a interação tática se concentra na neutralização mútua, com baixa incidência de ações claramente progressivas. As vantagens, atribuídas como critério de combatividade, aparecem em 22,22% dos eventos, sugerindo iniciativas pontuais de imposição de ritmo por ambas as atletas, sem conversão em pontuação efetiva. As ações de progressão direta — tentativa de passagem de guarda e tentativa de estrangulamento — ocorrem de forma isolada (11,11% cada), funcionando como episódios breves dentro de um curso da ação predominantemente orientado pela contenção. A luta é inaugurada pela ação puxar para a guarda (11,11%), definindo precocemente o cenário do combate no solo.

No plano posicional, há concentração quase total em dois ambientes: posição de guarda e posição de passagem de guarda, ambas com 44,44% das ocorrências (Tabela 14). Esse dado confirma que o confronto se desenvolveu majoritariamente na zona de transição entre manutenção da guarda e pressão por cima, sem estabilizações prolongadas em posições dominantes profundas, como costas ou montada, e sem pontuações decorrentes de quedas ou passagens consolidadas. A posição em pé aparece apenas no início do combate (11,11%), não desempenhando papel organizador ao longo da luta.

De modo geral, a Luta Final da atleta A3 caracteriza-se por baixa variabilidade ofensiva, alta incidência de interrupções por falta de ação e predomínio do combate na interface guarda–passagem, com decisões táticas fortemente condicionadas pela gestão do ritmo, pela leitura do regulamento e pela disputa simbólica de iniciativa mínima. Esse pano de fundo descritivo-funcional fornece o contexto empírico necessário para a análise fenomenológico-ecológica detalhada apresentada na seção seguinte.

Tabela 13 – Frequência das ações técnico-táticas predominantes na Luta Final da atleta A3

Ação técnico-tática	Frequência	Percentual %
Falta de ação	4	44,44%
Vantagem	2	22,22%
Puxar para guarda	1	11,11%
Tentativa de passagem de guarda	1	11,11%
Tentativa de finalização por estrangulamento	1	11,11%
Total	9	100%

Fonte: Elaborada pela autora.

Tabela 14 – Frequência das posições de luta predominantes na Luta Final da atleta A3

Posição de luta	Frequência	Percentual %
Posição de guarda	4	44,44%
Posição de passagem de guarda	4	44,44%
Posição em pé	1	11,11%
Total	9	100%

Fonte: Elaborada pela autora.

4.2.13.1 *Log de Eventos / Unidades Táticas (UTs) da Luta Final da atleta A3*

O Quadro 36 (A3-05) apresenta a segmentação da Luta Final da atleta A3 em Unidades Táticas (UTs), delimitadas a partir de mudanças no problema decisório central ao longo do combate. Essas UTs estruturam o fluxo da ação e constituem a base empírica para as análises subsequentes, permitindo articular o plano observável da luta com sua organização tática e temporal.

Quadro 36 – A3-05 – Log de Eventos / Unidades Táticas (UTs) da Luta Final da atleta A3

ID-UT	Timecode in	Timecode out	Descrição objetiva (ação observável)	Dimensão tática (no sentido analítico)	Observações
UT-A3-LF-01	09:51	06:45	A adversária inicia a luta puxando rapidamente para a guarda; A3 imediatamente afasta as pernas para evitar ser envolvida; trabalha na linha de passagem mantendo distância, tentando quebrar a guarda e emborcar a adversária; sequência marcada por tentativas da adversária de organizar guarda de gancho e laço, enquanto A3 busca afastamento, postura elevada e controle de pernas.	Defensiva/ Manutenção	Episódio inicial centrado em impedir o encaixe da guarda longa da adversária. A3 preserva a postura, evita laço e mantém a ação “na porta da guarda”, priorizando segurança antes de atacar.
UT-A3-LF-02	06:44	04:34	Jogo fica travado: adversária permanece parada na guarda e recebe 1 penalidade por falta de ação; A3 também recebe 1 penalidade. Ambas permanecem em posição estática, com A3 buscando manter postura segura, cotovelos fechados e bloqueando possíveis ataques de braço e laço; aguarda aproximação da perna da adversária para tentar passagem lateral.	Manutenção/ Defensiva	Episódio marcado por baixa variabilidade e foco total em minimizar riscos. A3 administra distância, evita botes e mantém-se atenta às possíveis entradas da adversária.
UT-A3-LF-03	04:35	01:09	A luta permanece na guarda; A3 mantém pernas atrás para impedir aproximação; ambas recebem novas penalidades (A3 acumula 2 faltas; adversária 2 faltas). Adversária recebe 1 vantagem por pequena iniciativa, e A3, logo depois, recebe 1 vantagem por maior combatividade.	Manutenção	Ações táticas de manutenção do placar e da postura: A3 mantém controle posicional, sem se expor, e administra o tempo e as faltas.
UT-A3-LF-04	01:08	00:59	A3 tenta passagem de guarda com emborcada, alterna lateralidade, busca tirar o quadril da adversária do chão, tenta avançar para ganhar vantagem posicional; adversária se mantém fechada. A3 bloqueia ataques nas pernas, mantém cotovelos justos e segue buscando variações de passagem.	Ofensiva/ Transição	A3 intensifica tentativas de passagem e eleva a iniciativa ofensiva nos minutos finais; mantém superioridade posicional.
UT-A3-LF-05	00:57	00:00	Na guarda aberta, a adversária tenta finalização por estrangulamento; A3 defende mantendo postura firme, controla as pegadas, impede desequilíbrio e neutraliza o ataque. Luta encerra com vitória de A3 por decisão dos árbitros.	Defensiva	Episódio final de alto risco, mas A3 mantém foco, postura ativa e evita pontos ou vantagens da adversária. Vitória assegurada pela superioridade demonstrada durante a luta.

(Legenda geral apresentada anteriormente na seção de Metodologia.)

Fonte: Elaborado pela autora.

4.2.13.2 *Ancoragem Temporal (vídeo ↔ fala) da Luta Final da atleta A3*

O Quadro 37 (A3-06) apresenta a ancoragem temporal das Unidades Táticas da Luta Final da atleta A3, articulando os episódios identificados no vídeo com os trechos de fala produzidos nas entrevistas de autoconfrontação. Esse procedimento permite acessar o sentido atribuído pelo atleta às ações realizadas, conectando a experiência vivida à dinâmica observável do combate.

Quadro 37 – A3-06 – Ancoragem Temporal (Vídeo ↔ Fala) da Luta Final da Atleta A3

(Continua)

ID-UT	Trecho da fala (autoconfrontação)	Paráfrase / sentido central	Evidência no vídeo
UT-A3-Lf-01	<i>“Eu esperei ela chamar, e eu já saí da guarda dela, eu não queria que ela me envolvesse na guarda... eu fiquei tentando afastar dela já. Afastar das pernas dela. [...] Eu tava esperando que ela fosse buscar a minha perna... e eu tava afastando, sempre andando pra trás... minha postura estava sempre atrás. Eu me senti bem aí, eu tava bem segura. [...] Aí eu tentei surpreender já dando um bote na lateral... daí ela voltou bem a guarda. [...] Eu tava tentando emborcar ela, só que ela tava bem forte nas pernas.”</i>	A3 chega à final com estratégia clara: evitar ser presa na guarda da adversária, que possui envergadura maior. Prioriza afastamento das pernas, postura defensiva controlada e tentativas de deslocamento lateral/emborcada para impedir organização da guarda rival. Interpreta este início como seguro, mesmo sem conseguir impor passagem.	Vídeo mostra a adversária puxando guarda imediatamente. A3 recua, controla distância, empurra as pernas para evitar laços e tenta entrada lateral rápida. Adversária recompõe guarda e A3 passa a pressionar com emborcada, sem estabilizar passagem. Ritmo inicial travado, com A3 mantendo postura atrás das pernas oponente.
UT-A3-LF-02	<i>“Nessa hora eu tava pensando no tempo... continuar arrumada né? Continuar numa boa postura pra ela não me atacar. [...] Ela tava parada, não tava tentando atacar, então tava bom pra mim. Mas eu tava atenta aos botes dela... tentando manter meu cotovelo fechado, ficando na defensiva. [...] Eu tava esperando aproximar a perna dela pra eu tentar correr pela lateral.”</i>	A3 reconhece momento de baixa ação da adversária e aproveita para manter postura sólida, evitando ser surpreendida. Apesar do travamento, mantém foco defensivo, protege cotovelos e espera oportunidade de avançar para passagem lateral.	No vídeo, ambas recebem penalidade por falta de ação. Luta visualmente travada: A3 mantém postura alta de passagem, cotovelos fechados, sem se expor. Adversária permanece estática na guarda, com poucas tentativas de ataque. A3 movimenta-se sutilmente, aguardando abertura, mas sem efetiva progressão.
UT-A3-LF-03	<i>“Eu tava mantendo as minhas pernas atrás pra não ter oportunidade dela buscar... faltava uns 4 minutos. A gente ganhou punição porque a luta ficou parada. Pensei: tava tudo sob controle.”</i>	A3 percebe o risco constante das investidas da adversária e prioriza manter as pernas fora do alcance para evitar guarda-laço. Interpreta o momento como estável, mesmo com penalidades. Sente que controla a distância e não corre riscos.	Vídeo mostra nova sequência de pouca ação, gerando penalidades para ambas e vantagens alternadas. A3 mantém pernas recuadas, evitando laços, e trabalha pequenos ajustes no tronco. Adversária tenta aproximações mínimas, sem efetividade. Combate segue travado, mas sob controle posicional de A3.

Quadro 37 – A3-06 – Ancoragem Temporal (Vídeo ↔ Fala) da Luta Final da Atleta A3

(Conclusão)

ID-UT	Trecho da fala (autoconfrontação)	Paráfrase / sentido central	Evidência no vídeo
UT-A3-LF-04	<i>“Eu tava tentando ganhar a passagem... fui pra um lado, pro outro... meu coach falava pra manter a emborcada. [...] Minha intenção era ser mais explosiva, passar por fora... mas como ela tava bem fechada, eu segui o que dava. [...] Eu bloqueei os ataques dela nas minhas pernas. [...] Eu já tinha feito mais ataques do que ela... eu tava melhor. [...] Tava empatado, mas eu tava na vantagem... eu arrisquei melhor.”</i>	A3 aumenta o ritmo ofensivo, tentando variações de passagem e mantendo emborcada. Ajusta estratégia pela leitura do fechamento forte da adversária. Interpreta-se como mais ativa e superior taticamente, mesmo sem concluir passagem.	Vídeo mostra A3 movimentando-se de um lado ao outro da guarda, aplicando emborcada, pressionando quadril adversário e buscando ângulos externos. Adversária mantém guarda estática, poucas ações ofensivas. A3 impede ataques às pernas e tenta oportunidades de passagem, mostrando iniciativa maior nos minutos finais.
UT-A3-LF-05	<i>“Eu só pensava que eu não podia errar... faltava 50 segundos. [...] Eu tinha que me manter firme... ficar ativa até o final pra não ter perigo de raspagem ou ataque. [...] Na minha cabeça já tava: sou campeã.”</i>	Nos segundos finais, A3 adota postura de gestão de risco: evita erros, mantém atividade mínima e controla distância para impedir raspagens ou estrangulamentos. A confiança aumenta diante do domínio geral da luta e do critério de decisão.	Vídeo mostra a adversária tentando estrangulamento na guarda aberta, A3 bloqueia, mantém postura elevada e controla as mangas, impedindo progressão. Mantém-se ativa nos últimos segundos sem se expor. Luta encerra empatada em pontos, com vitória de A3 por decisão dos árbitros.

Nota metodológica: Os *timecodes* completos são apresentados apenas nos Quadros de Segmentação das Unidades Táticas que constituem o registro formal da delimitação dos episódios decisórios. Nos Quadros de Ancoragem Vídeo–Fala, optou-se por omitir os *timecodes*, a fim de facilitar a leitura e enfatizar a relação entre experiência vivida e ação observável, mantendo-se a referência às mesmas UTs.

Fonte: Elaborado pela autora.

4.2.13.3 *Codificação TCA e Constrangimentos (DE) da Luta Final da atleta A3*

O Quadro 38 (A3-07) sintetiza a codificação das Unidades Táticas da Luta Final da atleta A3, articulando os componentes do signo hexádico da Teoria do Curso da Ação com os constrangimentos ecológicos do organismo, da tarefa e do ambiente. Essa codificação explicita como significações, ações e condições situacionais se organizam em cada episódio decisório.

Quadro 38 – A3-07 – Signo hexádico (TCA) e Constrangimentos (DE) da Luta Final da Atleta A3

(Continua)

TCA/DE	UT01 - Afastamento da guarda longa e instalação de emborcada neutra	UT02 - Gestão da falta de ação em postura segura de passagem	UT03 - Controle das punições mantendo pernas atrás e luta “sob controle”	UT04 - Tentativas de passagem em emborcada com bloqueio dos ataques finais	UT05 - Gestão do risco de estrangulamento e manutenção da firmeza até o fim
Engajamento – E	Entrar na final executando a estratégia de “ <i>sempre se afastar</i> ” da guarda da adversária de maior envergadura, evitando ser envolvida nas pernas e tentando emborcar para ficar em posição neutra, porém ligeiramente favorável para passagem.	Manter uma postura sólida de passagem, “ <i>bem arrumada</i> ”, com cotovelos fechados, aceitando o jogo mais travado enquanto controla o tempo e evita que a adversária ataque primeiro.	Continuar protegendo as pernas atrás, aceitando as punições mútuas como parte do jogo e mantendo a ideia de que “ <i>tava tudo sob controle</i> ”, priorizando a segurança tática sobre ações precipitadas.	Insistir na passagem de guarda por meio da emborcada, tentando “ <i>ganhar ainda a passagem</i> ”, alternando direções e aproveitando eventuais aberturas da adversária, sem perder o controle dos ataques às pernas.	Proteger a posição até o fim da luta, evitando qualquer erro decisivo nos segundos finais, mantendo-se firme diante da tentativa de estrangulamento e sustentando a convicção interna de que já é campeã.
Situação - S	Início da final, adversária puxa rapidamente para a guarda, instalando seu jogo de conforto; A3 cai diretamente na guarda de uma atleta de maior envergadura, que tende a “prender” as pernas; muito tempo de luta pela frente.	Meio inicial da luta, guarda da adversária estabelecida, ambas penalizadas por falta de ação; placar em 0 x 0 com 1 falta para cada; jogo travado, porém sem ataques claros da adversária por baixo.	Aproximadamente metade do tempo de luta, ainda em guarda por baixo para adversária e passagem para A3; sequência de punições e vantagens (2 faltas e 1 vantagem para cada), com a arbitragem marcando quem está mais ou menos combativa, mas com o placar zerado em pontos.	Trecho final da luta (cerca de 2 a 3 minutos restantes), combates ainda na guarda da adversária; A3 em posição de passagem, emborcando o quadril da oponente e tentando melhorar a posição para pontuar, em cenário de equilíbrio numérico (0 x 0, punições iguais).	Últimos ~50 segundos da final, placar 0 x 0, ambas com 2 faltas e 1 vantagem; adversária tenta estrangulamento a partir da guarda aberta, sabendo que qualquer ataque pode influenciar a decisão dos árbitros; A3 precisa se manter sem sofrer raspagem, vantagem ou finalização.

Quadro 38 – A3-07 – Signo hexádico (TCA) e Constrangimentos (DE) da Luta Final da Atleta A3

(Continuação)

TCA/DE	UT01 - Afastamento da guarda longa e instalação de emborcada neutra	UT02 - Gestão da falta de ação em postura segura de passagem	UT03 - Controle das punições mantendo pernas atrás e luta “sob controle”	UT04 - Tentativas de passagem em emborcada com bloqueio dos ataques finais	UT05 - Gestão do risco de estrangulamento e manutenção da firmeza até o fim
Representamen – R	Percepção de que a adversária “ <i>tem uma envergadura maior</i> ” e que, se envolver suas pernas, “ <i>fica difícil de sair</i> ”; sente que ao afastar as pernas está mais segura e confortável; percebe a possibilidade de surpreender com um “bote na lateral” e emborcar a adversária.	Sensação de luta travada, com a adversária parada na guarda, mas em posição em que “ <i>se ela esticasse ali os meus braços ou alguma coisa ela podia me dar um bote</i> ”; percepção de que sua postura está adequada, desde que mantenha o cotovelo fechado e o tronco ajustado.	Percepção de que, ao manter “ <i>as minhas pernas atrás</i> ”, reduz as oportunidades da adversária de buscar a perna; lê as punições como consequência de uma luta parada, mas vivencia a situação como “tava tudo bem, tava tudo sob controle”.	Percepção de que já “ <i>tinha feito mais ataques do que ela</i> ” e que a emborcada estava funcionando para bloquear as pernas adversárias; percebe abertura potencial na medida em que a adversária “ <i>começa a se expor</i> ” mais, mas continua atenta aos possíveis “botes” nas pernas.	Sensação de que “ <i>não podia errar nesse momento</i> ”, com o relógio marcando cerca de 50 segundos finais; percepção de risco na tentativa de estrangulamento, mas também de firmeza e estabilidade na própria defesa; pensamento recorrente de que “ <i>já era final</i> ” e de que, na cabeça, “ <i>já tava: sou campeã</i> ”.

Quadro 38 – A3-07 – Signo hexádico (TCA) e Constrangimentos (DE) da Luta Final da Atleta A3

(Continuação)

TCA/DE	UT01 - Afastamento da guarda longa e instalação de emborcada neutra	UT02 - Gestão da falta de ação em postura segura de passagem	UT03 - Controle das punições mantendo pernas atrás e luta “sob controle”	UT04 - Tentativas de passagem em emborcada com bloqueio dos ataques finais	UT05 - Gestão do risco de estrangulamento e manutenção da firmeza até o fim
Unidade de ação - U	Espera a adversária puxar para guarda e imediatamente recua, afastando as pernas; anda para trás, abraça as pernas da oponente com os braços, tenta emborcar o quadril e impedir que a guarda seja completamente armada, mantendo a posição relativamente neutra.	Mantém postura de passagem com base larga, quadril atrás e cotovelos fechados; acompanha a guarda da adversária sem se projetar em excesso; aceita o ritmo mais lento, enquanto observa o tempo e protege braços e pernas de ataques repentinos.	Mantém deliberadamente as pernas para trás, afastando os joelhos da zona de laço ou guarda; aceita as punições compartilhadas; não avança de forma precipitada, preservando a distância e o controle posicional, administrando a luta em nível de segurança.	Prossegue tentando passar: emborca o quadril da adversária, alterna direção de passagem (“ <i>fui pra um lado, fui pro outro</i> ”), ajusta o tronco, segue a orientação do coach de “ <i>tirar o quadril dela do chão</i> ” e volta a fechar o cotovelo quando sente que ela pode “dar bote” nas pernas.	Responde à tentativa de estrangulamento mantendo a postura, protegendo o pescoço e as pegadas, evitando que a adversária domine completamente a gola; segue ativa, sem se desconectar da luta, até o cronômetro zerar, preservando o 0 x 0 e a vantagem acumulada.
Potencial de ação - A	Desmontar preventivamente a guarda longa da adversária, manter-se fora do raio de alcance das pernas, emborcar o tronco rival e, a partir daí, construir caminhos para uma passagem de guarda ou vantagem a seu favor.	Continuar em postura segura, aguardando aberturas para correr pela lateral e tentar a passagem, sem oferecer braços ou pernas para ataques diretos; manter-se estável até surgir um momento claro para progredir.	Preservar a segurança posicional e emocional, evitando erros que possam gerar raspagens ou vantagens decisivas; utilizar o controle da distância como recurso para levar a luta a um cenário de equilíbrio em que sua gestão tática possa ser valorizada pelos árbitros.	Transformar a emborcada e as tentativas de passagem em pontuação (passagem de guarda) ou, ao menos, reforçar a imagem de atleta mais combativa e propositiva, aumentando a probabilidade de vitória na decisão dos árbitros.	Manter-se ilesa até o fim, protegendo-se de raspagens, vantagens ou finalizações; consolidar, pela firmeza defensiva e postura ativa, a leitura dos árbitros de que se posicionou melhor e atacou mais ao longo da luta, garantindo a vitória por decisão.

Quadro 38– A3-07 – Signo hexádico (TCA) e Constrangimentos (DE) da Luta Final da Atleta A3

(Continuação)

TCA/DE	UT01 - Afastamento da guarda longa e instalação de emborcada neutra	UT02 - Gestão da falta de ação em postura segura de passagem	UT03 - Controle das punições mantendo pernas atrás e luta “sob controle”	UT04 - Tentativas de passagem em emborcada com bloqueio dos ataques finais	UT05 - Gestão do risco de estrangulamento e manutenção da firmeza até o fim
Interpretação-I	<i>“Eu esperei ela chamar, e eu já saí da guarda dela, eu não queria que ela me envolvesse na guarda... por ela ter uma envergadura maior que a minha.” / “Eu me senti bem aí, eu tava bem segura e tava bem confortável.”</i> A3 interpreta que afastar as pernas e sair cedo da guarda foi coerente com sua dificuldade conhecida e trouxe sensação de segurança e leve vantagem posicional.	<i>“Nessa hora eu tava pensando no tempo [...] em continuar arrumada né? Continuar numa boa postura pra ela não me atacar.”</i> A3 interpreta que aceitar o jogo mais travado, mantendo postura correta e cotovelos fechados, era a melhor forma de controlar o risco e seguir fiel à sua estratégia.	<i>“Nesse momento eu tava mantendo as minhas pernas atrás pra não ter a oportunidade dela buscar [...] pensei: tava tudo bem, tava tudo bem, tava tudo sob controle.”</i> A3 interpreta que proteger as pernas e aceitar as punições foi uma escolha consciente para manter o equilíbrio da luta sem se expor.	<i>“Aí eu tava tentando ganhar ainda a passagem [...] minha intenção era ser mais explosiva, passar por fora, mas como ela tava bem fechada né? Eu segui o que dava nessa emborcada... eu já tinha feito mais ataques do que ela.”</i> A3 interpreta que insistir na emborcada, mesmo sem a explosividade ideal, confirmou seu papel de atleta mais propositiva na final.	<i>“Nos últimos minutos eu só pensava que eu não podia errar nesse momento [...] eu só fiquei atenta [...] me mantive firme [...] Na minha cabeça já tava: sou campeã.”</i> A3 interpreta que a decisão de priorizar a segurança absoluta e a firmeza emocional nos segundos finais foi decisiva para sustentar a vitória na decisão dos árbitros.
Constrangimentos Organismo	Consciência corporal de dificuldade histórica em sair da guarda de atletas com maior envergadura; sensação de segurança ao manter as pernas à distância; ativação fisiológica de início de final, mas com conforto na estratégia escolhida.	Esforço moderado, sem picos de fadiga; organização postural voltada para economia de energia em um jogo travado; vigilância tônica nos ombros e cotovelos para evitar ataques súbitos.	Cansaço progressivo das pegadas e membros inferiores, mas ainda com boa capacidade de regulação; sentimento de controle emocional sobre a situação, reduzindo ansiedade mesmo com punições acumuladas.	Nível de esforço elevado na tentativa de passagem, com necessidade de equilibrar explosão e controle; percepção de que consegue “arriscar melhor” que a adversária, o que reforça confiança, apesar do cansaço.	Fadiga acumulada, principalmente em pegadas e musculatura de tronco, mas acompanhada de sensação de força mental e calma; experiência de foco estreito na defesa e no relógio, sustentando a convicção de vitória iminente.

Quadro 38– A3-07 – Signo hexádico (TCA) e Constrangimentos (DE) da Luta Final da Atleta A3

(Conclusão)

TCA/DE	UT01 - Afastamento da guarda longa e instalação de emborcada neutra	UT02 - Gestão da falta de ação em postura segura de passagem	UT03 - Controle das punições mantendo pernas atrás e luta “sob controle”	UT04 - Tentativas de passagem em emborcada com bloqueio dos ataques finais	UT05 - Gestão do risco de estrangulamento e manutenção da firmeza até o fim
Constrangimentos Tarefa	Final de campeonato de alto nível, contra adversária conhecida por “buscar o conforto da posição” e usar guarda longa; tarefa imediata de não ser presa na guarda e impedir o estabelecimento da lapela/guarda-laço logo no início.	Situação de 0 x 0 com 1 falta para cada; tarefa de evitar que a passividade seja interpretada contra si, mantendo postura ativa suficiente para não acumular punições, sem abrir mão da segurança defensiva.	Com 0 x 0, ambas com 2 faltas e 1 vantagem, tarefa de não cometer erros que resultem em pontuação ou vantagem decisiva da adversária; manter a luta sob controle, favorecendo leitura de equilíbrio ou leve superioridade posicional.	Com pouco tempo restante e luta ainda sem pontos, tarefa de transformar as tentativas de passagem em argumento tático a seu favor (mais ataques, melhor posicionamento), reforçando a imagem de atleta que “arrisca melhor”.	Nos segundos finais, tarefa central de não sofrer ataques decisivos (raspagem, vantagem, finalização) e, ao mesmo tempo, permanecer ativa o suficiente para sustentar a percepção de que “atacou mais” e “se posicionou melhor”, garantindo a vitória por decisão.
Constrangimentos Ambiente	Final em grande evento, ambiente conhecido, adversária já enfrentada em outras competições; clima de luta “no detalhe”, em que qualquer erro na guarda pode definir o resultado.	Ambiente de luta travada, com árbitro atento à falta de ação, distribuindo punições; pressão do contexto de final, mas sem explosões de público, dado o ritmo mais amarrado.	Continuidade de clima tenso, com marcação de punições e vantagens em um combate com pouca variação espacial (muito tempo na mesma área do tatame); necessidade de lidar com a gestão da imagem tática perante a arbitragem.	Ambiente de expectativa crescente nos minutos finais, <i>coaches</i> orientando para emborcar e tirar o quadril do chão; público atento à possibilidade de alguma passagem decisiva que possa “destravar” a luta.	Momento de <i>clímax</i> silencioso/contido, com foco visual e atencional nos últimos ataques a partir da guarda; árbitros e público observam se haverá algum movimento decisivo; o contexto de decisão por árbitros torna cada gesto de firmeza ou erro potencialmente determinante.

Fonte: Elaborado pela autora.

4.2.13.4 *Integração TCA–DE da Luta Final da atleta A3*

O Quadro 39 (A3-08) apresenta a análise integrada das Unidades Táticas da Luta Final da atleta A3, evidenciando como ações observáveis, significações expressas nas autoconfrontações e constrangimentos ecológicos se combinam em cada episódio decisório. Essa integração permite compreender a coerência funcional da tomada de decisão ao longo do combate, sem dissociar os planos técnico, experiencial e situacional da ação.

Quadro 39 – A3-08 – Integração TCA–DE da Luta Final da Atleta A3

(Continua)

ID-UT	Dimensão Tática (no sentido analítico)	Evidências Integradas (vídeo + fala + hexádico + constrangimentos)	Síntese Interpretativa (TCA × DE)
UT-A3-LF-01	Defensiva/ Manutenção	Vídeo mostra a adversária puxando rapidamente para a guarda, enquanto A3 recua, afasta as pernas, tenta emborcar e abraça as pernas da oponente para impedir que esta envolva sua guarda. Na fala, A3 enfatiza que já conhecia o jogo fechado da adversária, que não queria ser presa na guarda em função da envergadura maior da rival e que se sentia segura mantendo as pernas longe, andando para trás e controlando a distância. No hexádico, o engajamento (E) é evitar a instalação da guarda forte e buscar uma posição neutra mais favorável. O representamen (R) é a percepção da adversária buscando conforto, pegadas e laços de guarda. A situação (S) é o início de final equilibrada, contra uma oponente conhecida por travar a luta. Nos constrangimentos de organismo, A3 relata calma, segurança e conforto corporal; na tarefa, o foco é não ser laçada e começar a construir vantagem posicional sem se expor; no ambiente, trata-se de final de grande evento, com forte carga competitiva, mas ainda em zona de tatame relativamente central.	Esta UT mostra a tradução direta da estratégia prévia para a ação: A3 aceita que a adversária puxe para a guarda, mas não aceita ser presa nela. O controle preventivo das pernas e da distância transforma um cenário potencialmente desfavorável em zona neutra sob sua regulação, preservando o plano de evitar a guarda forte e já sinalizando, para árbitros e oponente, que assume o comando espacial do combate mesmo sem pontuar.
UT-A3-LF-02	Manutenção/ Defensiva	Vídeo evidencia um período prolongado de pouca ação visível, com ambas recebendo penalidade por falta de combatividade, enquanto A3 permanece em posição de passagem, postura alta, braços próximos ao corpo, evitando que a adversária estenda os membros para ataques diretos. Fala: na autoconfrontação, A3 relata que pensava no tempo de luta e em manter-se bem arrumada, com postura boa para não ser atacada. Reconhece que a adversária estava parada, o que era confortável para ela, mas afirma que se mantinha atenta aos botes possíveis, fechando o cotovelo e ficando na defensiva, aguardando aproximação da perna rival para tentar correr pela lateral. No hexádico, o engajamento (E) é sustentar uma postura segura, aceitando um ritmo travado desde que sob controle. O representamen (R) é a percepção da possibilidade constante de um bote se os braços esticassem. A situação (S) é de 0 x 0 com uma punição para cada lado. Nos constrangimentos de organismo, a atleta se sente calma e atenta; na tarefa, o objetivo é não ceder ataques nem raspagens precoces; no ambiente, a luta é marcada por baixa fluidez, sob observação atenta da arbitragem.	Esta UT revela um uso tático da aparente inatividade. A3 aceita o jogo travado como parte de sua estratégia, priorizando segurança e leitura do tempo em vez de forçar ações de alto risco. A penalidade mútua é manejada como custo aceitável para manter o controle estrutural da posição e reduzir ao mínimo as oportunidades ofensivas da adversária.

Quadro 39 – A3-08 – Integração TCA–DE da Luta Final da Atleta A3

(Continuação)

ID-UT	Dimensão Tática (no sentido analítico)	Evidências Integradas (vídeo + fala + hexádico + constrangimentos)	Síntese Interpretativa (TCA × DE)
UT-A3-LF-03	Manutenção	No vídeo, a luta segue com A3 em posição de passagem e a adversária em guarda, resultando em nova punição para A3, uma vantagem para a oponente, seguida de punição para a adversária e vantagem para A3, em contexto de pouca variação posicional. Fala: A3 relata que mantinha as pernas atrás para não dar oportunidade de entrada, que a luta ficou um pouco parada e que, apesar das punições, sentia que estava tudo sob controle. No hexádico, o engajamento (E) é continuar negando as entradas da adversária e gerir o tempo e as sanções sem quebrar a estratégia. O representamen (R) inclui a percepção do relógio, do ritmo lento e da troca de punições e vantagens. A situação (S) configura 0 x 0 com duas faltas e uma vantagem para cada lado. Nos constrangimentos de organismo, A3 segue calma, ainda sem relato de fadiga relevante; na tarefa, o foco é administrar a equivalência nas punições mantendo sua estrutura de controle à frente; no ambiente, o combate permanece travado, com forte influência da arbitragem na dinâmica tática.	Esta UT explicita a competência de A3 em usar o regulamento como parte do jogo tático. Ao aceitar a troca de punições e vantagens sem alterar radicalmente sua postura, a atleta reforça a ideia de que o controle espacial e a prevenção de riscos valem tanto quanto a busca de pontuações diretas. O combate é administrado em chave estratégica, em que o critério dos juízes tende a favorecer quem se mostra mais estável e consciente do controle da situação.

Quadro 39 – A3-08 – Integração TCA–DE da Luta Final da Atleta A3

(Continuação)

ID-UT	Dimensão Tática (no sentido analítico)	Evidências Integradas (vídeo + fala + hexádico + constrangimentos)	Síntese Interpretativa (TCA × DE)
UT-A3-LF-04	Ofensiva/Transição	O vídeo mostra A3 intensificando as tentativas de passagem: ela emborca a adversária, alterna direções, aproxima o tronco e busca tirar o quadril da oponente do chão, sem permitir que as pernas alcancem sua base. A fala indica que sua intenção inicial era ser mais explosiva e passar por fora, mas, diante da guarda fechada da adversária, opta por seguir na emborcada, bloqueando os ataques nas pernas. A3 relata que, embora o placar estivesse empatado, sentia-se em vantagem por ter feito mais ataques e posições melhores, arriscando mais que a oponente. No hexádico, o engajamento (E) reorganiza-se para aumentar o protagonismo ofensivo, mas sempre preservando o bloqueio das pernas. O representamen (R) inclui a percepção de que o tempo está se aproximando dos minutos finais e de que a adversária começaria a se expor. A situação (S) é 0 x 0 com vantagens e faltas equilibradas, mas com sensação de maior combatividade por parte de A3. Nos constrangimentos de organismo, há maior ativação, porém ainda sob controle emocional; na tarefa, o objetivo é produzir ações claras de ataque à passagem que pesem na decisão dos árbitros; no ambiente, o clima de final entra na fase decisiva, com expectativa de definição por pequenos detalhes.	Esta UT marca uma mudança qualitativa no combate: A3 passa de um controle predominantemente defensivo para uma ofensividade calibrada. As tentativas de passagem, mesmo sem pontuação, constroem a narrativa de que ela é a atleta que arrisca mais e busca efetivamente a vitória, sem abandonar a proteção das pernas. Taticamente, esta fase produz uma vantagem interpretativa e técnica que será decisiva na avaliação dos juízes.

Quadro 39 – A3-08 – Integração TCA–DE da Luta Final da Atleta A3

(Conclusão)

ID-UT	Dimensão Tática (no sentido analítico)	Evidências Integradas (vídeo + fala + hexádico + constrangimentos)	Síntese Interpretativa (TCA × DE)
UT-A3-LF-05	Defensiva	Vídeo registra momento em que a adversária, na guarda aberta, tenta um estrangulamento nos segundos finais, sem conseguir concluir, enquanto A3 se mantém firme, defendendo e controlando a posição até o toque final. Fala: A3 relata que, faltando cerca de 50 segundos, pensava que não podia errar, conferiu rapidamente se havia ganho alguma vantagem e decidiu manter-se firme e ativa para não sofrer raspagens ou ataques perigosos. Afirma que, na sua cabeça, já se via campeã. No hexádico, o engajamento (E) é preservar o resultado implícito, não cometer erros e sustentar a postura de controle até o fim. O representamen (R) é a sensação de tempo crítico se esgotando e de que qualquer erro poderia inverter a decisão. A situação (S) é de 0 x 0, com faltas e vantagens iguais, mas com percepção de superioridade posicional e de iniciativa ao longo da luta. Nos constrangimentos de organismo, há cansaço acumulado, porém acompanhado de sensação de firmeza e foco. Na tarefa, o desafio é segurar o último ataque e garantir a leitura favorável dos árbitros. No ambiente, o combate entra no clímax, com a decisão por árbitros se desenhando como desfecho provável.	Nesta UT, A3 fecha o seu plano tático com uma defesa lúcida e confiante. Ao administrar o ataque final da adversária sem entrar em pânico e mantendo a atividade até o último segundo, ela reforça a imagem de atleta que controlou o combate, evitou riscos maiores e assumiu a iniciativa nos momentos chave. A vitória por decisão não aparece como acaso, mas como consequência de uma gestão tática coerente da guarda adversária, do tempo de luta e das situações de risco.

Fonte: Elaborado pela autora.

4.2.14 Síntese Interpretativa da Luta Final (A3)

A Luta Final da atleta A3 organiza-se como um combate de controle preventivo e regulação do risco, no qual o problema decisório central não é maximizar ações pontuáveis, mas evitar ser capturada pela guarda longa da adversária e sustentar, ao longo de um confronto prolongado, uma posição de passagem estável que mantenha a luta sob sua regulação. Diferentemente de combates orientados por progressões frequentes ou desfechos por finalização, esta final se estrutura como uma luta de baixa variabilidade técnica e alta exigência estratégica, na qual decidir bem implica saber quando conter, quando sustentar e quando intensificar a iniciativa sem romper a coerência do curso da ação.

Desde o início do combate, a adversária puxa rapidamente para a guarda aberta, instaurando o cenário tático que atravessa praticamente toda a luta. A resposta de A3 é imediata e consistente: afastar as pernas, manter postura elevada, preservar cotovelos fechados e atuar “na porta da guarda”²⁷, evitando laços, ganchos e encaixes profundos, enquanto busca emborcar o quadril da adversária para permanecer em uma zona neutra ligeiramente favorável à passagem. Esse padrão não é episódico; expressa um critério decisório estável, orientado pela leitura prévia da envergadura da oponente e pelo reconhecimento do risco estrutural associado à guarda longa.

Na sequência, o combate entra em blocos prolongados de baixa variabilidade decisória, marcados por disputa posicional contínua, poucas tentativas ofensivas claras e ocorrência de punições mútuas por falta de ação. Longe de representar passividade, esse período revela uma aceitação estratégica da luta travada como parte do plano tático de A3. A atleta administra distância, bloqueia ataques súbitos (“botes”), mantém vigilância constante sobre as pernas adversárias e sustenta uma postura corporal que reduz as possibilidades de raspagem ou finalização por baixo. Fenomenologicamente, a experiência relatada por A3 nesses momentos é de segurança e controle: ao manter as pernas fora do alcance e preservar a estrutura, interpreta que “*estava tudo sob controle*” (A3, entrevista de autoconfrontação), mesmo diante das penalidades distribuídas pela arbitragem.

Esse padrão se mantém mesmo quando surgem vantagens alternadas atribuídas por critério de combatividade. O núcleo da decisão de A3 não se altera: evitar precipitações, sustentar a estrutura posicional e integrar o regulamento como parte do campo informacional

²⁷ Na porta da guarda refere-se à atuação do atleta na zona limítrofe entre a guarda aberta e a passagem propriamente dita, mantendo controle de distância, postura e alinhamento corporal, de modo a impedir encaixes profundos de pernas, ganchos ou laços, ao mesmo tempo em que preserva condições favoráveis para a progressão posicional.

da luta. Nesse ponto, o combate assume também uma dimensão interpretativa: não basta neutralizar riscos; torna-se necessário construir legibilidade tática para a arbitragem, demonstrando iniciativa suficiente sem romper os critérios de segurança que orientam o curso da ação.

Nos minutos finais, observa-se a principal mudança qualitativa do combate. A3 transita de um controle predominantemente defensivo-regulatório para uma ofensividade calibrada, intensificando tentativas de passagem por meio de emborcadas, alternância de lateralidades e busca ativa por retirar o quadril da adversária do solo. Essa intensificação, contudo, não rompe com os princípios que estruturaram toda a luta: cada tentativa ofensiva é acompanhada por bloqueio rigoroso das pernas adversárias e preservação da postura, evitando exposição a raspagens ou entradas profundas. Essa fase produz uma superioridade funcional — ainda que não pontuada — que tende a pesar na leitura final dos árbitros.

O momento de maior risco ocorre nos instantes finais, quando a adversária tenta um estrangulamento a partir da guarda aberta. A resposta de A3 é marcada por lucidez e firmeza: controle de pegadas, manutenção da postura e neutralização do ataque até o cronômetro zerar. O fechamento do combate sintetiza a coerência do curso da ação: evitar ser envolvida, gerir punições e tempo sem perder a estrutura, intensificar a iniciativa quando necessário e, sobretudo, não cometer erros decisivos no clímax da luta. A vitória por decisão da arbitragem emerge, assim, como consequência de uma regulação tática consistente sob constrangimentos elevados do organismo, da tarefa e do ambiente.

À luz do problema investigado — compreender como atletas faixa-preta de jiu-jitsu constroem e mobilizam conhecimento tático em ação durante lutas competitivas oficiais —, a Luta Final da atleta A3 revela um modo de decisão no qual o conhecimento tático se expressa prioritariamente como gestão situada do risco, do tempo e da legibilidade tática perante a arbitragem. Diferentemente de combates orientados por pontuações diretas, o conhecimento em ação manifesta-se na capacidade de manter superioridade funcional sem pontuar, transformando controle posicional, prevenção de riscos e protagonismo interpretativo em critérios decisórios eficazes. Ao ajustar sua ofensividade de forma calibrada e preservar a segurança nos instantes finais, A3 recria continuamente seu conhecimento tático a partir das contingências emergentes da luta, demonstrando que decidir bem, em contextos de elite, implica saber quando atacar, quando sustentar e quando não se expor.

4.2.14.1 *Modelo tático fenomenológico-ecológico da Luta Final (A3)*

O conjunto das Unidades Táticas analisadas na Luta Final da atleta A3 revela um modelo decisório orientado prioritariamente pela regulação preventiva do risco, no qual a tomada de decisão não se organiza em torno da busca imediata por pontuação, mas da sustentação de um curso da ação funcionalmente coerente frente às ameaças impostas pela guarda longa da adversária e pelas exigências específicas de um combate final.

A primeira macroestrutura organizadora do modelo é a negação preventiva da guarda adversária como problema decisório central. A3 mobiliza decisões orientadas à manutenção da distância funcional entre seu corpo e as pernas da oponente, preservando postura elevada, cotovelos fechados e controle de pegadas. A atuação recorrente “na porta da guarda”, associada a tentativas de emborcada sem comprometimento excessivo do equilíbrio, evidencia um modo de perceber e agir no qual a guarda do adversário não é tratada como espaço de engajamento ofensivo, mas como zona a ser neutralizada.

A segunda macroestrutura corresponde à gestão estratégica do tempo, do ritmo e do regulamento como componentes constitutivos da decisão. A aceitação consciente da luta travada e das punições por falta de ação revela um conhecimento tático que integra o regulamento como parte do campo informacional do combate. Nesse modelo, decidir envolve não apenas executar ações, mas sustentar uma imagem tática de controle e iniciativa, capaz de orientar a leitura da arbitragem sem gerar exposição desnecessária.

A terceira macroestrutura refere-se à ofensividade calibrada em momentos críticos, acionada de forma pontual e regulada. Nos minutos finais, A3 intensifica tentativas de passagem e pressão posicional, sem abandonar os critérios de segurança que estruturam todo o combate. Essa transição controlada revela sensibilidade ao tempo restante e à necessidade de sinalizar protagonismo decisório sem romper a coerência do curso da ação.

O fechamento da luta consolida esse modelo. Diante da tentativa final de estrangulamento, A3 prioriza a defesa lúcida e a preservação da estrutura até o encerramento do tempo regulamentar. Assim, o conhecimento tático em ação manifesta-se como capacidade de sustentar coerência funcional sob pressão máxima, integrando percepção situada, regulação emocional e leitura estratégica do contexto competitivo.

Em termos gerais, o modelo tático fenomenológico-ecológico da Luta Final (A3) evidencia um modo de tomada de decisão no qual decidir é regular o curso da ação em situação, mantendo controle, prevenindo riscos decisivos e mobilizando o regulamento como parte ativa da estratégia, em consonância com abordagens fenomenológico-ecológicas da tomada de

decisão em esportes de oposição complexos (Theureau, 2014; Araújo; Davids, 2009; Davids; Button; Bennett, 2008).

4.2.15 Síntese Interpretativa Intracaso (A3)

4.2.15.1 *Modelo táctico fenomenológico-ecológico a partir da integração TCA–DE das Lutas 1 e Final (A3)*

A análise integrada da Luta 1 e da Luta Final da atleta A3 revela uma competidora cujo conhecimento táctico em ação se organiza pela capacidade de reconhecer rapidamente o problema decisório dominante, reorganizar o plano sem perda de coerência e regular o risco de forma situada, articulando tempo, placar, postura corporal e leitura das intenções adversárias (Theureau, 2014; Gibson, 1979; Araújo; Davids; Serpa, 2005). Embora os dois combates apresentem lógicas distintas — a Luta 1 marcada por oscilação e virada a partir da guarda, e a Final caracterizada por controle preventivo por cima e negação sistemática da guarda longa —, ambos evidenciam um mesmo princípio regulador: A3 decide melhor quando consegue estabilizar o cenário, transformar informações do ambiente em critérios práticos de ação e alternar, com precisão temporal, paciência estratégica e explosão temporalmente ajustada.

Na Luta 1, A3 inicia com intenção de impor o jogo por cima, mas é surpreendida pela puxada rápida para a guarda e pela raspagem sofrida, abrindo 2×0. O elemento central do intracaso não é a desvantagem em si, mas a forma como a atleta reorganiza o curso da ação diante dessa ruptura. A3 aceita a necessidade de “trocar o jogo”, estabiliza a guarda, identifica a postura fechada da adversária para administrar o placar e sustenta uma calma ativa, insistindo em pegadas, criação de espaço e leitura paciente de desequilíbrios. Nessa macrofase, o conhecimento táctico em ação manifesta-se como competência regulatória: manter lucidez sob placar adverso, interpretar o tempo disponível e persistir na construção de condições para reação, sem recorrer a decisões precipitadas.

A virada ocorre quando A3 converte essa longa fase de organização em iniciativa ofensiva integrada. A partir da guarda aranha, ameaça variações, acelera a ação, ataca no armlock, conquista vantagem e realiza a raspagem que empata em pontos e a coloca à frente no critério de vantagem. Esse episódio sintetiza como A3 mobiliza conhecimento táctico em ação: (i) acessa repertório treinado; (ii) reconhece o instante adequado para intensificar; e (iii) transforma um evento técnico em consequência estratégica, mudando imediatamente o foco decisório — de atacar para virar, para proteger e manter. Nos instantes finais, fecha a luta com

gestão madura do risco: lê o tempo curto e puxa para a guarda como decisão de contenção, neutralizando possibilidade de pontuação adversária e assegurando a vitória.

Na Luta Final, o eixo decisório se desloca. O problema central deixa de ser “como virar o placar” e passa a ser “como não ser capturada pela guarda longa” e “como sustentar controle interpretável pela arbitragem em um combate travado”. Desde o início, A3 mobiliza um plano preventivo: aceita a guarda, mas recusa ser envolvida; afasta as pernas, mantém postura elevada, fecha cotovelos e trabalha sistematicamente “na porta da guarda”, buscando emborcada e controle de pernas antes de qualquer progressão. A luta entra, então, em trechos prolongados de baixa variabilidade, com punições e vantagens alternadas. A3 utiliza esse cenário como campo de regulação: mantém estrutura, vigia ataques súbitos e sustenta a leitura de que o controle permanece com ela, mesmo sem produzir pontuação.

Nos minutos finais, eleva a iniciativa ofensiva com tentativas mais claras de passagem em emborcada e alternância de lados — uma ofensividade calibrada, acionada sem abandonar critérios de segurança. O fechamento ocorre com defesa lúcida da tentativa de estrangulamento, controle de pegadas e manutenção da postura até o cronômetro zerar, assegurando a vitória por decisão.

Do cruzamento entre Luta 1 e Final emerge um modelo intracaso consistente: A3 decide a partir da articulação entre controle posicional seguro e explosões temporalmente ajustadas de ataque, escolhendo com precisão quando insistir, quando sustentar e quando travar o risco em função do tempo e do placar. Em termos fenomenológico-ecológicos, sua tomada de decisão é sustentada por três princípios reguladores:

1. Reconfiguração do plano sob surpresa: quando o cenário muda, A3 reorganiza o engajamento e redefine a tarefa do momento.
2. Paciência estratégica com vigilância ativa: aceita trechos travados sem confundir calma com passividade, mantendo estrutura e leitura contínua da adversária.
3. Explosão seletiva e fechamento regulatório: acelera quando a oportunidade emerge e fecha o jogo quando o risco sobe nos instantes decisivos.

À luz do objetivo geral desta tese, o intracaso A3 evidencia que esse conhecimento se manifesta como competência de regulação situada, e não como aplicação de sequências fixas. A3 mobiliza repertórios treinados, mas, sobretudo, recria o próprio plano em tempo real a partir das contingências da luta: surpresa inicial, travamentos prolongados, guarda longa, punições, cronômetro e leitura da arbitragem. Assim, a atleta vence não apenas por executar técnicas, mas por interpretar o combate enquanto ele acontece, escolhendo com precisão quando sustentar, quando intensificar e quando proteger o resultado.

A seguir, apresenta-se o Quadro 40, que sintetiza o modelo tático fenomenológico-ecológico intracaso da atleta A3, integrando os achados da Luta 1 e da Luta Final em um esquema comparativo articulado.

Quadro 40 – A3-09 – Modelo Intracaso TCA–DE do Atleta A3

(Continua)

Dimensão Analítica	Descrição Integrada (TCA × DE)	Evidências e Referências (revisadas)
1. Núcleo tático-perceptivo	A3 organiza a decisão pela regulação do risco (postura, pernas, cotovelos, tempo/placar) e pela alternância entre paciência estratégica e explosão seletiva.	Reorganização após puxada rápida e raspagem sofrida (L1); controle preventivo da guarda longa e manutenção da postura por cima (Final). (Theureau, 2014; Newell, 1986).
2. Função da guarda / por cima (comparação)	Luta 1: guarda como espaço de reorganização e virada. Final: jogo por cima como plataforma de controle preventivo (“porta da guarda”).	Guarda aranha como base de ataque (armlock → raspagem → manutenção) na L1; afastamento de pernas, emborcada e negação de laço/gancho na Final. (Gibson, 1979; Davids; Button; Bennett, 2008).
3. Estruturas táticas dominantes	L1: defesa sob 2×0 → virada → fechamento. Final: prevenção → gestão de luta travada → ofensividade calibrada + defesa final.	UTs de virada com armlock e raspagem (L1); UTs de controle por cima, punições, intensificação final de passagem e defesa do estrangulamento (Final). (Poizat; Saury; Sève, 2013).
4. Processos decisórios fenomenológicos	Decisões emergem da leitura situada do adversário, associada à calma ativa, vigilância corporal e consciência do tempo.	Verbalizações: “ <i>tive que trocar a estratégia</i> ”, “ <i>tava tudo sob controle</i> ”, “ <i>não podia errar</i> ”. Ajustes contínuos de pegada, postura e distância. (Theureau, 2014; Vermersch, 2011).
5. Regulação e gestão estratégica	L1: gestão do placar como motor de reação. Final: gestão do regulamento e da combatividade em cenário de 0×0.	Uso da vantagem após raspagem e puxada final para guarda (L1); aceitação de punições mútuas, controle da iniciativa e vitória por decisão (Final). (Araújo; Davids; Serpa, 2005; Saury; Durand, 1998).
6. Integração dos constrangimentos (O–T–A)	Organismo: controle emocional e fadiga de pegadas; Tarefa: virar placar vs. não ser capturada pela guarda longa; Ambiente: pressão de final e leitura da arbitragem.	Ajustes de postura sob fadiga; proteção das pernas e cotovelos; leitura do cronômetro e dos critérios de punição/combatividade. (Newell, 1986; Araújo, 2009).

Quadro 40 – A3-09 – Modelo Intracaso TCA–DE do Atleta A3

(Conclusão)

Dimensão Analítica	Descrição Integrada (TCA × DE)	Evidências e Referências (revisadas)
7. Perfil tático integrado – “dupla face”	(i) Paciente-reguladora; (ii) Seletiva-explosiva.	Explosão ofensiva seletiva (armlock e raspagem) na L1; intensificação final da passagem e defesa firme do ataque decisivo na Final. (Barris; Davids; Farrow, 2013).
8. Síntese final do caso	Alta adaptabilidade e domínio da regulação situada do risco como eixo decisório central.	Capacidade de vencer sem pontuar na Final; uso do controle posicional, do tempo e da iniciativa como critério decisório. (Theureau, 2014; Araújo; Davids, 2009).

Fonte: Elaborado pela autora.

4.2.16 Atleta A4 – Primeira Luta (Luta 1)

A análise descritivo-funcional da Luta 1 da atleta A4, evidencia um combate de curtíssima duração, elevada objetividade tática e resolução precoce por meio de uma sequência funcional claramente identificável: defesa da tentativa de queda → contra-ataque → controle por cima → finalização. Diferentemente das lutas analisadas anteriormente, marcadas por maior densidade decisória e prolongamento do curso da ação, este combate caracteriza-se pelo encurtamento deliberado do percurso tático, com baixa variabilidade de ações e desfecho ainda no primeiro terço do tempo regulamentar.

No que se refere às ações técnico-táticas, observa-se predominância das disputas de pegadas em pé, que correspondem a 40% do total de ações registradas (Tabela 15). Esse dado indica que o combate se estrutura inicialmente a partir do engajamento direto em pé, no qual a atleta A4 regula distância, base e controle corporal da adversária, criando as condições para a transição decisiva ao solo. As demais ações distribuem-se de forma equilibrada entre tentativa de queda, queda efetiva por contra-ataque e finalização por estrangulamento, cada uma representando 20% das ocorrências, o que revela um padrão de conversão imediata das interações iniciais em progressão ofensiva, sem dispersão em ações intermediárias.

No plano posicional, a distribuição confirma essa lógica de progressão direta. As posições em pé e de clinch/transição para o solo concentram, cada uma, 40% das ocorrências (Tabela 16), evidenciando que a luta permanece majoritariamente no domínio das disputas iniciais e das transições curtas. A posição de passagem de guarda/meia-guarda por cima,

embora registrada apenas uma vez (20%), desempenha papel decisivo no curso da ação, pois constitui o ambiente posicional a partir do qual a finalização é imediatamente aplicada.

Esse padrão posicional indica que o combate não se desenvolve em ciclos prolongados de ataque e defesa, mas em uma sequência funcional integrada, na qual A4 neutraliza a iniciativa ofensiva da adversária, impõe o contra-ataque, consolida o controle superior e encerra o confronto de forma eficiente. A baixa variabilidade de posições, nesse caso, não expressa limitação tática, mas elevada precisão decisória, orientada para a resolução rápida do problema competitivo apresentado.

De maneira geral, a Luta 1 da atleta A4 caracteriza-se por baixa variabilidade decisória, alta eficiência tática e forte orientação para a resolução precoce do combate, com mínima dispersão de ações e ausência de fases intermediárias prolongadas. Esse pano de fundo descritivo-funcional fornece o contexto empírico necessário para a análise fenomenológico-ecológica apresentada a seguir, na qual se examina como a atleta constrói e mobiliza conhecimento tático em ação em situações de curta duração e elevada exigência decisória.

Tabela 15 – Frequência das ações técnico-táticas predominantes na Luta 1 da atleta A4

Ação técnico-tática	Frequência	Percentual (%)
Disputa de pegadas em pé (Clinch)	2	40,0
Tentativa de queda	1	20,0
Queda efetiva por contra-ataque	1	20,0
Finalização por estrangulamento	1	20,0
Total	5	100,0

Fonte: Elaborada pela autora.

Tabela 16 – Frequência das posições de luta predominantes na Luta 1 da atleta A4

Posição de luta	Frequência	Percentual (%)
Posição em pé	2	40,0
Clinch / transição para o solo	2	40,0
Posição de passagem / meia-guarda por cima	1	20,0
Total	5	100,0

Fonte: Elaborada pela autora.

4.2.16.1 Log de Eventos / Unidades Táticas (UTs) da Luta 1 da atleta A4

O Quadro 41 (A4-01) apresenta a segmentação da Luta 1 da atleta A4 em Unidades Táticas (UTs), delimitadas a partir de mudanças no problema decisório central ao longo do combate. Cada UT corresponde a um episódio funcionalmente coerente do curso da ação, estruturando o fluxo da luta e servindo como base empírica para a análise articulada entre ação observável, organização tática e experiência vivida.

Quadro 41 – A4-01 – Log de Eventos / Unidades Táticas (UTs) da Luta 1 da atleta A4

ID-UT	Timecode in	Timecode out	Descrição objetiva (ação observável)	Dimensão tática (no sentido analítico)	Observações
UT-A4-L1-01	09:57	08:48	Luta inicia em pé com disputa de <i>clinch</i> ; adversária tenta uma queda do tipo <i>seoi-nage</i> ; A4 defende o ataque, gira pelas costas e cai por cima, iniciando controle do tronco adversário.	Defensiva → Ofensiva (Transição)	Episódio marcado por leitura rápida da queda adversária, defesa eficiente e conversão imediata em situação vantajosa por cima. Defesa ativa transforma ameaça em oportunidade.
UT-A4-L1-02	08:47	08:08	A4 pressiona por cima após a defesa da queda; adversária ameaça nova entrada de queda, mas A4 contra-ataca fazendo a oponente descer para meia-guarda; arbitragem considera como queda a favor de A4 (2 pontos).	Ofensiva	A4 insiste no plano inicial de quedar, mas converte o contra-ataque em placar. Episódio inclui pequeno momento de desequilíbrio e necessidade de reorganização posicional por causa da potência da adversária.
UT-A4-L1-03	08:09	00:00	Da meia-guarda por cima, A4 tenta a guarda <i>knee cut</i> (desliza um dos joelhos por dentro da guarda do adversário), pressiona o pescoço com pegada de “amassa pão”, avança para montada, mas a adversária bate antes que a passagem se complete. Finalização é declarada.	Ofensiva	A4 usa estrangulamento como pressão para liberar a perna e chegar à montada; ataque produz finalização antes do objetivo posicional. Combinação de pressão no pescoço com avanço para montada resulta no desfecho.

(Legenda geral apresentada anteriormente na seção de Metodologia.)

Fonte: Elaborado pela autora.

4.2.16.2 *Ancoragem Temporal (vídeo ↔ fala) da Luta 1 da atleta A4*

O Quadro 42 (A4-02) apresenta a ancoragem temporal das Unidades Táticas da Luta 1 da atleta A4, articulando cada episódio identificado no vídeo aos trechos de fala produzidos na entrevista de autoconfrontação. Esse procedimento permite reconstruir o sentido atribuído pelo atleta às suas ações no próprio desenrolar do combate, conectando a experiência vivida à dinâmica observável da luta.

Quadro 42 – A4-02 – Ancoragem Temporal (Vídeo ↔ Fala) da Luta 1 da Atleta A4

ID-UT	Trecho da fala (autoconfrontação)	Paráfrase/sentido central	Evidência no vídeo
UT-A4-L1-01	<i>“Então, para essa luta em si, eu queria tentar quedar. Minha estratégia era entrar com uma queda, mas ela acabou tentando me quedar no Seoi Nage, e eu consegui defender indo para as costas. Eu queria buscar essa pegada em cima, porque me sinto forte nela. [...] Eu não queria que ela chegasse perto. [...] Quando ela tentou entrar, foi uma surpresa, eu não esperava essa queda. É uma queda arriscada pra ela, então isso me favoreceu um pouco.”</i>	A4 entra a luta com plano de aplicar sua queda preferida, baseada em pegadas altas e domínio da manga. A adversária ataca primeiro com um <i>Seoi Nage</i> (projeção por cima das costas), o que surpreende A4. Ela interpreta a ação adversária como arriscada e reage instintivamente, defendendo e girando para as costas. Seu foco tático é impedir que a adversária se aproxime e recuperar o comando da disputa de pegadas.	Luta inicia em pé com disputa intensa de pegadas. Adversária entra no <i>Seoi Nage</i> ; A4 defende girando pelas costas, obtém controle por trás e estabiliza a posição inicial em vantagem posicional, coerente com o que descreve como reação “instantânea”.
UT-A4-L1-02	<i>“Aqui minha intenção era realmente tentar quedar, mas estava difícil. Ela tem uma base muito boa, gira bem para fora. [...] No meu planejamento já era quedar ela antes. [...] Na hora que ela me dá essa queda, eu consigo ficar por cima. [...] Aqui eu comecei a me desesperar um pouco, eu queria logo passar. O coach pediu para eu tirar o joelho. Eu estava um pouco perdida da posição.”</i>	A4 reforça que seu plano tático inicial era a queda, mas reconhece que a base da adversária dificulta a execução. No contra-ataque, ela cai por cima e recebe os 2 pontos. Ao chegar na meia-guarda superior, sente desorganização momentânea, tenta acelerar a passagem e responde às instruções do corner.	Após a defesa inicial, A4 cai por cima e marca 2 pontos. O vídeo mostra adversária resistindo com base forte enquanto A4 tenta estabilizar a meia-guarda, remove o joelho e busca iniciar a passagem, confirmando a “desorientação momentânea” e a pressa descrita na fala.
UT-A4-L1-03	<i>“Eu estava tentando primeiro fazer o knee cut, mas acabei indo para a montada com estrangulamento. [...] Eu uso esse ‘amassa pão’ para distrair e tirar a perna. Não quero nem finalizar; quero a montada para pontuar. [...] Normalmente a pessoa cede a meia, mas acho que eu estava com muita pressão, então ela bateu. [...] Eu escolhi esse caminho porque foi o caminho que a luta me deu. [...] Meu intuito era ir para a montada, mas se aparecesse finalização eu ia. Nesse momento eu só queria ser campeã.”</i>	A4 planeja a passagem por <i>knee cut</i> , usando o estrangulamento “amassa pão” como tática de indução (incomodar para abrir espaço). A intenção principal é chegar à montada e pontuar, mas a pressão aplicada resulta em finalização antes da transição. Ela interpreta sua decisão como coerente com o fluxo emergente da luta: seguir o caminho que o adversário oferece, priorizando controle e progressão.	No vídeo, A4 pressiona na meia-guarda, segura a gola para o estrangulamento, força o tronco da adversária, e em poucos segundos ela bate antes da montada ser completada. O movimento corresponde exatamente à estratégia relatada: <i>knee cut</i> → pressão → estrangulamento que “funciona” antes da transição.

Nota metodológica: Os *timecodes* completos são apresentados apenas nos Quadros de Segmentação das Unidades Táticas que constituem o registro formal da delimitação dos episódios decisórios. Nos Quadros de Ancoragem Vídeo-Fala, optou-se por omitir os *timecodes*, a fim de facilitar a leitura e enfatizar a relação entre experiência vivida e ação observável, mantendo-se a referência às mesmas UTs.

Fonte: Elaborado pela autora.

4.2.16.3 *Codificação TCA e Constrangimentos (DE) da Luta 1 da atleta A4*

O Quadro 43 (A1-03) sintetiza a codificação das Unidades Táticas da Luta 1 da atleta A4, articulando os componentes do signo hexádico da Teoria do Curso da Ação com os constrangimentos ecológicos do organismo, da tarefa e do ambiente. Cada UT é acompanhada de um título funcional, construído a partir de sua relevância no curso da luta, integrando explicitamente o plano fenomenológico da experiência com a organização situacional da ação.

Quadro 43 – A4-03 – Signo hexádico (TCA) e Constrangimentos (DE) da Luta 1 da Atleta A4

(Continua)

TCA/DE	UT01 - Defesa da tentativa de queda (<i>Seoi-Nage</i>) e chegada por cima a partir do <i>clinch</i> em pé	UT02 - Consolidação da queda planejada e estabilização por cima na meia-guarda	UT03 - Passagem em meia-guarda com estrangulamento “amassa pão” e finalização
Engajamento - E	Entrar na luta buscando impor seu jogo em pé: construir pegadas fortes (gola e manga, pegada alta nas costas), preparar a própria queda e, ao mesmo tempo, não permitir que a adversária se instale com pegadas confortáveis. Ao sentir a entrada da queda de <i>Seoi-Nage</i> da oponente, o engajamento desloca-se para defender bem, não ser projetada e aproveitar a ação adversária para ficar por cima, de preferência alcançando costas ou controle superior.	Manter o plano inicial de quedar mesmo diante da base “chata” e bem estruturada da adversária. A intenção é “chegar na minha queda”, usar o contra-ataque quando ela sinaliza nova tentativa de queda e consolidar o cenário preferido: ficar por cima na meia-guarda, começando a construir caminho de passagem. Em seguida, transformar rapidamente a posição conquistada em progresso ofensivo, buscando sair da meia-guarda e estabelecer controle mais estável.	Priorizar o domínio por cima, usando a meia-guarda como plataforma para passagem e, idealmente, montada. Engajar o estrangulamento “amassa pão” como recurso de pressão e desconforto para liberar a perna, mais do que como objetivo final de finalização. Manter o foco em fazer “o que já faz nos treinos”: buscar montada, pontuar, controlar e, se a finalização surgir no caminho (como acontece), aceitar o desfecho para encerrar a luta da forma mais eficiente.
Situação - S	Início da luta em campeonato de alto nível, categoria superpesado, com ambas em pé em disputa de <i>clinch</i> /pegadas. A4 tenta construir sua pegada forte acima da cabeça e nas costas, enquanto percebe a adversária “matando” sua pegada e mantendo distância. A situação se torna crítica quando a oponente entra em uma queda de <i>seoi</i> considerada arriscada, podendo inverter completamente o início da luta caso A4 seja projetada de forma limpa. Placar ainda 0 x 0.	Após a sequência inicial, a adversária volta a sinalizar entradas de queda, e A4 responde em contra-ataque, fazendo a rival descer para a meia-guarda e marcando 2 x 0 por queda a seu favor. A situação envolve equilíbrio entre o peso elevado da categoria e o desafio de manter a oponente no chão, enquanto A4 ainda sente certa adrenalina e relata um início de “desespero” para passar. O <i>coach</i> orienta a tirar o joelho, lembrando uma posição que faz com frequência nos treinos.	Com A4 por cima na meia-guarda, já em vantagem no placar (2 x 0) e em posição de passagem, a adversária tenta resistir e manter a perna presa. A luta continua na zona de chão, com A4 trabalhando o <i>knee cut</i> e, em seguida, encaixando o estrangulamento “amassa pão”. O contexto é de luta que se encaminha para desfecho rápido, com A4 confiando no seu repertório e já pensando na sequência do campeonato, sabendo que as próximas lutas serão “mais duras e explosivas”.

Quadro 43 – A4-03 – Signo hexádico (TCA) e Constrangimentos (DE) da Luta 1 da Atleta A4

(Continuação)

TCA/DE	UT01 - Defesa da tentativa de queda (<i>Seoi-Nage</i>) e chegada por cima a partir do <i>clinch</i> em pé	UT02 - Consolidação da queda planejada e estabilização por cima na meia-guarda	UT03 - Passagem em meia-guarda com estrangulamento “amassa pão” e finalização
Representamen - R	Percepção forte da importância das pegadas iniciais: sentir que a pegada alta nas costas e o domínio da manga são “<i>pegadas que me deixam muito forte</i>”. Ao mesmo tempo, sensação de surpresa quando a adversária entra na queda de <i>seoi</i> – “<i>não esperava que ela fosse tentar essa queda</i>” – e julgamento de que se trata de um movimento arriscado para a oponente, justamente por confiar na própria capacidade de defender quedas. A ação da adversária é interpretada como oportunidade que “<i>me favoreceu um pouco na luta</i>”.	Percepção da base muito boa da adversária (“<i>base chata</i>”), dificuldade em girar e derrubar alguém do mesmo peso em disputa de <i>clinch</i> prolongada. Leitura de que precisa insistir mentalmente no plano – “<i>na minha cabeça estava o tempo todo: eu preciso chegar na minha queda</i>” – ao mesmo tempo em que sente, no corpo, a oscilação entre confiança e leve desespero quando não encontra passagem imediata. <i>Feedback</i> auditivo do <i>coach</i> (“<i>tirar o joelho</i>”) funciona como lembrete de um padrão técnico conhecido, ajudando a reorganizar a ação.	Percepção da eficácia do “amassa pão” como posição “<i>boba, mas que incomoda</i>” e costuma funcionar. Sensação de confiança por estar aplicando um recurso que usa frequentemente para abrir a meia-guarda e chegar na montada. Representação de que o caminho escolhido “<i>foi o caminho que a luta me deu</i>”: mesmo que a intenção principal fosse chegar à “americana” (chave de ombro que imobiliza o braço do adversário em forma de “L”, aplicando pressão na articulação para forçar a desistência) a partir da montada, o corpo da adversária cede à pressão no pescoço antes disso. Experiência subjetiva de foco total no objetivo maior – “<i>nesse momento, só passava na minha mente que eu só queria ser campeã</i>”.

Quadro 43 – A4-03 – Signo hexádico (TCA) e Constrangimentos (DE) da Luta 1 da Atleta A4

(Continuação)

TCA/DE	UT01 - Defesa da tentativa de queda (<i>Seoi-Nage</i>) e chegada por cima a partir do <i>clinch</i> em pé	UT02 - Consolidação da queda planejada e estabilização por cima na meia-guarda	UT03 - Passagem em meia-guarda com estrangulamento “amassa pão” e finalização
Unidade de ação - U	Disputa de <i>clinch</i>, A4 busca pegada alta nas costas e controle de manga, enquanto tenta aproximar-se para encaixar a própria queda. A adversária neutraliza parte dessas pegadas e mantém certa distância. Em seguida, entra em uma tentativa de <i>Seoi Nage</i>; A4 reage instintivamente, defendendo a projeção, girando o corpo e conseguindo ficar por cima / avançar para situação de costas ou controle superior, frustrando o plano da oponente e mantendo-se em posição favorável.	A partir da situação em pé e da sinalização de nova queda da adversária, A4 encaixa um contra-ataque que leva a rival ao solo, caindo por cima na meia-guarda e pontuando 2 x 0. Logo depois, tenta organizar a passagem, inicia ajustes para tirar o joelho e liberar a perna, mas sente que ainda está “um pouco perdida” pela adrenalina, enquanto a adversária consegue levantá-la um pouco e interromper a estabilização completa da posição. A4 alterna esforço de controle com escuta às orientações do <i>coach</i> para retomar o padrão técnico conhecido.	A4 trabalha inicialmente o <i>knee cut</i>, buscando passar a guarda pela lateral. Ao encontrar resistência, ajusta a mão no pescoço da adversária, instalando o estrangulamento “amassa pão”. Mantém a pressão no pescoço e no peito, esperando que a oponente ceda a meia-guarda para engatar a montada e, a partir daí, progredir para finalizações do tipo americana. No entanto, a pressão aplicada é suficientemente forte para que a adversária bata ainda na meia-guarda, encerrando a luta por finalização antes da montagem completa.
Potencial de ação - A	Transformar a defesa da queda de <i>seoi</i> em posição claramente vantajosa: ficar por cima, chegar às costas ou, ao menos, instalar um controle que abra caminho para queda pontuando a seu favor. A partir dessa defesa bem sucedida, consolidar o plano de luta por cima, reduzir a confiança da adversária em novas entradas arriscadas e começar a conduzir o combate no terreno tático que considera mais favorável.	Consolidar o 2 x 0 obtido na queda, estabilizando o controle por cima na meia-guarda e iniciando caminho de passar para “100 kg” ou montada. Minimizar o tempo “perdida” na posição, retomar as rotinas treinadas (retirar o joelho, pesar no tronco) e transformar a vantagem inicial em domínio mais estável, sem permitir inversões ou retornos prolongados à luta em pé.	Converter o controle da meia-guarda em domínio ainda maior (montada, americana), preservando a possibilidade de finalizar em diferentes momentos do caminho. Manter a opção de pontuar por passagem e montada, mas aceitar a finalização se a adversária ceder antes. Criar um padrão de pressão constante que, além de encerrar a luta, economiza energia para as próximas etapas do campeonato.

Quadro 43 – A4-03 – Signo hexádico (TCA) e Constrangimentos (DE) da Luta 1 da Atleta A4

(Continuação)

TCA/DE	UT01 - Defesa da tentativa de queda (Seoi-Nage) e chegada por cima a partir do <i>clinch</i> em pé	UT02 - Consolidação da queda planejada e estabilização por cima na meia-guarda	UT03 - Passagem em meia-guarda com estrangulamento “amassa pão” e finalização
Interpretação-I	<i>“Na real, assim, eu interpreto o movimento dela como uma surpresa [...] eu não esperava que ela fosse fazer essa queda [...] é uma queda arriscada pra ela, então isso me favoreceu um pouco na luta”. A4 interpreta que defender bem uma tentativa de queda arriscada confirma sua competência defensiva em pé e a coloca na situação tática que desejava – ficar por cima – mesmo que o movimento dela não estivesse exatamente planejado daquela forma.</i>	<i>“Aqui minha intenção era realmente tentar quedar [...] no meu planejamento já era quedar ela antes [...] na minha cabeça estava o tempo todo: eu preciso chegar na minha queda [...] aqui eu comecei a me desesperar um pouco, eu queria logo passar”. A4 interpreta que a queda concretiza o plano que havia traçado, mas reconhece que a ansiedade para passar rapidamente quase a tira do padrão técnico que domina, exigindo apoio do coach para retomar a organização da posição.</i>	<i>“Minha intenção era ir para a montada [...] na real esse estrangulamento eu uso pra ir pra montada, eu não quero nem finalizar [...] eu sabia que se eu botasse a mão no pescoço dela ela ia ceder a passagem [...] só que ela acabou batendo antes de eu chegar na montada [...] é uma posição boba, mas que funciona [...] nesse momento, só passava na minha mente que eu só queria ser campeã”. A4 interpreta que a escolha do “amassa pão” como recurso de passagem confirma sua leitura prática da luta: seguir o caminho que a situação oferece, usando uma posição simples porém eficiente, capaz tanto de abrir espaço quanto de finalizar.</i>
Constrangiment os Organismo	Corpo preparado para luta de 10 minutos em categoria superpesado, com alta demanda de força e resistência. No início, ativação fisiológica elevada pela importância do campeonato e pelo retorno competitivo, mas com sensação de confiar muito na própria defesa de quedas. A percepção de surpresa na tentativa de <i>Seoi Nage</i> é filtrada por essa confiança corporal, permitindo reação rápida.	Fadiga ainda baixa, porém com sensação de esforço crescente pela disputa de base em pé contra adversária do mesmo peso. A4 relata início de “desespero” para passar, reflexo da combinação entre adrenalina, peso da categoria e desejo de fazer a luta andar. A regulação fisiológica passa a exigir mais consciência para não “apagar” o repertório técnico em função da emoção.	Fadiga localizada em pegadas e tronco, mas com sensação de confiança na posição por cima e no estrangulamento utilizado com frequência. A segurança no “amassa pão” permite que aplique pressão sem se desgastar em movimentos desnecessários. A vontade de “só ser campeã” sintetiza um estado em que esforço físico, foco mental e objetivo competitivo se integram.

Quadro 43 – A4-03 – Signo hexádico (TCA) e Constrangimentos (DE) da Luta 1 da Atleta A4

(Conclusão)

TCA/DE	UT01 - Defesa da tentativa de queda (<i>Seoi-Nage</i>) e chegada por cima a partir do <i>clinch</i> em pé	UT02 - Consolidação da queda planejada e estabilização por cima na meia-guarda	UT03 - Passagem em meia-guarda com estrangulamento “amassa pão” e finalização
Constrangiment os Tarefa	Iniciar a luta sem ceder quedas ou posições ruins em pé, construir pegadas que lhe deem segurança e manter a adversária longe de pegadas confortáveis na gola. Ao surgir a tentativa de Seoi Nage, a tarefa é defender a projeção, não cair em posição desvantajosa e, se possível, transformar a defesa em cenário de controle (por cima/costas).	Com a luta caminhando para o solo e A4 marcando 2 x 0, a tarefa principal é consolidar a vantagem: estabilizar a meia-guarda, impedir que a adversária se levante ou reverta e organizar uma passagem clara. Ao mesmo tempo, precisa ajustar o próprio ritmo para não desperdiçar energia em esforços desordenados, alinhando o desejo de “passar logo” com a necessidade de precisão tática.	A tarefa é ampliar/confirmar a superioridade posicional e encaminhar o desfecho do combate, de preferência com pontuação sólida (passagem e montada) e/ou finalização. A4 precisa manter pressão suficiente para fazer a adversária ceder a meia-guarda, sem perder o controle do tronco ou abrir espaços para variações defensivas. A possibilidade de finalização antecipada surge como consequência direta da execução eficiente dessa tarefa.
Constrangiment os Ambiente	Arena de grande campeonato, clima de alta expectativa, retorno de A4 a um cenário competitivo em que carrega histórico de resultados e autocobrança. Início da luta em área central do tatame, com bastante espaço para deslocamentos em pé e interação intensa de <i>clinch</i> , sob olhar atento de árbitro e público.	Combate desloca-se parcialmente para a borda da área de luta, com tentativas de queda e luta passando a acontecer próxima à linha de limite, o que aumenta a necessidade de controle espacial. O ambiente competitivo (barulho, orientações dos <i>corners</i> , pressão de resultado) potencializa a adrenalina, ao mesmo tempo em que exige leitura da posição para não perder o controle na meia-guarda.	Luta concentrada na zona de chão, em espaço relativamente estável do tatame, com menos deslocamentos amplos. O ambiente segue marcado pela energia do campeonato, mas a atenção se volta para o detalhe técnico da pressão no pescoço, na meia-guarda. A proximidade de outras áreas de luta, o ruído e o clima de decisão reforçam o caráter simbólico de finalizar de forma “simples e eficiente”, confirmando perante público, árbitros e a própria atleta que o plano tático por cima funcionou plenamente.

Fonte: Elaborado pela autora.

4.2.16.4 *Integração TCA–DE da Luta 1 da atleta A4*

O Quadro 44 (A4-04) apresenta a análise integrada das Unidades Táticas da Luta 1 da atleta A4, evidenciando como ações observáveis, significações vividas e constrangimentos ecológicos se combinam em cada episódio decisório. Nessa etapa, a Unidade Tática é tratada como unidade intermediária de análise, permitindo articular, de forma situada, os níveis técnico-tático, experiencial e contextual da tomada de decisão.

Quadro 44 – A4-04 – Integração TCA–DE da Luta 1 da Atleta A4

(Continua)

ID-UT	Dimensão Tática (no sentido analítico)	Evidências Integradas (vídeo + fala + hexádico + constrangimentos)	Síntese Interpretativa (TCA × DE)
UT-A4-L1-01	Defensiva → Ofensiva (Transição)	Vídeo: a luta começa em pé, com disputa de <i>clinch</i> e pegadas. A4 busca sua pegada forte “por cima” (mão alta nas costas e domínio de manga), enquanto a adversária tenta bloquear essa entrada e mata bem a distância. Em um momento de aproximação, a oponente entra em uma queda do tipo Seoi, mas A4 defende o movimento, não é projetada com controle e não concede pontos, encaminhando a sequência que a deixa em condição favorável para seguir por cima. Fala (autoconfrontação): A4 relata que a estratégia para essa luta era “<i>tentar quedar</i>”, partindo de uma pegada alta em que se sente muito forte, dominando a manga e a calça para buscar sua queda. Ela enfatiza que não queria deixar a adversária se aproximar demais nem colocar a mão na gola, e que interpreta a tentativa de <i>seoi</i> como um movimento de risco da adversária que a surpreende, mas acaba favorecendo seu plano (“<i>foi uma surpresa... eu considero que eu defendo queda muito bem... é uma queda arriscada pra ela, então isso me favoreceu um pouco</i>”). Hexádico: o engajamento (E) está em impor o próprio jogo de queda a partir de pegadas nas quais confia, controlando distância e não permitindo aproximações perigosas; o representamen (R) é a sensação de surpresa e a leitura da queda da adversária como arriscada, combinada à percepção de que sua defesa de quedas é um ponto forte; a situação (S) é de início de luta, 0 x 0, categoria superpesado, com <i>clinch</i> travado e disputa de espaço para projetar; a unidade de ação (U) envolve construção de pegadas fortes, bloqueio da aproximação na gola e defesa ativa do <i>seoi</i>; o potencial de ação (A) é seguir conduzindo o combate para o cenário desejado (ficar por cima) a partir dessa defesa bem-sucedida. Constrangimentos: no organismo, peso (cobrança) de categoria superpesado, ativação alta e necessidade de economizar energia em pé; na tarefa, não aceitar ser projetada e criar condições para quedar ou sair por cima; no ambiente, clima de campeonato grande com ritmo inicial ainda estudado, mas com risco elevado em qualquer entrada de queda.	A UT-A4-L1-01 expressa uma organização tática inicial centrada em pegadas de controle e gestão do risco em pé. Mesmo surpreendida por uma queda arriscada da adversária, A4 se mantém fiel ao plano de não ser projetada e preservar a possibilidade de jogar por cima. O conhecimento tático aparece na forma como ela lê o <i>Seoi</i> como uma oportunidade mais do que como uma ameaça: ao defender com segurança e manter o equilíbrio, ela valida sua escolha de controle de distância e de pegadas fortes como base do jogo, abrindo caminho para assumir o protagonismo por cima nas UTs seguintes.

Quadro 44 –A4-04 – Integração TCA–DE da Luta 1 da Atleta A4

(Continuação)

ID-UT	Dimensão Tática (no sentido analítico)	Evidências Integradas (vídeo + fala + hexádico + constrangimentos)	Síntese Interpretativa (TCA × DE)
UT-A4-L1-02	Ofensiva	Vídeo: após a tentativa anterior, a sequência em pé continua com <i>clinch</i> e base pesada das duas atletas. A adversária sinaliza nova intenção de queda, mas A4 reage em contra-ataque, faz a rival descer para a meia-guarda e é pontuada com 2 pontos pela queda, passando a jogar por cima. Ainda na sequência, há um breve momento em que a adversária consegue levantar um pouco A4, mas sem inverter o controle. Fala: A4 explica que “a intenção era realmente tentar quedar”, mas que a base da adversária é “muito boa, muito chata”, o que dificulta a projeção. Ela reforça que o planejamento prévio já era quedar antes, embora também goste de chamar para guarda em outros contextos. Ao conseguir ficar por cima, admite que “começou a se desesperar um pouco”, querendo “logo passar”, e relata que o <i>coach</i> pede para tirar o joelho para organizar a passagem, algo que faz parte do seu repertório, mas que a adrenalina tende a embaralhar. Hexádico: o engajamento (E) está em concretizar o plano inicial de quedar e estabelecer o jogo por cima; o representamen (R) combina a percepção de base difícil da adversária, a leitura do momento em que ela oferece espaço ao sinalizar a queda e a sensação interna de pressa para passar; a situação (S) passa a ser de 2 x 0 a favor, ainda no início, com meia-guarda por cima; a unidade de ação (U) inclui o contra-ataque de queda, a queda pontuada em meia-guarda e os primeiros ajustes para tirar o joelho e começar a passagem; o potencial de ação (A) mira estabilizar a meia-guarda por cima, transformar a queda em domínio posicional e, a partir daí, preparar uma passagem ou montada. Constrangimentos: organismo sob forte adrenalina, com sensação de “desespero” para passar logo; tarefa de transformar a vantagem pontuada em controle estável, evitando brechas para reação da adversária; ambiente de final de chave com duas atletas pesadas, em que quedas em pé demandam alto custo energético, incentivando a consolidar rapidamente o domínio no solo.	A UT-A4-L1-02 configura o momento em que o plano tático de “<i>ficar por cima</i>” se torna realidade concreta. A4 transforma o risco de nova queda adversária em contra-ataque eficaz, conquista 2 pontos e passa a comandar o combate. Ao mesmo tempo, a fala revela a tensão entre a paciência necessária para organizar a passagem e a pressa gerada pela adrenalina. Taticamente, ela mostra conhecimento ao ouvir o <i>coach</i>, ajustar o joelho e trabalhar a partir da meia-guarda, mesmo se sentindo “um pouco perdida” no início da posição. O episódio sintetiza uma competência central: usar o contra-ataque em pé para instalar o seu jogo dominante por cima, gerindo a oscilação emocional sem perder o controle estrutural da luta.

Quadro 44 –A4-04 – Integração TCA–DE da Luta 1 da Atleta A4

(Conclusão)

ID-UT	Dimensão Tática (no sentido analítico)	Evidências Integradas (vídeo + fala + hexádico + constrangimentos)	Síntese Interpretativa (TCA × DE)
UT-A4-L1-03	Ofensiva	Vídeo: com A4 por cima na meia-guarda, a sequência seguinte mostra tentativas de <i>knee cut</i> e pressão de passagem. A4 trabalha o tronco pesado sobre a adversária, controla o quadril e, ao buscar o <i>knee cut</i>, encaixa um estrangulamento do tipo “amassa pão” a partir da meia. A pressão no pescoço aumenta, a adversária não consegue aliviar a situação cedendo a perna e, antes mesmo de A4 completar totalmente o caminho para a montada, a luta é encerrada por finalização.	Síntese Interpretativa (TCA × DE): A UT-A4-L1-03 é a culminância do modelo tático da atleta para essa luta: controle, pegadas confiáveis e uso de incômodo para abrir caminhos. Ao escolher o “amassa pão” não como objetivo final, mas como recurso para destravar a meia-guarda e chegar à montada, A4 traduz um conhecimento tático sofisticado: ela articula pressão, desconforto e gestão do risco de forma integrada, explorando uma finalização que “a pessoa não espera” e que, na sua experiência, costuma induzir a abertura da guarda. O fato de a adversária bater antes de A4 completar a sequência mostra como essa estratégia de “incomodar para fazer a pessoa ceder” pode encerrar a luta de forma ainda mais eficiente do que o plano inicialmente imaginado (montada e americana). Em termos TCA–DE, trata-se de um episódio em que o engajamento em controlar por cima se mantém coerente, mas o curso da ação se ajusta em tempo real às <i>affordances</i> emergentes: ao sentir a resposta da oponente ao estrangulamento, A4 mantém a mão no pescoço e aceita o desfecho por finalização. Assim, a luta 1 se fecha com a confirmação do seu estilo: jogo de cima baseado em pegadas fortes, controle posicional e uso inteligente da pressão como ferramenta tático-ofensiva para decidir o combate.

Fonte: Elaborado pela autora.

4.2.17 Síntese Interpretativa da Luta 1 (A4)

A Luta 1 da atleta A4 configura um combate de curtíssima duração, porém de elevada densidade decisória, no qual a tomada de decisão se organiza a partir da dominância em pé, da conversão imediata de uma ameaça inesperada em vantagem por cima e do encerramento eficiente do confronto por finalização. Diferentemente das lutas previamente analisadas, marcadas por maior variabilidade temporal e por ciclos prolongados de regulação ofensiva e defensiva, este combate apresenta um curso da ação condensado, no qual cada episódio decisório possui impacto direto sobre o desfecho da luta.

Desde o início, A4 busca impor pegadas firmes em pé, orientadas para a preparação de sua queda preferencial. O primeiro evento crítico da luta, contudo, emerge a partir de uma iniciativa inesperada da adversária, que arrisca uma entrada de *seoi-nage*. A resposta de A4 não se limita à defesa: trata-se de uma defesa ativa, na qual a atleta lê o risco da ação adversária, evita a projeção limpa e reorganiza imediatamente o corpo para manter-se por cima, preservando o placar em 0×0 e recolocando o combate no eixo tático que orienta seu engajamento inicial. Fenomenologicamente, esse episódio revela a capacidade de transformar ameaça em oportunidade, articulando percepção corporal, experiência prévia e leitura situada do risco estrutural.

Na sequência, A4 concretiza o núcleo do seu plano tático. Mesmo reconhecendo a base sólida da adversária e a dificuldade de executar a queda pretendida, a atleta identifica uma nova tentativa de entrada e converte o contra-ataque em queda pontuada, estabelecendo a meia-guarda por cima como ambiente posicional dominante. Nesse momento, emerge um dado fenomenológico relevante: A4 relata sensação de urgência e leve desorganização: “*queria passar logo*”, “*me senti um pouco perdida*” (A4, entrevista de autoconfrontação), indicando um constrangimento do organismo associado à ativação elevada e à adrenalina inicial do combate. Essa oscilação, no entanto, não rompe a coerência do curso da ação. A escuta da orientação do corner e o retorno a padrões técnicos treinados — como o ajuste do joelho — permitem que a atleta estabilize a posição e prepare a progressão ofensiva.

O desfecho da luta condensa o padrão tático recorrente de A4. A partir da meia-guarda superior, a atleta aciona o *knee cut* como via principal de passagem e utiliza o estrangulamento do tipo amassa-pão como recurso instrumental para gerar desconforto, liberar a perna e alcançar a montada. Contudo, ao perceber, por meio da informação háptica, a resposta da adversária à pressão no pescoço, A4 ajusta o curso da ação e sustenta o ataque até a finalização, que ocorre antes da consolidação completa da montada. A decisão de aceitar a finalização não representa

abandono do plano, mas adaptação funcional às *affordances* emergentes da interação, evidenciando a regulação entre intenção inicial, percepção situada e eficácia decisória.

Em termos funcionais, a Luta 1 de A4 é vencida não por improviso, mas por uma regulação eficiente do risco e da economia de esforço: defender de forma ativa, pontuar cedo, estabilizar o controle por cima e encerrar o combate sem prolongar desgaste físico. A própria atleta sintetiza essa lógica ao afirmar que, naquele momento, “*só queria ser campeã*” (A4, entrevista de autoconfrontação), explicitando a integração entre objetivo competitivo, leitura situacional e tomada de decisão em ação.

À luz do objetivo geral desta tese — compreender como atletas faixa-preta de jiu-jitsu constroem e mobilizam conhecimento tático em ação durante lutas competitivas oficiais —, a Luta 1 da atleta A4 evidencia que o conhecimento tático pode manifestar-se de forma altamente concentrada e resolutiva, sem necessidade de longos ciclos de exploração. A atleta mobiliza repertórios técnicos consolidados (defesa de queda, controle por cima, *knee cut* e pressão por estrangulamento), mas, sobretudo, recria esses repertórios no próprio fluxo da luta, ajustando decisões às contingências emergentes. Assim, o desempenho de A4 demonstra que decidir bem, em contextos de alta performance, implica resolver problemas decisórios com precisão, economia de ações e coerência funcional.

4.2.17.1 Modelo tático fenomenológico-ecológico da Luta 1 (A4)

A integração das Unidades Táticas da Luta 1 da atleta A4 revela um modelo decisório altamente condensado, no qual a tomada de decisão se organiza em torno da imposição do jogo em pé, da conversão imediata do risco em vantagem por cima e da finalização eficiente, sem prolongamento desnecessário do combate. Embora o curso da ação seja curto em termos temporais, ele apresenta elevada clareza funcional e densidade decisória.

A primeira macroestrutura organizadora do modelo corresponde à gestão do risco em pé por meio de pegadas firmes e leitura da iniciativa adversária. A4 entra no combate com intenção clara de impor seu jogo de quedas, mas demonstra elevada adaptabilidade ao responder à tentativa inesperada de *seoi-nage*. O conhecimento tático em ação manifesta-se como defesa ativa: a atleta não apenas evita a projeção, mas utiliza a própria ação adversária como informação relevante para reorganizar o curso da luta e reposicionar-se em vantagem.

A segunda macroestrutura refere-se à conversão rápida da defesa em pontuação e controle por cima. Após neutralizar a ameaça inicial, A4 identifica o momento oportuno para o contra-ataque e transforma a nova tentativa ofensiva da adversária em queda pontuada,

estabelecendo a meia-guarda superior como plataforma de progressão. Fenomenologicamente, observa-se a regulação entre ativação elevada e necessidade de estabilização, com retorno consciente a padrões técnicos treinados para preservar a coerência da ação.

A terceira macroestrutura corresponde à progressão direta e econômica até o encerramento do combate. A partir da meia-guarda por cima, A4 aciona o *knee cut* como via de passagem e utiliza o estrangulamento amassa-pão como recurso funcional para destravar a posição. Ao perceber a resposta da adversária à pressão aplicada, ajusta o objetivo inicial e aceita a finalização antes da transição planejada, exemplificando a lógica fenomenológico-ecológica de decisão em fluxo.

Considerando o conjunto dos episódios analisados, o modelo tático da Luta 1 de A4 pode ser organizado em três princípios reguladores:

1. Defender para dominar - a defesa da queda é utilizada como oportunidade imediata de reorganização em vantagem por cima.
2. Pontuar cedo e estabilizar - a conversão rápida do contra-ataque em queda pontuada reduz a incerteza decisória e orienta a progressão ofensiva.
3. Encerrar com precisão e economia de ações - a finalização emerge como consequência de uma progressão controlada, preservando energia e minimizando riscos.

Assim, a Luta 1 da atleta A4 evidencia um conhecimento tático em ação que se expressa pela capacidade de resolver problemas decisórios com alta eficiência, articulando percepção situada, controle emocional e leitura ecológica da adversária. Trata-se de um modelo no qual decidir bem não significa prolongar o combate, mas agir com precisão no momento certo, sustentando a coerência funcional do curso da ação até o desfecho.

4.2.18 Atleta A4–Luta Final

A análise descritivo-funcional da Luta Final da atleta A4 evidencia um combate de alta densidade decisória e elevado equilíbrio competitivo, no qual a ação se organiza por alternância constante entre disputa em pé, jogo de guarda, transições para as costas e gestão estratégica de vantagens e pontos. Diferentemente da Luta 1, marcada por progressão direta e encerramento precoce, a final se desenvolve como um confronto prolongado, instável e sensível a microeventos, exigindo da atleta ajustes contínuos da tomada de decisão frente às respostas da adversária e aos critérios de arbitragem ao longo dos dez minutos regulamentares.

Do ponto de vista das ações técnico-táticas, observa-se uma distribuição relativamente equilibrada entre iniciativas ofensivas e ações reativas, com destaque para raspagens (15,38%), tentativas de pegar as costas (15,38%) e acúmulo de vantagens (23,08%) (Tabela 17). As disputas de pegada em pé e no clinch representam 15,38% das ações, indicando que, mesmo em um combate majoritariamente desenvolvido no solo, os momentos de engajamento inicial e de reinício mantêm relevância tática. A presença de queda (7,69%) e de tentativa de raspagem (7,69%) reforça o caráter instável do confronto, no qual pequenas aberturas são rapidamente exploradas, ainda que nem sempre convertidas em domínio posicional prolongado.

No plano posicional, a posição de costas concentra a maior frequência (38,46%), seguida pela posição de guarda (30,77%) (Tabela 18). Essa configuração indica que a luta se estrutura em torno de zonas de alto risco e alto valor tático, especialmente aquelas associadas ao controle dorsal, nas quais oscilações mínimas de equilíbrio, tempo e pegada podem resultar em pontuação ou vantagem decisiva. As ocorrências em posição em pé (15,38%), clinch (7,69%) e posição tartaruga (7,69%) aparecem como momentos de transição e reorganização, funcionando como pontos de redefinição do engajamento tático.

De maneira geral, a Luta Final da atleta A4 caracteriza-se por elevada exigência perceptivo-decisória, necessidade permanente de regulação do risco de exposição das costas, alternância entre iniciativa ofensiva e contenção estratégica e uso consistente da gestão do regulamento (vantagens e leitura da arbitragem) como componente central da estratégia competitiva.

Tabela 17 – Frequência das ações técnico-táticas predominantes na Luta Final da atleta A4

Ação técnico-tática	Frequência	Percentual %
Disputa de pegadas / Clinch	2	15,38%
Puxar para a guarda	1	7,69%
Raspagem	2	15,38%
Tentativa de raspagem	1	7,69%
Queda	1	7,69%
Tentativa de pegar as costas	2	15,38%
Tentativa de finalização por chave de braço (armlock)	1	7,69%
Vantagem	3	23,08%
Total	13	100%

Fonte: Elaborada pela autora.

Tabela 18 – Frequência das posições de luta predominantes na Luta Final da atleta A4

Posição de luta	Frequência	Percentual %
Posição de costas	5	38,46%
Posição de guarda	4	30,77%
Posição em pé	2	15,38%
Posição de clinch	1	7,69%
Posição em tartaruga	1	7,69%
Total	13	100%

Fonte: Elaborada pela autora.

4.2.18.1 *Log de Eventos / Unidades Táticas (UTs) da Luta Final da atleta A4*

O Quadro 45 (A4-05) apresenta a segmentação da Luta Final da atleta A4 em Unidades Táticas (UTs), delimitadas a partir de mudanças no problema decisório central ao longo do combate. Essas UTs estruturam o fluxo da ação e constituem a base empírica para as análises subsequentes, permitindo articular o plano observável da luta com sua organização tática e temporal.

Quadro 45 – A4-05 – Log de Eventos / Unidades Táticas (UTs) da Luta Final da atleta A4

ID-UT	Timecode in	Timecode out	Descrição objetiva (ação observável)	Dimensão tática (no sentido analítico)	Observações
UT-A4-LF-01	09:59	07:36	A4 inicia a luta disputando pegadas em pé; impede a pegada cruzada da adversária (“gola <i>drag</i> ”) e regula a distância; ajusta postura e puxa para sua guarda laçada evitando entrada do joelho adversário; estabelece controle inicial da linha de pernas e protege a gola.	Manutenção / Defensiva	Episódio marcado pela gestão da distância e prevenção de riscos iniciais. A4 chama para a guarda em momento escolhido, evitando que a adversária imponha o jogo de passagem forte.
UT-A4-LF-02	07:35	05:43	A luta entra no 50/50; A4 executa raspagem e marca 2 pontos; adversária tenta raspagem, falha e recebe 1 vantagem; A4 sobe novamente com <i>single-leg</i> , projeta a adversária e conquista mais 2 pontos (4 x 0).	Ofensiva / Transição	Episódio decisivo: A4 converte 50/50 em ataque direto, sobe duas vezes e impõe vantagem de 4 pontos, mantendo postura ativa mesmo sob risco de contra-raspagem.
UT-A4-LF-03	05:42	01:39	A adversária recebe vantagem em interpretação do árbitro; guerra de lapelas e controle de quadril; A4 tenta impedir que a adversária instale raspagens e ataques preferenciais (triângulo, omoplata); mantém distância e regula pegadas; adversária tenta desestabilização emocional (chutes, cabeçadas).	Manutenção / Defensiva	Momento tático de estabilidade ativa: A4 controla o quadril da adversária, bloqueia variações de guarda e administra vantagem sem se expor. A gestão dos constrangimentos da tarefa e do risco posicional é central.
UT-A4-LF-04	01:38	00:21	Adversária ataca no <i>armlock</i> e recebe 1 vantagem; A4 defende entrando o ombro, gira por cima e escapa; antes de estabilizar, recebe 1 vantagem pela defesa eficiente; mantém postura para evitar entrada na guarda fechada.	Defensiva / Transição	Episódio crítico de sobrevivência tática: A4 protege o cotovelo, gira com precisão e neutraliza o ataque, mantendo a liderança no placar e evitando posições vulneráveis.
UT-A4-LF-05	00:22	00:00	Adversária, da guarda fechada, tenta pegada nas costas e depois realiza raspagem, marcando 2 pontos; no segundo final coloca gancho e tenta chegar às costas, recebendo mais 1 vantagem.	Manutenção / Defensiva	A4 controla o cronômetro nos últimos segundos, mesmo cedendo 2 pontos. Mantém foco em bloquear o gancho definitivo e assegura a vitória por pontos e vantagens.

(Legenda geral apresentada anteriormente na seção de Metodologia.)

Fonte: Elaborado pela autora.

4.2.18.2 *Ancoragem Temporal (vídeo ↔ fala) da Luta Final da atleta A4*

O Quadro 46 (A1-06) apresenta a ancoragem temporal das Unidades Táticas da Luta Final da atleta A4, articulando os episódios identificados no vídeo com os trechos de fala produzidos nas entrevistas de autoconfrontação. Esse procedimento permite acessar o sentido atribuído pelo atleta às ações realizadas, conectando a experiência vivida à dinâmica observável do combate.

Quadro 46 – A4-06 – Ancoragem Temporal (Vídeo ↔ Fala) da Luta Final da Atleta A4

(Continua)

ID-UT	Trecho da fala (autoconfrontação)	Paráfrase/sentido central	Evidência no vídeo
UT-A4-LF-01	<i>“Minha tática era já chamar para a guarda lançada [...] mas sem deixar ela entrar o joelho, porque isso fez diferença na luta anterior. Eu queria fazer minha pegada bem, impedir a gola cruzada dela [...] não deixar ela colar. Eu focava em mim, em chegar logo na minha posição. [...] Eu só pensava em não deixar essa pegada dela chegar e controlar a distância para conseguir chamar para a guarda do jeito certo.”</i>	A4 inicia com estratégia clara: impedir o domínio inicial da adversária (gola cruzada e entrada do joelho), controlar distância, estabelecer pegadas seguras e chamar para a guarda lançada apenas quando estiver bem posicionada. A ênfase é na proteção, gestão da distância e entrada coordenada na guarda.	Disputa de pegadas em pé; A4 bloqueia entrada do joelho e impede a gola cruzada; mantém distância ativa e realiza puxada para a guarda com espaço. A postura e as pegadas confirmam o plano relatado.
UT-A4-LF-02	<i>“Eu sabia que ela ia botar a botinha [...] mas não esperava vindo meio como raspagem. [...] Eu tava tentando tirar esse pé de dentro pra poder passar, mas errei o ajuste do joelho. [...] Eu só pensava: não posso deixar ela me quedar. [...] Eu buscava respirar, achar a manga, defender a calça... até conseguir virar e pegar a calça. [...] Quando consegui quedar, eu pensei: agora ela não me ganha mais.”</i>	A4 alterna defesa-ataque: primeiro protege contra queda, reorganiza pegadas e neutraliza a ação da adversária; depois identifica um pequeno espaço, executa a raspagem e logo emenda queda com single leg. A atleta descreve forte foco em manter-se estável, bloquear riscos e assumir protagonismo quando a oportunidade aparece.	Na 50/50, A4 remove o gancho, executa raspagem (2 pontos), adversária tenta contra-raspagem e recebe vantagem; A4 sobe com <i>single leg</i> e projeta a adversária (mais 2 pontos), abrindo 4x0. Imagens confirmam o encadeamento tático descrito.
UT-A4-LF-03	<i>“Eu tava falando pro árbitro porque ela tenta voltar em posições que não estavam... isso me desestabilizava antes. [...] Minha estratégia era dominar o quadril e não deixar ela entrar nas posições dela... triângulo, omoplata. [...] Eu só pensava: não posso deixar chegar. [...] Eu queria passar, mas sem me expor. Minha intenção era sair campeã com esses quatro pontos.”</i>	A4 entra em modo de administração tática do placar e controle do risco. Domina o quadril, bloqueia lapela, impede construções ofensivas da adversária e protege contra entradas de triângulo/omoplata. Age com cautela estratégica, priorizando segurança sem abrir mão da vigilância ativa.	Adversária recebe vantagem; ambas permanecem em sequência de guarda; A4 controla a lapela, impede passagem da lapela sob a perna, evita ângulos de ataque, mantém quadril distante e postura firme. Vídeo mostra momentos de diálogo com árbitro e atitudes provocativas da adversária.

Quadro 46 – A4-06 – Ancoragem Temporal (Vídeo ↔ Fala) da Luta Final da Atleta A4

(Conclusão)

ID-UT	Trecho da fala (autoconfrontação)	Paráfrase/sentido central	Evidência no vídeo
UT-A4-LF-04	<i>“Eu já tava cansada... quando ela pegou no armlock eu só pensava: não posso bater. [...] Eu entrei o ombro, tirei o cotovelo e consegui girar por cima. [...] Depois eu queria amarrar, não deixar ela entrar na fechada... segurar a bola, dominar o quadril.”</i>	Momento crítico: A4 se defende de um armlock aplicando técnica específica (entrada do ombro e giro). Após o escape, o foco passa a ser contenção, estabilização e impedir que a adversária reorganize a guarda fechada, priorizando o controle posicional.	Vídeo mostra tentativa de <i>armlock</i> da adversária; A4 gira corretamente, sai por cima e recebe vantagem. Na sequência, tenta manter quadril baixo e impedir guarda fechada.
UT-A4-LF-05	<i>“Eu fiquei surpresa dela quase ir pras minhas costas [...] por pouco ela não recupera os pontos. [...] Eu achei que o árbitro ia mandar parar e dei uma relaxada [...] aí ela subiu e raspou. [...] Eu só pensava: não posso deixar o gancho entrar e eu vou ser campeã.”</i>	A4 atua nos segundos finais com foco absoluto na preservação do placar. Um instante de relaxamento gera a raspagem da adversária, mas ela rapidamente volta a proteger o quadril e impedir o gancho, mantendo a vantagem até o fim.	Adversária raspa e marca 2 pontos; em seguida tenta pegar as costas e coloca um gancho nos instantes finais, obtendo vantagem. A4 trava o quadril e impede a progressão. Luta encerra 4x2 para A4.

Nota metodológica: Os *timecodes* completos são apresentados apenas nos Quadros de Segmentação das Unidades Táticas que constituem o registro formal da delimitação dos episódios decisórios. Nos Quadros de Ancoragem Vídeo–Fala, optou-se por omitir os *timecodes*, a fim de facilitar a leitura e enfatizar a relação entre experiência vivida e ação observável, mantendo-se a referência às mesmas UTs.

Fonte: Elaborado pela autora.

4.2.18.3 *Codificação TCA e Constrangimentos (DE) da Luta Final da atleta A4*

O Quadro 47 (A4-07) sintetiza a codificação das Unidades Táticas da Luta Final da atleta A4, articulando os componentes do signo hexádico da Teoria do Curso da Ação com os constrangimentos ecológicos do organismo, da tarefa e do ambiente. Essa codificação explicita como significações, ações e condições situacionais se organizam em cada episódio decisório.

Quadro 47 – A4-07 – Signo hexádico (TCA) e Constrangimentos (DE) da Luta Final da Atleta A4

(Continua)

TCA/DE	UT01 - Preparação da guarda laçada e negação das pegadas fortes iniciais	UT02 - Sequência raspagem + queda e construção da vantagem de 4 x 0	UT03 - Administração do 4 x 0 e bloqueio das posições perigosas da adversária	UT04 - Defesa do <i>armlock</i> com giro e estabilização por cima	UT05 - Gestão dos segundos finais sob risco de raspagem e pegada nas costas
Engajamento - E	Entrar na final ajustando o plano em relação ao confronto anterior: chamar para a guarda laçada, mas sem repetir o erro de deixar a adversária entrar o joelho e instalar o “gola <i>drag</i> ”. Controlar as pegadas em pé, impedir a gola cruzada e só puxar para a guarda quando tiver distância e enquadre favoráveis ao seu jogo de laço.	Evitar a queda e a raspagem da adversária a partir da 50/50, protegendo-se da “botinha” e de ações que a coloquem por baixo em desvantagem. Ao mesmo tempo, buscar reorganizar as pegadas (calça e manga) para transformar a defesa em iniciativa ofensiva, conectando raspagem e queda para abrir 4 x 0.	Proteger a vantagem construída (4 x 0), impedindo que a adversária instale suas posições fortes (lapela sob a perna, triângulo, omoplata) e cuidando para não se desestabilizar psicologicamente com provocações ou discussões com o árbitro. Manter-se campeã “em potencial”, privilegiando segurança sem abandonar totalmente a intenção de passar.	Sobreviver ao momento crítico da chave de braço, mantendo a decisão de “não bater” e usando seu repertório técnico (entrada do ombro, giro) para escapar. Depois de defender, focar em amarrar o jogo por cima, evitar a guarda fechada e controlar quadril e tronco da adversária para seguir administrando o placar.	Preservar a vitória nos segundos finais, mesmo após sofrer raspagem e quase ter as costas tomadas. Reorientar rapidamente o foco tático: aceitar a perda dos 2 pontos, mas impedir a instalação completa da posição de costas (gancho), mantendo a convicção de que “vai ser campeã”.

Quadro 47 – A4-07 – Signo hexádico (TCA) e Constrangimentos (DE) da Luta Final da Atleta A4

(Continuação)

TCA/DE	UT01 - Preparação da guarda laçada e negação das pegadas fortes iniciais	UT02 - Sequência raspagem + queda e construção da vantagem de 4 x 0	UT03 - Administração do 4 x 0 e bloqueio das posições perigosas da adversária	UT04 - Defesa do <i>armlock</i> com giro e estabilização por cima	UT05 - Gestão dos segundos finais sob risco de raspagem e pegada nas costas
Situação - S	Início da final contra uma adversária que a havia vencido recentemente no absoluto e é conhecida por ter jogo forte de gola cruzada e joelho da laçada. Ginásio lotado, luta muito aguardada, clima de alta pressão, placar em 0 x 0 e disputa intensa de pegadas em pé, antes da puxada para a guarda.	Trecho inicial/intermediário da luta, já na guarda 50/50, com ambas em posição de risco mútuo de raspagem/quedas. A adversária começa a acionar a “botinha” e a ameaçar quedas; A4 precisa evitar cair por baixo e consegue, na sequência, raspar e conectar o <i>single leg</i> , chegando a 4 x 0 (com a adversária somando 1 vantagem).	Fase intermediária da luta, com cerca de 5 minutos ainda pela frente, placar em 4 x 0 para A4 e adversária acumulando vantagens através de pequenas iniciativas e interpretação do árbitro. A adversária procura retomar suas posições fortes com lapela e ataques de triângulo/omoplata, enquanto A4 atua por cima ou em situação de costas, sob euforia do público.	Momento avançado da luta, com A4 vencendo por 4 x 0 e a adversária, atrás no placar, aumentando o risco ofensivo a partir da guarda aberta. A chave de braço surge como ataque direto ao braço dominante de A4, que se encontra cansada, mas ainda em controle do resultado geral.	Últimos segundos da final, já na área amarela do tatame, com placar em 4 x 0 (depois 4 x 2) e alta carga emocional. A4 acredita que o árbitro interromperia a ação pela borda da área de luta, relaxa ligeiramente e permite a raspagem e nova tentativa de pegada nas costas da adversária, que acumula vantagens, porém sem reverter o resultado (4 x 2, A4 campeã).

Quadro 47 – A4-07 – Signo hexádico (TCA) e Constrangimentos (DE) da Luta Final da Atleta A4

(Continuação)

TCA/DE	UT01 - Preparação da guarda laçada e negação das pegadas fortes iniciais	UT02 - Sequência raspagem + queda e construção da vantagem de 4 x 0	UT03 - Administração do 4 x 0 e bloqueio das posições perigosas da adversária	UT04 - Defesa do <i>armlock</i> com giro e estabilização por cima	UT05 - Gestão dos segundos finais sob risco de raspagem e pegada nas costas
Representamen - R	Lembrança vívida do erro da luta anterior (entrada excessiva do joelho) e percepção do perigo da pegada de gola cruzada (“gola <i>drag</i> ”). Sensação de ginásio tenso, “ <i>muita gente em cima</i> ”, mas foco voltado para si mesma: controlar distância, não deixar a adversária “colar” e não permitir que sua pegada chegue à gola. O <i>coaching</i> também chama atenção para riscos no pé, ampliando a leitura de ameaças iniciais.	Percepção de que a adversária, ao acionar a “botinha” na 50/50, poderia tanto raspar quanto ceder pontos. A4 sente que está “ <i>sem espaço</i> ”, com quadril dominado, mas ainda busca brechas e respiração para girar e reorganizar pegadas. O momento de pegar a calça e a manga é vivido como virada de chave: ao conseguir quedar e abrir 4 x 0, ela representa a situação como “ <i>agora ela não me ganha mais</i> ”.	Percepção de que a adversária tenta “ <i>voltar em posições que não estavam</i> ”, recorrendo a artifícios para favorecer a própria interpretação do árbitro e para desestabilizá-la emocionalmente (como já ocorrera em confrontos anteriores). A lapela é vivida como uma pegada “chata”, potencialmente ligada a raspagens perigosas. A4 se vê mais confiante por já estar à frente, mas atenta ao risco de ser amarrada nas posições fortes da oponente.	Sensação clara de fadiga (“ <i>10 minutos ganhando é 100 horas</i> ”) somada a um medo controlado de lesão no braço: ela sente o <i>armlock</i> apertar, mas representa que ainda não está completamente encaixado. A entrada do ombro e a saída do cotovelo marcam, para ela, o momento em que o risco de finalização se reduz significativamente, gerando alívio e reforço da ideia de que é possível seguir administrando a luta.	Surpresa ao perceber a adversária quase chegando às costas naquele final, combinada à frustração por ter esperado uma interrupção do árbitro na área amarela. Reconhece internamente que “relaxou” e que isso abriu espaço para raspagem e nova vantagem da adversária, mas simultaneamente sustenta o pensamento de que não pode deixar o gancho entrar e de que será campeã se conseguir segurar essa última investida.

Quadro 47 – A4-07 – Signo hexádico (TCA) e Constrangimentos (DE) da Luta Final da Atleta A4

(Continuação)

TCA/DE	UT01 - Preparação da guarda laçada e negação das pegadas fortes iniciais	UT02 - Sequência raspagem + queda e construção da vantagem de 4 x 0	UT03 - Administração do 4 x 0 e bloqueio das posições perigosas da adversária	UT04 - Defesa do <i>armlock</i> com giro e estabilização por cima	UT05 - Gestão dos segundos finais sob risco de raspagem e pegada nas costas
Unidade de ação - U	Disputa de pegadas em pé, negando a gola cruzada e o joelho da laçada, controlando mangas e gola para impedir aproximação profunda. A4 se mantém ativa, ajusta a posição, lê o momento em que há espaço suficiente e então executa a puxada para a guarda laçada, preservando a amplitude de braço da adversária e mantendo distância controlada.	Na 50/50, A4 tenta retirar o pé da adversária “de dentro” para possibilitar passagem, errando inicialmente o ajuste do joelho. Em seguida, passa a defender calça e manga, respira, busca virar de frente e, ao encontrar a pegada de calça desejada desde o início, conecta a raspagem. Na continuidade da ação, sobe com <i>single leg</i> , mantém a pegada na calça e projeta a adversária, marcando novo 2 pontos.	A4 discute com o árbitro sobre a posição declarada pela adversária, controla a lapela, busca dominar o quadril e manter-se afastada dos ângulos de triângulo/omoplata. Trabalha com microajustes de distância, não permite que a lapela passe sob a perna e evita que a adversária prenda seu tronco. Alterna momentos de tentativa de passagem mais contida com ações de pura contenção, sempre protegendo a vantagem de 4 pontos.	Ao sentir o <i>armlock</i> encaixar, A4 entra o ombro para dentro da linha de pressão, tira o cotovelo gradualmente e usa o giro (como se entrasse numa omoplata) para sair por cima, convertendo a defesa em vantagem. Em seguida, tenta “amarrar” o jogo: procura manter o quadril da adversária sob controle, evitar a guarda fechada e não desconectar seu peito do quadril da adversária, ainda que admita pequenas falhas nesse controle.	Após a raspagem sofrida e a tentativa de pegada nas costas, A4 reage protegendo o quadril, fechando cotovelos e braços para tirar o espaço do gancho e limitar a progressão da adversária. Mesmo cansada, continua movimentando-se o suficiente para não oferecer as duas costas completamente, travando o avanço até o cronômetro zerar.

Quadro 47 – A4-07 – Signo hexádico (TCA) e Constrangimentos (DE) da Luta Final da Atleta A4

(Continuação)

TCA/DE	UT01 - Preparação da guarda laçada e negação das pegadas fortes iniciais	UT02 - Sequência raspagem + queda e construção da vantagem de 4 x 0	UT03 - Administração do 4 x 0 e bloqueio das posições perigosas da adversária	UT04 - Defesa do <i>armlock</i> com giro e estabilização por cima	UT05 - Gestão dos segundos finais sob risco de raspagem e pegada nas costas
Potencial de ação - A	A partir da guarda laçada instalada sob seus próprios termos, abrir possibilidades de controle de distância, desequilíbrio e futuras raspagens, sem conceder entradas francas à adversária. Manter o plano de jogar da guarda, mas com margem tática ampliada pela negação das pegadas e do joelho que a prejudicaram na luta anterior.	Converter a defesa na 50/50 em oportunidade de virar a dinâmica da luta, explorando a previsibilidade da “botinha” para surpreender com raspagem e queda. Ao abrir 4 x 0, criar um cenário em que a adversária passa a “correr atrás” do placar, aumentando o risco e, consequentemente, oferecendo mais oportunidades para que A4 administre o combate com alguma folga estratégica.	Sustentar o 4 x 0 até o final, impedindo que a adversária arme sequências perigosas e use a lapela para controlar seu quadril. Se surgirem brechas seguras, tentar passar a guarda e ampliar a vantagem numérica; caso contrário, manter a luta sob um regime de controle de risco, usando a vantagem de pontos como recurso tático central.	Consolidar a manutenção da liderança após escapar do <i>armlock</i> : manter-se por cima, evitar novas situações de finalização e, se possível, amarrar o jogo em zonas do tatame e configurações de guarda que não ofereçam perigo imediato. Transformar a defesa bem-sucedida em reforço de confiança e em argumento tático de superioridade (capacidade de escapar e controlar).	Levar a luta até o fim sem ceder posições de domínio total (costas com dois ganchos ou novas raspagens), usando a defesa das costas como último recurso de gestão do risco. Preservar o placar suficiente para garantir o título, aceitando a perda de pontos desde que mantenha o controle mínimo necessário para impedir a virada.

Quadro 47 – A4-07 – Signo hexádico (TCA) e Constrangimentos (DE) da Luta Final da Atleta A4

(Continuação)

TCA/DE	UT01 - Preparação da guarda laçada e negação das pegadas fortes iniciais	UT02 - Sequência raspagem + queda e construção da vantagem de 4 x 0	UT03 - Administração do 4 x 0 e bloqueio das posições perigosas da adversária	UT04 - Defesa do <i>armlock</i> com giro e estabilização por cima	UT05 - Gestão dos segundos finais sob risco de raspagem e pegada nas costas
Interpretação-I	“Minha tática era já chamar para a guarda laçada [...] mas sem deixar ela entrar o joelho, porque isso fez diferença na luta anterior [...] eu só pensava em não deixar essa pegada dela chegar e controlar a distância”. A4 interpreta que negar as pegadas fortes e a entrada do joelho foi uma correção decisiva em relação ao combate anterior, permitindo chamar a guarda do “jeito certo” e entrar na final mais segura taticamente.	“Eu sabia que ela ia botar a botinha [...] eu só pensava: não posso deixar ela me quedar [...] até conseguir virar e pegar a calça [...] quando consegui quedar, eu pensei: agora ela não me ganha mais”. A4 interpreta essa UT como o momento de virada da final: ao transformar uma situação de risco (50/50, botinha, possibilidade de queda contra) em raspagem + queda, consolida a crença de que a adversária não conseguiria mais reverter o combate.	“Minha estratégia era dominar o quadril e não deixar ela entrar nas posições dela [...] triângulo, omoplata [...] eu queria passar, mas sem me expor [...] minha intenção era sair campeã com esses quatro pontos”. A4 interpreta essa fase como um exercício de maturidade tática: controlar o risco, resistir à tentativa de desestabilização psicológica e usar o 4 x 0 como eixo de sua estratégia, aceitando não se expor demais na busca da passagem.	“Quando ela pegou no <i>armlock</i> eu só pensava: não posso bater [...] quando eu entrei o ombro e tirei o cotovelo, eu já sabia que ela não ia conseguir me pegar mais [...] depois eu queria amarrar, não deixar ela entrar na fechada”. A4 interpreta esse episódio como um teste extremo de resiliência técnica e mental, em que a decisão de não bater e a execução do giro confirmam sua capacidade de se manter no controle mesmo sob ameaça direta de finalização.	“Eu fiquei surpresa dela quase ir pras minhas costas [...] eu achei que o árbitro ia mandar parar e dei uma relaxada [...] mas a única coisa que passava na minha cabeça nesses últimos segundos é que eu não podia deixar esse gancho entrar e que eu ia ser campeã”. A4 interpreta o momento final como um alerta sobre o perigo de antecipar decisões da arbitragem, mas também como confirmação de que, mesmo errando, conseguiu sustentar a defesa necessária para garantir o título.

Quadro 47 – A4-07 – Signo hexádico (TCA) e Constrangimentos (DE) da Luta Final da Atleta A4

(Continuação)

TCA/DE	UT01 - Preparação da guarda laçada e negação das pegadas fortes iniciais	UT02 - Sequência raspagem + queda e construção da vantagem de 4 x 0	UT03 - Administração do 4 x 0 e bloqueio das posições perigosas da adversária	UT04 - Defesa do <i>armlock</i> com giro e estabilização por cima	UT05 - Gestão dos segundos finais sob risco de raspagem e pegada nas costas
Constrangimentos Organismo	Ativação fisiológica elevada pelo contexto de final muito aguardada e pela memória da derrota anterior, mas com sensação inicial de controle e foco nas pegadas. Sem fadiga significativa, porém com alta tensão muscular em membros superiores para negar gola cruzada e joelho da laçada.	Fadiga crescente em pegadas e quadril devido à disputa na 50/50 e às tentativas de ajustar o joelho. Respiração mais ofegante, exigindo autorregulação para não agir “ <i>explosiva demais</i> ”. Apesar disso, mantém força para executar o <i>single leg</i> e completar a queda, experimentando um aumento de confiança após o 4 x 0.	Cansaço moderado avançando principalmente em pegadas e tronco, somado à necessidade de se manter em “estado de alerta” psicológico frente às estratégias desestabilizadoras da adversária. Ao mesmo tempo, a confiança por estar à frente reduz a ansiedade, permitindo regular melhor o esforço.	Fadiga acentuada, especialmente em braços e ombros, agravada pelo estresse local do <i>armlock</i> . A experiência de dor potencial e risco de lesão é contrabalançada por um forte recurso de resiliência mental (“ <i>ela vai quebrar, mas eu não vou bater</i> ”), que sustenta a execução precisa do escape e a continuidade da luta em vantagem.	Exaustão nos instantes finais, com sensação de que o tempo “se arrasta” e de que qualquer erro pode custar o título. Mesmo cansada, mobiliza energia residual para defender as costas e proteger-se dos ganchos, sustentando uma concentração estreita na tarefa de “sobreviver” aos últimos segundos.

Quadro 47 – A4-07 – Signo hexádico (TCA) e Constrangimentos (DE) da Luta Final da Atleta A4

(Continuação)

TCA/DE	UT01 - Preparação da guarda laçada e negação das pegadas fortes iniciais	UT02 - Sequência raspagem + queda e construção da vantagem de 4 x 0	UT03 - Administração do 4 x 0 e bloqueio das posições perigosas da adversária	UT04 - Defesa do <i>armlock</i> com giro e estabilização por cima	UT05 - Gestão dos segundos finais sob risco de raspagem e pegada nas costas
Constrangimentos Tarefa	Início de final contra adversária favorita e conhecida: tarefa imediata de impedir as pegadas que alimentam o jogo forte dela, corrigir o erro do confronto anterior e instalar a própria guarda laçada em condições favoráveis, sem se expor a quedas ou passagens precoces.	Em contexto de 0 x 0, com risco real de cair por baixo e ver a adversária abrir pontos, a tarefa é, primeiro, não permitir a queda e, segundo, aproveitar qualquer brecha para pontuar. Ao conseguir raspagem e queda, a tarefa passa a ser consolidar o 4 x 0, sabendo que a adversária terá de se expor mais para recuperar o placar.	Com 4 x 0 no placar e a adversária acumulando vantagens, a tarefa principal é evitar que essas iniciativas se convertam em pontos ou situações de domínio (guarda laçada com lapela, triângulo, omoplata). A4 precisa gerir o tempo, o placar e a regulação do risco e do ritmo da ação, sem permitir que a luta retorne ao “conforto” tático da oponente.	Tarefa de alta prioridade: não ser finalizada no <i>armlock</i> . Em seguida, depois do escape, manter o controle por cima, evitar novas situações de risco extremo e não permitir que a adversária recoloca a guarda fechada ou gere elementos que possam virar a luta em segundos.	Tarefa absolutamente focada na preservação da vantagem: não sofrer nova raspagem ou pegada completa de costas que possa empatar ou virar o resultado. Ao mesmo tempo, precisa evitar atitudes passivas demais que possam gerar penalidades, equilibrando contenção máxima com atividade mínima necessária até o fim do cronômetro.

Quadro 47 – A4-07 – Signo hexádico (TCA) e Constrangimentos (DE) da Luta Final da Atleta A4

(Conclusão)

TCA/DE	UT01 - Preparação da guarda laçada e negação das pegadas fortes iniciais	UT02 - Sequência raspagem + queda e construção da vantagem de 4 x 0	UT03 - Administração do 4 x 0 e bloqueio das posições perigosas da adversária	UT04 - Defesa do <i>armlock</i> com giro e estabilização por cima	UT05 - Gestão dos segundos finais sob risco de raspagem e pegada nas costas
Constrangimentos Ambiente	Final de grande evento, ginásio cheio, luta “mais aguardada” do campeonato, adversária que estava há anos sem perder. Ambiente emocional denso, com impacto direto na percepção de pressão, mas também funcionando como combustível motivacional para o plano de correção tática em relação ao dia anterior.	Ambiente de luta em área central, sob atenção de público e <i>coaches</i> , com regras que valorizam raspagens, quedas e vantagens. A presença da “botinha” e da 50/50 cria um ambiente informacional complexo, em que pequenos detalhes de controle de calça e manga podem determinar quem pontua primeiro.	Ambiente de euforia crescente, com a torcida reagindo a cada tentativa da adversária de encurtar o placar e a cada discussão com a arbitragem. O contexto é marcado por leituras sutis do árbitro quanto a vantagens, o que intensifica a necessidade de comunicar-se, gestualizar e, ao mesmo tempo, não perder o foco tático.	Ambiente competitivo de <i>clímax</i> técnico, com o ginásio atento a um possível desfecho por finalização da atleta favorita que está atrás no placar. O foco visual do público e dos árbitros recai sobre a luta de braços e sobre a capacidade de A4 de resistir ao <i>armlock</i> , transformando o episódio em ponto alto do combate.	Ambiente de borda da área de luta (área amarela), com incerteza sobre possível interrupção da luta pelo árbitro e forte pressão da torcida nos segundos finais. O ruído, a movimentação rápida e a iminência do fim do tempo aumentam a probabilidade de pequenos lapsos de atenção, ao mesmo tempo em que tornam cada defesa bem-sucedida um ato decisivo para a conquista do título.

Fonte: Elaborado pela autora.

4.2.18.4 *Integração TCA–DE da Luta Final da atleta A4*

O Quadro 48 (A4-08) apresenta a análise integrada das Unidades Táticas da Luta Final da atleta A4, evidenciando como ações observáveis, significações expressas nas autoconfrontações e constrangimentos ecológicos se combinam em cada episódio decisório. Essa integração permite compreender a coerência funcional da tomada de decisão ao longo do combate, sem dissociar os planos técnico, experiencial e situacional da ação.

Quadro 48 – A4-08 – Integração TCA–DE da Luta Final da Atleta A4

(Continua)

ID-UT	Dimensão Tática (no sentido analítico)	Evidências Integradas (vídeo + fala + hexádico + constrangimentos)	Síntese Interpretativa (TCA × DE)
UT-A4-LF-01	Manutenção / Defensiva	O vídeo mostra o início em pé, com disputa intensa de pegadas e A4 evitando a gola cruzada e a entrada do joelho da adversária antes de puxar para a guarda. Nas falas, A4 relembra a derrota no absoluto e explica que sua tática era “<i>chamar para a guarda lançada novamente, mas sem deixar entrar o joelho</i>”, impedindo o “gola drag” e “<i>não deixar ela colar</i>”. No signo hexádico, o engajamento (E) é organizar uma entrada em guarda que minimize o erro cometido na luta anterior; o representamen (R) é a percepção das ameaças específicas da adversária (gola cruzada, joelho da lançada, aproximação excessiva); a situação (S) é uma final muito aguardada, contra uma atleta dominante, em ambiente de alta tensão. Nos constrangimentos de organismo, A4 sente a pressão emocional da revanche, mas foca na própria posição e nas pegadas que domina; na tarefa, precisa controlar a distância e preparar a guarda lançada em condições seguras; no ambiente, o ginásio cheio e a expectativa do público compõem um cenário de grande carga psicológica.	Esta UT expressa uma abertura de luta orientada pela memória tática da derrota anterior. A4 transforma a experiência passada em ajuste concreto de estratégia: entra no mesmo tipo de guarda, mas redesenha as condições de acesso, controlando pegadas e impedindo a instalação precoce dos meios de ação principais da adversária. O conhecimento tático aparece na capacidade de usar a guarda não como improviso, mas como entrada planejada, ancorada em controle de distância, proteção contra o “erro anterior” e afirmação do próprio jogo em um contexto de alta pressão.

Quadro 48 – A4-08 – Integração TCA–DE da Luta Final da Atleta A4

(Continuação)

ID-UT	Dimensão Tática (no sentido analítico)	Evidências Integradas (vídeo + fala + hexádico + constrangimentos)	Síntese Interpretativa (TCA × DE)
UT-A4-LF-02	Ofensiva / Transição	O vídeo registra uma sequência complexa em que, a partir de uma situação de guarda 50/50, A4 retira o pé da adversária, executa raspagem (2 pontos), sofre tentativa de contra-raspagem que rende vantagem à oponente, e em seguida levanta em <i>single leg</i>, completando queda para mais 2 pontos (4 x 0). Na autoconfrontação, A4 relata que “<i>sabia que ela ia botar a botinha</i>”, mas não esperava que viesse “<i>meio como raspagem</i>”; diz que pensa o tempo todo “<i>não posso deixar ela me quedar</i>”, busca respirar, achar manga e calça, até conseguir virar, pegar a calça e quedar, concluindo: “<i>quando consegui quedar, pensei: agora ela não me ganha mais</i>”. No hexádico, o engajamento (E) articula defesa do risco de queda com a intenção de inverter o jogo; o representamen (R) é a leitura sensível do pé, da calça e da manga como chaves para sair da pressão; a situação (S) é de equilíbrio em pontos, mas com enorme risco de mudar a luta se a adversária cair por cima. Nos constrangimentos de organismo, há esforço elevado, porém com regulação respiratória consciente; na tarefa, A4 precisa não ser raspada/quedada e, ao mesmo tempo, aproveitar qualquer brecha para assumir a liderança; no ambiente, o clima é de explosão tática, com forte impacto emocional da raspagem e queda na narrativa da luta.	Esta UT configura o ponto de inflexão tático da final. A4 conjuga proteção do risco (não ser quedada) com leitura oportuna de uma janela de ação, convertendo uma posição sensível (50/50) em domínio claro do placar (4 x 0). O conhecimento tático emerge na forma de alternância regulada entre paciência defensiva (respirar, ajustar pegadas, neutralizar ganchos) e decisão ofensiva (raspagem seguida de <i>single leg</i>). Ao concluir que “<i>agora ela não me ganha mais</i>”, a atleta consolida não apenas vantagem numérica, mas um deslocamento psicológico sobre a adversária, mudando o regime da luta para um jogo de gestão de vantagem.

Quadro 48 – A4-08 – Integração TCA–DE da Luta Final da Atleta A4

(Continuação)

ID-UT	Dimensão Tática (no sentido analítico)	Evidências Integradas (vídeo + fala + hexádico + constrangimentos)	Síntese Interpretativa (TCA × DE)
UT-A4-LF-03	Manutenção / Defensiva	O vídeo mostra um longo trecho em que a adversária recebe vantagem enquanto permanece em guarda, tentando organizar lapela e ângulos de ataque, ao passo que A4 controla a distância, o quadril e a lapela, evitando triângulos e omoplatas. A4 explica que a adversária “<i>tenta voltar em posições que não estavam</i>”, que isso já a desestabilizou em lutas anteriores, e que agora sua estratégia é “<i>dominar o quadril</i>”, “<i>não deixar chegar</i>” nas posições dela, querendo “<i>sair campeã com esses quatro pontos</i>” e “<i>passar sem se expor</i>”. No hexádico, o engajamento (E) centra-se em administrar o 4 x 0 sem permitir a ativação do arsenal forte da adversária; o representamen (R) inclui percepção da tentativa de manipulação psicológica, do uso da lapela e dos históricos de triângulo/omoplata; a situação (S) é de vantagem confortável em pontos, mas com muito tempo de luta e adversária altamente perigosa por baixo. Nos constrangimentos de organismo, A4 sente o cansaço, mas reporta ganho de confiança por ter pontuado antes; na tarefa, precisa bloquear a construção das posições fortes do jogo rival, aceitar pequenas vantagens contra se necessário, sem perder o controle estrutural; no ambiente, há euforia na arena e tentativas de pressão e provocação por parte da adversária.	Nesta UT, o conhecimento tático aparece como capacidade de transformar uma luta “de perseguição” em luta “de controle”. Com o placar em 4 x 0, A4 escolhe deliberadamente um jogo de contenção: não busca se expor em passagens de alto risco, mas protege o quadril, a lapela e as zonas críticas do jogo da adversária. Ao mesmo tempo, regula o impacto das tentativas de desestabilização psicológica, mantendo o foco nas próprias referências de ação (controle do quadril, impedimento de acesso às posições-chave). A luta deixa de ser apenas físico-técnica e passa a configurar-se como um processo de regulação informacional e emocional da ação, no qual A4 controla tanto o ambiente informacional quanto o próprio engajamento emocional, sustentando a superioridade construída na UT anterior.

Quadro 48 – A4-08 – Integração TCA–DE da Luta Final da Atleta A4

(Continuação)

ID-UT	Dimensão Tática (no sentido analítico)	Evidências Integradas (vídeo + fala + hexádico + constrangimentos)	Síntese Interpretativa (TCA × DE)
UT-A4-LF-04	Defensiva / Transição	O vídeo evidencia um momento de alto risco: a adversária abre a guarda e encaixa um <i>armlock</i>, obtendo vantagem; A4 entra o ombro, tira o cotovelo da linha de alavanca, gira e sai por cima, recebendo vantagem a seu favor. Na fala, A4 relata que “10 minutos ganhando é 100 horas” e que, no <i>armlock</i>, pensava apenas “<i>não posso bater</i>”; diferencia o fato de o golpe não estar “<i>no centro do armlock</i>”, explicando que sua intenção era “<i>entrar o ombro</i>”, tirar o cotovelo e, a partir daí, girar por cima, como uma posição que já faz no treino. Depois do escape, afirma que queria “<i>amarrar</i>”, “<i>não deixar entrar na guarda fechada</i>” e “<i>segurar a gola</i>” dominando o quadril. No hexádico, o engajamento (E) oscila entre sobreviver à finalização e, em seguida, reestabilizar o jogo em controle; o representamen (R) é a percepção tátil da zona de risco do braço e da possibilidade de escape pelo ombro; a situação (S) é de final com placar ainda favorável, mas sob ameaça de finalização que poderia encerrar a luta. Nos constrangimentos de organismo, há fadiga importante, especialmente em pegadas e membros superiores, mas combinada com forte determinação mental (“<i>não vou bater</i>”); na tarefa, é vital defender o <i>armlock</i> sem entregar pontos ou posição dominante; no ambiente, o clímax competitivo cresce com a ameaça de empate ou virada súbita.	Esta UT revela um conhecimento tático-técnico altamente integrado: A4 mobiliza um protocolo claro de defesa ao <i>armlock</i> (entrada do ombro, gestão do cotovelo, giro por cima) em situação de máximo risco e elevada fadiga. Mais do que “<i>não bater</i>”, ela transforma uma quase-finalização contra em vantagem posicional e simbólica a favor, reforçando sua imagem de controle e resiliência. A decisão subsequente de “<i>amarrar</i>” e impedir a guarda fechada mostra a articulação entre sobrevivência, contenção do risco e preservação do cenário tático favorável, sem ceder ao impulso de atacar de forma imprudente após escapar.

Quadro 48 – A4-08 – Integração TCA–DE da Luta Final da Atleta A4

(Conclusão)

ID-UT	Dimensão Tática (no sentido analítico)	Evidências Integradas (vídeo + fala + hexádico + constrangimentos)	Síntese Interpretativa (TCA × DE)
UT-A4-LF-05	Manutenção / Defensiva	O vídeo mostra a fase final: a partir da guarda fechada, a adversária realiza raspagem (2 pontos) e, no último segundo, tenta pegar as costas, colocando um gancho e conquistando uma vantagem adicional, sem conseguir nova pontuação. A4 relata surpresa com a ida da adversária às suas costas (<i>“por pouco ela não recupera os pontos”</i>), admite que <i>“achou que o árbitro ia mandar parar na área amarela”</i> e que isso a fez <i>“relaxar”</i>; em seguida, descreve que, nos últimos segundos, só pensava em <i>“não deixar o gancho entrar”</i> e que <i>“ia ser campeã”</i>. No hexádico, o engajamento (E) é preservar a vitória em cenário de turbulência final; o representamen (R) inclui a percepção do erro de inferir antes da confirmação do árbitro e do perigo real de perda do controle; a situação (S) é de placar 4 x 2, com A4 à frente em pontos, mas sob ataque direto às costas. Nos constrangimentos de organismo, há cansaço extremo e leve queda de vigilância nos instantes em que supõe a interrupção da luta; na tarefa, o foco passa a ser exclusivamente sobreviver ao ataque, impedindo a consolidação das costas; no ambiente, a luta está na área amarela, com alta interferência da arbitragem e do contexto espacial do tatame.	Esta UT sintetiza a maturidade tática adquirida por A4. Mesmo após um breve relaxamento – quando presume que o árbitro interromperia a luta –, a atleta consegue reancorar sua atenção no essencial: proteger as costas, bloquear o gancho e deixar o tempo acabar ainda em vantagem. O conhecimento tático aparece tanto na identificação posterior do erro (confiar na intervenção do árbitro) quanto na resposta imediata para corrigi-lo em tempo real. A vitória não é apenas manter o 4 x 2 no placar, mas confirmar a capacidade de gerir segundos finais caóticos, articulando leitura espacial (área amarela), regulamento (continuidade da luta) e defesa das zonas críticas (gancho e costas) sob máxima pressão.

Fonte: Elaborado pela autora.

4.2.19 Síntese Interpretativa da Luta Final (A4)

A Luta Final da atleta A4 configura-se como um combate de alta densidade decisória, no qual a tomada de decisão se organiza pela alternância entre iniciativas ofensivas pontuais e longos períodos de gestão estratégica do risco, em um contexto marcado por forte carga emocional, histórica e competitiva. Diferentemente da Luta 1 — encerrada rapidamente por finalização —, a final exige da atleta uma mobilização prolongada, vigilante e precisa do conhecimento tático em ação, orientada menos pela busca imediata de ampliação do placar e mais pela administração da vantagem construída sob pressão constante da adversária.

Desde os instantes iniciais, a experiência vivida por A4 revela uma intencionalidade tática clara e prospectiva. Na autoconfrontação, a atleta explicita que sua prioridade era “*não deixar a adversária entrar na gola cruzada nem colocar o joelho*” (A4, entrevista de autoconfrontação), reconhecendo essas ações como gatilhos centrais do jogo ofensivo rival. A decisão de puxar para a guarda laçada não emerge como resposta reativa, mas como escolha estratégica deliberada, construída a partir da memória do confronto anterior e ajustada às exigências específicas da final. Nessa configuração, a guarda passa a operar como dispositivo regulatório do risco, permitindo controlar distância, quadril e tempo, sem exposição prematura a ações de alto custo.

O episódio decisivo do combate ocorre quando A4 transforma a situação de 50/50 — associada a alto risco de contra-raspagens e decisões sensíveis à arbitragem — em iniciativa ofensiva estruturada. Ao neutralizar a tentativa de “botinha”, reorganizar as pegadas na calça e na manga e conectar uma raspagem seguida imediatamente de queda em *single leg*, a atleta constrói uma vantagem expressiva de 4×0, que reorganiza o curso da ação. Na fala retrospectiva, A4 sintetiza esse momento ao afirmar que “*não podia deixar ser quedada*” e que, ao conseguir pontuar, sentiu que “*a luta virou*” (A4, entrevista de autoconfrontação). O encadeamento evidencia um processo decisório situado, no qual a leitura precisa do risco iminente é convertida em ação eficaz, articulando percepção, técnica e contexto competitivo (Gibson, 1979; Araújo; Davids, 2009).

A partir dessa vantagem, a luta entra em um regime predominantemente regulatório. A4 mobiliza seu conhecimento não para ampliar o placar a qualquer custo, mas para impedir a ativação do repertório ofensivo da adversária, especialmente ataques envolvendo lapela, triângulo e omoplata. Observa-se, então, uma sucessão de decisões orientadas pela contenção: domínio do quadril, bloqueio das entradas de lapela, controle da distância e aceitação calculada de vantagens concedidas, desde que não se convertam em pontos ou em domínio estrutural.

Nesse período, o regulamento e a leitura da arbitragem tornam-se componentes do ambiente informacional, exigindo interpretação regulatória situada, não apenas da adversária, mas também do que conta como iniciativa, controle e risco aos olhos dos árbitros.

O momento de maior risco emerge quando A4 é atacada em uma chave de braço, já sob condição de fadiga acentuada. Na autoconfrontação, a atleta relata que, nesse instante, pensava apenas que “*não podia bater*” (A4, entrevista de autoconfrontação). A decisão de sustentar o golpe, associada à execução técnica do escape por entrada de ombro e giro, revela elevado nível de regulação emocional e corporal sob risco máximo. Ao transformar ameaça direta de finalização em escape bem-sucedido e retorno ao controle por cima, A4 converte sobrevivência em argumento tático de superioridade. Após o escape, sua escolha é inequívoca: amarrar o jogo, evitar a guarda fechada e preservar o cenário favorável, mesmo abrindo mão de novas iniciativas ofensivas.

Nos segundos finais, a luta assume caráter caótico. A adversária consegue reduzir o placar para 4×2 e ameaça a pegada nas costas na área amarela. Ainda assim, A4 demonstra capacidade de reancoragem decisória imediata, protegendo o quadril, bloqueando o gancho e impedindo a consolidação das costas até o término do tempo regulamentar. A vitória se confirma não pela ausência de falhas, mas pela capacidade de reconhecê-las e corrigi-las em tempo real, reorganizando a ação de modo funcional sob pressão extrema.

Considerada em seu conjunto, a Luta Final revela A4 como gestora tática do risco competitivo, capaz de articular memória de confrontos anteriores, leitura situada da adversária, regulação emocional e uso estratégico do regulamento. Seu conhecimento tático em ação manifesta-se menos pela busca incessante de ataques e mais pela habilidade de decidir quando avançar, quando conter e quando sobreviver, sem perder a coerência do plano global. Trata-se de uma atleta que vence não apenas por pontuar, mas por sustentar o controle do curso da ação em um ambiente de incerteza máxima.

Em consonância com o objetivo geral desta tese, a Luta Final da atleta A4 evidencia um processo decisório no qual o conhecimento não é simplesmente aplicado, mas reconstruído no próprio fluxo da luta. A atleta mobiliza saberes consolidados ao longo da trajetória (controle de pegadas, gestão da guarda laçada, defesa de finalizações e leitura do regulamento) e os ajusta dinamicamente às contingências emergentes da final, como pressão psicológica, interpretação da arbitragem e risco crescente de virada nos minutos finais. O conhecimento tático em ação manifesta-se, assim, na capacidade de converter experiências passadas em critérios operacionais presentes, regulando ofensividade, contenção e sobrevivência de forma integrada, coerente e situada (Theureau, 2014; Araújo; Davids, 2009; Davids; Button; Bennett, 2008).

4.2.19.1 *Modelo tático fenomenológico-ecológico da Luta Final (A4)*

A análise integrada da Luta Final permite identificar um modelo decisório orientado pela gestão precisa do risco sob vantagem, estruturado por quatro princípios centrais:

1. Prevenção estratégica desde o início do combate

A4 organiza o curso da ação negando precocemente as pegadas e entradas que alimentam o jogo forte da adversária (gola cruzada e joelho da guarda laçada), utilizando a guarda como dispositivo de regulação e não como espaço de exposição.

2. Conversão pontual do risco em vantagem estrutural

A atleta identifica o momento crítico na situação de 50/50 e transforma uma ameaça iminente em pontuação máxima por meio da sequência raspagem → queda, reorganizando o cenário decisório da luta.

3. Administração da vantagem por contenção ativa

Após abrir o placar, A4 prioriza controle de quadril, bloqueio de lapelas e gestão do regulamento, aceitando vantagens concedidas desde que não se convertam em pontos, mantendo o combate sob sua regulação.

4. Sobrevivência técnica como eixo decisório final

A defesa do armlock e a contenção das tentativas finais de costas explicitam um conhecimento tático orientado à preservação do curso da ação, no qual escapar, estabilizar e resistir tornam-se decisões tão centrais quanto atacar.

Esse modelo evidencia que, na Luta Final, a excelência decisória de A4 não reside na ampliação do repertório ofensivo, mas na capacidade de sustentar coerência tática sob fadiga, pressão emocional e instabilidade competitiva, confirmando a tomada de decisão como processo dinâmico, situado e incorporado no jiu-jitsu de alto rendimento.

4.2.20 Síntese Interpretativa Intracaso (A4)

4.2.20.1 *Modelo tático fenomenológico-ecológico a partir da integração TCA–DE das Lutas 1 e Final (A4)*

A análise integrada da Luta 1 e da Luta Final da atleta A4 revela um modelo decisório fortemente orientado pela construção, consolidação e preservação do domínio por cima, no qual o conhecimento tático em ação se manifesta como capacidade de transformar situações de risco em oportunidades de controle estrutural do combate (Theureau, 2014; Gibson, 1979; Araújo; Davids; Serpa, 2005). Embora os dois confrontos apresentem durações, cargas emocionais e

exigências competitivas distintas, ambos evidenciam princípios organizadores estáveis do curso da ação, ancorados na leitura das pegadas, na defesa ativa de riscos críticos e na gestão regulatória do risco posicional.

Na Luta 1, o conhecimento tático em ação de A4 emerge de forma direta e resolutiva. A atleta entra no combate com um plano claro de impor seu jogo em pé, sustentado por pegadas altas, defesa sólida de quedas e busca imediata pela condição de jogar por cima. Quando surpreendida pela tentativa de *seoi-nage* da adversária, A4 não apenas neutraliza a ameaça, mas converte imediatamente a ação em vantagem, reorganizando o corpo e assumindo o controle superior. Esse episódio sintetiza um princípio central de seu modelo: defender como ação prospectiva, capaz de reorganizar rapidamente o curso da luta a seu favor.

Após consolidar a queda e assumir a meia-guarda por cima, A4 evidencia um segundo traço estruturante: o uso da pressão e do desconforto como ferramentas de progressão posicional. A tentativa de passagem por *knee cut*, associada ao estrangulamento amassa-pão, não se orienta primariamente para finalizar, mas para liberar a perna e alcançar posição superior. A finalização antecipada, resultante da pressão contínua, revela um modo de decidir no qual o plano inicial é ajustado às *affordances* emergentes, sem ruptura da coerência tática. A Luta 1 expressa, assim, um modelo de combate no qual encurtar o percurso e preservar energia constituem critérios funcionais de decisão.

Na Luta Final, esse mesmo núcleo decisório reaparece sob maior carga estratégica, emocional e regulatória. Diferentemente da resolução rápida da Luta 1, a final exige gestão prolongada do combate diante de uma adversária com histórico recente de vitória e reconhecido domínio técnico. O conhecimento tático em ação manifesta-se, inicialmente, na capacidade de aprender com a experiência prévia e ajustar o modo de entrada: A4 chama novamente para a guarda laçada, agora com controle rigoroso da distância, negação da gola cruzada e bloqueio da entrada do joelho — elementos críticos no confronto anterior.

O episódio central da final ocorre na sequência da posição 50/50, quando A4 transforma uma situação de risco mútuo em vantagem decisiva. Ao neutralizar a “botinha”, reorganizar pegadas e conectar raspagem seguida de *single leg*, abre 4 × 0 e desloca a luta para um regime de administração da vantagem. A partir desse momento, o conhecimento tático passa a se expressar menos pela ampliação do placar e mais pela contenção inteligente do repertório adversário (lapela, triângulo e omoplata), com aceitação controlada de vantagens desde que não convertidas em pontos.

Um aspecto distintivo do intracaso A4 é a integração entre decisão técnica e regulação emocional sob pressão extrema. O episódio de defesa do armlock evidencia esse ponto: sob

fadiga avançada e ameaça direta de finalização, A4 mobiliza um protocolo técnico específico (entrada do ombro, liberação do cotovelo e giro), escapando sem conceder domínio posicional. A decisão de não bater não se reduz à resistência, mas se ancora em leitura calibrada do risco real e em conhecimento incorporado do próprio repertório defensivo.

Nos segundos finais, mesmo após sofrer raspagem e quase permitir a entrada nas costas, A4 demonstra reancoragem decisória em tempo real, redirecionando atenção para a tarefa essencial: impedir o gancho e gerir o cronômetro, especialmente na borda da área de luta. Esse fechamento revela um conhecimento tático que ultrapassa a execução técnica, integrando leitura espacial, interpretação do regulamento e gestão do tempo como componentes constitutivos da ação.

Do cruzamento entre Luta 1 e Luta Final emerge um modelo intracaso claro: A4 pensa, sente e decide a partir do jogo por cima, utilizando defesa ativa de riscos críticos, controle de pegadas e pressão posicional como eixos de sua organização perceptivo-decisória. Na Luta 1, esse modelo se expressa de forma expansiva e resolutiva; na final, assume caráter regulatório, orientado à preservação da vantagem e à neutralização de riscos críticos.

No âmbito do objetivo geral desta investigação — compreender como atletas faixa-preta de jiu-jitsu constroem e mobilizam conhecimento tático em ação durante lutas competitivas oficiais —, o intracaso A4 evidencia que tal conhecimento não é aplicado de forma mecânica, mas reconstruído continuamente a partir das situações vividas. A atleta mobiliza saberes previamente consolidados (defesa de quedas, pressão por cima, escapes e leitura do regulamento) e os reorganiza diante de adversária específica, contexto emocional distinto e constrangimentos variáveis do organismo, da tarefa e do ambiente (Newell, 1986; Araújo, 2009; Theureau, 2014). Sua singularidade tática reside na capacidade de converter risco em controle e sustentar decisões eficazes mesmo sob fadiga, ameaça de finalização e pressão máxima de uma final, confirmando um modelo decisório coerente com abordagens fenomenológico-ecológicas da tomada de decisão no esporte de alto rendimento.

O Quadro 49 sistematiza o modelo tático fenomenológico-ecológico intracaso da atleta A4, integrando os achados da Luta 1 e da Luta Final em um esquema comparativo articulado.

Quadro 49 – A4-09 – Modelo Intracaso TCA–DE do Atleta A4

Dimensão Analítica	Descrição Integrada (TCA × DE)	Evidências e Referências
1. Núcleo tático-perceptivo	O jogo por cima constitui o eixo central da organização perceptiva e decisória de A4, a partir do qual regula risco, constrói vantagem e sustenta o engajamento da ação.	Defesa ativa de quedas, controle de pegadas e instalação recorrente do controle superior. (Theureau, 2014; Gibson, 1979; Newell, 1986).
2. Função do núcleo nas duas lutas	Luta 1: matriz expansiva e resolutiva (encurtamento do percurso tático). Luta Final: plataforma regulatória (preservação da vantagem e neutralização de riscos).	Luta 1: defesa de seoi-nage → controle por cima → finalização. Luta Final: 50/50 → raspagem + single leg (4 × 0) → contenção do repertório adversário. (Davids; Button; Bennett, 2008; Araújo; Davids, 2009).
3. Estruturas táticas dominantes	Luta 1: conversão rápida de ameaça em domínio e encerramento eficiente. Luta Final: conversão pontual do risco em vantagem estrutural e administração do placar sob pressão.	Episódio decisivo: defesa ativa (L1) e sequência 50/50 → raspagem → queda (Final). (Poizat; Saury; Sève, 2013).
4. Processos decisórios fenomenológicos	As decisões emergem da leitura tátil das pegadas, da percepção do risco e da regulação emocional sob ameaça de pontuação e finalização.	Verbalizações e decisões: negação de gola cruzada/joelho, “não podia ser quedada”, “não podia bater”, reancoragem final na borda da área de luta. (Theureau, 2014; Araújo <i>et al.</i> , 2016).
5. Regulação e gestão estratégica	Luta 1: eficiência e economia de energia por progressão curta. Luta Final: gestão conservadora do risco, do tempo, do placar e do regulamento (vantagens).	Encerramento precoce (L1) e contenção dos minutos finais, aceitando vantagens sem ceder pontos decisivos (Final). (Araújo; Davids; Serpa, 2005; Saury; Durand, 1998).
6. Integração dos constrangimentos (O–T–A)	A ação equilibra ativação/fadiga (organismo), exigências de pontuação e valor da final (tarefa) e pressão competitiva/arbitragem/borda da área de luta (ambiente).	Episódios sob fadiga, ameaça de armlock, leitura do tempo e da borda da área de luta, decisões sensíveis à arbitragem. (Newell, 1986; Araújo; Davids, 2009).
7. Perfil tático integrado	Dupla face: dominância resolutiva (L1) e gestão do risco sob pressão máxima (Final).	Luta 1: progressão curta e finalização. Luta Final: abrir 4 × 0, escapar do armlock e proteger as costas no fim. (Theureau, 2014; Barris; Davids; Farrow, 2013).
8. Síntese intracaso	A4 mobiliza conhecimento tático em ação ao transformar risco em controle e sustentar coerência decisória em contextos de instabilidade competitiva.	Conversão de ameaça em domínio (L1) e controle do curso da ação sob vantagem e pressão (Final). (Theureau, 2014; Araújo; Davids, 2009; Davids; Button; Bennett, 2008).

Fonte: Elaborado pela autora.

A conclusão do intracaso A4 encerra o conjunto das análises individuais desta investigação e permite consolidar, com maior nitidez, o quadro comparativo que orienta a etapa seguinte. Considerados em conjunto, os quatro intracasos evidenciam que a tomada de decisão no jiu-jitsu competitivo não se organiza apenas por “técnicas escolhidas”, mas por matrizes de organização perceptivo-tática relativamente estáveis, a partir das quais os atletas percebem oportunidades, reconhecem riscos e regulam o curso da ação em tempo real.

Nesse conjunto, emergem dois regimes predominantes de organização da decisão: (i) guarda como núcleo tático-perceptivo (A1 e A3) e (ii) jogo por cima como núcleo tático-perceptivo (A2 e A4). No primeiro eixo, a guarda opera como espaço privilegiado de leitura háptica, variação ofensiva e regulação do risco por controle do quadril, distância e tempo. No segundo, o jogo por cima se estrutura como plataforma de controle espacial, pressão progressiva e conversão da vantagem posicional em desfecho, combinando progressão e contenção estratégica conforme as exigências do combate.

Importa ressaltar que esses eixos não devem ser lidos como “estilos fixos” nem como categorias estanques: em todos os casos, há alternância situacional entre atacar, estabilizar, conter e proteger. O que varia é onde (em qual ambiente posicional) e como (por quais critérios práticos) essa regulação tende a se ancorar quando a luta se torna crítica — isto é, quando o risco aumenta, o tempo encurta ou o placar exige decisões de maior custo.

Além disso, embora os combates se distribuam em diferentes categorias de peso e categoria de sexo, tais constrangimentos não são tratados aqui como determinantes diretos do desempenho decisório. Eles integram o ambiente ecológico da luta — influenciando estabilidade das interações, custo corporal e dinâmica de controle —, mas os resultados mostram que a decisão emerge, sobretudo, da relação singular atleta–adversário–situação, e da forma como cada atleta mobiliza seu conhecimento tático em ação sob as exigências da tarefa competitiva.

Diante disso, torna-se necessário avançar para uma análise intercasos que ultrapasse a descrição isolada dos modelos individuais e explicita, de forma sistemática, regularidades, contrastes e princípios organizadores transversais da tomada de decisão no jiu-jitsu competitivo. Assim, na seção seguinte (4.3), procede-se à Análise Intercasos, articulando os quatro atletas a partir do eixo guarda x jogo por cima, com o objetivo de identificar padrões recorrentes de regulação situada, modos compartilhados de gestão do risco e invariantes fenomenológico-ecológicos que sustentam a decisão em lutas competitivas oficiais de alto rendimento.

4.3 **Análise Intercasos: construção e mobilização do conhecimento tático em ação no jiu-jitsu competitivo**

A análise intercasos tem como objetivo integrar os achados dos quatro intracasos (A1, A2, A3 e A4), buscando compreender como atletas faixa-preta de jiu-jitsu constroem e mobilizam conhecimento tático em ação durante lutas competitivas oficiais, em consonância com o objetivo geral desta tese. Diferentemente de comparações ancoradas em estilos técnicos, categorias de peso ou desfechos finais, esta seção adota como eixo analítico central os processos decisórios em situação, articulando a Dinâmica Ecológica (DE) e a Teoria do Curso da Ação (TCA) para compreender a decisão como fenômeno situado, experiencial e regulado em tempo real (Araújo; Davids, 2009).

O Quadro 50 sintetiza os principais modos de construção e mobilização do conhecimento tático em ação identificados nos quatro casos. Embora todos os atletas compartilhem o mesmo nível competitivo (faixa-preta, elite nacional), os resultados evidenciam que o conhecimento tático não se manifesta de forma homogênea. Ao contrário, ele assume organizações decisórias distintas, associadas à trajetória esportiva, ao repertório técnico dominante e, sobretudo, ao modo como cada atleta percebe, interpreta e regula os constrangimentos do combate.

Desse conjunto emerge um eixo transversal estruturante desta tese: a oposição funcional entre atletas cuja decisão se organiza prioritariamente a partir da guarda (A1 e A3) e atletas cuja decisão se ancora no jogo por cima (A2 e A4). Tal oposição não deve ser compreendida como dicotomia técnica rígida, mas como diferenciação de matrizes de organização decisória, isto é, de núcleos funcionais a partir dos quais o atleta estabiliza a leitura do combate, regula o risco e orienta prioridades de ação.

Nos atletas A1 e A3, a guarda não se configura apenas como posição técnica, mas como núcleo tático-perceptivo a partir do qual o curso da ação é organizado. Em A1, a guarda opera ora como matriz ampliadora da ação (Luta 1), favorecendo exploração ofensiva, variação e criação de oportunidades, ora como zona regulatória (Luta Final), orientada à proteção corporal, à gestão do tempo e à preservação do resultado. Em A3, observa-se lógica semelhante, porém marcada por maior prudência: a guarda funciona como espaço de reorganização após desvantagem inicial (Luta 1) e como ferramenta de controle rigoroso do risco e do tempo na Final. Em ambos os casos, decidir não significa escolher entre “atacar” ou “defender”, mas regular a ação a partir da guarda, equilibrando ofensividade, segurança e leitura situacional.

Por outro lado, os atletas A2 e A4 constroem e mobilizam seu conhecimento tático predominantemente a partir do jogo por cima, entendido como espaço privilegiado de controle,

pressão e progressão. Em A2, esse jogo por cima assume forma adaptativa e móvel: na Luta 1, opera como matriz exploratória, incorporando inclusive o uso funcional da guarda para destravar o combate; na Final, transforma-se em plataforma de controle progressivo, orientada pela paciência e pela conversão eficiente da pressão em costas e finalização. Em A4, o jogo por cima articula controle posicional, gestão do risco extremo e sobrevivência tática²⁸, especialmente na Luta Final, em que o conhecimento em ação se manifesta na capacidade de manter a liderança sob instabilidade, em situações críticas como a 50/50, a ameaça de chave de braço e os segundos finais sob ataque às costas.

Enquanto o Quadro 50 explicita *onde* e a partir de quais matrizes a decisão tende a se organizar (guarda ou jogo por cima), o Quadro 51 aprofunda a análise ao focalizar *como* essa decisão é construída e mobilizada no fluxo da ação, a partir dos componentes da Teoria do Curso da Ação. A análise do signo hexádico evidencia que o conhecimento tático em ação é continuamente (re)construído no próprio curso da luta, a partir da experiência vivida e das significações que emergem em tempo real.

Em A1, o engajamento decisório mostra-se especialmente sensível a informações hápticas e corporais (dor, fadiga, tensão nas pegadas), e o conhecimento é mobilizado como capacidade de interpretar microaberturas e reorganizar a ação sem ruptura de coerência funcional. Em A2, o engajamento permanece orientado à iniciativa, com decisões emergindo da leitura da mobilidade, dos travamentos e das oportunidades de progressão, configurando um conhecimento estruturado como sistema de princípios operatórios. Em A3, o processo decisório é marcado pela centralidade do tempo e do placar como elementos significativos dominantes, evidenciando um modo de decisão prudencial e estrategicamente regulado. Em A4, a decisão assume caráter fortemente regulatório em momentos críticos, com mobilização de protocolos técnicos específicos, associada a elevada resiliência emocional²⁹, especialmente relevante considerando que a atleta relata ter atravessado, no período pré-competitivo, situações emocionalmente adversas, reguladas no curso da luta sem ruptura da coerência decisória.

Tomados em conjunto, os dois quadros permitem sustentar que o conhecimento tático em ação não corresponde à aplicação de um plano prévio, nem à simples escolha entre alternativas previamente armazenadas. Ele se manifesta como processo situado de construção

²⁸ A expressão “sobrevivência tática” é utilizada neste estudo conforme mobilizada pela própria atleta nas entrevistas de autoconfrontação, referindo-se à capacidade de manter-se funcionalmente engajada no combate em situações de risco extremo, priorizando a proteção posicional, a gestão do tempo e a redução de perdas, sem ruptura do curso da ação nem abandono da coerência tática.

²⁹ A noção de “resiliência emocional” é empregada neste estudo conforme mobilizada pela própria atleta nas entrevistas de autoconfrontação, referindo-se à capacidade de sustentar e recuperar a organização da ação em situação competitiva, mesmo diante de perturbações emocionais prévias e de constrangimentos intensos durante a luta, sendo compreendida como processo situado de regulação emocional e decisória no curso da ação.

e mobilização, no qual o atleta articula percepção, ação, emoção e intenção sob constrangimentos variáveis do organismo, da tarefa e do ambiente (Araújo; Davids; Serpa, 2005).

Cabe destacar que os atletas analisados pertencem a categorias de peso e categorias de sexo distintas, conforme definido pelo regulamento oficial da CBJJ. Tais elementos influenciam a estabilidade das interações, o custo energético das ações e o risco associado a determinadas posições. Contudo, nesta investigação, essas categorias não são tratadas como determinantes causais da decisão, mas como constrangimentos ecológicos contextuais que modulam o campo de possibilidades da ação. A decisão emerge, assim, da relação singular entre atleta, adversário e situação competitiva, e não da categoria em si (Newell, 1986).

Em termos gerais, a análise intercasos demonstra que:

- a guarda (A1 e A3) e o jogo por cima (A2 e A4) não constituem estilos opostos, mas matrizes distintas de organização decisória;
- o conhecimento tático em ação apresenta simultaneamente estabilidade nos princípios e variabilidade na forma de mobilização;
- a excelência decisória no jiu-jitsu competitivo reside menos na diversidade técnica isolada e mais na capacidade de interpretar e regular o combate enquanto ele acontece, preservando coerência funcional sob pressão e instabilidade.

Os resultados intercasos, portanto, indicam que há estabilidade em princípios organizadores (controle do risco, coerência funcional e regulação do curso da ação) e variabilidade nos modos de mobilização (núcleo guarda versus núcleo jogo por cima). Esse padrão sustenta a interpretação de que excelência decisória não se confunde com repertório técnico amplo em si, mas com a capacidade de regular o curso da ação sob constrangimentos, mantendo viabilidade tática em tempo real.

Quadro 50 – Análise Intercasos (A1–A4): Modos de Construção e Mobilização do Conhecimento Tático em Ação no Jiu-Jitsu Competitivo

(Continua)

Dimensão Analítica	A1 - Guarda como núcleo regulatório	A2 - Jogo por cima móvel	A3 - Guarda estratégica e gestão do tempo	A4 - Jogo por cima controlador
Núcleo tático-perceptivo	Guarda constitui o eixo central da percepção, decisão e ação. A partir dela, A1 regula risco, ofensividade e proteção corporal.	Jogo por cima com mobilidade é o núcleo organizador. A percepção se ancora na leitura de travamentos, espaços e oportunidades de progressão.	Guarda funciona como espaço de reorganização estratégica e reversão do placar, especialmente sob desvantagem inicial.	Domínio por cima e controle do quadril estruturam a percepção e a tomada de decisão, com foco em neutralizar os meios de ação da adversárias.

Quadro 50 – Análise Intercasos (A1–A4): Modos de Construção e Mobilização do Conhecimento Tático em Ação no Jiu-Jitsu Competitivo

(Continuação)

Dimensão Analítica	A1 - Guarda como núcleo regulatório	A2 - Jogo por cima móvel	A3 - Guarda estratégica e gestão do tempo	A4 - Jogo por cima controlador
Plano inicial de luta	Instalação rápida da guarda para impor identidade técnica e reduzir riscos (ex.: proteção do pé).	Busca ativa da iniciativa por cima desde o início, com quedas e controle do ritmo.	Intenção inicial de jogar por cima, rapidamente ajustada para guarda quando surpreendida pela puxada adversária.	Plano híbrido: alterna guarda e jogo por cima conforme o confronto, com forte ajuste estratégico na final.
Função da guarda	Luta 1: matriz ampliadora da ofensividade. Final: zona regulatória e de contenção do risco.	Guarda é usada de forma funcional e transitória para destravar a luta e retornar à posição superior.	Guarda é simultaneamente espaço defensivo, ofensivo e de gestão do placar.	Guarda aparece como meio estratégico (laçada/50-50), mas não como centro identitário do jogo.
Função do jogo por cima	Secundária e situacional; usada quando emergem oportunidades claras (ex.: costas).	Central: base do modelo tático, articulando pressão, mobilidade e finalização.	Pontual; ocorre após raspagens para consolidar vantagem e impedir devolução de pontos.	Central e dominante; organiza controle, gestão do placar e neutralização do risco até o fim.
Processos decisórios (TCA)	Decisão emerge da leitura situada do adversário, da dor/fadiga e da gestão do regulamento. Conhecimento mobilizado e recriado em tempo real.	Decisão baseada na regulação contínua do risco e da mobilidade, com microajuste frente a instabilidades.	Decisão fortemente ancorada na leitura do tempo, do placar e da necessidade de reagir ou conservar.	Decisão orientada pela sensibilidade aos riscos críticos emergentes (quedas, finalizações, costas) e pela defesa ativa.
Regulação do risco (DE)	Risco é regulado retraindo ou expandindo a ofensividade da guarda conforme fadiga e placar.	Risco é convertido em progressão ofensiva por meio da pressão e do controle superior.	Risco é administrado pela paciência, pela guarda fechada e pela escolha de momentos precisos de ataque.	Risco é neutralizado por bloqueio de pegadas, controle do quadril e aceitação estratégica de perdas parciais.
Uso do regulamento	Luta 1: uso expansivo (provocar faltas). Final: uso defensivo e conservador do placar e do tempo.	Uso funcional do placar para sustentar iniciativa e acelerar o desfecho.	Gestão regulatória do tempo e da vantagem como recurso decisório central.	Uso estratégico do placar (4x0 / 4x2) como eixo absoluto da gestão da final.

Quadro 50 – Análise Intercasos (A1–A4): Modos de Construção e Mobilização do Conhecimento Tático em Ação no Jiu-Jitsu Competitivo

(Conclusão)

Dimensão Analítica	A1 - Guarda como núcleo regulatório	A2 - Jogo por cima móvel	A3 - Guarda estratégica e gestão do tempo	A4 - Jogo por cima controlador
Gestão emocional	Alternância entre agressividade e contenção, regulada pela dor e fadiga.	Controle emocional associado à mobilidade e à confiança no jogo por cima.	Alta estabilidade emocional; paciência e foco sob pressão prolongada.	Resiliência extrema sob ameaça de finalização e nos segundos finais da luta.
Modo de mobilização do conhecimento tático	Conhecimento previamente construído é mobilizado e recriado a partir das contingências específicas de cada luta.	Conhecimento é mobilizado como sistema de princípios (mobilidade, pressão, costas) aplicados de forma adaptativa.	Conhecimento é mobilizado como repertório flexível, acionado conforme tempo, placar e comportamento adversário.	Conhecimento é mobilizado como protocolo de controle e sobrevivência tática sob máxima pressão competitiva.
Resultado decisório dominante	Vitória pela leitura situada, regulação do risco e uso estratégico da guarda.	Vitória pela imposição do jogo por cima e conversão do domínio em finalização.	Vitória pela capacidade de reagir, virar o placar e administrar a vantagem.	Vitória pela manutenção do controle, mesmo diante de perdas parciais e instabilidade final.
Síntese do intracaso	A1 constrói e mobiliza conhecimento tático a partir da guarda como identidade perceptivo-decisória.	A2 constrói e mobiliza conhecimento tático a partir do jogo por cima móvel e ofensivo.	A3 constrói e mobiliza conhecimento tático a partir da guarda como ferramenta estratégica de gestão do combate.	A4 constrói e mobiliza conhecimento tático a partir do controle superior e da neutralização ativa do risco.

Fonte: Elaborada pela autora.

Quadro 51 – Análise Intercasos dos Processos Decisórios (TCA): Construção e Mobilização do Conhecimento Tático em Ação (A1–A4)

(Continua)

Dimensão TCA	A1 - Guarda como centro decisório	A2 - Jogo por cima adaptativo	A3 - Guarda estratégica e prudencial	A4 - Controle por cima e sobrevivência tática
Engajamento (E)	Engajamento orientado à segurança inicial e à instalação da guarda como espaço de controle do risco, da dor e do ritmo. O engajamento oscila entre expansão ofensiva (Luta 1) e contenção prudencial (Final).	Engajamento voltado à imposição da iniciativa por cima, com busca contínua por progressão e fechamento. Mesmo sob risco, o engajamento permanece ofensivo, embora regulado.	Engajamento inicialmente frustrado (plano por cima interrompido), rapidamente reorganizado para reagir, virar o placar e conservar a vantagem. Forte orientação ao controle do tempo.	Engajamento centrado na manutenção do domínio conquistado, com forte compromisso em não perder posições críticas (guarda, costas, armlock), mesmo sob fadiga extrema.
Situação (S)	Situações vividas como instáveis e dinâmicas, marcadas por dor, fadiga e oscilações no placar, especialmente na Luta 1. Na Final, situação vivida como ameaça permanente (50/50, tempo).	Situações vividas como problemas a resolver por progressão, em que cada travamento exige ajuste imediato do plano.	Situações interpretadas a partir do tempo disponível, do placar e do comportamento fechado da adversária.	Situações percebidas como zonas críticas de risco, especialmente na 50/50, no armlock e nos segundos finais na borda da área de luta.
Representamen (R)	Percepções hápticas de baixa amplitude: tensão nas pegadas, sinais de afobação do adversário, dor no pé, proximidade da borda da área de luta. Essas informações orientam decisões micro-situadas.	Representações ancoradas na mobilidade e no bloqueio do travamento: sentir quando “fica preso” ou “fica solto” orienta manter ou mudar a ação.	Representações fortemente temporais: leitura constante do cronômetro, sensação de “hora de reagir” ou “hora de segurar”.	Representações corporais intensas: dor no braço (armlock), fadiga extrema, sensação de perda iminente se o gancho entrar.

Quadro 51 – Análise Intercasos dos Processos Decisórios (TCA): Construção e Mobilização do Conhecimento Tático em Ação (A1–A4)

(Continuação)

Dimensão TCA	A1 - Guarda como centro decisório	A2 - Jogo por cima adaptativo	A3 - Guarda estratégica e prudencial	A4 - Controle por cima e sobrevivência tática
Unidade de Ação (U)	Ações encadeadas a partir da guarda: raspagens, entradas nas costas, estabilizações e retrações defensivas conforme o risco aumenta.	Sequências de ações por cima: quedas, mobilidade na passagem, pressão contínua e finalização.	Ações organizadas em ciclos: organizar guarda → atacar → raspar → subir → conservar.	Ações focadas em bloquear, sobreviver e estabilizar, mesmo que isso implique aceitar perdas pontuais (vantagens, 2 pontos).
Potencial de Ação (A)	Potencial percebido na guarda como matriz de múltiplas possibilidades, tanto ofensivas quanto regulatórias.	Potencial percebido na progressão contínua: cada posição é vista como meio para chegar às costas ou finalizar.	Potencial percebido na variação ofensiva da guarda e na capacidade de virar o combate em um único episódio decisório.	Potencial percebido na contenção do risco: vencer não ampliando ações, mas impedindo o colapso posicional.
Interpretação (I)	Ação interpretada como resposta situada aos constrangimentos do corpo e do adversário. A vitória emerge da capacidade de interpretar o combate enquanto ele acontece.	Ação interpretada como sequência coerente de decisões que mantêm a iniciativa. A luta é vista como algo a ser conduzido.	Ação interpretada como gestão estratégica: saber quando atacar e quando não atacar é central para vencer.	Ação interpretada como teste de resiliência tática: não errar, não ceder e resistir até o fim são decisões centrais.
Modo de construção do conhecimento	Conhecimento construído ao longo da trajetória como guardieiro e reconfigurado em tempo real conforme dor, fadiga e adversário.	Conhecimento construído como sistema de princípios (mobilidade, pressão, costas), aplicável a diferentes situações.	Conhecimento construído como repertório flexível, fortemente dependente de leitura temporal e contextual.	Conhecimento construído como protocolo de controle e defesa, estabilizado por experiências prévias de risco extremo.

Quadro 51 – Análise Intercasos dos Processos Decisórios (TCA): Construção e Mobilização do Conhecimento Tático em Ação (A1–A4)

(Conclusão)

Dimensão TCA	A1 - Guarda como centro decisório	A2 - Jogo por cima adaptativo	A3 - Guarda estratégica e prudencial	A4 - Controle por cima e sobrevivência tática
Modo de mobilização do conhecimento em ação	Mobilização situada, sensível às <i>affordances</i> da guarda e às limitações corporais momentâneas.	Mobilização dinâmica, com ajustes contínuos percepção–ação para manter o jogo por cima.	Mobilização prudencial, com decisões calibradas pelo tempo, placar e custo do erro.	Mobilização reativa-regulatória, acionando respostas altamente específicas para neutralizar ameaças críticas.
Síntese decisória (TCA)	Decidir é regular a ação a partir da guarda, equilibrando ofensividade e proteção.	Decidir é manter a iniciativa por cima, ajustando-se sem perder coerência tática.	Decidir é saber quando agir e quando conter, usando a guarda como ferramenta estratégica.	Decidir é sobreviver taticamente, mantendo controle mínimo suficiente para vencer.

Fonte: Elaborada pela autora.

O intercaso mostra estabilidade em princípios (controle do risco, coerência funcional) e variabilidade na mobilização (núcleo guarda vs por cima), indicando que excelência decisória não é diversidade técnica, mas capacidade de regular o curso da ação sob constrangimentos.

4.4 Síntese fenomenológico-ecológica da tomada de decisão no jiu-jitsu

A partir da integração dos resultados intracaso e intercasos, esta seção apresenta uma síntese fenomenológico-ecológica da tomada de decisão no jiu-jitsu competitivo, consolidando um modelo integrador que permite compreender como atletas faixa-preta constroem e mobilizam conhecimento tático em ação durante lutas competitivas oficiais, em consonância com o objetivo geral desta tese.

Os achados evidenciam que a tomada de decisão no jiu-jitsu não pode ser compreendida como um processo interno antecedente à ação, tampouco como mera seleção entre alternativas técnicas previamente armazenadas. Ao contrário, decidir emerge como um processo contínuo, situado e encarnado, no qual percepção, ação, emoção, intenção e regulação do risco se articulam no próprio fluxo do combate, sob constrangimentos dinâmicos do organismo, da tarefa e do ambiente (Araújo; Davids, 2009; Theureau, 2014).

A Figura 3 não deve ser interpretada como uma representação sequencial ou linear da tomada de decisão, mas como um sistema dinâmico de relações entre percepção, ação, experiência vivida e constrangimentos ecológicos. Os elementos nela representados não correspondem a etapas sucessivas nem a um encadeamento causal fixo; expressam processos simultâneos e interdependentes, que se reorganizam continuamente no curso da ação. Desse modo, a figura explicita como o conhecimento tático em ação emerge, se estabiliza e se transforma em situação competitiva real, em consonância com os pressupostos da Teoria do Curso da Ação e da Dinâmica Ecológica.

4.4.1 Decidir é regular o curso da ação em situação

Em todas as lutas analisadas, a decisão manifesta-se como regulação contínua do curso da ação, e não como um evento pontual. Os atletas não “param para decidir”; decidem enquanto agem, ajustando suas ações a partir das informações que emergem da interação corporal com o adversário — pegadas, pressão, equilíbrio e resistência —, do estado interno — fadiga, dor e ativação emocional — e das exigências contextuais do combate — placar, tempo, regulamento e fase do campeonato.

Tal compreensão foi sustentada empiricamente pela análise das sequências de signos (E–S–R–U–A–I) ao longo das Unidades Táticas (UTs), nas quais se observou que cada interpretação produzida em um episódio reorganiza o engajamento, os representâmens e os potenciais de ação subsequentes, evidenciando a decisão como processo contínuo de regulação do curso da ação.

Em A3, por exemplo, a leitura do placar e do tempo ao final da luta reorganiza o engajamento da atleta, deslocando a prioridade da progressão ofensiva para uma contenção prudencial, o que evidencia a sequência entre interpretação, novo engajamento e ajuste da ação subsequente.

Nesse sentido, o conhecimento tático em ação revela-se como a capacidade de sustentar coerência funcional mesmo diante de instabilidades, riscos e mudanças abruptas do combate. A decisão não se expressa apenas na escolha entre atacar ou defender, mas no modo como o atleta prioriza, antecipa, contém, adia ou abandona possibilidades de ação, em função do que a situação oferece ou restringe naquele momento.

4.4.2 Núcleos tático-perceptivos e matrizes decisórias

A análise integrada permitiu identificar que a tomada de decisão no jiu-jitsu se organiza em torno de núcleos tático-perceptivos, que funcionam como matrizes a partir das quais o atleta percebe, interpreta e orienta sua ação. No conjunto dos casos analisados, dois grandes núcleos emergem de forma clara:

- a guarda, como matriz decisória central (A1 e A3);
- o jogo por cima, como matriz decisória central (A2 e A4).

Esses núcleos não devem ser compreendidos como estilos técnicos fixos, mas como formas de organização do conhecimento em ação. A guarda, em A1 e A3, opera como espaço privilegiado de leitura háptica, reorganização estratégica e regulação do risco, permitindo tanto expansão ofensiva quanto contenção prudencial. Já o jogo por cima, em A2 e A4, estrutura-se como plataforma de controle espacial, pressão progressiva e conversão eficiente da vantagem posicional em desfecho competitivo.

Assim, a decisão no jiu-jitsu não se reduz a “preferir lutar por cima ou por baixo”, mas a construir sentido e orientar a ação a partir de um espaço funcionalmente significativo, no qual o atleta reconhece maior capacidade de perceber oportunidades, regular ameaças e sustentar coerência tática.

4.4.3 A experiência vivida como fonte do conhecimento decisório

A incorporação da Teoria do Curso da Ação permitiu acessar a dimensão experiencial da tomada de decisão, evidenciando que o conhecimento tático em ação é continuamente (re)construído a partir de experiências vividas no próprio curso da luta, tais como a percepção da fadiga progressiva, a leitura do tempo e do placar, a sensação de risco iminente e a necessidade de regular a ação sob pressão competitiva.

As verbalizações produzidas nas entrevistas de autoconfrontação mostram que os atletas interpretam suas ações com base nessas experiências corporais, temporais e regulatórias, mobilizando significações situadas como “*não posso me afobar*”, “*não posso dar ponto*”, “*tenho que manter o controle*”, “*agora é hora de segurar*” ou “*agora é hora de atacar*”.

Tais significações não constituem abstrações pós-hoc, isto é, racionalizações retrospectivas elaboradas após o término da ação, mas elementos constitutivos da própria ação, pois orientam o engajamento, delimitam potenciais de ação e modulam a relação do atleta com o risco no exato momento em que a decisão se produz. A decisão emerge, portanto, como uma síntese momentânea entre experiência passada, percepção atual e orientação prática ao que pode

acontecer a seguir, sem depender de cálculos explícitos ou de planos rígidos, mas sendo continuamente ajustada no fluxo da atividade (Theureau, 2014).

4.4.4 A tomada de decisão como equilíbrio dinâmico entre risco e controle

Um achado transversal desta pesquisa é que decidir no jiu-jitsu competitivo envolve, de forma permanente, a gestão do risco. Em todos os atletas analisados, independentemente do núcleo tático dominante, observa-se uma alternância regulada entre momentos de exploração ofensiva e momentos de contenção estratégica.

Essa regulação não obedece a uma lógica dicotômica — atacar versus defender —, mas a um equilíbrio dinâmico, no qual o atleta avalia continuamente:

- o custo corporal da ação (fadiga, dor, desgaste);
- o valor tático da posição (pontuação, controle, ameaça);
- o contexto temporal e competitivo (fase da luta, placar e importância do confronto).

A decisão eficaz, nesse contexto, é aquela que preserva a viabilidade do curso da ação, mesmo quando isso implica abdicar temporariamente de oportunidades ofensivas em favor da estabilidade tática.

Os resultados também indicam que constrangimentos associados à categoria de peso e à categoria de sexo — tal como definidas pelo regulamento oficial da CBJJ — participam da configuração do campo decisório, influenciando a estabilidade das interações, o custo energético das ações e o risco associado a determinadas posições. Contudo, esses constrangimentos não operam como determinantes diretos da tomada de decisão, mas como componentes da tarefa competitiva que modulam o ambiente ecológico no qual o conhecimento tático em ação emerge. Assim, a decisão não decorre da categoria de peso ou de sexo em si, mas da relação singular entre o atleta e a situação de combate (Newell, 1986; Araújo; Davids, 2009).

4.4.5 Modelo integrador da tomada de decisão no jiu-jitsu

À luz dos resultados, propõe-se um modelo fenomenológico-ecológico da tomada de decisão no jiu-jitsu, no qual:

1. a decisão é compreendida como processo situado, inseparável da ação;
2. o conhecimento tático em ação emerge da interação dinâmica entre percepção, experiência vivida e constrangimentos ecológicos;

3. núcleos tático-perceptivos (guarda ou jogo por cima) organizam a leitura do combate e a orientação das ações;
4. a excelência decisória manifesta-se na capacidade de regular o curso da ação, mantendo coerência tática sob pressão, risco e instabilidade;
5. o atleta não apenas aplica conhecimento previamente construído, mas recria esse conhecimento em tempo real, ajustando-o às singularidades de cada luta.

Essa síntese permite compreender o jiu-jitsu como uma prática decisória de alta complexidade, na qual decidir é agir com sentido, e agir é continuamente interpretar o combate enquanto ele acontece.

Figura 3 – Modelo fenomenológico-ecológico da tomada de decisão no jiu-jitsu competitivo



Legenda: A figura sintetiza a integração entre a Dinâmica Ecológica e a Teoria do Curso da Ação, evidenciando a tomada de decisão como processo situado, encarnado e contínuo, que emerge no próprio curso da ação em situação real de combate. O modelo organiza-se em três níveis interdependentes: (i) a interação atleta–adversário como base perceptivo-motora da decisão; (ii) os núcleos tático-perceptivos (guarda e jogo por cima) como matrizes de organização da ação; e (iii) a regulação dinâmica do curso da ação a partir da experiência vivida, da gestão do risco e dos constrangimentos do organismo, da tarefa e do ambiente. O diagrama representa a decisão não como evento antecedente à ação, mas como processo de regulação contínua que orienta a construção e a mobilização do conhecimento tático em ação no jiu-jitsu competitivo de alto rendimento.

Fonte: Elaborada pela autora.

A Figura 3 apresenta uma síntese visual do modelo fenomenológico-ecológico da tomada de decisão no jiu-jitsu, construída a partir da integração dos resultados intracaso e intercasos desta investigação. Na parte superior do diagrama, destaca-se a sincronia atleta–adversário, representando o caráter essencialmente interativo, corporal e situado do jiu-jitsu competitivo. Nesse nível, percepção, ação e emoção não são compreendidas como etapas sequenciais, mas como dimensões que se co-constituem na interação em tempo real, orientando ajustes contínuos do comportamento motor sob oposição direta.

No nível intermediário, a figura explicita os núcleos tático-perceptivos que organizam a tomada de decisão dos atletas analisados. Conforme evidenciado na análise intercasos, a guarda e o jogo por cima emergem como matrizes decisórias predominantes, não como categorias estanques, mas como formas dinâmicas de organização do conhecimento tático em ação, mobilizáveis e ajustáveis conforme as contingências da luta.

Na parte inferior do diagrama, é representada a regulação dinâmica do curso da ação, núcleo organizador do modelo proposto. A tomada de decisão é compreendida como processo de equilíbrio entre experiência vivida, risco e controle, articulado continuamente às informações que emergem do corpo do atleta, do comportamento do adversário e do contexto competitivo (tempo, placar e regulamento). Nesse nível, decidir corresponde à capacidade de sustentar a viabilidade do curso da ação, alternando exploração ofensiva e contenção estratégica sem ruptura da coerência tática.

Em conjunto, a figura sintetiza a principal contribuição desta tese: decidir no jiu-jitsu é regular o curso da ação em situação, mobilizando conhecimento tático construído ao longo da trajetória esportiva, mas continuamente recriado no próprio fluxo da luta.

4.4.6 Implicações teóricas

Do ponto de vista teórico, esta tese contribui para o aprofundamento da compreensão da tomada de decisão em esportes de oposição complexos ao demonstrar, por meio das sequências de signos (E–S–R–U–A–I) reconstruídas ao longo das Unidades Táticas, que a decisão não se configura como escolha pontual, mas como processo contínuo de regulação do curso da ação em situação. As sequências analíticas evidenciaram que cada interpretação produzida em um episódio reorganiza o engajamento, os representâmens e os potenciais de ação subsequentes, permitindo compreender como atletas de elite sustentam coerência funcional mesmo diante de instabilidades, risco e pressão competitiva.

Adicionalmente, a tese avança na articulação entre Dinâmica Ecológica e Teoria do Curso da Ação ao propor uma síntese teórico-metodológica entre atividade e contexto, na qual a experiência vivida do atleta e os constrangimentos ecológicos da situação competitiva são compreendidos como dimensões inseparáveis do processo decisório. Essa síntese superior entre atividade e contexto mostra-se particularmente fecunda não apenas para compreender o desempenho bem-sucedido, mas também para analisar erros, oscilações de rendimento e processos de aprendizagem, ao evidenciar como a ação se reorganiza diante de perturbações, bifurcações e mudanças nas condições da tarefa.

Por fim, os resultados contribuem para superar modelos reducionistas da decisão centrados exclusivamente no processamento cognitivo interno. Ainda que abordagens cognitivas contemporâneas, como os modelos de duplo processamento propostos Kahneman (2003), tenham refinado a distinção entre modalidades de pensamento rápido e automático e modalidades lentas e reflexivas, esta pesquisa sustenta que, em contextos esportivos de oposição complexa, a decisão emerge no próprio fluxo da ação, na relação dinâmica entre corpo, experiência, adversário e ambiente competitivo.

4.5 Implicações práticas do modelo fenomenológico-ecológico para o ensino e o treino do jiu-jitsu

A partir dos resultados apresentados nas análises intracaso (seção 4.2), intercasos (seção 4.3) e da síntese fenomenológico-ecológica da tomada de decisão no jiu-jitsu competitivo (seção 4.4), esta seção explicita as principais implicações práticas do modelo proposto para o processo de ensino-aprendizagem-treinamento da modalidade. As contribuições aqui apresentadas não se configuram como recomendações prescritivas externas aos dados, mas como desdobramentos diretos da forma como atletas faixa-preta constroem e mobilizam conhecimento tático em ação durante lutas competitivas oficiais.

Do ponto de vista pedagógico, essas implicações são organizadas à luz dos princípios da Pedagogia Não Linear (PNL), compreendida como uma estrutura didática coerente com os pressupostos da Dinâmica Ecológica, capaz de orientar de forma integrada o ensino, a aprendizagem e o treino no jiu-jitsu (Davids; Button; Bennett, 2008; Chow *et al.*, 2015). Nessa perspectiva, ensinar e treinar jiu-jitsu deixa de significar a transmissão de técnicas isoladas ou sequências ideais de ação, passando a envolver a criação de contextos pedagógicos e de treino que favoreçam a regulação do curso da ação em situação, a leitura situada do adversário e a

gestão dinâmica do risco, por meio da exploração de *affordances*, da manipulação de constrangimentos e da autorregulação da ação (Newell, 1986; Araújo; Davids, 2009).

Articulada à Teoria do Curso da Ação (TCA), essa abordagem permite compreender o ensino e o treino como processos nos quais aprender envolve, simultaneamente, regular o curso da ação no plano funcional e atribuir sentido à própria experiência vivida. Desse modo, a proposta pedagógica delineada nesta seção busca integrar a organização ecológica da ação e a experiência significativa do atleta, orientando práticas de ensino e treino coerentes com a natureza interativa, háptica e dinâmica do jiu-jitsu competitivo (Theureau, 2014).

Em termos práticos, isso se traduz na elaboração de tarefas representativas que preservem a lógica informacional do combate real, na manipulação de constrangimentos como tempo, placar, área de luta e objetivos táticos, na organização do treino por núcleos tático-perceptivos (por exemplo, guarda e jogo por cima) e na incorporação de momentos de reflexão sobre a experiência vivida, inspirados em procedimentos de autoconfrontação, favorecendo a aprendizagem da regulação do curso da ação em situação.

4.5.1 Ensinar jiu-jitsu como regulação do curso da ação

Os resultados desta investigação evidenciam que a tomada de decisão no jiu-jitsu não ocorre antes da ação, mas emerge no próprio fluxo do combate como um processo contínuo de regulação entre percepção, intenção, emoção e ação. Essa concepção converge com um princípio central da Pedagogia Não Linear: o acoplamento percepção–ação, segundo o qual decidir e agir constituem um único processo situado, inseparável da dinâmica da tarefa (Davids; Button; Bennett, 2008; Chow, 2013a).

Sob essa perspectiva, uma implicação prática fundamental consiste em deslocar o foco do ensino da técnica entendida como fim em si mesma para a técnica compreendida como meio funcional, mobilizada em função das exigências da situação. Ensinar jiu-jitsu, nesse enquadramento, não significa desvalorizar a técnica, mas reconhecer que sua eficácia depende do modo como é utilizada, ajustada e combinada no curso da ação, em resposta às informações que emergem da interação com o adversário, do espaço, do tempo e do risco envolvido.

Do ponto de vista pedagógico, isso implica privilegiar tarefas representativas na organização da aula-treino, conforme proposto pela Pedagogia Não Linear e pela abordagem baseada nos constrangimentos (PNL-CLA), nas quais a técnica é solicitada, modulada e reorganizada em função do problema tático colocado pela situação (Newell, 1986; Chow *et al.*, 2015). Nessas tarefas, o praticante é constantemente convocado a perceber, interpretar e ajustar

sua ação diante de constrangimentos dinâmicos, favorecendo a construção de conhecimento tático em ação.

Essa perspectiva não exclui a utilização de momentos específicos de abordagem técnica mais focalizada, especialmente quando o objetivo pedagógico é permitir que o praticante compreenda princípios mecânicos, posturais ou coordenativos relevantes para a ação. Nesses casos, a técnica pode ser trabalhada de forma isolada e provisória, não como modelo a ser reproduzido, mas como recurso a ser posteriormente reintegrado em contextos representativos, mediante uma progressão pedagógica que parta da focalização técnica para tarefas semiabertas e, em seguida, para situações representativas de combate, nas quais o praticante seja convocado a mobilizar esse recurso em função de problemas táticos concretos, como manter a guarda, progredir por cima ou responder a uma ameaça de finalização.

Por exemplo, um ajuste técnico de pegada na guarda pode ser inicialmente focalizado de forma analítica e, em seguida, reintegrado a uma tarefa representativa na qual o praticante precise utilizá-lo para impedir a passagem ou criar oportunidades de raspagem. Em termos práticos, essa reintegração pode ocorrer pela recolocação imediata do elemento técnico em tarefas situacionais, jogos reduzidos ou combates condicionados, de modo que o praticante seja levado a perceber quando, como e por que mobilizá-lo em resposta ao problema tático emergente.

Exercícios excessivamente fechados, com respostas previamente determinadas, tendem a reduzir a variabilidade decisória e a sensibilidade às informações relevantes da situação. Em contrapartida, tarefas abertas, representativas e com múltiplas possibilidades de solução favorecem a exploração de diferentes modos de agir, exigindo do atleta um engajamento contínuo no processo de regulação do próprio curso da ação (Balagué *et al.*, 2008; Chow, 2013a). Assim, uma abordagem híbrida, que articula momentos de focalização técnica e tarefas representativas, mostra-se pedagogicamente consistente, desde que a técnica seja sempre reinscrita na lógica da situação.

No contexto da iniciação esportiva, essa orientação assume particular relevância. Nessa etapa, é fundamental que o praticante desenvolva, de forma concomitante, capacidades perceptivo-motoras, habilidades básicas e sensibilidade para a resolução de problemas táticos, que constituirão o alicerce do movimento funcional e da técnica futura. Sob a lógica da PNL-CLA, a técnica não é entendida como um pré-requisito plenamente adquirido antes da decisão, mas como algo que se constrói progressivamente na interação com situações significativas, permitindo que o aprendiz desenvolva, desde cedo, a capacidade de perceber, decidir e agir de modo adaptativo.

4.5.2 Organizar o treino a partir de núcleos tático-perceptivos

A análise intercasos demonstrou que a tomada de decisão no jiu-jitsu se organiza em torno de núcleos tático-perceptivos, que funcionam como matrizes de leitura e orientação da ação. Nos casos analisados, a guarda e o jogo por cima emergem como núcleos decisórios consistentes, estruturando a forma como os atletas percebem oportunidades, regulam riscos e organizam suas escolhas no fluxo do combate.

Do ponto de vista da Pedagogia Não Linear, essa organização aproxima-se do princípio da representatividade da tarefa, segundo o qual o treino deve preservar as informações funcionais que estruturam o desempenho em situação real (Chow *et al.*, 2015; Caldeira *et al.*, 2019). Organizar o ensino e o treino a partir de núcleos tático-perceptivos, portanto, significa ir além da lógica de posições ou técnicas isoladas, favorecendo o desenvolvimento de formas estáveis de leitura da situação e de orientação da ação, coerentes com a natureza interativa e dinâmica do jiu-jitsu.

Treinar a guarda, por exemplo, não se resume à aprendizagem de ataques e defesas específicas, mas envolve desenvolver sensibilidade para pressões, distâncias, equilíbrios e riscos, bem como a capacidade de alternar, de modo situado, entre ofensividade e contenção. Em termos práticos, isso pode ser desenvolvido por meio de jogos situacionais e combates condicionados, nos quais se manipulem constrangimentos como tempo reduzido, limitação de espaço, objetivos específicos (manter a guarda, impedir a passagem ou buscar a raspagem) e diferentes níveis de pressão exercidos pelo parceiro, favorecendo a leitura háptica e a regulação contínua da ação.

Por exemplo, em uma tarefa de guarda, o praticante pode ser orientado a manter o controle sob pressão crescente do parceiro por períodos curtos, alternando, em seguida, para uma fase de exploração ofensiva, de modo a aprender quando conter, quando atacar e como transitar entre essas prioridades.

De modo análogo, o treino do jogo por cima implica a regulação da pressão, do controle do quadril e da gestão do espaço corporal como problemas decisórios centrais, podendo igualmente ser organizado por meio de tarefas condicionadas que enfatizem a progressão posicional, a manutenção do controle e a conversão da vantagem em oportunidades ofensivas. Essa organização favorece coerência entre identidade tática, experiência vivida e decisões em situação real, respeitando trajetórias individuais e estilos funcionais distintos (Balagué *et al.*, 2008; Lamas; Morales, 2022).

Do ponto de vista do desenvolvimento esportivo, a organização do treino a partir de núcleos tático-perceptivos deve ser contextualizada conforme o nível de prática. Na iniciação esportiva, esses núcleos funcionam como referenciais amplos de exploração; na fase de especialização, tornam-se progressivamente mais definidos; e, no alto rendimento, apresentam-se de forma mais estabilizada e específica, funcionando como matrizes decisórias que orientam ajustes precisos, gestão do risco e coerência estratégica sob pressão competitiva.

4.5.3 Desenvolver a gestão do risco como competência central

Um achado transversal desta tese é que decidir bem no jiu-jitsu competitivo envolve, de forma permanente, a gestão do risco. Os atletas analisados alternaram, de maneira regulada, momentos de exploração ofensiva e de contenção estratégica, em função do custo corporal da ação, do valor posicional e do contexto temporal da luta.

Na Pedagogia Não Linear, essa competência pode ser desenvolvida por meio da manipulação sistemática de constrangimentos, princípio central da abordagem, no qual regras, tempo, espaço e objetivos da tarefa são ajustados para induzir soluções funcionais distintas (Araújo; Davids, 2009; Chow *et al.*, 2015). Essa lógica dialoga diretamente com a teoria do treino da tomada de decisão no desporto, que compreende a decisão como ação regulada no próprio curso da atividade, e não como escolha prévia entre alternativas (Araújo; Passos; Esteves, 2011).

No ensino e no treino, isso implica abandonar uma lógica binária de “atacar ou defender” e favorecer tarefas que obriguem o atleta a decidir quando atacar, quando conservar e como sustentar a viabilidade do curso da ação sob pressão. As verbalizações recorrentes dos atletas — como “*não me afobar*”, “*não dar ponto*” ou “*agora é hora de segurar*” — podem ser operacionalizadas como critérios decisórios concretos, integrando experiência vivida e organização funcional da ação (Araújo; Davids, 2009; Balagué *et al.*, 2008).

4.5.4 Valorizar a experiência vivida como fonte legítima de aprendizagem

A incorporação da Teoria do Curso da Ação evidenciou que o conhecimento tático em ação é construído a partir da experiência vivida do atleta, e não apenas da instrução verbal ou da observação externa. As significações produzidas em situação — preocupações, intenções, sentimentos de risco ou controle — orientam o engajamento e participam ativamente da

organização da ação, conferindo sentido ao que é feito no próprio curso do combate (Theureau, 2014).

Embora a Pedagogia Não Linear enfatize a exploração adaptativa e a auto-organização a partir da interação com tarefas representativas, a articulação com a TCA permite aprofundar esse princípio ao reconhecer que a aprendizagem também se sustenta na explicitação e elaboração do vivido, especialmente em contextos nos quais o atleta é convidado a refletir sobre sua própria ação. Nesse sentido, a organização da aula-treino pode assumir uma estrutura predominantemente não linear, sem que isso exclua a mobilização pontual de outros modelos pedagógicos.

Do ponto de vista prático, isso implica reconhecer a pertinência de uma hibridização de dispositivos pedagógicos, na qual tarefas representativas organizadas segundo os princípios da PNL-CLA são articuladas, em momentos específicos, com estratégias baseadas no questionamento pedagógico. Perguntas orientadas, diálogos reflexivos e mediações verbais curtas podem auxiliar o praticante a explicitar critérios de decisão, reconhecer padrões recorrentes e atribuir sentido às próprias escolhas, sem substituir a experiência nem prescrever soluções.

Dispositivos como análises de vídeo dialogadas, conversas pós-treino, autoconfrontações simplificadas e relatos de experiência exemplificam essa articulação, desde que utilizados não como mecanismos de correção normativa, nos quais o treinador prescreve a solução ou aponta o erro de forma direta, mas como dispositivos de mediação reflexiva, nos quais o praticante é convidado a reconstruir o que percebeu, quais riscos identificou e por que mobilizou determinada ação, ampliando a consciência situacional e a autonomia decisória.

Na prática, isso implica substituir intervenções como *“você deveria ter atacado”* por perguntas como *“o que fez você optar pela contenção nesse momento?”* ou *“que informação do adversário indicou risco?”*, favorecendo a explicitação da experiência vivida. A diferença reside no fato de que a correção normativa oferece a resposta, enquanto a mediação reflexiva conduz o praticante a reconstruir a lógica de sua própria ação em situação.

Assim, o questionamento pedagógico não se opõe à Pedagogia Não Linear, mas atua como mediação reflexiva complementar, contribuindo para integrar exploração adaptativa e significação da ação no processo de aprendizagem (Chow, 2013a; Martin; Poizat, 2020).

4.5.5 Respeitar a singularidade dos atletas e evitar modelos normativos de decisão

Os resultados demonstram que não existe um único modo “correto” de decidir no jiu-jitsu competitivo. Atletas organizam sua tomada de decisão a partir de diferentes núcleos, repertórios e trajetórias, construindo eficácia competitiva por caminhos distintos.

Esse achado converge com o princípio da variabilidade funcional da Pedagogia Não Linear, segundo o qual diferentes soluções podem ser igualmente eficazes, desde que funcionais às características do atleta e às exigências da situação (Davids; Button; Bennett, 2008; Chow *et al.*, 2015). Assim, modelos normativos que buscam impor padrões decisórios únicos tendem a empobrecer o processo de aprendizagem.

No ensino e no treino, o papel do treinador desloca-se da prescrição de decisões para a criação de condições que favoreçam o desenvolvimento de critérios próprios de regulação da ação, respeitando diferenças associadas à história corporal, à identidade tática e ao contexto competitivo (Newell, 1986; Balagué *et al.*, 2008).

4.5.6 Síntese aplicada: ensinar e treinar para decidir em situação

De modo geral, as implicações práticas desta tese indicam que o processo de ensino-aprendizagem-treinamento no jiu-jitsu, à luz de uma abordagem fenomenológico-ecológica organizada pedagogicamente pela Pedagogia Não Linear, deve criar ambientes de prática nos quais o atleta possa perceber melhor, interpretar com mais precisão e regular sua ação de forma funcional em situações reais de oposição (Chow *et al.*, 2013b; Araújo; Davids, 2009).

Cabe destacar que essas implicações derivam da análise de atletas faixa-preta em contexto de alto rendimento, referindo-se prioritariamente aos níveis de especialização e excelência esportiva. Contudo, os princípios subjacentes — regulação da ação, leitura situada, gestão do risco e autonomia decisória — são transferíveis a outros níveis de desenvolvimento, desde que operacionalizados de forma pedagogicamente adequada. Na iniciação esportiva, esses princípios podem ser trabalhados por meio de tarefas simplificadas e altamente representativas; na especialização, pelo aumento progressivo da complexidade e da variabilidade; e, no alto rendimento, pela manipulação criteriosa de constrangimentos que reproduzam as pressões reais da competição (Chow *et al.*, 2021; Rudd *et al.*, 2021).

Essa perspectiva contribui para a formação de atletas mais autônomos, adaptativos e estrategicamente maduros, capazes de sustentar coerência tática sob pressão, risco e instabilidade — condição essencial para o desempenho no jiu-jitsu competitivo contemporâneo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta tese teve como objetivo compreender como atletas faixa-preta de jiu-jitsu constroem e mobilizam conhecimento tático em ação durante lutas competitivas oficiais. Para isso, adotou-se uma abordagem fenomenológico-ecológica, integrando a Dinâmica Ecológica e a Teoria do Curso da Ação, a fim de analisar a tomada de decisão como um processo situado, encarnado e continuamente regulado no próprio curso da ação. Ao longo do trabalho, buscou-se superar modelos explicativos que concebem a decisão como evento interno, antecedente à ação, ou como mera seleção entre alternativas técnicas previamente armazenadas, propondo uma compreensão da decisão como prática viva, inseparável da interação corporal com o adversário e com o ambiente competitivo.

Para atender a esse objetivo, a investigação articulou procedimentos metodológicos que permitiram acessar, de forma integrada, o plano observável da ação e o plano vivido da experiência. Inicialmente, foram identificadas as Unidades Táticas que estruturam o curso da ação nas lutas analisadas, estabelecendo correspondência rigorosa entre episódios observáveis nos registros audiovisuais e as descrições produzidas pelos próprios atletas nas entrevistas de autoconfrontação. Esse procedimento possibilitou segmentar o combate em unidades funcionalmente significativas, respeitando sua continuidade temporal e sua lógica interna, sem reduzir a luta a eventos isolados ou descontextualizados.

Em seguida, procedeu-se à reconstrução do curso da experiência nas situações decisórias, analisando intenções, emoções, percepções hápticas e interpretações mobilizadas pelos atletas a partir dos componentes do signo hexádico (E–S–R–U–A–I) da Teoria do Curso da Ação. Essa análise permitiu acessar o sentido atribuído pelos atletas às próprias ações no momento em que elas ocorreram, evitando leituras exclusivamente externas ou inferências desvinculadas da experiência vivida. As verbalizações de autoconfrontação evidenciaram que decidir, no jiu-jitsu competitivo, envolve uma articulação contínua entre percepção corporal, memória de experiências anteriores, avaliação do risco e regulação prospectiva do curso da ação, orientada pelas possibilidades que se abrem no próprio fluxo do combate.

Paralelamente, as decisões táticas foram interpretadas à luz dos constrangimentos do organismo, da tarefa e do ambiente competitivo, permitindo descrever padrões de regulação situada e transições dinâmicas entre estados de controle, exploração e ataque/defesa ao longo do combate. A análise demonstrou que fatores como fadiga, dor, ativação emocional, placar, tempo restante, regulamento e comportamento do adversário não atuam como determinantes

isolados da decisão, mas como elementos que compõem o campo ecológico no qual o conhecimento tático em ação se manifesta. Nesse sentido, a decisão emerge da relação singular entre o atleta e a situação concreta de combate, e não da aplicação de padrões decisórios previamente definidos.

A integração desses diferentes planos de análise viabilizou a elaboração de um modelo fenomenológico-ecológico da tomada de decisão no jiu-jitsu, capaz de articular o plano observável da ação (vídeo) e o plano vivido da experiência (autoconfrontação) em uma estrutura analítica coerente. Esse modelo evidenciou tanto invariantes da expertise decisória quanto singularidades associadas às trajetórias individuais, aos núcleos tático-perceptivos e às formas de regulação do risco mobilizadas por cada atleta.

Os resultados intracaso e intercasos demonstraram que o conhecimento tático em ação não se manifesta de forma homogênea entre atletas de elite, mas se organiza a partir de matrizes decisórias distintas. Nos atletas A1 e A3, a guarda constituiu o núcleo tático-perceptivo central, funcionando ora como matriz ampliadora da ação, ora como dispositivo regulatório de proteção, gestão do tempo e contenção do risco. Nesses casos, decidir significou regular o curso da ação a partir do controle por baixo, explorando leituras hápticas, variações ofensivas e uso estratégico do regulamento. Já nos atletas A2 e A4, o jogo por cima emergiu como núcleo organizador da decisão, estruturando a ação a partir do controle espacial, da pressão progressiva e da conversão eficiente da vantagem posicional em desfecho competitivo. Em ambos os eixos, guarda e jogo por cima não configuraram estilos técnicos fixos, mas formas dinâmicas de organização do conhecimento tático em ação, atualizadas continuamente em função das contingências da luta.

A análise intercasos permitiu identificar dois grandes regimes de organização da decisão no jiu-jitsu competitivo de alto rendimento: um regime orientado pela guarda e um regime orientado pelo jogo por cima. Esses regimes não devem ser compreendidos como categorias estanques ou excludentes, mas como matrizes decisórias a partir das quais os atletas percebem oportunidades, regulam riscos e sustentam a coerência do curso da ação sob pressão. A excelência decisória, nesse contexto, não residiu na diversidade técnica isolada, mas na capacidade de interpretar o combate enquanto ele acontece, ajustando continuamente intenções, prioridades e ações à experiência vivida.

Os resultados também indicaram que constrangimentos relacionados à categoria de peso e à categoria de sexo participam da configuração do campo decisório, influenciando a estabilidade das interações, o custo energético das ações e o risco associado a determinadas

posições. Contudo, tais constrangimentos não operaram como determinantes diretos da tomada de decisão, mas como componentes do ambiente ecológico no qual o conhecimento tático em ação emerge. A decisão resultou, em todos os casos, da relação singular entre o atleta e a situação de combate, e não da aplicação de padrões decisórios atribuíveis exclusivamente à categoria competitiva.

Do ponto de vista teórico, este trabalho contribui para o aprofundamento da compreensão da tomada de decisão em esportes de oposição complexos, ao articular de forma consistente a Dinâmica Ecológica e a Teoria do Curso da Ação em um mesmo quadro analítico. Ao demonstrar empiricamente que decidir no jiu-jitsu é regular o curso da ação em situação, o estudo reforça a necessidade de abordagens que considerem a experiência vivida, a corporeidade e a interação real como elementos centrais da análise do desempenho esportivo. A decisão aparece, assim, como um processo encarnado, histórico e situado, inseparável da ação que a produz.

Do ponto de vista prático, os achados oferecem subsídios relevantes para o processo de ensino-aprendizagem-treinamento no jiu-jitsu, ao indicar que o desenvolvimento da expertise decisória depende menos da repetição de técnicas isoladas e mais da criação de contextos de prática que favoreçam a leitura do risco, a regulação emocional, a adaptação em tempo real e a exploração de núcleos tático-perceptivos significativos para cada atleta. Compreender como atletas experientes decidem em situação real pode orientar intervenções pedagógicas mais sensíveis à complexidade do combate e à singularidade dos praticantes.

Por fim, reconhece-se que esta investigação apresenta limitações, especialmente no que se refere ao número de casos analisados e à concentração em um contexto competitivo específico. Internamente, o estudo poderia ser aprimorado por meio da ampliação da triangulação analítica entre sequências de signos, constrangimentos ecológicos e observação longitudinal do desempenho, bem como pela inclusão de desenhos de intervenção pedagógica que permitam testar, em contexto de treino, as implicações práticas do modelo fenomenológico-ecológico aqui proposto.. Estudos futuros podem ampliar o modelo proposto, explorando outras categorias, níveis de expertise e contextos de prática, bem como aprofundar o diálogo com intervenções pedagógicas fundamentadas em princípios fenomenológico-ecológicos.

Nesse sentido, esta investigação demonstra que a tomada de decisão no jiu-jitsu competitivo não é um ato pontual nem um cálculo interno, mas um processo contínuo de regulação do curso da ação em situação. Ao evidenciar como atletas faixa-preta constroem e mobilizam conhecimento tático em ação no próprio fluxo do combate, o estudo contribui para

uma compreensão mais integrada, situada e consistente da decisão esportiva, reafirmando o jiu-jitsu como uma prática decisória de alta complexidade, na qual decidir é agir com sentido, e agir é continuamente interpretar o combate enquanto ele acontece.

REFERÊNCIAS

- ABURACHID, L. M. C. *Construção e validação de um teste de conhecimento tático declarativo: processos de percepção e tomada de decisão no tênis*. 2009. Dissertação (Mestrado em Treinamento Esportivo) - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG, Belo Horizonte, 2009.
- ABURACHID, L. M. C.; CORTELA, C. C.; SILVA, S. R.; GRECO, P.J. A percepção e a tomada de decisão no tênis. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE*, 18, 2013, Brasília. *Anais...* Brasília: Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, 2013. p.1-3.
- AFONSO, J.; MESQUITA, I. Skill-based differences in visual search behaviours and verbal reports in a representative film-based task in volleyball. *International Journal of Performance Analysis in Sport*, Cardiff, v. 13, n. 3, p. 669–677, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1080/24748668.2013.11868679>.
- AFONSO, J.; MESQUITA, I.; MARCELINO, R.; SILVA, J. Analysis of the setter's tactical action in high-performance women's volleyball. *Kinesiology*, Zagreb, v. 42, n. 1, p. 82–89, 2010.
- ANDRADE, T. N. Do tatame ao mundo: jiu-jítsu brasileiro um fenômeno midiático entre apropriação cultural, disputa simbólica e formação ética. *Revista Mediação*, Goiânia, v. 27, n. 38, p. 283–295, jan./jun. 2025.
- ANDRADE, M. S.; SILVA, V. R.; MOREIRA, J. F. F.; TRIAN, F. S. O jiu-jítsu como tema da produção científica nos periódicos científicos da educação física brasileira. *Cadernos do Aplicação*, Porto Alegre, v. 36, 2023.
- ANDREATO, L. V. *et al.* Physiological and technical-tactical analysis in Brazilian jiu-jitsu competition. *Asian Journal of Sports Medicine*, Teerã, v. 4, n. 2, p. 137-143, 2013. DOI: <https://doi.org/10.5812/asjms.34496>.
- ANDREATO, L. V. *et al.* Physical performance, time-motion, technical-tactical analyses, and perceptual responses in Brazilian jiu-jitsu matches of varied duration. *Kinesiology*, Zagreb, v. 49, n. 1, p. 30-40, 2017. DOI: <https://doi.org/10.26582/k.49.1.11>.
- ARAÚJO, D. O desenvolvimento da competência tática no desporto: o papel dos constrangimentos no comportamento decisional. *Motriz*, Rio Claro, v. 15, n. 3, p. 537-540, 2009. DOI: <https://doi.org/10.5016/2942>
- ARAÚJO, D.; DAVIDS, K. Ecological approaches to cognition and action in sport and exercise: ask not only what you do, but where you do it. *International Journal of Sport Psychology*, Rome, v. 40, n. 1, p. 5-37, 2009.
- ARAÚJO, D.; DAVIDS, K. Team synergies in sport: Theory and measures. *Frontiers in Psychology*, Lausanne, v. 7, art. 1449, p. 1-15, 2016. DOI: [10.3389/fpsyg.2016.01449](https://doi.org/10.3389/fpsyg.2016.01449)

ARAÚJO, D.; DAVIDS, K.; SERPA, S. An ecological approach to expertise effects in decision-making in a simulated sailing regatta. *Psychology of Sport and Exercise*, Amsterdam, v. 6, n. 6, p. 671-692, 2005.

DOI: <https://doi.org/10.1016/j.psychsport.2004.12.003>

ARAÚJO, D.; PASSOS, P.; ESTEVES, P. *Teoria do treino da tomada de decisão no desporto*. Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana, Universidade Técnica de Lisboa, 2011.

ARAÚJO, D. *et al.* La toma de decisión, ¿es una conducta observable?: discusión sobre diferentes perspectivas teóricas utilizadas en el estudio del rendimiento deportivo. *Cuadernos de Psicología del Deporte*, Murcia, v. 16, n. 1, p. 183-196, 2016.

AVELAR-ROSA, B. *et al.* Caracterización y desarrollo del “saber luchar”: contenidos de un modelo integrado para la enseñanza de las artes marciales y deportes de combate. *Revista de Artes Marciales Asiáticas*, León, v. 10, n. 1, p. 16-33, 2015.

BALAGUÉ, N. *et al.* Dynamics of team sports performance: the role of nonlinear dynamics. *European Journal of Sport Science*, London, v. 8, n. 5, p. 297–306, 2008.

BALAGUÉ, N.; HRISTOVSKI, R.; VÁZQUEZ, P. Psychobiological destabilization states as precursors of enhanced behavioral strategies. *Sports Medicine*, v. 38, p. 915–926, 2008.

BALAGUÉ, N. *et al.* The dynamics of emotions in sport: a constraints-led perspective. *Frontiers in Psychology*, v. 11, p. 1–11, 2020.

BARRIS, S.; DAVIDS, K.; FARROW, D. Representative learning design in springboard diving: habit formation and skill adaptation. *European Journal of Sport Science*, Londres, v. 13, p. 272-282, 2013. DOI:[10.1080/17461391.2013.770923](https://doi.org/10.1080/17461391.2013.770923)

BASETTI, V. L.; TELLES, T. C. B.; BARREIRA, C. R. A. Toward a psychology of Jiu-jitsu: phenomenological analysis of the ways to combat in practitioner’s experience. *Revista de Artes Marciales Asiáticas*, León, v. 11, n. 2s, p. 86–87, 29 set. 2016. DOI: <https://doi.org/10.18002/rama.v11i2s.4185>

BAYER, C. *La enseñanza de los Juegos Desportivos Colectivos*. Barcelona: Hispano Europea, 1986.

BERTALANFFY, L. von. *General system theory: foundations, development, applications*. New York: Braziller, 1968.

BOURBOUSSON, J.; POIZAT, G.; SAURY, J.; SÈVE, C. Analysis of contextual information sharing during table tennis matches. *International Journal of Sport Psychology*, v. 40, p. 39–65, 2009.

BOURBOUSSON, J.; SÈVE, C.; MCGARRY, T. *Space-time coordination dynamics in basketball: Part 1 – Intra- and inter-couplings among player dyads*. *Journal of Sports Sciences*, Londres, v. 28, n. 3, p. 339–347, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1080/02640410903503632>

- BOURBOUSSON, J. *et al.* Collective activity in team sports: insights from the course-of-action framework. *Psychology of Sport and Exercise*, v. 11, p. 259–267, 2010.
- BRAUN, V.; CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, Londres, v. 3, p. 77–101, 2006. DOI: <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>
- BREDA, M.; GALATTI, L.; SCAGLIA, A. J.; PAES, R. R. *Pedagogia do esporte aplicada às lutas*. São Paulo: Phorte, 2010.
- CALDEIRA, P. *et al.* A influência da pedagogia não linear e da abordagem baseada nos constrangimentos no treino do remate no voleibol. *Retos*, Murcia, n. 36, p. 484–490, 2019.
- CBJJ - CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE JIU-JÍTSU. Sistema de graduação. 2025. Disponível em: <https://cbjj.com.br/graduation-system>. Acesso em: 9 set. 2025.
- CHOW, JY. Nonlinear learning underpinning pedagogy: evidence, challenges and implications. *Quest*, London, v. 65, n. 4, p. 469–484, 2013.
- CHOW, J. Y.; RENSHAW, I.; BUTTON, C.; DAVIDS, K.; TAN, C. W. K. Effective learning design for the individual: a nonlinear pedagogical approach in physical education. In: OVENS, A.; HOPPER, T.; BUTLER, J. (ed.). *Complexity thinking in physical education: reframing curriculum, pedagogy and research*. London: Routledge, 2013. p. 121–134.
- CHOW, JY, Davids K, Button C, Renshaw I. Nonlinear pedagogy in skill acquisition: an introduction. Londres: Routledge; 2015. <http://dx.doi.org/10.4324/9781315813042>.
- CHOW, JY *et al.* The role of nonlinear pedagogy in supporting the design of modified games in junior sports. *Frontiers in Psychology*, Lausanne, v. 12, p. 1–15, 2021.
- CLANCEY, W. J. *Situated cognition: on human knowledge and computer representations*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- CORREIA, W. R.; FRANCHINI, E. Produção acadêmica em lutas, artes marciais e esportes de combate. *Motriz: Revista de Educação Física*, Rio Claro, v. 16, n. 1, p. 1–9, jan./mar. 2010. DOI: <https://doi.org/10.5016/1980-6574.2010v16n1p01>
- CÔTÉ, J.; LIDOR, R.; HACKFORT, D. ISSP position stand: to excel in sport, specialize or sample? *International Journal of Sport and Exercise Psychology*, Londres, v. 7, p. 1–17, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1080/1612197X.2009.9671889>
- CLANCEY, W. J. *Situated cognition: on human knowledge and computer representations*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- DA COSTA, L. O. F.; SOBARZO SOTO, D. A.; BRITO, C. J.; AEDO-MUÑOZ, E.; MIARKA, B. Dynamic strength and muscle power in elite and non-elite Brazilian jiu-jitsu (BJJ) athletes: a systematic review with meta-analysis. *Retos: nuevas tendencias en educación física, deporte y recreación*, v. 52, p. 291–303, 2024. DOI: <https://doi.org/10.47197/retos.v52.101845>

DAVIDS, K.; ARAÚJO, D. The concept of "wayfinding" in sports performance. *Journal of Expertise*, v. 1, p. 21–33, 2016.

DAVIDS, K.; BUTTON, C.; BENNETT, S. *Dynamics of skill acquisition: a constraints-led approach*. Champaign: Human Kinetics, 2008.

DRYSDALE, Robert. *A ascensão e evolução do jiu-jitsu brasileiro: do vale-tudo, a Carlson Gracie, à sua democratização*. São Paulo: Clube de Autores, 2023.

DRYSDALE, R. *Opening closed-guard: the origins of jiu-jitsu in Brazil: the story behind the film*. [s.l.], 2020.

DURAND, M. Analyse d'ouvrage: *Le cours d'action. L'enaction et l'expérience*, de Jacques Theureau. *Activités*, Paris, v. 13, n. 1, 2016. DOI: <https://doi.org/10.4000/activites.2769>

ERICSSON, K. A.; KRAMPE, R. T.; TESCH-ROMER, C. The role of deliberate practice in the acquisition of expert performance. *Psychological Review*, Pittsburgh, v. 100, p. 363–406, 1993. DOI: <https://doi.org/10.1037/0033-295X.100.3.363>

FEIGEAN, M.; R'KIOUAK, M.; SEILER, R.; BOURBOUSSON, J. Achieving teamwork in naturalistic sport settings: an exploratory qualitative study of informational resources supporting football players' activity when coordinating with others. *Psychology of Sport and Exercise*, Londres, v. 38, p. 154–166, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.psychsport.2018.06.008>

FLICK, U. *An introduction to qualitative research*. London: Sage, 2009.

FLOGRAPPLING. Plataforma de streaming de lutas de jiu-jitsu. Disponível em: <https://www.flograppling.com>. Acesso em: 10 set. 2025.

FRANCHINI, E.; DEL VECCHIO, F. B. Preparação física para atletas de jiu-jitsu. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*, v. 19, p. 1–15, 2011.

FRANCHINI, E. et al. Brazilian jiu-jitsu combat: time-motion, physiological and perceptual responses. *Journal of Strength and Conditioning Research*, v. 27, p. 342–351, 2013.

GALATTI, L. R.; BETTEGA, O. B.; PAES, R. R.; REVERDITO, R. S.; SEOANE, A. M.; SCAGLIA, A. J. O ensino dos jogos esportivos coletivos: avanços metodológicos dos aspectos estratégico-tático-técnicos. *Pensar a Prática*, Goiânia, v. 20, n. 3, 2017. DOI: <https://doi.org/10.5216/rpp.v20i3.39593>

GARGANTA, J. (Re) Fundar os conceitos de estratégia e tática nos Jogos Desportivos Coletivos, para promover uma eficácia superior. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v. 20, n. 5, p. 201–203, 2006.

GARGANTA, J. Conhecimento e Acção nos Jogos Desportivos. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, Porto, v.4, n. 2 (Suplemento), p. 55–56, 2004.

GARGANTA, J. O treino da tática e da técnica nos jogos esportivos à luz do compromisso cognição-acção. In: BARBANTI, J.; BENTO, J.O.; MARQUES, A.; AMADIO, A. (ed.).

Esporte e atividade física: interação entre o rendimento e qualidade de vida. São Paulo: Manole, 2002. p.281-306.

GARGANTA, J. A análise da performance nos Jogos Desportivos: revisão acerca da Análise do Jogo. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, Porto, v.1, n.1, p.57-64, 2001.

GIBSON, J. J. *The ecological approach to visual perception*. Boston: Houghton Mifflin, 1979.

GRECO, P. J.; BENDA, R. N. (org.). *Iniciação Esportiva Universal: da aprendizagem motora ao treinamento técnico*. Belo Horizonte: UFMG. 1998.

GRECO, P. J. Conhecimento tático-técnico: eixo pendular da ação tática (criativa) nos jogos esportivos coletivos. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v. 20, n. 5, p. 210-12. 2006.

GRÉHAIGNE, J.F.; BOUTHIER, D.; DAVID, B. Dynamic system analysis of opponent relationships in collective actions in soccer. *Journal of Sports Sciences*, London, v.15, n.2, p.137-149, 1997.

HASTIE, R. Problems for judgment and decision making. *Annual Review of Psychology*, Palo Alto, Califórnia, v. 52, p. 653-683, 2001.

HUTCHINS, E. *Cognition in the wild*. Cambridge: MIT Press, 1995.

HUTCHINS, E. Distributed cognition. *International Encyclopedia of the Social and Behavioral Sciences*, Amsterdam, v. 5, p. 2068-2072, 2000.

HUSSERL, E. *Idéias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica*. Introdução geral à fenomenologia pura. Tradução de Marcio Suzuki. São Paulo: Ed. Idéias e Letras, 2006.

IBJJF - INTERNATIONAL BRAZILIAN JIU-JITSU FEDERATION. *Livro de Regras – Regulamento Geral de Competições*. 2024. Disponível em: <https://ibjjf.com/rules>. Acesso em: 9 set. 2025.

IBJJ - INTERNATIONAL BRAZILIAN JIU-JITSU FEDERATION. *Athletes ranking 2024-2025*. Disponível em: <https://ibjjf.com/2025-athletesranking>. Acesso em: 9 set. 2025.

JACKSON FILHO, J. M.; LIMA, F. P. A. Análise ergonômica do trabalho no Brasil: transferência tecnológica bem-sucedida? *Rev. Bras. Saúde Ocup.*, São Paulo, v. 40, n. 131 p. 12-17, 2015.

KAHNEMAN, D. Maps of bounded rationality: psychology for behavioral economics. *American Economic Review*, Nashville, v. 93, p. 1449–1475, 2003.
DOI:[10.1257/000282803322655392](https://doi.org/10.1257/000282803322655392)

KELSO, J. A. S. *Dynamic patterns: the self-organization of brain and behavior*. Cambridge: MIT Press, 1995.

KELSO, J. A. S. Coordination dynamics. In: MEYERS, Robert A. (ed.). *Encyclopedia of Complexity and Systems Science*. Berlin; Heidelberg: Springer, 2009. p. 1537–1564. DOI:[10.1007/978-3-642-27737-5_101-3](https://doi.org/10.1007/978-3-642-27737-5_101-3)

KRABBEN, K.; ORTH, D.; VAN DER KAMP, J. Combat as an interpersonal synergy: an ecological dynamics approach to combat sports. *Sports Medicine*, Auckland, v. 49, n. 12, p. 1825-1836, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1007/s40279-019-01173-y>

LAMAS, L.; HEINER, M.; FERREIRA, M.; MOURA, A. P. S. M.; RANGEL, W.; FELLINGHAM, G.; LAGE, V. No-gi Brazilian jiu-jitsu: A Markovian analysis of elite-level combat dynamics. *International Journal of Sports Science & Coaching*, London, v. 19, p. 1–9, 2023. DOI:<https://doi.org/10.1177/17479541231210979>

LAMAS, L.; MORALES, J. C. Integração entre a análise do desempenho e o ensino-aprendizagem nos esportes coletivos. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 44, e010121, 2022. DOI:[10.1590/rbce.44.e010121](https://doi.org/10.1590/rbce.44.e010121)

LISE, R. S.; CAPRARO, A. M. Primórdios do jiu-jitsu e dos confrontos intermodalidades no Brasil: contestando uma memória consolidada. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 40, n. 3, p. 318-324, 2018. DOI:[10.1016/j.rbce.2018.03.003](https://doi.org/10.1016/j.rbce.2018.03.003)

MACHADO, G.; GONZÁLEZ-VÍLLORA, S.; TEOLDO, I. Contribution of deliberate practice, play, and futsal to the acquisition of decision-making skills in Brazilian professional female soccer players. *International Journal of Sport and Exercise Psychology*, Londres, v. 20, p. 1-21, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1080/1612197X.2022.2161101>

MAHLO, F. *O acto tático no jogo*. Lisboa: Compendium, 1969.

MATIAS, C. J. A. S. Conhecimento tático no futebol: análise do processo de tomada de decisão em jogadores de diferentes níveis de expertise. 2015. *Tese* (Doutorado em Educação Física) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

MATIAS, C. J. A. S.; GRECO, P. J. O conhecimento tático declarativo dos levantadores campeões de voleibol. *Motriz: Revista de Educação Física*, Rio Claro, v. 19, n. 1, p. 185-194, 2013.

MATIAS, C. J. A. S.; GRECO, P. J. A grelha do conhecimento tático-estratégico dos levantadores: estudo realizado com os campeões dos escalões de base e da Superliga de Voleibol. *Caderno de Educação Física*, Marechal Cândido Rondon, v. 9, n. 16, p. 29-40, 2010.

MARTIN, J.; POIZAT, G. O programa de pesquisa "curso da ação": referências históricas e conceptuais. *Laboreal*, Porto, v. 16, n. 2, p. 1–15, 2020.

MARTINS, C. J.; KANASHIRO, C. Bujutsu, budô, esporte de luta. *Motriz: Revista de Educação Física*, Rio Claro, v. 16, n. 3, p. 638–648, jul./set. 2010. DOI: 10.5016/1980-6574.2010v16n3p638.

McPHERSON, S.L. Tactical differences in problem representations and solutions in collegiate varsity and beginner female tennis players. *Research Quarterly and Sport*, Washington, v. 7, n. 4, p. 369-84, 1999.

MERLEAU-PONTY, M. *Phénoménologie de la perception*. Paris: Gallimard, 1945.

MINAYO, M. C. de S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

MINAYO, M. C. de S (org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 26. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

NEWELL, K. Constraints on the development of coordination. In: WADE, M.; WHITING, H. (ed.). *Motor development in children*. Dordrecht: Nijhoff, 1986. p. 341-360.

MORALES, J. C. P. *Desenvolvimento e validação de um instrumento para avaliação do conhecimento tático processual no basquetebol*. 2014. Tese (Doutorado em Educação Física) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

MOURA, A. P. de S. M. de. *Desenho de um instrumento de representação e análise de lutas de Jiu Jitsu (NoGi)*. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade de Brasília, Brasília, 2021.

O'DONOGHUE, P. *An introduction to performance analysis of sport*. London: Routledge, 2014. DOI: <https://doi.org/10.4324/9781315816340>

ORTH, D.; DAVIDS, K.; ARAÚJO, D.; RENSHAW, I. Creative motor actions as emerging from movement variability. *Frontiers in Psychology*, Lausanne, v. 8, art. 1903, p. 1–13, 2017. DOI: <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2017.01903>

ORTH, D.; VAN DER KAMP, J.; MEMMERT, D.; SAVELSBERGH, G. J. P. Creative motor actions as emerging from movement variability: a developmental perspective. *Frontiers in Psychology*, Lausanne, v. 9, art. 949, p. 1–13, 2018. DOI: <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2018.00949>

PERIĆ, T.; NOVICICHIN, S.; RYDŽIK, Ł.; WĄSACZ, W.; AMBROŻY, T. Cognitive functions and skill level in Brazilian Jiu-Jitsu: an exploratory study using virtual reality. *Frontiers in Sports and Active Living*, Lausanne, 2 Jan. 2025. DOI: <https://doi.org/10.3389/fspor.2025.1738534>

PIRES, A. Sobre algumas questões epistemológicas de uma metodologia geral para as ciências sociais. In: J. Poupart, J-P. Deslauriers, L-H. Groulx, A. Laperrière. R. Mayer, 144

A. Pires (org.). A pesquisa qualitativa: Enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis: Vozes, p. 43-94, 2008.

PIRES, R. O estudo de caso na pesquisa qualitativa. *Revista da ABPN*, v. 1, n. 2, p. 37–48, 2008.

POIZAT, G.; SAURY, J.; SÈVE, C. Qualitative aspects in performance analysis. In: MCGARRY, T.; O'DONOGHUE, P.; SAMPAIO, J. (ed.). *Handbook of sports performance analysis*. New York: Routledge, 2013. p. 309-320

POIZAT, G.; BOURBOUSSON, J.; SAURY, J.; SÈVE, C. Analysis of contextual information sharing during table tennis matches: an empirical study of coordination in sports. *International Journal of Sport and Exercise Psychology*, Rome, v. 7, p. 465–487, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1080/1612197X.2009.9671920>

POIZAT, G.; FLANDIN, S.; THEUREAU, J. A micro-phenomenological and semiotic approach to cognition in practice: a path toward an integrative approach to studying cognition-in-the-world and from within. *Adaptive Behavior*, Londres, v. 31, n. 2, p. 109–125, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1177/10597123211072352>

RAAB, Markus. SMART-ER: a Situation Model of Anticipated Response consequences in tactical decisions in skill acquisition — extended and revised. *Frontiers in Psychology*, Lausanne, v. 5, art. 1533, 2015. DOI: <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2014.01533>

RAAB, M. Think SMART, not hard-a review of teaching decision making in sport from ecological rationality perspective. *Physical Education and Sport Pedagogy*. London, v. 12, p. 1-22, 2007.

RENSHAW, I.; DAVIDS, K.; NEWCOMBE, D.; ROBERTS, W. *The Constraints-Led Approach: Principles for Sports Coaching and Practice Design*. London; New York: Routledge, 2019.

RODRIGUES, J.; MORALES, J. C. Construção do conhecimento em ação no jiu-jitsu: estudo piloto de uma proposta metodológica de análise pelo curso da ação. *RevistaFT – Revista Científica Eletrônica Multidisciplinar*, Rio de Janeiro, v. 29, n. 151, 2025.

RUDD, J.; RENSCHAW, I.; SAVELSBERGH, G. J. P.; CHOW, J. Y.; ROBERTS, W.; NEWCOMBE, D.; DAVIDS, K. (ed.). *Nonlinear pedagogy and the athletics skills model: the importance of play in supporting physical literacy*. London; New York: Routledge, 2021. ISBN 978-1-003-02537-5.

RUFINO, L. G. B.; DARIDO, S. C. O jiu-jitsu brasileiro na visão dos não praticantes. *Coleção Pesquisa em Educação Física*, Campinas, v. 9, n. 2, p. 181–188, 2010.

SANTOS JÚNIOR, J. J. G. dos. A verdade sobre os Gracie: A narrativa da introdução do Jiu-Jitsu no Brasil através dos quadrinhos de José Geraldo. *Anos 90*, Porto Alegre, v. 28-e2021108, p. 1-23, 2021.

SAURY, J.; DURAND, M.; THEUREAU, J. L''action d'un entraîneur expert en compétition: étude de cas. Contribution à une analyse ergonomique de l'entraînement. *Science et motricité*, Les Ulis, n.31, p.21-35, 1997.

SAURY, J.; DURAND, M. Practical knowledge in expert coaches: on-site study of coaching in sailing. *Research Quarterly for Exercise and Sport*, Washington, v.69, n.3, p.254-266, 1998.

SCHMIDT, V. A. O.; RIBAS, J. F. M. A lógica interna das lutas corporais. *Motrivivência*, Florianópolis, v. 32, n. 61, p. 1-19, 2020.

SCHMIDT, V. A. O. *Praxiologia motriz e a lógica interna do Brazilian jiu-jítsu*. 2021. 193 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2021.

SEIFERT, L. *et al.* Landscape of interpersonal regulation in climbing. *Psychology of Sport and Exercise*, v. 32, p. 224–236, 2017.

SEIFERT, L.; ARAÚJO, D.; KOMAR, J.; DAVIDS, K.. Understanding constraints on sport performance from the complexity sciences paradigm: an ecological dynamics framework. *Human Movement Science*, Amsterdam, v. 56, Part A, p. 178–180, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.humov.2017.05.001>

SEIFERT, L.; DAVIDS, K. *Nonlinear pedagogy and the constraints-led approach*. London: Routledge, 2023.

SÈVE, C; SAURY, J; THEUREAU, J; DURAND, M. Activity organization and knowledge construction during competitive interaction in table tennis. *Cognitive Systems Research*, Amsterdam, v. 3, p. 501–522, 2002. DOI: [https://doi.org/10.1016/S1389-0417\(02\)00054-2](https://doi.org/10.1016/S1389-0417(02)00054-2).

SÈVE, C.; BOURBOUSSON, J.; POIZAT, G.; SAURY, J. Cognition et performance collectives en Sport. *Intellectica*, Paris, v. 52, n. 2, p. 71-95, 2009. DOI:[10.3406/intel.2009.1199](https://doi.org/10.3406/intel.2009.1199)

SÈVE, C., RIA, L., POIZAT, G., SAURY, J., & DURAND, M. Performance induced emotions experienced during high-stakes table tennis matches. *Psychology of Sport and Exercise*, v. 8, n. 1, p. 25-46, 2007. <https://doi.org/10.1016/j.psychsport.2006.01.004>

SÈVE, C.; POIZAT, C.S.; SAURY, J.; DURAND, M. A Grounded Theory of elite male table tennis players' during matches. *The Sport Psychologist*, Champaign, v. 20, n. 1, p. 58-73, 2006. DOI:[10.1123/tsp.20.1.58](https://doi.org/10.1123/tsp.20.1.58)

SÈVE, C.; POIZAT, G.; SAURY, J.; DURAND, M. Un programme de recherche articulant analyse de l'activité en situation et conception d'aides à la performance: un exemple en entraînement sportif de haut niveau. *Activités*, Paris, v. 3, n. 2, p. 45-62, 2006. <https://doi.org/10.4000/activites.1353>

SIMOLA, T. *Match analysis on no-gi Brazilian jiu-jitsu*. Tese (Doutorado em Gestão do Desporto e Lazer) — Haaga-Helia University of Applied Sciences, 2017.

SPANIAS, C.; KIRK, C.; OVRETVEIT, K. Position before submission? Techniques and tactics in competitive no-gi Brazilian jiu-jitsu. *Revista de Artes Marciales Asiáticas*, León, v. 17, p. 130–139, 2022.

STAKE, R. *The art of case study research*. Thousand Oaks: Sage, 1995.

SUCHMAN, L. *Plans and situated actions*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

THEUREAU, J. Self-confrontation interview as a component of an empirical and technological research program. In: LEHÉNAFF, D.; THÉPAUT-MATHIEU, C. (ed.). *Expertise in elite sport*. Paris: Insep, 2002. p. 26–28.

THEUREAU, J. *Le cours d'action: Analyse sémiologique - Essai d'une anthropologie cognitive située*. Berne: Peter Lang, 1992.

THEUREAU, J. *Le cours d'action: méthode développée*. Toulouse: Octarès, Paris 2006.

THEUREAU, J. La constitution des savoirs dans l'action. *Intellectica*, Paris, n. 53–54, p. 95–127, 2010.

THEUREAU, J. Antropología cognitiva y antropotecnología. *Laboreal*, Porto, v. 8, n. 2, p. 65–83, 2012. DOI: <https://doi.org/10.4000/laboreal.6606>

THEUREAU, J. *O curso da ação: método elementar*. Curitiba: Fabrefactum, 2014.

THEUREAU, J. Distributed cognition and “course of action”. *Activités*, Paris, v. 17, n. 2, p. 1–28, 2020.

TRAVASSOS, B.; GONÇALVES, B.; MARCELINO, R.; MONTEIRO, R.; SAMPAIO, J. Como a percepção de alvos adicionais modifica o comportamento tático das equipes durante jogos reduzidos de futebol. *Ciência do Movimento Humano*, Porto Alegre, v. 38, p. 241–250, 2014.

VARELA, F.; THOMPSON, E.; ROSCH, E. *The embodied mind: cognitive science and human experience*. Cambridge: MIT Press, 1991.

VARELA, F.; THOMPSON, E.; ROSCH, E. *A mente incorporada*. Porto Alegre: Artmed, 2003.

VERMERSCH, P. *L'entretien d'explicitation*. Paris: ESF, 2011.

VICENTINI, L.; MARQUES, R. F. R. A produção científica sobre o jiu-jítsu: análise dos artigos, teses e dissertações publicados entre 1996 e 2016. *Movimento*, Porto Alegre, v. 24, n. 4, p. 1335–1352, out./dez. 2018. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.83697>.

WILLIAMS, A.; HODGES, N. Practice, instruction and skill acquisition. In: *Routledge Handbook of Sport Expertise*. New York: Routledge, 2005.

WILLIAMS J, CALLAWAY A, GARA M, TATTERSALL P. Technique utilisation and efficiency in competitive Brazilian jiu-jitsu matches at white and blue belts. *Int J Perform Anal Sport*, Paris, v. 19, p. 1-17, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1080/24748668.2019.1611290>

YEARBY, T.; MYSZKA, S.; GRAHN, A.; SIEVEWRIGHT, S.; SINGER, A.; DAVIDS, K. Applying an ecological dynamics framework to mixed martial arts training. *Sports Coaching Review*, London, v. 12, n. 2, p. 233–266, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1080/21640629.2024.2325822>

YIN, R. K. *Case study research: design and methods*. 4. ed. Thousand Oaks: Sage Publications, 2009.

YIN, R. K. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. 2. ed. Tradução de Daniel Grassi. Porto Alegre: Bookman, 2001.

GLOSSÁRIO

Este glossário reúne os principais termos técnico-táticos do jiu-jitsu utilizados ao longo da pesquisa, organizados em categorias funcionais com definições operacionais voltadas à análise das Unidades Táticas (UTs). As definições distinguem ações observáveis (eventos codificáveis em UTs) e posições ou configurações de combate, assegurando clareza analítica, coerência com o regulamento CBJJ/IBJJF e alinhamento com o referencial teórico-metodológico adotado.

I. Ações Técnico-Táticas

Abertura de pegada

Ação de romper, neutralizar ou reorganizar a pegada do adversário com o objetivo de recuperar liberdade de movimento, impedir controles, defender-se ou iniciar uma transição ofensiva ou defensiva.

Bater

Sinalização voluntária de desistência do atleta diante de uma finalização aplicada pelo adversário, realizada por meio de toques com a mão, o pé ou por verbalização, resultando na interrupção imediata da luta.

Bote / Dar o bote

Entrada ofensiva rápida e reativa, realizada a partir da leitura imediata de uma abertura, desequilíbrio ou erro do adversário, buscando surpreender e assumir a iniciativa da ação.

Contra-raspar

Ação defensivo-ofensiva em que o atleta neutraliza uma tentativa de raspagem do adversário e, no mesmo fluxo da ação, inverte novamente a posição, recuperando ou mantendo a posição superior.

Deslocamento

Movimentos contínuos de ajuste espacial do corpo no tatame (avanços, recuos, giros e ajustes laterais), utilizados para criar ângulos, manter distância, preservar base ou reorganizar a interação com o adversário.

Emborcada

Movimento realizado a partir da guarda que projeta o adversário para frente ou lateralmente, provocando perda de base e criando oportunidades para raspagens, transições ofensivas ou avanço de posição.

Escape / Giro de defesa

Ação de rotação do tronco e dos quadris utilizada para sair de situações de controle, pressão, imobilização ou iminência de finalização, restabelecendo guarda, frames defensivos ou espaço corporal.

Esgrima (do braço)

Ação de redirecionar o braço do adversário por meio da inserção do próprio braço por dentro ou por fora, com o objetivo de neutralizar pegadas, recuperar linhas de defesa e criar ângulos para ataques ou transições.

Falta de ação (passividade)

Período caracterizado por baixa iniciativa ofensiva, ausência de progressão posicional ou falta de tentativa clara de ataque, conforme interpretação da arbitragem.

Regra CBJJ/IBJJF: passível de punição progressiva.

Finalização (submission)

Ação ofensiva que força a desistência do adversário por meio de estrangulamentos ou chaves articulares permitidas pelo regulamento, ou que leva à interrupção da luta pelo árbitro.

Finta

Simulação de ataque utilizada para provocar reações defensivas no adversário e criar oportunidades reais de progressão, entrada, desequilíbrio ou ataque subsequente.

Ir para a posição de passagem de guarda

Ação em que o atleta, por cima, organiza base, postura e controles acima da guarda do adversário, preparando-se para iniciar tentativas de passagem.

Levantada (levantar-se)

Ação em que o atleta retorna do solo para a posição em pé, por iniciativa própria ou por comando do árbitro, reorganizando a disputa de pegadas e quedas.

Passagem de guarda

Ação em que o atleta supera completamente as pernas do adversário e estabelece posição dominante por cima, com controle estabilizado.

Pontuação CBJJ/IBJJF: 3 pontos.

Pegadas

Ações de segurar partes do kimono ou do corpo do adversário com a finalidade de controlar, desequilibrar, atacar, defender, quebrar postura ou estabilizar posições.

Projeção / Projeter o adversário

Execução de uma queda a partir da posição em pé, utilizando desequilíbrios, alavancas ou entradas de perna, com controle posicional após a projeção.

Proteção do pé

Conjunto de ações defensivas voltadas a prevenir, neutralizar ou escapar de ataques às articulações do pé e tornozelo, preservando linhas de rotação e controles.

Puxar para a guarda

Ação iniciada em pé na qual o atleta senta-se ou deita-se voluntariamente no solo, estabelecendo contato e controle com as pernas, sem caracterizar queda.

Regra CBJJ/IBJJF: não pontuável.

Raspagem / Raspar

Ação em que o atleta, partindo da guarda, inverte a posição e assume o controle por cima, respeitando o tempo mínimo de estabilização exigido pela regra.

Pontuação CBJJ/IBJJF: 2 pontos.

Reinício em pé

Retorno obrigatório da luta à posição em pé após saída da área válida ou interrupção determinada pelo árbitro, com reposicionamento dos atletas ao centro.

Saída da área

Deslocamento dos atletas para fora da área válida de combate, resultando em interrupção temporária da luta e posterior reposicionamento.

Soltar o jogo / Voltar para o jogo

Expressão utilizada para indicar mudança estratégica em direção a maior fluidez, ritmo ofensivo e variedade de ações após um período de contenção ou estabilização.

Tentativa de finalização

Ação ofensiva que gera ameaça real de submissão, obrigando o adversário a uma defesa clara, sem resultar em desistência.

Regra CBJJ/IBJJF: pode gerar vantagem.

Tentativa de montada completa

Ação ofensiva em que o atleta quase estabelece a montada, sem atingir estabilidade suficiente.

Regra CBJJ/IBJJF: pode gerar vantagem.

Tentativa de passagem de guarda

Ação em que o atleta progride além da linha das pernas do adversário sem consolidar posição dominante.

Regra CBJJ/IBJJF: pode gerar vantagem.

Tentativa de pegar as costas

Ação ofensiva na qual o atleta acessa parcialmente a região das costas do adversário, iniciando o controle por trás, mas sem estabilização completa da posição (ausência de ganchos consolidados ou controle contínuo do tronco).

Regra CBJJ/IBJJF: pode resultar na concessão de vantagem, desde que a ação represente progresso ofensivo claro.

Tentativa de queda

Ação iniciada em pé com o objetivo de projetar o adversário ao solo, sem controle final suficiente.

Regra CBJJ/IBJJF: pode gerar vantagem.

Vantagem

CrITÉrio suplementar atribuído quando uma ação ofensiva quase resulta em pontuação ou finalização; não corresponde a ponto, mas é considerado no desempate do placar.

II. Posições e Configurações de Combate

Área amarela do tatame (borda da área de luta)

Faixa periférica da área válida de combate que funciona como limite regulatório do espaço de luta, orientando decisões táticas associadas à gestão espacial, ao risco de interrupção e à reorganização da ação no fluxo do combate.

Cem quilos (100 kg)

Configuração de controle por cima caracterizada por forte pressão do tronco sobre o adversário, com distribuição de peso voltada à restrição de movimentos, estabilização posicional e indução de fadiga.

Clinch

Configuração em pé caracterizada por proximidade máxima entre os atletas, com contato de tronco e disputa de controle por meio de pegadas, abraços ou pressões corporais. O clinch funciona como fase intermediária do combate, antecedendo quedas, puxadas para a guarda, desequilíbrios ou separações para retomada da luta à distância.

De La Riva

Configuração de guarda aberta baseada no uso de um gancho externo com a perna na perna do adversário, associada ao controle de pegadas e ângulos. É utilizada para controlar a postura, criar desequilíbrios, ampliar opções ofensivas e organizar raspagens, entradas nas costas ou transições para posições dominantes.

Guarda

Posição no solo em que o atleta por baixo utiliza pernas, quadris e pegadas para controlar o adversário, buscando desequilíbrios, ataques, raspagens ou transições.

Guarda 50/50 (Fifty-Fifty)

Configuração simétrica de entrelaçamento de pernas em que ambos os atletas controlam a perna um do outro, com possibilidades equivalentes de ataque e defesa, exigindo gestão precisa de equilíbrio, tempo e risco.

Guarda laçada

Configuração de guarda aberta em que o atleta utiliza laços com pernas, braços ou lapela para controlar postura, limitar a mobilidade do adversário e criar desequilíbrios.

Guarda X (X-Guard)

Posição de guarda em que o atleta controla o equilíbrio do adversário com os pés posicionados na parte interna das pernas, elevando o centro de gravidade e facilitando raspagens e transições.

K-Guard

Configuração de guarda aberta na qual o atleta posiciona uma das pernas de forma profunda entre as pernas do adversário, utilizando esse encaixe para controlar a base, acessar as pernas e criar transições ofensivas. A K-Guard é frequentemente empregada como meio de entrada para raspagens, ataques às pernas ou transições para posições dominantes, exigindo controle de distância, ângulo e tempo.

Meia-guarda

Posição no solo em que o atleta por baixo controla uma das pernas do adversário, utilizando essa configuração para atrasar a passagem, variar ângulos ou iniciar raspagens.

Meia-guarda profunda

Variação da meia-guarda em que o atleta se projeta profundamente sob o adversário, organizando alavancas corporais para raspagens e transições ofensivas.

Montada

Posição dominante em que o atleta se posiciona sobre o tronco do adversário com controle e estabilidade.

Pontuação CBJJ/IBJJF: 4 pontos.

Norte-Sul

Posição de controle por cima em que o atleta se alinha em sentido oposto ao adversário, mantendo pressão sobre o tronco para estabilização e ataques.

Porta da guarda

Zona de transição entre guarda e passagem, caracterizada por intensa disputa de base, ângulos e controles.

Posição de controle lateral (Side Control)

Configuração dominante lateral sobre o tronco do adversário, com pressão e controle do quadril e do tronco.

Pontuação CBJJ/IBJJF: 3 pontos.

Posição em pé

Configuração inicial ou transitória em que ambos os atletas permanecem em apoio plantar, disputando pegadas, deslocamentos, entradas e quedas.

Posição nas costas

Configuração dominante em que o atleta controla o plano posterior do adversário, com estabilização e controle do tronco.

Pontuação CBJJ/IBJJF: 4 pontos.

Posição de passagem de guarda

Configuração por cima na qual o atleta está acima da guarda do adversário, com base e controles organizados para progressão, ainda sem estabilização final.

Tartaruga / Quatro apoios

Posição defensiva no solo com apoio em joelhos e cotovelos, utilizada para proteger o tronco, evitar pontuações e criar oportunidades de escape ou transição.

APÊNDICE A – GLOSSÁRIO DIDÁTICO PARA LEITURA NÃO ESPECIALIZADA

Este glossário didático tem como objetivo auxiliar leitores não especialistas em jiu-jitsu na compreensão dos termos utilizados ao longo da tese. Organizado como um recurso de mediação conceitual, apresenta explicações simples e funcionais dos principais termos da modalidade, sem finalidade analítica ou metodológica.

Como ler este glossário

- **“Por cima / por baixo”**: indica quem está em posição de maior controle (por cima) e quem está tentando controlar/defender a partir do solo (por baixo).
- **Guarda**: situação típica em que o atleta por baixo usa as pernas para controlar o atleta por cima.
- **Passar a guarda**: objetivo do atleta por cima é “atravessar” as pernas do adversário e estabilizar uma posição dominante.
- **Raspar**: objetivo do atleta por baixo é inverter e ficar por cima.
- Os termos abaixo aparecem como eventos observáveis e ajudam a delimitar Unidades Táticas (UTs), conectando o vídeo ao que o atleta relata na autoconfrontação.

1) Ações observáveis na luta (o que “acontece” no vídeo)

Abertura de pegada

O que é: romper ou reorganizar a forma como o adversário está segurando o kimono/corpo.

Para que serve: recuperar liberdade de movimento, impedir controle e criar oportunidade de ataque ou defesa.

Bater (desistência)

O que é: sinal de desistência do atleta diante de uma finalização.

Para que serve: interromper a luta para evitar lesão ou perda de consciência.

Bote (entrada rápida)

O que é: ataque que “entra de repente” quando surge uma abertura.

Para que serve: ganhar a iniciativa e surpreender o adversário antes que ele se reorganize.

Deslocamento

O que é: ajustes de posição (avançar, recuar, girar, mover lateralmente).

Para que serve: criar ângulos, manter equilíbrio, escapar de pressões e preparar ataques.

Escape / giro de defesa

O que é: girar tronco/quadril para sair de controle, pressão ou risco de finalização.

Para que serve: recuperar espaço e “reconstruir” defesa (repor guarda, frames, base).

Finta

O que é: simular uma ação para induzir reação do adversário.

Para que serve: abrir caminho para a ação real (passagem, raspagem, queda, finalização).

Passagem de guarda

O que é: o atleta por cima ultrapassa as pernas do adversário e estabiliza uma posição dominante.

Para que serve: aumentar controle e pontuar. (Regra: 3 pontos quando estabiliza.)

Puxar para a guarda

O que é: o atleta escolhe sentar/deitar e levar a luta ao solo, mantendo contato com as pernas.

Para que serve: iniciar a luta “por baixo” de forma controlada. (Não pontua por si.)

Raspagem (raspar)

O que é: o atleta por baixo inverte e passa a ficar por cima com controle mínimo.

Para que serve: sair de desvantagem e pontuar. (Regra: 2 pontos quando estabiliza.)

Tentativa de... (queda, passagem, costas, finalização, montada)

O que é: ação quase bem-sucedida, mas sem estabilidade suficiente.

Para que serve: pode gerar **vantagem** (critério de desempate) por ter sido um ataque “quase decisivo”.

Vantagem

O que é: não é ponto; é um registro de que houve ataque relevante quase concluído.

Para que serve: desempatar quando pontos estão iguais.

Falta de ação (passividade)

O que é: período com pouca iniciativa e pouca progressão.

Para que serve (na regra): pode gerar punição; influencia decisões ligadas a tempo e placar.

2) “Cenários” do combate (posições onde a luta acontece)

Posição em pé

O que é: ambos em pé disputando pegadas e tentando quedas ou puxar para a guarda.

Para que serve: definir como a luta vai ao solo (quem entra melhor).

Guarda (posição por baixo)

O que é: atleta por baixo usa pernas/quadril/pegadas para controlar o por cima.

Para que serve: impedir a passagem, raspar e/ou finalizar.

Porta da guarda

O que é: zona intermediária entre guarda e passagem, com disputa intensa de ângulos e base.

Para que serve: momento crítico onde pequenas mudanças decidem se haverá passagem ou recomposição.

Meia-guarda / meia-guarda profunda

O que é: por baixo controla uma perna do adversário; na profunda, entra mais “embaixo”.

Para que serve: atrasar passagem e preparar raspagens/saídas.

Guarda laçada

O que é: “enlaçar” o tronco e/ou os membros inferiores do adversário com as pernas (e, em algumas variações, com a lapela) para prender e controlar o oponente por cima.

Para que serve: quebrar postura, limitar movimento e construir ataques/raspagens.

Guarda 50/50

O que é: entrelaçamento simétrico de pernas onde ambos controlam a perna um do outro.

Para que serve: estabilizar a disputa e criar oportunidades de raspar/atacar, com alta exigência de equilíbrio e gestão do risco.

Controle lateral (side control)

O que é: por cima controla lateralmente o tronco do adversário.

Para que serve: posição dominante para estabilizar e progredir. *(Pontua quando estabiliza.)*

Montada

O que é: por cima sentado/ajoelhado sobre o tronco do adversário.

Para que serve: posição de alto controle e ataque. *(Pontua 4.)*

Costas

O que é: posição dominante por cima na qual o atleta controla a região das costas do adversário, geralmente por meio do uso de ganchos com as pernas e controle do tronco e dos membros superiores.

Para que serve: permite elevado controle posicional, restringe as possibilidades defensivas do adversário e oferece alto potencial de finalização, especialmente por estrangulamentos. No regulamento competitivo, pontua quatro pontos.

Tartaruga (quatro apoios)

O que é: defesa no solo em joelhos/cotovelos protegendo o tronco.

Para que serve: evitar pontuação imediata e buscar escapes/transições.

Norte-Sul

O que é: por cima alinhado “ao contrário” do adversário, pressionando o tronco.

Para que serve: estabilizar, cansar e abrir caminho para ataques.

Cem quilos (100 kg)

O que é: controle por cima com muita pressão do tronco e do peso corporal.

Para que serve: restringir movimentos, estabilizar e desgastar o adversário.

3) Técnicas de finalização (como o combate pode terminar)**Estrangulamentos (chokes)**

O que é: técnicas que comprimem o pescoço e reduzem ar/fluxo sanguíneo.

Para que serve: finalizar (forçar desistência) ou induzir defesa que abre outras ações.

Mata-leão (estrangulamento pelas costas)

O que é: estrangulamento aplicado a partir do controle das costas com o braço ao redor do pescoço.

Para que serve: finalização frequente quando o atleta consegue estabilizar as costas.

Arco e flecha

O que é: estrangulamento a partir das costas usando a gola e controle do corpo.

Para que serve: finalizar combinando tração e controle posicional.

Triângulo

O que é: estrangulamento com as pernas envolvendo pescoço e um braço.

Para que serve: finalização clássica a partir de guardas.

Chaves articulares (armlock, americana, omoplata, toe hold, botinha etc.)

O que é: técnicas que forçam articulações a limites de segurança.

Para que serve: finalizar ou gerar reação defensiva.

Observação didática: na tese, essas técnicas entram como “finalização” ou “tentativa de finalização”, dependendo de terem sido concluídas.

Armlock (chave de braço)

Finalização que consiste em hiperestender o cotovelo do adversário, utilizando o controle do braço entre as pernas ou junto ao tronco, aplicando alavanca sobre a articulação. É uma das finalizações mais recorrentes no jiu-jitsu e pode ser executada a partir de diferentes posições, como guarda, montada ou transições.

Americana

Finalização aplicada sobre a articulação do ombro, caracterizada pela flexão do braço do adversário em ângulo reto, com rotação externa forçada do ombro. Geralmente é executada a partir de posições dominantes por cima, como a montada ou o controle lateral, explorando imobilização e alavanca curta.

Omoplata

Finalização que utiliza as pernas para controlar o braço do adversário, promovendo rotação interna forçada do ombro. Pode resultar tanto em submissão direta quanto em raspagens e transições para posições dominantes, sendo frequentemente aplicada a partir da guarda.

Toe hold

Finalização direcionada ao tornozelo e ao pé, realizada por meio de torção controlada do pé do adversário, combinando flexão plantar e rotação. Exige controle preciso do membro inferior e é regulamentada conforme faixa etária e graduação, devido ao potencial lesivo.

Botinha (chave de pé reta)

Finalização aplicada sobre o tornozelo, caracterizada pelo controle do pé do adversário junto ao tronco e pela extensão do quadril associada à pressão do antebraço sobre o tendão de Aquiles.

4) Princípios de controle (como se “segura” a posição)

Controle posicional

O que é: manter uma posição de vantagem restringindo movimentos do adversário.

Para que serve: pontuar, cansar o adversário e criar ataques com menor risco.

Controle de quadril

O que é: impedir que o quadril do adversário gire/livre.

Para que serve: reduzir escapes e impedir recomposição de guarda.

Frames (estruturas defensivas)

O que é: usar braços/antebraços como “barras” para manter distância e impedir pressão total.

Para que serve: respirar, criar espaço e preparar saída/guarda.

Crossface

O que é: pressão do ombro/antebraço no rosto/mandíbula para virar e controlar o tronco.

Para que serve: estabilizar e facilitar passagens/controles.

Joelho cruzado

O que é: posicionar o joelho atravessado sobre pernas/quadril do adversário.

Para que serve: limitar mobilidade e quebrar defesas, favorecendo progressão e passagem.

Cinto de segurança (nas costas)

O que é: controle do tronco do adversário com ambos os braços envolvendo o corpo.

Para que serve: estabilizar as costas e preparar estrangulamentos.

5) Termos “do corpo” (como o atleta percebe e regula a ação)**Fadiga de pegada**

O que é: perda progressiva de força/precisão nas mãos.

Para que serve: mudar decisões (trocar pegada, conservar energia, ajustar risco).

Microeventos

O que é: mudanças pequenas (peso, base, ângulo, pressão) que alteram a situação.

Para que serve: explicar por que a ação muda “de repente” no vídeo.

6) Termos estratégicos (como o atleta organiza o combate)**Jogo por cima**

O que é: estratégia de buscar e manter posições dominantes por cima.

Para que serve: controlar o ritmo, reduzir risco e pontuar com estabilidade.

Jogo por baixo

O que é: estratégia de lutar a partir da guarda, controlando com as pernas.

Para que serve: criar raspagens/ataques e reorganizar a luta mesmo estando por baixo.

Amarrar o jogo

O que é: reduzir ritmo e travar progressões.

Para que serve: administrar placar/tempo e diminuir oportunidades do adversário.

APÊNDICES B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**Universidade de Brasília****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Título do Projeto de Pesquisa: Tomada de decisão no Jiu-Jitsu: análise cognitiva de atletas faixas pretas da categoria adulto sobre suas ações em uma situação real de luta competitiva
Pesquisador Responsável: JOSLEA SILVA RODRIGUES

Você está sendo convidado (a) a participar, como voluntário (a) de uma pesquisa. Por favor, leia este documento com bastante atenção antes de assiná-lo. Caso haja alguma palavra ou frase que você não consiga entender, converse com o pesquisador responsável pelo estudo ou com um membro da equipe desta pesquisa para esclarecê-los.

A proposta deste termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) é explicar tudo sobre o estudo e solicitar a sua permissão para participar do mesmo.

A pesquisa intitulada "Tomada de decisão no Jiu-Jitsu: análise cognitiva de atletas faixas pretas da categoria adulto sobre suas ações em uma situação real de luta competitiva", é desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade de Brasília (UnB). Esta pesquisa tem como objetivo investigar como atletas faixas pretas da categoria adulto mobilizam o conhecimento tático durante o processo de tomada de decisão em situação real de competição.

Objetivos da Pesquisa:

O estudo busca identificar e descrever as estratégias táticas empregadas por atletas de elite durante competições oficiais, analisando as decisões tomadas em tempo real e suas relações com conhecimentos prévios e a experiência acumulada no esporte.

Procedimentos:

A coleta de dados será realizada durante o Campeonato Brasileiro de Jiu-Jitsu 2025. As lutas serão filmadas, e os vídeos serão analisados pela pesquisadora para identificar momentos decisórios. Posteriormente, os atletas serão convidados a participar de entrevistas de autoconfrontação, nas quais assistirão às gravações de suas lutas e comentarão as estratégias e decisões adotadas.

Riscos e Benefícios:

Não há riscos previsíveis decorrentes da participação na pesquisa. Os resultados contribuirão para a compreensão do processo de tomada de decisão no Jiu-Jitsu, com potencial de aprimoramento de metodologias de treinamento e estratégias de competição.

Confidencialidade:

Todos os dados coletados serão mantidos em sigilo e utilizados exclusivamente para fins acadêmicos e científicos. A identidade dos participantes será preservada, e as informações obtidas serão apresentadas de forma agregada, sem identificação individual.

Voluntariedade:

A participação é totalmente voluntária, e você poderá desistir a qualquer momento, sem qualquer prejuízo ou penalidade. A recusa em participar ou a retirada do consentimento não acarretará consequências negativas.

Declaração de Consentimento:

Declaro que fui adequadamente informado(a) sobre os objetivos, procedimentos, riscos e benefícios desta pesquisa. Estou ciente de que minha participação é voluntária e que posso desistir a qualquer momento. Compreendi que minha identidade será preservada e que os dados coletados serão utilizados exclusivamente para fins acadêmicos e científicos. A equipe de pesquisa garante que os resultados do estudo serão devolvidos aos participantes por meio de relatório.

Esse Termo é assinado em duas vias, sendo uma do (a) Sr.(a) e a outra para os pesquisadores.

Concordo em participar do estudo intitulado: Tomada de decisão no Jiu-Jitsu: análise cognitiva de atletas faixas pretas da categoria adulto sobre suas ações em uma situação real de luta competitiva.

_____ Nome do participante _____ Assinatura do participante	Local: _____ Data: ____/____/2025
---	---

Eu, JOSLEA SILVA RODRIGUES, declaro cumprir as exigências contidas nas Resoluções nº 466/2012 e nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde.

Assinatura do Pesquisador Responsável	Local: _____ Data: ____/____/2025
--	---

Caso você tenha dúvidas, poderá entrar em contato com o pesquisador responsável: Profa. Ms Joslea Silva Rodrigues, pelo telefone xxxxxxxx e/ou pelo e-mail rjoslea@gmail.com; ou com o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Faculdade de Medicina da Universidade de Brasília – CEP/FM-UnB (Endereço: Faculdade de Saúde/Faculdade de Medicina- 2º Andar do Prédio -Universidade de Brasília, Campus Universitário Darcy Ribeiro- Asa Norte., Telefone: (61)3107-1915; E-mail: cepfm@unb.br

APÊNDICE C - ROTEIRO DE AUTOCONFRONTAÇÃO COM ATLETAS



Universidade de Brasília

FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA
Orientador: Dr. Juan Carlos Pérez Morales
Doutoranda: Joslea Silva Rodrigues

ROTEIRO DE AUTOCONFRONTAÇÃO COM ATLETAS

I – Apresentação da sessão

Antes do início da autoconfrontação:

1. Explicar ao atleta o objetivo da sessão, enfatizando que o foco é compreender como a luta foi vivida, e não avaliar desempenho, corrigir técnicas ou julgar decisões.
2. Informar que a entrevista será conduzida a partir da revisão do vídeo da própria luta, podendo ser pausada, retomada ou repetida conforme a necessidade do atleta.
3. Reforçar que não há respostas certas ou erradas e que o atleta deve relatar apenas aquilo que estava efetivamente vivendo, percebendo ou tentando fazer naquele momento da luta.

II – Condução da autoconfrontação

Durante a visualização do vídeo, a pesquisadora intervém pontualmente, utilizando enunciados abertos e genéricos, tais como:

- “O que está acontecendo para você aqui?”
- “O que chama sua atenção nesse momento?”
- “O que você está tentando fazer agora?”
- “O que você percebe no contato?”
- “O que está em jogo para você nesta situação?”
- “O que faz sentido para você aqui?”
- “O que você está buscando manter ou evitar neste momento?”

Observação: Esses enunciados podem ser retomados, reformulados ou aprofundados conforme o fluxo da fala do atleta, sempre ancorados na cena visualizada e naquilo que o próprio atleta aponta como significativo.

III – Exemplos de focos possíveis de evocação (não estruturantes)

Sem constituir categorias analíticas fixas ou etapas obrigatórias da entrevista, a evocação pode incidir, conforme emergja da fala do atleta, sobre aspectos como:

- **Início da luta**

- “Antes de a luta começar, o que estava em jogo para você hoje?”
- “O que você percebe nos primeiros segundos?”
- “O que você estava tentando instalar aqui?”

- **Transições e reorganizações da ação**

- “O que muda para você nesse momento?”
- “O que te faz ajustar a ação aqui?”

- **Situações de pressão ou risco**

- “O que te preocupa nessa situação?”
- “O que você tenta proteger ou evitar agora?”

- **Defesa e recuperação**

- “O que você busca reorganizar aqui?”
- “O que te permite continuar na luta nesse momento?”

- **Controle e estabilização**

- “O que você está tentando manter?”
- “O que te dá sensação de controle aqui?”

- **Ataques e tentativas de finalização**

- “O que te faz avançar agora?”
- “O que te indica que é possível tentar isso?”

Esses focos não orientam a fala do atleta, mas indicam zonas possíveis de aprofundamento, sempre subordinadas ao curso da experiência narrado por ele.

IV – Encerramento da sessão

Ao final da revisão do vídeo, convidar o atleta, de forma aberta, a:

- “Retomar os momentos que foram mais significativos para você nesta luta.”
- “Falar se há algo importante que não apareceu durante a revisão do vídeo.”

V – Follow-up

Quando pertinente, o atleta é informado sobre:

1. Possíveis etapas seguintes da pesquisa;
2. Eventual necessidade de nova sessão (por exemplo, em outra luta);
3. Espaço aberto para qualquer comentário final ou reflexão adicional que deseje acrescentar.

ANEXO I – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

FACULDADE DE MEDICINA DA
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA -
UNB



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: TOMADA DE DECISÃO NO JIU-JITSU: ANÁLISE COGNITIVA DE ATLETAS FAIXAS PRETAS DA CATEGORIA ADULTO SOBRE SUAS AÇÕES EM UMA SITUAÇÃO REAL DE LUTA COMPETITIVA

Pesquisador: JOSLEA SILVA RODRIGUES

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 83980624.1.0000.5558

Instituição Proponente: Universidade de Brasília

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 7.270.350

Apresentação do Projeto:

Trata-se de um estudo qualitativo que visa ampliar o conhecimento acadêmico sobre a tomada de decisão em esportes de combate, além de oferecer subsídios práticos para treinadores e atletas no desenvolvimento de estratégias mais eficazes para o treinamento tático. A pesquisa também buscará preencher lacunas na literatura ao focar especificamente no Jiu-Jitsu, uma modalidade onde ainda há poucos estudos focados no processo decisório dos atletas em contextos competitivos. Ela contará com a participação voluntária de 17 atletas de Jiu-Jitsu, todos os atletas faixas pretas e pertencentes à categoria adulto, sendo um atleta de cada categoria de peso definida pela Confederação Brasileira de Jiu-Jitsu (CBJJ), tanto no masculino quanto no feminino. Todos os atletas participantes são residentes no Distrito Federal, ativos em competições e se destacam em rankings locais, nacionais ou internacionais de Jiu-Jitsu.

A coleta de dados será realizada através de autoconfrontações roteirizadas com os atletas participantes, com base em duas lutas de cada um deles durante uma competição esportiva. Cada atleta será confrontado com o vídeo de suas respectivas lutas em até 48 horas após a realização do combate. Durante esse processo, os atletas serão incentivados a revisar e comentar sobre as ações táticas tomadas durante a luta, fornecendo uma perspectiva mais detalhada sobre suas decisões. A metodologia de autoconfrontação, pautada na Teoria do Curso da Ação, permite uma análise qualitativa aprofundada das ações dos atletas durante a

Endereço: Universidade de Brasília, Campus Universitário Darcy Ribeiro - Faculdade de Medicina
Bairro: Asa Norte **CEP:** 70.910-900
UF: DF **Município:** BRASILIA
Telefone: (61)3107-1915 **E-mail:** cepfm@unb.br

FACULDADE DE MEDICINA DA
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA -
UNB



Continuação do Parecer: 7.270.350

competição. Esse método favorece a reflexão sobre as experiências vividas no combate, capturando não apenas as ações físicas, mas também os processos cognitivos envolvidos.

A hipótese principal deste estudo é que atletas de Jiu-Jitsu faixas pretas da categoria adulto, quando submetidos a situações reais de competição, utilizam mecanismos cognitivos específicos para tomada de decisão tática. Esses mecanismos incluem a antecipação de movimentos dos adversários, o reconhecimento de padrões e o uso de estratégias baseadas em experiências passadas e memórias de trabalho. Além disso, a prática deliberada e o nível de experiência dos atletas influenciam diretamente a rapidez e a precisão dessas decisões, particularmente sob pressão, em lutas de alta intensidade. A expectativa é que atletas mais experientes e ranqueados apresentem maior agilidade mental e capacidade de adaptação tática em comparação com atletas menos experientes.

Objetivo da Pesquisa:

O objetivo primário é investigar as decisões táticas de atletas faixas pretas de Jiu-Jitsu do gênero masculino e feminino de diferentes categorias de peso em situação real de competição.

Também são objetivos secundários: a) identificar as unidades e as dimensões táticas do conhecimento referentes à tomada de decisão de atletas faixas pretas de Jiu-Jitsu do gênero masculino e feminino de diferentes categorias de peso em situação real de competição; b) identificar a operacionalização tático-estratégica do conhecimento de atletas faixas pretas de Jiu-Jitsu em situação real de competição; c) empregar as dimensões táticas como indicadores para observação da tomada de decisão em situação real de competição de atletas faixas pretas de Jiu-Jitsu; d) descrever o conhecimento utilizado na tomada de decisão em situação real de competição de atletas faixas pretas de Jiu-Jitsu.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

O projeto informa que os riscos associados ao estudo são mínimos, uma vez que os procedimentos envolvem a participação em competições já planejadas pelos próprios atletas e a realização de entrevistas de autoconfrontação, que não apresentam riscos físicos. Apesar disso, ressalta que há um risco potencial de desconforto emocional durante a autoconfrontação, ao reverem situações de luta em que suas expectativas não foram atendidas ou em que cometeram erros. Para mitigar esse risco, afirma que será oferecido suporte psicológico caso algum atleta demonstre desconforto durante ou após as sessões. Por fim, também será garantido o anonimato e a confidencialidade dos dados dos participantes ao longo das etapas do estudo.

Endereço: Universidade de Brasília, Campus Universitário Darcy Ribeiro - Faculdade de Medicina
Bairro: Asa Norte **CEP:** 70.910-900
UF: DF **Município:** BRASILIA
Telefone: (61)3107-1915 **E-mail:** cepfm@unb.br

FACULDADE DE MEDICINA DA
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA -
UNB



Continuação do Parecer: 7.270.350

Como benefícios, o projeto indica a ampliação da compreensão dos processos de tomada de decisão por parte dos atletas, o que pode contribuir para o aprimoramento de suas habilidades táticas e cognitivas. Além disso, os resultados deste estudo poderão fornecer informações valiosas para treinadores e preparadores físicos sobre o desenvolvimento de estratégias de treinamento mais eficazes, focadas não apenas no aprimoramento técnico, mas também no fortalecimento dos aspectos cognitivos e emocionais envolvidos na prática esportiva.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de projeto de pesquisa de doutorado a ser desenvolvido junto ao Programa de Pós-graduação em Educação Física da Universidade de Brasília (PPGEF/UnB), na linha de pesquisa Aspectos Políticos, Pedagógicos e Psicológicos do Esporte, por profissional da área de Educação Física. Embora a pesquisadora afirme no resumo do projeto que o estudo será custeado integralmente com recursos próprios, no projeto completo e na planilha de custos são elencadas outras fontes, a saber, financiamento por edital PPGEF para aquisição de material permanente (tripé, microfone e câmera), bem como material permanente (laboratório e computador) e material de consumo (papel para impressão dos TCLEs) fornecidos pelo LabEsporte.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Foram apresentados o currículo da pesquisadora responsável e do orientador da pesquisa, a folha de rosto para pesquisas envolvendo seres humanos devidamente assinado pela pesquisadora responsável e pelo diretor da Faculdade de Educação Física da UnB, bem como o termo de concordância assinado pelo referido diretor. O termo de responsabilidade e compromisso e a carta de encaminhamento foram igualmente apresentados, contendo todas as informações necessárias, incluindo as assinaturas da pesquisadora e do orientador da pesquisa. Também consta a planilha de orçamento, com o detalhamento de todos os custos envolvidos na realização da pesquisa, e o cronograma da execução da pesquisa. O TCLE discrimina os objetivos da pesquisa, o compromisso com o sigilo da identidade dos participantes e os riscos e benefícios envolvidos na pesquisa.

Recomendações:

Ajustar as informações orçamentárias contidas no resumo do projeto. Além disso, como haverá registro das lutas em vídeo e da entrevista (autoconfrontação) em áudio, é recomendável que os participantes sejam esclarecidos sobre o uso e a guarda desses registros, e que autorizem sua coleta desses dados.

Endereço: Universidade de Brasília, Campus Universitário Darcy Ribeiro - Faculdade de Medicina
Bairro: Asa Norte **CEP:** 70.910-900
UF: DF **Município:** BRASILIA
Telefone: (61)3107-1915 **E-mail:** cepfm@unb.br

FACULDADE DE MEDICINA DA
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA -
UNB



Continuação do Parecer: 7.270.350

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O projeto está em conformidade com as resoluções vigentes.

Não foram observados óbices éticos.

Considerações Finais a critério do CEP:

Após apreciação na reunião dia 27/11/2024 do colegiado CEP/FM o projeto foi aprovado. OBS: De acordo com a Resolução CNS 466/12, nos inciso II.19 e II.20, cabe ao pesquisador elaborar e apresentar ao CEP os relatórios parciais e final do seu projeto de pesquisa. Bem como a notificação de eventos adversos, de emendas ou modificações no protocolo para apreciação do CEP

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2413899.pdf	16/10/2024 20:57:48		Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Aceite_Institucional.docx	16/10/2024 20:57:16	JOSLEA SILVA RODRIGUES	Aceito
Outros	Resumo_Estruturado.docx	16/10/2024 20:51:26	JOSLEA SILVA RODRIGUES	Aceito
Outros	Curriculo_Lattes_Orientador.pdf	16/10/2024 20:50:00	JOSLEA SILVA RODRIGUES	Aceito
Outros	Curriculo_Lattes.pdf	16/10/2024 20:48:07	JOSLEA SILVA RODRIGUES	Aceito
Outros	Termo_Responsabilidade_Compromisso.pdf	16/10/2024 20:46:13	JOSLEA SILVA RODRIGUES	Aceito
Outros	Carta_Encaminhamento_projetos.pdf	16/10/2024 20:44:14	JOSLEA SILVA RODRIGUES	Aceito
Declaração de concordância	Termo_Concordancia.pdf	16/10/2024 20:40:26	JOSLEA SILVA RODRIGUES	Aceito
Folha de Rosto	folhaDeRosto.Joslea.pdf	16/10/2024 20:27:15	JOSLEA SILVA RODRIGUES	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_DetalhadoJOSLEA.docx	03/10/2024 17:55:06	JOSLEA SILVA RODRIGUES	Aceito
Orçamento	Orcamento_JOSLEA.docx	03/10/2024 17:54:19	JOSLEA SILVA RODRIGUES	Aceito
Cronograma	Cronograma_JOSLEA.docx	03/10/2024 17:54:07	JOSLEA SILVA RODRIGUES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento /	Termo_de_Consentimento_Livre_e_EscelarecidoJOSLEA.docx	03/10/2024 17:09:04	JOSLEA SILVA RODRIGUES	Aceito

Endereço: Universidade de Brasília, Campus Universitário Darcy Ribeiro - Faculdade de Medicina
Bairro: Asa Norte **CEP:** 70.910-900
UF: DF **Município:** BRASILIA
Telefone: (61)3107-1915 **E-mail:** cepfm@unb.br

FACULDADE DE MEDICINA DA
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA -
UNB



Continuação do Parecer: 7.270.350

Justificativa de Ausência	Termo_de_Consentimento_Livre_e_EscelidoJOSLEA.docx	03/10/2024 17:09:04	JOSLEA SILVA RODRIGUES	Aceito
---------------------------	--	------------------------	---------------------------	--------

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

BRASILIA, 05 de Dezembro de 2024

Assinado por:

Antônio Carlos Rodrigues da Cunha
(Coordenador(a))

Endereço: Universidade de Brasília, Campus Universitário Darcy Ribeiro - Faculdade de Medicina
Bairro: Asa Norte **CEP:** 70.910-900
UF: DF **Município:** BRASILIA
Telefone: (61)3107-1915 **E-mail:** cepfm@unb.br